



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Lucas de Castro Marques

**TRADUTORES DE ROMANCES-FOLHETINS NOS JORNAIS
CARIOCAS DO SÉCULO XIX**

São José do Rio Preto
2022

Lucas de Castro Marques

**TRADUTORES DE ROMANCES-FOLHETINS NOS JORNAIS
CARIOCAS DO SÉCULO XIX**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Granja

São José do Rio Preto
2022

Marques, Lucas de Castro

M357t Tradutores de romances-folhetins nos jornais cariocas do século XIX / Lucas de Castro Marques. -- São José do Rio Preto, 2022
288 p. : il.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto
Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Granja

1. História da Tradução. 2. História Literária. 3. fontes primárias.
4. romance-folhetim. 5. tradutor literário. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Lucas de Castro Marques

**TRADUTORES DE ROMANCES-FOLHETINS NOS JORNAIS
CARIOCAS DO SÉCULO XIX**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Lúcia Granja
UNICAMP – Campinas/SP
Orientadora

Profa. Dra. Priscila Renata Gimenez
UFG – Goiânia/GO

Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz
UFPA – Belém/PA

Prof. Dr. Lauro Maia Amorim
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto/SP

Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
UNESP – Câmpus de Araraquara/SP

São José do Rio Preto
29 de agosto de 2022

A Érika.

A Sérgio, Maria Antonia e Letícia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me dar paciência e equilíbrio.

A Érika, minha companheira, por me apoiar, acreditar em mim e me incentivar a enfrentar os momentos de preocupação e dificuldade.

A Sergio, meu pai, e a Maria Antonia, minha mãe, por me apoiarem e me estimularem a continuar minha formação. A Letícia, minha irmã, pelos conselhos. A Luzia, minha avó, pelas orações e palavras ternas. A todos os familiares e amigos que fizeram parte da minha jornada.

À Profa. Dra. Lúcia Granja, pela preciosa orientação desde a Iniciação Científica, pela paciência, pela desmedida generosidade e por ser um raro exemplo de professora e pesquisadora.

À Profa. Dra. Priscila Renata Gimenez, pela participação em meu Exame Geral de Qualificação e em minha Banca de Defesa de Tese, e pelas indicações bibliográficas a respeito de tradução e imprensa no século XIX.

À Profa. Dra. Juliana Maia de Queiroz, que acompanha meu percurso acadêmico desde a Iniciação Científica, pela participação em meu Exame Geral de Qualificação e em minha Banca de Defesa de Tese, e por suas importantes sugestões.

Ao Prof. Dr. Lauro Maia Amorim, por sua participação em minha Banca de Defesa de Tese; por ter permitido que frequentasse, como aluno especial, as disciplinas de graduação “Teorias da Tradução I” e “Teorias da Tradução II”, do curso de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor do IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto; por ter me emprestado livros e sugerido a leitura de obras sobre tradução; e por ter aceitado minha matrícula como aluno especial em sua disciplina “Tópicos Especiais em Linguística Aplicada: Traduções e tradutores sob uma perspectiva sociológica”, realizada no segundo semestre de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP.

Ao Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira, por sua participação em minha Banca de Defesa de Tese; por ter aceitado minha matrícula como aluno vinculado na disciplina “Tópicos de História da Tradução”, no segundo semestre de 2018, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Faculdade de Ciências e Letras, da UNESP – Araraquara; e por ter me emprestado livros e sugerido leituras sobre tradução para a língua portuguesa no século XIX.

Ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Letras, especialmente ao Prof. Dr. Pablo Simpson, pelos auxílios financeiros concedidos para participação em eventos presenciais em 2018 e 2019, e por ter aprovado minha solicitação de prorrogação do prazo para defesa desta tese, a fim de que fosse possível realizar pesquisa de campo nos acervos da Fundação Biblioteca Nacional e do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro.

Aos professores dos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras e aos professores do curso de Licenciatura em Letras (Português/Inglês e Francês) do IBILCE/UNESP.

Aos colegas e amigos discentes do Programa de Pós-Graduação em Letras, pela parceria nos eventos organizados. Em especial, a Lilian Tigre Lima e a Maraiza Almeida Ruiz de Castro, pela gentileza e generosidade.

À Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP, que me concedeu auxílio financeiro, por meio do Edital nº 04/2018-PROPG do Programa de Apoio à Participação de Docentes/Discentes em Programas de Pós-Graduação (MOBIU), para participar presencialmente, no segundo semestre de 2018, da disciplina do Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira, na FCLAr/UNESP.

Aos funcionários da Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, pelo pronto auxílio e pelas informações prestadas em pesquisa presencial. À Fundação Biblioteca Nacional, por disponibilizar a BNDigital e a Hemeroteca Digital Brasileira, ferramentas de pesquisa pelas quais temos acesso, de forma eletrônica, a jornais, revistas, livros, manuscritos e outros materiais produzidos no século XIX.

Aos funcionários do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, pela atenção e presteza no atendimento às minhas requisições de consulta às obras do século XIX disponíveis em seu acervo.

Ao Projeto Temático FAPESP “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX” (Processo nº 11/07342-9), coordenado pela Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu (UNICAMP), pelo acesso privilegiado ao banco de dados CiTrIm, que reúne informações sobre a circulação de impressos, recolhidas pelos pesquisadores vinculados ao Projeto em fontes primárias disponíveis em bibliotecas e arquivos nacionais e estrangeiros.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e da Biblioteca do IBILCE/UNESP, pela atenção na orientação e no esclarecimento de dúvidas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, à qual agradeço pela bolsa de doutorado concedida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre os tradutores de romances-folhetins publicados nos jornais do Rio de Janeiro no século XIX, bem como evidenciar alguns aspectos de sua prática tradutória, além de abordar a invisibilidade dos tradutores do gênero folhetinesco. Surgido no início do século XIX, o *feuilleton*, nome dado ao rodapé dos jornais, era um espaço no qual se inseria textos de diversos gêneros, dentre eles a prosa ficcional em fatias, que teve seu início na França, em 1836. Essa forma de publicação alcançou os jornais cariocas, que rapidamente importaram romances dos escritores franceses para serem traduzidos e publicados em seus rodapés. Assim sendo, obras de romancistas como Eugène Sue, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Victor Hugo, Xavier de Montépin e Ponson du Terrail, eram traduzidas para o português, geralmente, pelos colaboradores dos jornais. Entre eles, estão Francisco de Paula Brito, Julio Cezar Muzzi e Justiniano José da Rocha, que trabalharam como tradutores para o *Jornal do Commercio*, nos primeiros anos de publicação de romances-folhetins. Somam-se a esses, por exemplo, nomes pouco conhecidos, tais como Braulio Jaime Moniz Cordeiro, Ananias Ibirapitanga de Araújo e Raimundo Antônio da Câmara Bittencourt, que traduziram narrativas para *A Marmota*. Há tradutores que, devido ao sucesso de seu trabalho, saíram do anonimato, como nos casos de João Aristides Soares Serpa e Guilhermina Santos. No jornal *Cidade do Rio*, Emílio Rouède, Coelho Netto, Olavo Bilac e Guimarães Passos teriam se envolvido num caso de tradução “parasitária”; contudo, foram creditados como tradutores apenas Guimarães Passos, Baptista Coelho e Pinheiro Chagas. Alguns romances-folhetins de sucesso, publicados no *Jornal do Commercio*, foram traduzidos por Justiniano José da Rocha e Antonio José Fernandes dos Reis. Augusto Emilio Zaluar, Jacinto Augusto de Sant’Anna e Vasconcellos, João Cardoso de Menezes e Souza e Manuel Antonio de Almeida traduziram romances-folhetins para o *Correio Mercantil*. Há também outros tradutores, tais como Machado de Assis, José Alves Visconti Coaracy e José Joaquim Vieira Souto, que não deixam de ser importantes. Justiniano José da Rocha e Caetano Lopes de Moura, em razão de sua relevância na prática de tradução literária, e da existência de uma produção biográfica sobre esses dois tradutores, foram escolhidos para uma análise comparativa de suas trajetórias, na qual se empregou os conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu. As fontes primárias desta pesquisa consistem, principalmente, em jornais cariocas do século XIX, além de manuscritos, livros e outros impressos da época, que evidenciam informações biográficas e bibliográficas a respeito dos tradutores. As fontes secundárias, por sua vez, constituem-se, sobretudo, de trabalhos sobre a tradução no Oitocentos brasileiro, especialmente aqueles que abordam o romance-folhetim traduzido, e de trabalhos sobre a História Literária, a História do Livro e da Edição e a História da Imprensa. Observamos que os tradutores de romances-folhetins publicados nos jornais cariocas tinham a tradução, em geral, como uma atividade profissional secundária; além disso, estavam marcados pela invisibilidade decorrente do anonimato, visto que, na maioria dos folhetins, não se creditava o nome do tradutor, possivelmente em razão do desprestígio do gênero folhetinesco e das críticas a respeito das traduções.

Palavras-chave: História da Tradução. História Literária. fontes primárias. romance-folhetim. tradutor literário.

ABSTRACT

This work aims to present a study about the translators of serial novels published in the newspapers of Rio de Janeiro in the 19th century, as well as to highlight some aspects of their translation practice, in addition to approaching the invisibility of the translators of the feuilleton genre. Emerged in the early 19th century, the *feuilleton*, the name given to the footer of newspapers, was a space in which texts of different genres were inserted, including serial novels, which began in France in 1836. This form of publication reached the carioca newspapers, which quickly imported novels by French writers to be translated and published in their footer. Therefore, works by novelists such as Eugène Sue, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Victor Hugo, Xavier de Montépin and Ponson du Terrail were translated into Portuguese, usually by newspaper contributors. Among them are Francisco de Paula Brito, Julio Cezar Muzzi and Justiniano José da Rocha, who worked as translators for *Jornal do Commercio* in the early years of publication of serial novels. Added to these, for example, are little-known names, such as Braulio Jaime Moniz Cordeiro, Ananias Ibirapitanga de Araújo and Raimundo Antônio da Câmara Bittencourt, who translated narratives for *A Marmota*. There are translators who, due to the success of their work, left their anonymity, as in the cases of João Aristides Soares Serpa and Guilhermina Santos. In the newspaper *Cidade do Rio*, Emílio Rouède, Coelho Netto, Olavo Bilac and Guimarães Passos would have been involved in a case of “parasitic” translation; however, only Guimarães Passos, Baptista Coelho and Pinheiro Chagas were credited as translators. Some successful serial novels, published in *Jornal do Commercio*, were translated by Justiniano José da Rocha and Antonio José Fernandes dos Reis. Augusto Emilio Zaluar, Jacinto Augusto de Sant’Anna e Vasconcellos, João Cardoso de Menezes e Souza and Manuel Antonio de Almeida translated serial novels for *Correio Mercantil*. There are also other translators, such as Machado de Assis, José Alves Visconti Coaracy and José Joaquim Vieira Souto, who are still important. Justiniano José da Rocha and Caetano Lopes de Moura, due to their relevance in the practice of literary translation, and the existence of a biographical production on these two translators, were chosen for a comparative analysis of their trajectories, in which the concepts of Pierre Bourdieu's sociology. The primary sources of this research consist mainly of Rio de Janeiro journals from the 19th century, in addition to manuscripts, books and other printed matter of the time, which show biographical and bibliographic information about the translators. The secondary sources, in turn, consist, above all, of works on translation in the Brazilian 19th century, especially those that approach the translated novel-feuilleton, and works on Literary History, the History of Books and Editions and the History of the Press. We observed that the translators of serial novels published in the newspapers of Rio de Janeiro had translation, in general, as a secondary professional activity; in addition, they were marked by invisibility due to anonymity, since in most serials, the name of the translator was not credited, possibly due to the lack of prestige of the serial genre and the criticism about the translations.

Keywords: Translation History. History of literature. primary sources. serial novel. literary translator.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à présenter une étude sur les traducteurs des romans-feuilletons publiés dans les journaux de Rio de Janeiro au XIX^e siècle, ainsi qu'à mettre en évidence certains aspects de leur pratique de la traduction, en plus d'aborder l'invisibilité des traducteurs du genre feuilleton. Apparu au début du XIX^e siècle, le feuilleton, nom donné au contenu de bas de page des journaux, était un espace dans lequel s'inséraient des textes de genres différents, dont la prose romanesque en tranches, qui débuta en France en 1836. Cette forme de publication a atteint les journaux de Rio de Janeiro, qui ont rapidement importé des romans d'écrivains français à traduire et à publier dans leurs bas de page. Par conséquent, des œuvres de romanciers tels qu'Eugène Sue, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Victor Hugo, Xavier de Montépin et Ponson du Terrail ont été traduites en portugais, généralement par des collaborateurs de journaux. Parmi eux se trouvent Francisco de Paula Brito, Julio Cezar Muzzi et Justiniano José da Rocha, qui ont travaillé comme traducteurs pour *Jornal do Commercio* dans les premières années de la publication des romans-feuilletons. À ceux-ci s'ajoutent, par exemple, des noms peu connus, tels que Braulio Jaime Moniz Cordeiro, Ananias Ibirapitanga de Araújo et Raimundo Antônio da Câmara Bittencourt, qui ont traduit des récits pour *A Marmota*. Il y a des traducteurs qui, en raison du succès de leur travail, ont quitté leur anonymat, comme dans les cas de João Aristides Soares Serpa et Guilhermina Santos. Dans le journal *Cidade do Rio*, Emílio Rouède, Coelho Netto, Olavo Bilac et Guimarães Passos auraient été impliqués dans une affaire de traduction « parasitaire » ; cependant, seuls Guimarães Passos, Baptista Coelho et Pinheiro Chagas ont été crédités comme traducteurs. Certaines romans-feuilletons à succès, publiées dans le *Jornal do Commercio*, ont été traduites par Justiniano José da Rocha et Antonio José Fernandes dos Reis. Augusto Emilio Zaluvar, Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, João Cardoso de Menezes e Souza et Manuel Antonio de Almeida ont traduit des romans-feuilletons pour *Correio Mercantil*. Il y a aussi d'autres traducteurs, comme Machado de Assis, José Alves Visconti Coaracy et José Joaquim Vieira Souto, qui sont toujours importants. Justiniano José da Rocha et Caetano Lopes de Moura, en raison de leur pertinence dans la pratique de la traduction littéraire, et de l'existence d'une production biographique sur ces deux traducteurs, ont été choisis pour une analyse comparative de leurs trajectoires, à partir des concepts de la sociologie de Pierre Bourdieu. Les sources primaires de cette recherche consistent principalement en des journaux de Rio de Janeiro du XIX^e siècle, en plus de manuscrits, livres et autres imprimés de l'époque, qui contiennent des informations biographiques et bibliographiques sur les traducteurs. Les sources secondaires, à leur tour, consistent surtout en des travaux sur la traduction au XIX^e siècle brésilien, en particulier ceux qui se rapprochent du roman-feuilleton traduit, et des travaux sur l'histoire littéraire, l'histoire des livres et des éditions et l'histoire de la presse. Nous avons observé que les traducteurs de romans-feuilletons publiés dans les journaux de Rio de Janeiro avaient la traduction, en général, comme activité professionnelle secondaire ; de plus, ils étaient marqués par l'invisibilité due à l'anonymat, puisque dans la plupart des feuilletons, le nom du traducteur n'était pas crédité, peut-être en raison du manque de prestige du genre feuilleton et des critiques sur les traductions.

Mots-clés: Histoire de la traduction. Histoire littéraire. sources primaires. roman-feuilleton. traducteur littéraire.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Anúncio do <i>Resumo da Historia Natural</i> , de Mary Trimmer e Gerson Hesse, traduzido por Julio Cezar Muzzi, no <i>Jornal do Commercio</i>	81
Figura 2: Primeira página do <i>Jornal do Commercio</i> , na qual saiu o romance-folhetim <i>O capitão Paulo</i> , de Alexandre Dumas, traduzido por Julio Cezar Muzzi.	86
Figura 3: Primeira página do <i>Jornal do Commercio</i> , na qual saiu o romance-folhetim <i>Edmundo e sua prima</i> , de Paul de Kock, traduzido por Julio Cezar Muzzi.	88
Figura 4: <i>O pontífice e os carbonários</i> , de Paula Brito.	95
Figura 5: Terceiro número de <i>O Chronista</i> , periódico de Justiniano José da Rocha.	99
Figura 6: Anúncio de <i>A luva misteriosa</i> , adaptação de <i>La Peau de chagrin</i> , de Balzac, em <i>O Chronista</i>	102
Figura 7: Anúncio de <i>A luva misteriosa</i> , adaptação de <i>La Peau de chagrin</i> , de Balzac, no <i>Diario do Rio de Janeiro</i>	102
Figura 8: <i>A paixão dos diamantes</i> , traduzido por Justiniano José da Rocha.	105
Figura 9: <i>Helena Ostrorog</i> , de Olympia Chodzko, tradutor anônimo.	112
Figura 10: <i>Mazeppa</i> , de Lord Byron, traduzida por Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa.	116
Figura 11: <i>Judith ou o camarote da Grande Opera de Paris</i> , de Eugène Scribe, tradutor anônimo.	119
Figura 12: Anúncio da publicação de <i>As fabulas de Esopo</i> , adaptadas por Paula Brito.	123
Figura 13: Anúncio da publicação de “O Canario”, de Christoph von Schmid, traduzido por Guilherme Candido Bellegarde.	126
Figura 14: Anúncio da publicação de <i>O melhor amigo</i> , de Hippolyte Etiennez.	129
Figura 15: Anúncio da publicação de <i>Uma fatalidade</i> , de Joseph Méry.	130
Figura 16: Anúncio da peça <i>A questão de dinheiro</i> , de Alexandre Dumas, filho, traduzida por Justiniano José da Rocha.	132
Figura 17: Texto sobre a rubrica “Instrução e recreio”, por Paula Brito.	140
Figura 18: Folha de rosto de <i>Le dimanche des enfants: journal de récréations</i> , v. 10.	141
Figura 19: « Table des matières contenues dans ce volume » de <i>Le dimanche des enfants: journal de récréations</i> , v. 10.	141
Figura 20: “As empadinhas do Principe de Brededin”, de Eugénie Foa, traduzido por Braulio Cordeiro.	142
Figura 21: Anúncio de <i>Curso de Historia Universal. Pontos de historia moderna</i> , de Aristides Serpa.	148
Figura 22: Anúncio de publicação de <i>Flamarande</i> , de George Sand, em <i>O Globo</i>	151
Figura 23: Recorte de <i>Flamarande</i> , de George Sand, traduzido por Aristides Serpa, em <i>O Globo</i>	151
Figura 24: Anúncio dos dois romances de George Sand no <i>Correio Paulistano</i>	155
Figura 25: Anúncio dos dois romances de George Sand na <i>Gazeta de Notícias</i>	156
Figura 26: <i>Flamarande</i> , traduzido por Aristides Serpa, na publicação do Instituto Litterario Olindense no <i>Jornal do Recife</i>	156
Figura 27: <i>Flamarande</i> , traduzido por Aristides Serpa, no folhetim do jornal <i>O Despertador</i>	158

Figura 28: Primeiras três colunas do conto “Trave e Palha”, de Guilhermina Santos.	160
Figura 29: Primeiras três colunas do romance <i>Flip, scenas da California</i> , de Bret Harte, traduzido por Guilhermina Santos.	161
Figura 30: Correspondência de Manoel Carneiro a respeito da tradução de <i>Flip, scenas da California</i> , de Bret Harte.	162
Figura 31: Anúncio de <i>O Grande Industrial</i> , de George Ohnet, traduzido por Guilhermina Santos.	163
Figura 32: Primeiras três colunas de <i>Sergio Panine</i> , de George Ohnet, traduzido por Guilhermina Santos.	164
Figura 33: Anúncio de <i>Quo Vadis?</i> , de Henryk Sienkiewicz, traduzido por Guimarães Passos.	173
Figura 34: <i>Quo Vadis</i> , de Henryk Sienkiewicz, traduzido por Guimarães Passos.	174
Figura 35: Anúncio de <i>Quo Vadis?</i> , de Henryk Sienkiewicz, em formato de livro.	176
Figura 36: Primeiras três colunas de <i>Byzancio</i> , de Jean Lombard, traduzido por Baptista Coelho.	177
Figura 37: Anúncio de <i>Byzancio</i> , traduzido por Baptista Coelho.	178
Figura 38: Primeiras três colunas de <i>Um drama da regencia</i> , de Paul Féval, traduzido por Manuel Pinheiro Chagas.	181
Figura 39: Anúncio de <i>Um drama da Regencia</i> , de Paul Féval, traduzido por Manuel Pinheiro Chagas.	182
Figura 40: Primeira coluna da primeira parte de <i>Os Mystérios de Paris</i> , de Eugène Sue, traduzido por Justiniano José da Rocha.	186
Figura 41: Última coluna da primeira parte de <i>Os Mystérios de Paris</i> , de Eugène Sue, traduzido por Justiniano José da Rocha.	186
Figura 42: Primeiras três colunas de <i>Os Miseráveis</i> , de Victor Hugo, traduzido por Justiniano José da Rocha.	190
Figura 43: Primeiras três colunas de <i>Stello ou os diabos azues</i> , de Alfred de Vigny, traduzido por Jacinto Augusto de Sant’Anna e Vasconcellos.	195
Figura 44: Primeiras três colunas de <i>Louis de Glenvenez</i> , de Eugène de Lachaux, traduzido por Jacinto Augusto de Sant’Anna e Vasconcellos.	195
Figura 45: Primeiras três colunas de <i>A Derradeira Aldini</i> , de George Sand, traduzido por Cardoso de Menezes.	198
Figura 46: Primeiras três colunas de <i>Os Mohicanos de Paris</i> , de Alexandre Dumas, traduzido por Augusto Emilio Zaluar.	201
Figura 47: Anúncio da encenação da comédia <i>O Mundo Equivoco</i> , de Alexandre Dumas, traduzida por Augusto Emilio Zaluar.	208
Figura 48: “A flor da saudade”, “Aloés”, “O Chorão” e “Flor de Laranja”, traduzidas por Augusto Emilio Zaluar, da obra <i>Flores animadas</i>	211
Figura 49: Anúncio do primeiro volume de <i>O rei dos mendigos</i> , de Paul Féval, traduzido por Manoel Antonio de Almeida.	213
Figura 50: Nota de publicação de <i>Os trabalhadores do mar</i> , de Victor Hugo, traduzido por Machado de Assis.	216

Figura 51: Primeiras três colunas de <i>Os trabalhadores do mar</i> , de Victor Hugo, traduzido por Machado de Assis.....	218
Figura 52: Primeiras três colunas de <i>Oliveiro Twist</i> , de Charles Dickens, traduzido por Machado de Assis.....	220
Figura 53: <i>A desforra de um defunto</i> , de Pierre Zaccone, traduzido por Visconti Coaracy..	223
Figura 54: <i>Procure-se a mulher</i> , de A. Mathey, traduzido por Visconti Coaracy.	223
Figura 55: <i>O filho do Conde de Monte Christo</i> , de Jules Lermina, traduzido por José Alves Visconti Coaracy.	225
Figura 56: Primeiras três colunas de <i>A Família Jouffroy</i> , de Eugène Sue, traduzido por José Joaquim Vieira Souto.	227
Figura 57: Anúncio da encenação do drama <i>As mulheres de marmore</i> , de Théodore Barrière, traduzido por José Joaquim Vieira Souto.	228
Figura 58: Anúncio da encenação dos dramas <i>Os parisienses</i> e <i>As mulheres de marmore</i> , de Théodore Barrière, traduzidos por José Joaquim Vieira Souto.	228
Figura 59: Anúncio de <i>O derradeiro Mohicano</i> , de Fenimore Cooper, traduzido por Caetano Lopes de Moura.	239
Figura 60: Frontispício do <i>Diccionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brazil</i> , de Milliet de Saint-Adolphe, traduzido por Caetano Lopes de Moura.	241
Figura 61: Retrato de Justiniano José da Rocha.	244

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Questões de pesquisa e metodologia	22
Apresentação da tese	29
CAPÍTULO 1: CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS E TRADUÇÃO DE ROMANCES-FOLHETINS NO SÉCULO XIX BRASILEIRO	32
1.1 Brasil e França: circulação de impressos no Oitocentos	34
1.2 A tradução no Brasil até o século XIX.....	47
1.3 Romances-folhetins: imprensa, tradutores e invisibilidade	60
CAPÍTULO 2: TRADUTORES DE ROMANCES-FOLHETINS NOS JORNAIS CARIOCAS.....	76
2.1 Os tradutores do início dos romances-folhetins no <i>Jornal do Commercio</i>	78
2.2 Os tradutores e as traduções em <i>A Marmota</i>	108
2.3 A (in)visibilidade de um tradutor e de uma tradutora	146
2.4 A tradução “parasitária” no jornal <i>Cidade do Rio</i>	167
2.5 Os tradutores dos romances-folhetins de sucesso no <i>Jornal do Commercio</i>	184
2.6 Os tradutores de romances-folhetins do <i>Correio Mercantil</i>	193
2.7 Outros tradutores de romances-folhetins	214
CAPÍTULO 3: TRAJETÓRIAS COMPARADAS DE DOIS TRADUTORES BRASILEIROS: CAETANO LOPES DE MOURA E JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA.....	231
3.1 Pierre Bourdieu: os conceitos de “capital” e “trajetória”	232
3.2 Trajetórias de dois tradutores brasileiros do século XIX	235
3.3 Caetano Lopes de Moura: médico, escritor e tradutor	236
3.4 Justiniano José da Rocha: professor, jornalista, político, escritor e tradutor	243
3.5 Considerações sobre as trajetórias de Moura e Rocha	248
CONCLUSÃO.....	250
REFERÊNCIAS	255

INTRODUÇÃO

O folhetim, termo traduzido do francês *feuilleton*, surgiu nos jornais franceses, na primeira metade do século XIX – como nos explica Marlyse Meyer¹ –, para designar uma seção na página dos jornais e, logo, uma forma de romance. Nesse espaço de entretenimento “valeduto”², fixado no rodapé, ou *rez-de-chaussée* (rés-do-chão), geralmente localizado nas primeiras páginas dos periódicos, era possível encontrar textos de diversas modalidades e assuntos, tais como piadas, charadas, receitas de cozinha, histórias de crimes e críticas teatrais, apenas para citar alguns exemplos. A ficção, muito em voga na época, também se constituía como modalidade essencial para os rodapés. Assim, o folhetim recebeu a prosa de autores tanto novatos quanto já consagrados; as histórias eram moldadas ao espaço, muitas vezes sendo necessário recorrer à “moda inglesa de publicações em série se houver mais textos e menos colunas”³.

Aproveitando-se da importância que o folhetim adquirira na imprensa francesa, e consequentemente percebendo suas vantagens financeiras, Émile de Girardin (1802-1881), proprietário do jornal *La Presse*, começou a publicar a ficção no rodapé de seu periódico em 1836, que contou, por exemplo, com *La Comtesse de Salisbury*, de Alexandre Dumas (1802-1870), e *La vieille fille*, de Honoré de Balzac (1799-1850)⁴. Copiando o seu ex-sócio Girardin, Armand Dutacq (1810-1856), diretor do *Le Siècle*, logo tratou de fatiar e publicar, naquele mesmo ano, as partes do já conhecido romance espanhol *Lazarillo de Tormes*, certamente compreendendo que a estratégia era de “fidelizar” o público, utilizando a ficção seriada para vender mais jornais. Assim, os dois franceses lançaram a “sementeira de um boom lítero-jornalístico sem precedentes e aberto a formidável descendência”⁵.

Nas décadas posteriores às primeiras experiências dos anos 30, o romance-folhetim se constitui definitivamente como um gênero específico do romance, como explica Meyer⁶. Diversos autores escreveram e consolidaram seus sucessos na forma da ficção folhetinesca, como Eugène Sue (1804-1857), com *Os mistérios de Paris*, publicado entre 1842 e 1843, e Alexandre Dumas, com *Os três mosqueteiros* e *O conde de Monte Cristo*, ambos de 1844, publicados no *Journal des Débats*. Segundo a pesquisadora, a “invenção” de Dumas e Sue foi

¹ MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 57.

² Idem, *ibidem*. p. 57.

³ Idem, *ibidem*. p. 58.

⁴ THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien: poétiques journalistiques au XIX^e siècle*. Paris: Seuil, 2007. p. 27-28.

⁵ MEYER, Marlyse. Op. cit., 1996. p. 58-59.

⁶ Idem, *ibidem*. p. 63.

seguida pelos outros escritores, e logo o folhetim passou a designar a forma de publicação do romance. “Praticamente toda a ficção em prosa da época passa a ser publicada em folhetim, para então depois, conforme o sucesso obtido, sair em volume”⁷.

Ditando uma nova forma de escrever e veicular a prosa de ficção, a “receita” do romance-folhetim foi, portanto, reproduzida por outros escritores franceses, tais como Victor Hugo (1802-1885), Frédéric Soulié (1800-1847), Élie Berthet (1815-1891), Charles Reybaud (1801-1864), George Sand (1804-1876), Visconde Ponson du Terrail (1829-1871) e Xavier de Montépin (1823-1902), cujas obras de sucesso passaram pelos jornais franceses (e de outros cantos do planeta) ao longo do século XIX. Assim, foi se consolidando, entre os leitores, a fórmula do “continua amanhã”, marcada pelo suspense, pelas redundâncias e pelas situações rocambolescas, não sem suscitar calorosos debates no meio jornalístico e literário, casos explícitos de amor ao novo gênero de sucesso e ataques por parte dos críticos conservadores, que se opunham fortemente a esse tipo de ficção em série⁸.

A novidade da publicação da “ficção em fatias”, em sua estratégia e fórmula, foi rapidamente copiada pela imprensa de muitos outros países. O Brasil, cuja vida intelectual e cultural foi muito ligada à europeia, principalmente à francesa⁹, importou o novo gênero, traduzido para o português, e o acolheu em seus periódicos. Da mesma forma como aconteceu rapidamente na França, periódicos brasileiros também aderiram à ficção seriada, como aconteceu com os cariocas *Diário do Rio de Janeiro* e o *Correio Mercantil*. Precursor da publicação de romances-folhetins na imprensa brasileira, o *Jornal do Commercio* fez sair à luz, em 1838, a novela *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, traduzida por Julio Cezar Muzzi e publicada entre 31 de outubro e 27 de novembro daquele ano. A partir desse ano, os romances traduzidos de vários autores franceses poderiam ser encontrados nas páginas dos jornais brasileiros do século XIX.

O Brasil da época não possuía ainda um grande número de escritores que pudessem explorar o novo gênero, de acordo com informações de Brito Broca¹⁰. Mas, paralelamente, sabemos que um grupo foi se formando em torno do *Jornal do Commercio* e da revista *Minerva*

⁷ Idem, ibidem. p. 63.

⁸ Idem, ibidem. p. 59.

⁹ Segundo Gilberto Pinheiro Passos, o século XIX é a “[...] época mais privilegiada da irradiação da cultura francesa entre nós”. De acordo com o professor e pesquisador, o idioma francês era um símbolo de distinção no meio cultural do Brasil, assim como os costumes, a moda e a literatura gaulesas, principalmente. PASSOS, Gilberto Pinheiro. A França em nosso caminho cultural. p. 25-38. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise. (org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França: século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 25.

¹⁰ BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo no Brasil*. São Paulo: Polis; Brasília, INL, 1979. (Coleção estética: Série obras reunidas de Brito Broca; v. 1). p. 175.

Brasiliense, por volta de 1839-1844¹¹. Nesse contexto, alguns homens de letras do período se dedicaram à tarefa da tradução dos romances-folhetins, suprindo a recém-criada necessidade de ficção seriada dos jornais. Uma dessas personalidades foi Justiniano José da Rocha, a quem Broca atribuiu a tarefa de também ter introduzido o folhetim em nosso país, depois de verificar o sucesso do gênero em Paris, em uma temporada de estudos realizados na capital francesa.

Em um momento em que a proteção aos direitos de autores estrangeiros no Brasil era inexistente¹², não foi difícil para Justiniano José da Rocha enveredar-se na atividade tradutória, conciliando a nova função com a carreira profissional de jornalista¹³. Ele foi o responsável por traduzir, para a língua portuguesa, vários romances-folhetins de sucesso na França, como os famosos *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, e *Os Miseráveis*, de Victor Hugo.

Além de Justiniano José da Rocha, exemplo de tradutor de romances-folhetins, trabalharam, como tradutores de ficção para o jornal, o editor Paula Brito¹⁴, o teatrólogo José Joaquim Vieira Souto, para o *Correio do Rio de Janeiro* e *Gazeta Niteroiense*, e o jornalista e romancista José Alves Visconti Coaracy, para o *Jornal da Tarde*, *Correio Mercantil* e *Jornal do Commercio*, segundo informações de Lia Wyler¹⁵. De acordo com José Paulo Paes¹⁶, o poeta, escritor e jornalista Emilio Zaluar também se dedicou à atividade tradutória, tendo transposto *Os moicanos de Paris*, de Dumas, publicado no *Correio Mercantil*. Ofir Bergemann de Aguiar, em sua tese de doutorado intitulada *Uma reescritura brasileira de Os Miseráveis*, de 1996, identificou que o professor Antonio José Fernandes dos Reis também traduziu folhetins para o português. Um dos trabalhos destacados pela pesquisadora foi a tradução que Fernandes fez de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, depois da morte de Justiniano José da Rocha, que havia iniciado a empreitada. Fernandes dos Reis foi também tradutor de outros folhetins para o *Correio da Tarde* entre 1856 e 1861, e para o *Jornal do Commercio* entre 1861 e 1868¹⁷.

¹¹ LIMA SOBRINHO, Barbosa. (org.). *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960; CAVALHEIRO, Edgard; SILVA BRITO, Mário da (org.). *O conto romântico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. (Panorama do conto brasileiro; n. 2); SERRA, Tania Rebelo Costa. *Antologia do romance folhetim: (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997; CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 15a. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014 [1959]. p. 439-440.

¹² COELHO, José Maria Vaz Pinto. Da propriedade literária no Brasil. Parte III. *Revista Brasileira*, v. 8, p. 474-498, 1881.

¹³ BROCA, Brito. Op. cit., 1979. p. 177.

¹⁴ MEYER, Marlyse. Op. cit., 1996. p. 60.

¹⁵ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. p. 93.

¹⁶ PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. Rio de Janeiro: Ática, 1990. p. 19.

¹⁷ AGUIAR, Ofir Bergemann de. *Uma reescritura brasileira de Os Miseráveis*. 1996. 242 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 1996. p. 85.

Revelando o que se sabe até então, os estudos que abordam a tradução do folhetim apresentam esses poucos tradutores já mencionados, o que contrasta com a quantidade considerável de ficção estrangeira publicada no rodapé dos jornais brasileiros. Cabe, portanto, nesse contexto, uma investigação mais profunda a respeito da literatura traduzida e publicada nos periódicos brasileiros, bem como de seus tradutores, figuras constantemente relegadas a segundo plano no meio literário da época. Lia Wyler¹⁸ elenca duas razões que certamente contribuíram para o desprestígio da atividade tradutória do gênero folhetinesco: o fato de que os críticos literários não viam com bons olhos o romance-folhetim e, por extensão, a sua tradução; e o anonimato proposital, já que muitos dos tradutores trabalhavam simultaneamente para mais de um jornal, e talvez pudessem ser prejudicados, de alguma forma, caso se revelassem abertamente. Sendo assim, sobraram poucas referências aos nomes dos tradutores nas publicações, embora Lia Wyler desconfiasse de que, no meio literário, todos soubessem quais eram eles.

Apesar do suposto desprestígio, Laurence Hallewell, autor de *O livro no Brasil*, indica, com entusiasmo, que nos anos 1870, um escritor-tradutor recebia 70 mil réis mensais por tradução contínua de romances-folhetins¹⁹. O pesquisador não cita a fonte ou as fontes de tal informação, o que prejudica um exercício de reflexão que possa levar em conta dados mais concretos que ajudem a esclarecer algumas questões como: Quem eram esses tradutores? Para qual jornal trabalhavam? Qual era o volume de traduções realizadas mensalmente? Quais eram as obras traduzidas? É difícil responder a tais indagações. Não se tem notícia da existência de muitos registros documentais que, reunidos e articulados em um estudo mais aprofundado, possam fornecer as respostas necessárias. Evidentemente, não se pode generalizar essa quantia mensal para todos os tradutores daquela época, pois há muitas particularidades que devem ser consideradas – as questões mencionadas abrangem algumas delas. Mesmo que fosse um tradutor já experiente, é possível que tivesse outra profissão, pois a quantia de 70 mil réis não era remuneração tão boa quanto se possa imaginar. Por exemplo, por volta de 1870, os livros de apenas um volume poderiam custar, em média, de 2 a 3 mil réis, em edições mais simples – brochura –; cada volume multiplica esse preço – era comum haver de 2 a 3 volumes em uma obra literária –, e as edições encadernadas poderiam aumentar o valor da obra por volta de

¹⁸ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 93.

¹⁹ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3a. ed., 1a. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. p. 237.

40%²⁰. No mesmo ano, a assinatura do *Diario do Rio de Janeiro* custava 24 mil por ano, 18 mil por nove meses, 12 mil por seis meses e 6\$000 por três meses, e nele se podia ler tudo o que o jornal oferecesse de conteúdo, além do romance-folhetim que se publicava em seu rodapé²¹. Essa quantia mencionada talvez não fosse suficiente para manter um bom hábito de leitura de livros e jornais, que certamente fazia parte das atividades de um tradutor no século XIX.

Não obstante o pouco reconhecimento que teve a atividade tradutória (muito menos do que se tem hoje), inegável foi sua importância para que os romances-folhetins estrangeiros publicados no rodapé dos jornais brasileiros promovessem a ficção estrangeira, e deixassem suas marcas no desenvolvimento da imprensa e da literatura brasileiras do século XIX. Como bem nos lembra Meyer²², não faltam indícios para que relacionemos a prosperidade de um jornal naquele período e a publicação de romances-folhetins em seu interior. Os tradutores tiveram papel importante nisso, pelo fato de realizarem suas tarefas de versão para a língua portuguesa com rapidez, haja vista a diferença mínima de tempo de publicação do gênero no Brasil e na França. Justiniano José da Rocha é um exemplo de tradutor lembrado por seu intenso ritmo de produção: “Numa comprida varanda ditava sucessivamente a dois secretários, colocados em extremos do compartimento. Para um, o capítulo que tinha à mão direita; para outro, o que tinha à mão esquerda – e isto apenas com o intervalo do passeio entre uma e outra mesa”²³.

A agilidade do método do tradutor mostra que, a partir do momento de chegada dos folhetins da França, o jornal que contratava os seus serviços tratava de rapidamente publicar a sua tradução dos romances para o português em seu rodapé. É provável que essa prática veloz de tradução e publicação quase simultânea à versão original fosse adotada também por outros jornais, com o intuito de atender ao ávido desejo dos leitores pelas novidades literárias. Portanto, a velocidade era um fator importantíssimo para que se mantivesse a atualidade do gênero.

Sem dúvida, a popularidade do gênero frente ao público leitor do século XIX se fez sentir na imprensa, que incorporou essa atividade e fez dela uma aliada poderosa. Apenas para

²⁰ *Catalogo da Livraria de B. L. Garnier n. 2: Literatura: Novellas, Romances, Narrativas, Critica Litteraria, Poesias, Peças de Theatro, etc.* Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, [187-]. Material recolhido pelo Projeto Temático FAPESP “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX” (Processo nº 11/07342-9).

²¹ *Diario do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 11, 11 jan. 1870, p. 1. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/25361. Acesso em: 10 maio 2022. Para evitar repetição, optamos por não mencionar a Hemeroteca Digital Brasileira nas referências aos jornais e periódicos brasileiros que foram consultados em seu acervo, em formato digitalizado, salvo indicação contrária.

²² MEYER, Marlyse. Op. cit., 1996. p. 294.

²³ BROCA, Brito. Op. cit., 1979. p. 177.

mostrar que o folhetim era um gênero em voga, convém trazer alguns dados do levantamento realizado por Vaz Pinto Coelho. O letrado aponta que 74 romances-folhetins de autores franceses saíram à luz no período de 1839 a 1854, no *Jornal do Commercio*, no *Correio Mercantil*, em *O Despertador*, no *Diário do Rio de Janeiro* e no *Correio da Tarde*²⁴. Entretanto, é certo que o número seja maior, já que o próprio autor da lista a considerou incompleta. Antonio Candido utiliza a contagem de romances-folhetins de Coelho para analisar a coexistência do gênero estrangeiro com o romance nacional:

Estes números sugerem duas observações. Primeiro, que o interesse pelo romance parece coincidir com o aparecimento das primeiras manifestações românticas; considere-se, para evitar um raciocínio arriscado, que é também o momento em que começa a se desenvolver o jornalismo de maior porte, bem como a chegar aqui o exemplo francês. Talvez os três fatores devam ser combinados.

Em segundo lugar, a intensidade dos folhetins traduzidos diminui no momento em que se define a produção local; isto significaria que ela tomou em parte o seu lugar e viria corresponder a necessidades do meio. Mas pelo século afora o romance estrangeiro, traduzido sem pagamento de direitos autorais, foi concorrente do nacional, chegando-se a dizer que prejudicava o seu desenvolvimento, desestimulando os escritores²⁵.

Tomando de empréstimo a constatação de Candido, podemos considerar que, prejudicial ou não, o folhetim teve seu lugar no desenvolvimento da literatura brasileira. A tradução teve, também, um papel de grande importância na formação e na afirmação da identidade nacional do Brasil, como afirma Adriana Pagano²⁶. Meyer, por sua vez, constata que a produção literária nacional sentiu os efeitos da relevância da publicação de romances-folhetins traduzidos:

Mais interessante do que registrar os meros imitadores seria examinar as influências concretas do folhetim à francesa na elaboração do romance “oficial” brasileiro. Desde as influências temáticas, em Macedo, *O moço loiro* ou *Os dois amores*, por exemplo, até o senso do corte dos capítulos, que Alencar conseguiu com tanto brio em *O guarani*, sabendo manter acesa a atenção diária do público²⁷.

Assim, Meyer indica haver “influências” do novo gênero francês nos romances brasileiros, em sua essência, seja pela forma ou pelo conteúdo. A pesquisadora parece seguir a

²⁴ COELHO, José Maria Vaz Pinto. Op. cit., 1881. p. 494-495.

²⁵ CANDIDO, Antonio. Op. cit., 2014 [1959]. p. 439-440.

²⁶ PAGANO, Adriana Silvina. Tradução e visibilidade: a teorização sobre o processo tradutório no Brasil do século XIX. p. 11-21. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 6., 1996, Fortaleza. *Anais...* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998. p. 14.

²⁷ MEYER, Marlyse. Op. cit., 1996. p. 311.

mesma linha de pensamento de Antonio Candido, que indicou a possibilidade de “influência” da prosa de ficção veiculada nos folhetins à formação do romance brasileiro:

Os livros traduzidos pertenciam, na maior parte, ao que hoje se considera literatura de carregação; mas eram novidades prezadas, muitas vezes, tanto quanto as obras de valor. Assim, ao lado de George Sand, Mérimée, Chateaubriand, Balzac, Goethe, Irving, Dumas, Vigny, se alinhavam Paul de Kock, Eugène Sue, Scribe, Soulié, Berthet, Souvestre, Féval, além de outros cujos nomes nada mais sugerem atualmente: Bard, Gonzalès, Rabou, Chevalier, David, etc. Na maioria, franceses, revelando nos títulos o gênero que se convencionou chamar folhetinesco. Quem sabe quais e quantos desses subprodutos influíram na formação do nosso romance? Às vezes, mais do que os livros de peso em que se fixa de preferência a atenção²⁸.

Antonio Candido, portanto, considera a possibilidade de o romance brasileiro ter recebido “influências” da chamada “literatura de carregação”, em que é possível enquadrar os romances-folhetins, tão queridos do público leitor. Por essa constatação desse importante intelectual, consideramos ser essencial revisitar os periódicos brasileiros do século XIX para compreender o fenômeno dos romances-folhetins, e da criação de um gosto dos leitores pelo gênero, como no caso de Alexandre Dumas²⁹.

Não tendo apenas deixado marcas na literatura nacional, as escolhas em torno da prática de tradução do folhetim também influenciaram a recepção dos romances pelo público brasileiro. Podemos, por exemplo, mencionar o caso da publicação do romance *Deus dispõe* (*Dieu dispose*, em francês), de Alexandre Dumas, ocorrida entre 19 de setembro de 1851 e 22 de março de 1852, no *Jornal do Commercio*. Segundo Lúcia Granja, iniciou-se a publicação de *Le trou de l'enfer* (*O buraco do inferno*) sob o título de *Dieu dispose*, que na verdade seria o nome da narrativa posterior que continuaria a história. Evitou-se, portanto, apresentar, ao público-leitor brasileiro católico, um título que o poderia desagradar. Granja levanta a possibilidade de essa manobra ter sido menos uma atitude de censura institucional e mais uma pressuposição do gosto dos leitores pelo editor do jornal ou pelo tradutor³⁰.

Outro exemplo em que o tradutor realizou mudanças na história foi o caso das *Proezas de Rocambole*, de Ponson du Terrail, publicado também no *Jornal do Commercio*. Segundo

²⁸ CANDIDO, Antonio. Op. cit., 2014 [1959]. p. 440

²⁹ PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. 2012. 316 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

³⁰ GRANJA, Lúcia. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. *Floema: Caderno de Teoria e História Literária*, Vitória da Conquista, ano VII, n. 9, p. 147-158, jan./jun. 2011. p. 149-151.

informações de Matías Molina³¹, um atraso do navio que trazia os capítulos da França ameaçou a interrupção da publicação do romance no jornal. Foi preciso que o próprio tradutor entrasse em cena e resolvesse a questão: João Carlos de Souza Ferreira, o redator-chefe, escreveu alguns capítulos, matando alguns personagens que tiveram que ser ressuscitados depois da chegada periódica do original ter sido normalizada. Os leitores nada perceberam, muito porque a solução dada pelo tradutor condizia com as peripécias rocambolescas, típicas da história original. Outras fontes, tais como a tese de Ofir Bergemann de Aguiar, indicam que o tradutor das *Proezas de Rocambole* foi Antonio José dos Reis³²; talvez ele tenha realizado tais intervenções – um caso a ser analisado –, e não Souza Ferreira. Apesar disso, esse exemplo nos mostra que a produção tradutória, desse modo, coloca-se lado a lado com a produção autoral, ou seja, confundem-se, são próximas.

Dessa forma, tradução e escrita relacionam-se na aclimação do romance-folhetim francês pela cultura brasileira. Nesse processo, os tradutores e as traduções tiveram importância fundamental para que se fizesse circular, entre um público leitor dos jornais, bens culturais, símbolos de uma cultura tão relevante naquele momento histórico, no contexto de um espaço literário internacional³³. Assim, os tradutores mostraram suas habilidades na compreensão das estratégias da ficção em fatias e praticaram a tradução desses textos para a língua portuguesa. Consideramos, portanto, que investigar os jornais para entender melhor as práticas dos tradutores de romances-folhetins significa contar uma parte da história da literatura e da cultura brasileira do século XIX, visto que nelas não se pode esquecer o papel do gênero folhetinesco e da tradução literária.

Questões de pesquisa e metodologia

Esta é uma pesquisa de caráter historiográfico que procura construir, com base na articulação de conhecimentos entre a História Literária, a História da Tradução, a História da Imprensa e a História do Livro e da Edição, uma compreensão a respeito dos tradutores de romances-folhetins publicados nos jornais cariocas do século XIX. Esta tese dá ênfase aos tradutores, que são nosso ponto de interesse principal, na identificação, confirmação e/ou aprofundamento de informações sobre sua prática tradutória e mesmo sobre dados biográficos

³¹ MOLINA, Matías Martínez. *A história dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 1, p. 248.

³² AGUIAR, Ofir Bergemann de. Op. cit., 1996. p. 85.

³³ CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

e bibliográficos daqueles sobre os quais pouco se conhecia, em razão das informações esparsas e escassas, o que evidencia sua invisibilidade, que também discutiremos neste trabalho. Assim sendo, nossa pesquisa estabelece um diálogo com os Estudos do Tradutor, um subcampo dos Estudos da Tradução que busca compreender os tradutores e os intérpretes, segundo explica o professor Andrew Chesterman, por meio de “[...] pesquisas que se concentram, principal e explicitamente, nos agentes envolvidos na tradução, por exemplo, em suas atividades ou atitudes, na sua interação com o meio social e técnico, ou na sua história e influência”³⁴. Considerando isso, nossa abordagem se concentra no âmbito histórico, na tentativa de recuperação e organização de informações a respeito dos tradutores, embora, para dois casos específicos de tradutores literários brasileiros, tenhamos trabalhado com uma perspectiva sociológica, no que concerne às suas trajetórias, como veremos nesta pesquisa.

Em razão disso, optamos por não aprofundar este trabalho na análise comparativa dos textos de partida e de chegada, assim como costumeiramente se faz em pesquisas dos Estudos Descritivos da Tradução, pois, além de esta pesquisa ter o seu foco no levantamento dos tradutores – entendidos como mediadores entre culturas –, seria necessário, para a análise dos textos, muito mais tempo e conhecimento não somente acerca dessa área de estudos, mas também sobre a fortuna crítica dos autores das obras analisadas, bem como de sua produção literária “original”, a depender de cada caso. Tal trabalho, para ser realizado de forma satisfatória, precisaria reunir os esforços conjuntos de muitos pesquisadores, algo ainda não feito em nosso país, como explica Marie-Hélène Catherine Torres, ainda menos a respeito da História da Tradução, que considere também outras áreas do conhecimento³⁵.

Dessa forma, empregamos, de maneira articulada, obras e textos que abordaram o fenômeno da tradução do romance-folhetim – alguns dos quais já mobilizamos nesta introdução –, e dados levantados a partir de nossas pesquisas em fontes primárias – jornais, revistas, livros, manuscritos e impressos em geral produzidos no século XIX – a respeito das traduções e dos tradutores. Assim sendo, o cruzamento de dados feitos com base nas informações recolhidas nessas fontes e na bibliografia especializada direcionou tanto a pesquisa quanto a escrita desta tese, que procurou trazer à luz casos de tradução sobre os quais há fortes evidências de terem

³⁴ CHESTERMAN, Andrew. O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor. Tradução de Patrícia Rodrigues Costa e Rodrigo D’Avila Braga Silva. *Belas Infiéis*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 33-42, 2014. p. 40. O volume *Literary Translator Studies*, publicado em 2021, apresenta pesquisas recentes nos Estudos do Tradutor. KAINDL, Klaus; KOLB, Waltraud; SCHLAGER, Daniela (org.). *Literary Translator Studies*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2021. (Benjamins Translation Library; n. 156).

³⁵ TORRES, Marie-Hélène Catherine. Democratização de arquivos em bibliotecas digitais e hemerotecas: um caminho para Histórias ou Micro Histórias da Tradução no Brasil. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 40, n. 1, p. 208-224, jan./abr. 2020. p. 211-217.

sido realizadas pelos tradutores a eles atribuídos, sem perder de vista que a maioria dos romances-folhetins publicados nos jornais cariocas no Oitocentos não mencionam os responsáveis pelas traduções, o que obviamente se configura como uma prática comum daquela época. A fim de complementar a pesquisa com importantes informações, foram também articulados trabalhos nas áreas de História da Imprensa, de História do Livro e da Edição, e de História Literária – como já mencionamos, que dialogam de maneira muito próxima com a História da Tradução –, afinal a prática de tradução literária não está separada da escrita literária – visto que muitos escritores também eram tradutores, mas não somente por isso –, do jornalismo e da imprensa – considerando o caso específico do romance-folhetim –, e do mercado editorial – tendo em vista a migração das obras do jornal para o livro, entre outras questões envolvidas.

Conforme constatou José Paulo Paes em seu artigo “A tradução literária no Brasil”, a escrita da História da Tradução no Brasil é uma “uma tarefa ciclópica”, em razão das conhecidas dificuldades de pesquisa no país – entre elas, o insuficiente número de bibliotecas públicas – e do apagamento dos tradutores nas obras de História Literária³⁶. Essas mesmas queixas também foram feitas por Lia Wyler, que alia a isso a questão da invisibilidade do tradutor³⁷, a qual discutiremos no primeiro capítulo desta tese. A esses obstáculos, podemos acrescentar o parco investimento governamental na constituição e na preservação do patrimônio cultural brasileiro, bem como o ainda insuficiente emprego de recursos financeiros para a instituição de redes de pesquisa, embora haja um grande esforço, especialmente de servidores públicos dos arquivos, das bibliotecas, dos centros de pesquisa e das instituições de ensino superior, entre outras instâncias, bem como de entidades do setor privado e de seus funcionários, no intuito de proteger, divulgar, rememorar e dar sentido à produção cultural de nossos acervos bibliográficos e memorialísticos.

Anthony Pym, em seu *Method in Translation History*, obra do fim dos anos 1990, cita o Brasil como um país de tradição historiográfica insuficiente, o que se configura como um obstáculo para a elaboração de “catálogos de tradução”, os quais visam auxiliar os pesquisadores em seu trabalho de escrita da História da Tradução³⁸. Apesar disso, como bem constata Marie-Hélène Catherine Torres, foram realizadas, no país, nas últimas décadas, importantes iniciativas de pesquisa e publicação de trabalhos dessa área³⁹, desenvolvidas

³⁶ PAES, José Paulo. Op. cit., 1990. p. 9-10.

³⁷ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 24-25.

³⁸ PYM, Anthony. *Method in Translation History*. New York: Routledge, 2014. p. 41.

³⁹ TORRES, Marie-Hélène Catherine. Op. cit., 2020. p. 213-215.

principalmente nos programas de pós-graduação das universidades⁴⁰. Além disso, o acesso facilitado às fontes primárias no Brasil, especialmente por meios digitais, tem auxiliado o desenvolvimento de pesquisas historiográficas⁴¹, assim como desta própria tese, que se vale majoritariamente de fontes primárias digitalizadas.

Grande parte dos periódicos brasileiros estão atualmente disponíveis, na forma de imagem digital e com conteúdo textualmente pesquisável, na Hemeroteca Digital Brasileira⁴², uma poderosa ferramenta de pesquisa fornecida pela Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, de forma gratuita para todos os pesquisadores do Brasil e do mundo que queiram desenvolver trabalhos utilizando esse inestimável material de pesquisa. Evidentemente, a adoção de ferramentas digitais pode, se não utilizada com os devidos cuidados, esconder alguns resultados das buscas. Por exemplo, é preciso ter em conta a ortografia da língua portuguesa vigente no século XIX, em palavras como “tradução” e “traductor”, e até mesmo considerar as citações aos nomes próprios, que poderiam mudar de grafia, não aparecerem de forma completa ou, no limite, não terem sido textualmente indexados pela ferramenta de Reconhecimento Ótico de Caracteres (OCR – *Optical Character Recognition*), que converte o conteúdo da imagem em formato textual. Ainda assim, a Hemeroteca é uma ferramenta que economiza tempo e recursos financeiros, que precisariam ser dispensados em uma pesquisa presencial nos microfilmes e exemplares de livros e impressos na Fundação Biblioteca Nacional. Além da Hemeroteca Digital Brasileira, a Fundação Biblioteca Nacional disponibiliza a BNDigital⁴³, na qual oferece livros, impressos, manuscritos e alguns periódicos digitalizados, que podem ser acessados e baixados de forma gratuita. Ademais, oferece um acesso digital a seus catálogos⁴⁴, por meio dos quais se pode saber quais materiais estão disponíveis em seu acervo, o que é importante para um bom planejamento de pesquisa de campo, principalmente em relação às publicações seriadas, aos livros, aos manuscritos e a outros materiais ainda não digitalizados.

A utilização da Hemeroteca Digital Brasileira tornou a pesquisa menos dispendiosa e menos demorada, principalmente se considerarmos a gravidade do contexto sanitário que se impôs sobre o mundo nos últimos dois anos, o que tornou muito restrita, ou até mesmo

⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 210-211.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 215-221.

⁴² Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

⁴³ Biblioteca Nacional Digital Brasil, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>.

⁴⁴ Catálogos – Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em: https://acervo.bn.gov.br/sophia_web.

impossibilitou temporariamente, a realização de pesquisas presenciais em bibliotecas e arquivos brasileiros. Considerando a maneira como a projetamos e a realizamos, nossa pesquisa não teria sido possível, de uma forma ou de outra, sem a existência dessa ferramenta digital, além de outros recursos digitais que concederam grande facilidade. Apesar disso, muitos livros, impressos e manuscritos do século XIX, embora estejam em domínio público, ainda não foram digitalizados e disponibilizados ao acesso geral pela internet. Em razão disso, e para que esta pesquisa fosse complementada, foi preciso aguardar que as condições sanitárias se abrandassem para conseguir levantar mais informações nos acervos físicos da Fundação Biblioteca Nacional e no Real Gabinete Português de Leitura, ambos no Rio de Janeiro, instituições que visitamos em 2022.

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, localizada na Universidade de São Paulo, na capital paulista, também disponibiliza, de forma digital⁴⁵, livros diversos e algumas obras traduzidas, além de permitir o acesso digital às informações catalográficas dos itens de seu acervo⁴⁶. Ademais, oferece um recurso de pesquisa bibliográfica digital, mecanismo que também pode ser encontrado no portal do Real Gabinete Português de Leitura⁴⁷. Por intermédio desses catálogos eletrônicos, é possível saber quais são as obras disponíveis em seus acervos, informações úteis para eventuais consultas presenciais.

Além dos textos que abordam a tradução de romances-folhetins no Brasil do século XIX, os levantamentos bibliográficos elaborados por pesquisadores desse assunto foram essenciais para nossa pesquisa. O anexo da dissertação da tradutora e pesquisadora Lia Wyler, intitulada *A tradução no Brasil: ofício de incorporar o outro*, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1995⁴⁸, trabalho que depois resultou em seu famoso livro *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*, de 2003, publicado pela editora Rocco⁴⁹, embora Wyler o considere uma “relação preliminar”⁵⁰, é rico em informações bibliográficas sobre traduções dos séculos XVII, XVIII e XIX. O anexo, com noventa e três páginas, lista uma série de tradutores, com natural ênfase quantitativa no Oitocentos⁵¹, período importante para o

⁴⁵ Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>.

⁴⁶ Pesquisa Integrada – Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/search/>.

⁴⁷ Pesquisa – Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em: <http://rgplpac.bibliopolis.info/opac/default.aspx?ContentAreaControl=palavra.ascx>.

⁴⁸ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. *A tradução no Brasil: ofício de incorporar o outro*. 1995. 221 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995. Anexo, p. 1-93.

⁴⁹ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003.

⁵⁰ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 1995. Anexo, p. 1.

⁵¹ Idem, ibidem. Anexo, p. 12-93.

desenvolvimento da tradução em nosso país. Tais informações foram compiladas a partir de outras fontes secundárias, por exemplo, do *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Sacramento Blake, em seus sete volumes publicados entre 1893 e 1902⁵², ao qual também recorreremos, muitas vezes, para conferir informações sobre as traduções publicadas e para extrair dados biográficos dos tradutores. Consultamos também – embora não tanto quanto o *Diccionario* de Sacramento Blake – o *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de Innocencio Francisco da Silva, obra em vinte e três volumes, que começou a ser publicada em 1823 e foi depois continuada por outros colaboradores⁵³.

A *Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos*⁵⁴, projeto desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL) da Universidade Federal de Santa Catarina, que reúne informações recolhidas em fontes primárias e secundárias, tais como o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, foi muito útil para pesquisar informações sobre escritores e tradutores brasileiros do século XIX, visto que está organizada por categorias – obras, autores, editoras, entre outras – e fornece mecanismos avançados de busca. Da mesma forma, o banco de dados CiTrIm, desenvolvido pelos pesquisadores do Projeto Temático FAPESP “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”⁵⁵, foi muito proveitoso para buscar informações sobre a publicação de obras traduzidas, visto que reúne dados retirados de fontes primárias – catálogos de bibliotecas, catálogos de livrarias, jornais, livros e impressos diversos.

Para investigar as datas de publicação, as obras e os jornais em que foram impressos os romances-folhetins na França, mostrou-se muito útil o portal *Le Rez-de-chaussée: répertoire en ligne du roman-feuilleton français au XIX^e siècle*, mantido pelo Department of French Studies – Faculty of Arts, da University of Waterloo, no Canadá, com apoio do Social Sciences and Humanities Research Council of Canada/Conseil de recherches en sciences humaines du Canada. O portal reúne informações de alguns jornais franceses, a exemplo do *La Presse* e do

⁵² SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional; Imprensa Nacional, 1883-1902. 7 v. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/22>. Acesso em: 10 mar. 2020.

⁵³ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923. 23 v. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/2265>. Acesso em: 10 mar. 2020.

⁵⁴ *Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos*. Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/?locale=pt_BR.

⁵⁵ *Banco de dados CiTrIm*. Projeto Temático FAPESP “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX” (Processo nº 11/07342-9). 2011-2016. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Disponível em: <https://www4.iel.unicamp.br/projetos/circulacao/main.php>.

Le Siècle, de forma que permite, por meio de um mecanismo de buscas com filtros por obra, autor, jornal, entre outros, ter acesso a uma espécie de inventário de romances-folhetins franceses, que registra informações tais como: nome do autor, título da obra, data de início e fim de publicação, datas de todas as partes do romance, bem como o link de acesso a elas, quando cabível⁵⁶.

Parte do riquíssimo acervo da Bibliothèque nationale de France, em Paris, França, no que se refere às publicações seriadas, aos livros e a outros materiais de seu acervo – e também de outras instituições parceiras –, está disponível por meio do portal de internet Gallica⁵⁷, o qual utilizamos para encontrar informações sobre obras – francesas/em francês, especialmente – do século XIX e seus autores, e mesmo para poder acessar o conteúdo dos materiais impressos. Ademais, seu Catalogue général⁵⁸ fornece dados bibliográficos de todo seu acervo, o que foi muito útil para esclarecer algumas dúvidas. O site do projeto Édition des journaux d’Alexandre Dumas⁵⁹, da École normale supérieure de Lyon, França, foi indispensável para o acesso aos jornais de Dumas, de forma digital, que não estão disponíveis na Gallica. Por fim, os portais Google Books⁶⁰ e Internet Archive⁶¹, que reúnem acervos digitalizados de muitas instituições pelo mundo, foram utilizados para a procura de outros materiais, por vezes inacessíveis nos demais portais de pesquisa.

O anexo da tese da professora e pesquisadora Ilana Heineberg, intitulada *La suite au prochain numéro: Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)*, contém listagens dos romances-folhetins publicados nesses importantes jornais cariocas mencionados no subtítulo do trabalho, além de uma listagem de obras por autor⁶². Assim sendo, o levantamento de informações, elaborado pela autora da tese, foi muito útil como fonte de consulta, utilizada como guia de nosso trabalho pelo vasto, pouco explorado, mas, fascinante, mundo dos “jornais

⁵⁶ *Le Rez-de-chaussée*: répertoire en ligne du roman-feuilleton français au XIX^e siècle. Department of French Studies, Faculty of Arts, University of Waterloo, Waterloo, Canadá. Disponível em: <http://rezdechaussee.uwaterloo.ca/>.

⁵⁷ Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>.

⁵⁸ Catalogue général – Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/index.do>.

⁵⁹ Édition des journaux d’Alexandre Dumas, École normale supérieure de Lyon, Lyon, França. Disponível em: <https://alexandredumas.org/>.

⁶⁰ Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/?hl=pt-BR&tab=pp>.

⁶¹ Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/>.

⁶² HEINEBERG, Ilana. *La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)*. v. 1, 400 f; v. 2, 285 f. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Lusófonos – Literatura Brasileira) – Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris, 2004. v. 2.

velhos”. Além disso, foi importante para se ter a dimensão da produção folhetinesca estrangeira e nacional.

Dessa maneira, este trabalho é um entre muitos outros que, nos últimos anos, em virtude da constituição de grupos de pesquisa interdisciplinares (das áreas de História, Estudos Literários, Estudos da Tradução etc.), financiados por agências de fomento, tem-se voltado, entre outras questões, aos escritores e a sua produção literária. Nesse contexto, é preciso também considerar os tradutores e sua produção tradutória, trazendo novos dados que complementem ou, até mesmo, questionem aquilo que se sabia até então, principalmente nas pesquisas em fontes primárias, profundamente impactadas pela ampliação de acesso, em razão dos recursos digitais. Esperamos, assim, que este trabalho contribua para a compressão dos tradutores de romances-folhetins nos jornais cariocas do século XIX e de sua prática tradutória, reconhecendo, evidentemente, que há aspectos que precisam ser aprofundados e descobertas que ainda precisam ser realizadas.

Apresentação da tese

Esta tese está dividida em três capítulos. Primeiramente, procurando dialogar com trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros acerca das conexões entre os países e da circulação de impressos e ideias durante o século XIX e trabalhos também recentes sobre História da Tradução no Brasil, principalmente a respeito do Oitocentos, o **CAPÍTULO 1: CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS E TRADUÇÃO DE ROMANCES-FOLHETINS NO SÉCULO XIX BRASILEIRO** procurará demonstrar como os processos de circulação de impressos, notadamente de jornais e livros, foram cruciais para o estabelecimento de uma rede de aproximações culturais e comerciais que atualmente é conhecida como “globalização”, mas que já acontecia naquela época. Nesse capítulo, mostramos o importante papel da tradução no Brasil até o século XIX, abordando o caso do folhetim como um dos primeiros fenômenos de tradução que, ao atingir os leitores dos jornais, pode se fazer presente no cotidiano das leituras de ficção seriada, uma inovação para o consumo de obras estrangeiras.

No **CAPÍTULO 2: TRADUTORES DE ROMANCES-FOLHETINS NOS JORNAIS CARIOCAS**, abordaremos, inicialmente, as primeiras traduções de romances-folhetins publicadas no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 1838, 1839 e 1840. Nesse curto período, a maioria das histórias inseridas no rodapé traziam consigo as iniciais de seus tradutores: Francisco de Paula Brito, Justiniano José da Rocha e Julio Cezar Muzzi, colaboradores do jornal de propriedade do francês Junius Villeneuve, que certamente viu no folhetim traduzido uma forma de atrair o

público para a nova moda francesa da ficção em fatias. Abordaremos, também, as traduções e os tradutores de *A Marmota*, jornal de Paula Brito que cedeu espaço para a publicação de muitas traduções, especialmente narrativas ficcionais para os jovens e para as mulheres, sustentando-se na ideia de, a partir da literatura, ensinar a moral e os bons costumes a esses públicos. Em seguida, apresentaremos as traduções de Aristides Serpa, um jovem estudante de medicina que trabalhou como tradutor para o jornal *O Globo* na década de 1870, tendo traduzido, possivelmente, muitos romances-folhetins, dentre os quais *Flamarande* e *Os dois irmãos*, duas das últimas obras da escritora francesa George Sand. Além disso, apresentaremos as traduções da escritora Guilhermina Santos, publicadas em *A Folha Nova* no final da década de 1880, e depois republicadas em jornais de outras localidades do Brasil. Mostraremos como ambos, inicialmente desconhecidos, obtiveram reconhecimento por essas duas traduções, visto que elas fizeram sucesso junto aos leitores, foram transformadas em livro e chegaram a outras regiões do país.

Em seguida, abordaremos um caso de tradução “parasitária”, conforme relato do memorialista Medeiros e Albuquerque, na qual supostamente estiveram envolvidos vários tradutores – Emílio Rouède, Coelho Netto, Olavo Bilac e Guimarães Passos –, que teriam delegado, uns aos outros, a tarefa da tradução de um romance-folhetim no jornal *Cidade do Rio*, nos últimos anos do século XIX. Apesar de não termos a confirmação desse caso, visto que os dados mencionados pelo memorialista não foram suficientes para rastrear a obra traduzida, encontramos três tradutores que receberam crédito por seu trabalho nessa folha de José do Patrocínio: Manuel Pinheiro Chagas, reconhecido escritor português – cuja tradução foi reaproveitada de um livro editado décadas antes –, Guimarães Passos, poeta e jornalista, e Baptista Coelho, secretário do jornal.

Os tradutores dos romances-folhetins de sucesso no *Jornal do Commercio* serão mencionados. Nos casos de Justiniano José da Rocha, que traduziu desde o início da presença desse gênero literário na imprensa carioca, sua tradução de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, foi interrompida em razão de seu falecimento, tendo sido continuada por Antonio José Fernandes dos Reis, tradutor de outras produções seriadas, que depois se veria em apuros com as *Proezas de Rocambole*, de Ponson du Terrail, quando houve uma interrupção momentânea da chegada do jornal da França.

Augusto Emilio Zaluar, Jacinto Augusto de Sant’Anna e Vasconcellos, João Cardoso de Menezes e Souza e Manuel Antonio de Almeida traduziram, para o rodapé do *Correio Mercantil*, obras de importantes escritores franceses, quais sejam, George Sand, Alexandre Dumas e Paul Féval, e de outros menos conhecidos atualmente. Por último, mas não sem sua

importância, apresentaremos os casos de: Machado de Assis, que traduziu *Os trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo, para o *Diario do Rio de Janeiro*, e *Oliveiro Twist*, de Charles Dickens, para o *Jornal da Tarde*; José Alves Visconti Coaracy, tradutor que trabalhou para veículos como *Jornal do Commercio*, criou sua própria publicação de narrativas traduzidas – *O Espelho* – e viu publicadas suas traduções de George Ohnet pela editora de B. L. Garnier; e José Joaquim Vieira Souto, que traduziu folhetins para o *Diario do Rio de Janeiro*, além de ter sido um reconhecido tradutor de peças teatrais.

Por fim, no **CAPÍTULO 3: TRAJETÓRIAS COMPARADAS DE DOIS TRADUTORES BRASILEIROS: CAETANO LOPES DE MOURA E JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA**, discutiremos as trajetórias de vida de dois importantes nomes para a tradução no Brasil do século XIX: Caetano Lopes de Moura, médico e tradutor brasileiro radicado na França, conhecido por suas traduções de romances do escritor escocês Walter Scott e do escritor norte-americano James Fenimore Cooper, e Justiniano José da Rocha, político, jornalista e tradutor, conhecido como tradutor de romances-folhetins dos franceses Victor Hugo, Alexandre Dumas, Eugène Sue e Eugène Scribe. Para isso, recorreremos a alguns conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu, tais como “capital” – simbólico, social e cultural – e “trajetória”, que ajudam a compreender a dinâmica das relações dentro de um “campo” – conceito também desenvolvido pelo sociólogo francês. Consideramos que tais tradutores, de formas diferentes, usufruíram do capital simbólico para estabelecer suas posições no campo literário, do qual fizeram parte como tradutores. Ambos os tradutores brasileiros podem ser considerados expoentes da tradução literária, seja para os romances publicados em livro, como no caso de Caetano Lopes de Moura, seja no caso dos romances publicados em folhetim no jornal, como no caso de Justiniano José da Rocha.

CAPÍTULO 1: CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS E TRADUÇÃO DE ROMANCES-FOLHETINS NO SÉCULO XIX BRASILEIRO

Estudos recentes a respeito da circulação de impressos e ideias entre o Brasil e a Europa no século XIX têm se aprofundado nas relações culturais estabelecidas entre os dois lados do Atlântico, contemplando uma ampla gama de agentes – autores, editores, livreiros, comerciantes etc. – e instituições – bibliotecas, livrarias, gabinetes de leitura etc. –, cujas práticas profissionais foram fundamentais para que a difusão de livros e jornais pudesse acontecer de forma cada vez mais integrada no decorrer do Oitocentos. Dentre os envolvidos nessas práticas de circulação de impressos e ideias, os tradutores têm papel relevante, não somente porque eram os responsáveis por transpor obras de uma língua para outra e assim ampliarem as possibilidades de difusão de trabalhos de autores estrangeiros, permitindo tanto o entretenimento dos leitores quanto os diálogos que marcaram profundamente as culturas e literaturas nacionais, mas também por deixarem vestígios nas traduções realizadas, mesmo que não intencionais, e por discutirem, por meio de prefácios, críticas literárias, notas do tradutor, cartas etc., suas práticas de tradução, que nos ajudam a compreender suas concepções a respeito do ato tradutório.

No Brasil daquele período, a cultura francesa tinha grande relevância para a formação dos leitores das mais diversas camadas sociais, especialmente aqueles que consumiam literatura. Obras de muitos escritores, dos mais aos menos conhecidos na atualidade, eram remetidas para o nosso país para satisfazer o desejo dos mais diversos tipos de leitores: mulheres, crianças, jovens, literatos, espectadores de teatro etc. Importavam-se livros dos mais variados assuntos, desde os técnicos e científicos, passando por religiosos, morais e filosóficos, livros para instrução em variadas áreas do conhecimento, além de obras literárias – poesia, teatro, narrativa etc. Além dos livros, os jornais estrangeiros, com seu rico conteúdo – artigos, notícias, crônicas, romances, ilustrações etc. – eram remetidos ao país, a fim de que os leitores pudessem acompanhar, com um pequeno atraso que foi diminuindo gradativamente no decorrer do século XIX, as novidades estrangeiras veiculadas por meio desse produto midiático, que reunia notícia e literatura.

Os movimentos de trocas culturais aproximaram as culturas estrangeiras – a francesa, singularmente – da cultura brasileira, num movimento de transferências que, embora desigual, ocorreu entre os dois lados. Assim sendo, ao mesmo tempo impressos eram remetidos da Europa para o Brasil, havia também, apesar de menos intenso, um movimento de difusão de

obras brasileiras ou sobre o país em algumas nações europeias, tais como França, Itália, Inglaterra e Portugal. Essas idas e vindas de ideias e impressos aconteciam tanto em línguas estrangeiras quanto em língua portuguesa, na maioria dos casos, via tradução, atingindo, obviamente, públicos diferentes.

Uma língua estrangeira poderia ser uma barreira mais fácil de atravessar para os leitores socialmente e economicamente mais abastados, que certamente tinham um acesso mais facilitado ao ensino de francês, inglês ou alemão, por exemplo. Seguramente, tais leitores cultivavam os hábitos de leitura e de escrita, seja para o entretenimento privado e as sociabilidades em torno das práticas culturais coletivas – teatros, gabinetes de leitura, saraus, salões etc. –, seja para as atividades profissionais que exigiam certo grau de educação formal – administração pública e privada, política, advocacia, medicina, magistério etc. Para aqueles cujo conhecimento alcançava apenas o vernáculo – leitura, escrita e oralidade, a depender do estágio de alfabetização, para o entretenimento e para o trabalho, principalmente –, os tradutores tinham papel imprescindível ao permitirem o acesso às novidades importadas.

No que tange especialmente às narrativas ficcionais em língua estrangeira, os editores de livros, primeiramente, e depois os diretores dos jornais, especialmente no caso do romance em folhetim, designavam escritores, poetas, médicos, professores, funcionários públicos, jornalistas etc. – que podiam trabalhar como colaboradores das editoras e dos jornais –, para que realizassem as traduções. Obras desse gênero narrativo, ao serem traduzidas, encontravam no jornal um suporte mais barato e acessível do que aquele que se podia encontrar nos livros, para os quais muitos eram posteriormente destinados, em razão do sucesso que conquistariam na publicação das folhas diárias. Assim, presume-se que as traduções alcançassem públicos mais abrangentes, cujo acesso aos livros talvez fosse mais restrito, e não somente àqueles que podiam ler no jornal do dia ou nas folhas de edições anteriores que possivelmente passavam de mão em mão, mas também aos participantes ouvintes das práticas de leitura coletiva. Tais pressupostos residem na dificuldade de se encontrar vestígios da materialidade da leitura, embora existam registros de que ela acontecia sob diversas formas.

Nesse contexto de circulação de impressos e ideias, no qual a tradução teve papel fundamental, abordamos, neste capítulo, trabalhos recentes a respeito desses assuntos, a fim de mapear brevemente o contexto no qual se insere o romance-folhetim como um exemplo de gênero literário que ultrapassou as fronteiras francesas, atravessou o Atlântico e chegou a lugares como o Brasil, e que, via tradução, consolidou entre os leitores um novo hábito de leitura e entre os escritores uma nova forma de experimentação literária, cujo nascimento se deu na matriz midiática do jornal. Os trabalhos que se debruçam sobre essas questões são

articulados com aqueles que se ocupam da História e da Historiografia da tradução no Brasil. Tais estudos são de grande importância para se compreender o desenvolvimento das práticas tradutórias, especialmente a tradução literária, de particular interesse para este trabalho. Além disso, são importantes para a compreensão do papel dos tradutores e do fazer tradutório, incluindo-se questões como a invisibilidade do tradutor e sua (falta de) profissionalização.

1.1 Brasil e França: circulação de impressos no Oitocentos

O século XIX foi um período profundamente marcante para a História dos países ocidentais. Para o historiador Eric Hobsbawm, o “longo século XIX”⁶³ se inicia em 1789, no princípio da Revolução Francesa e em meio à Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra⁶⁴, e se encerra em 1914, com o início da Primeira Grande Guerra⁶⁵. As mudanças políticas despertadas pela eclosão da Revolução Francesa e as mudanças industriais impulsionadas pela Revolução na Inglaterra, cujo impacto foi sentido em outras nações, foram cruciais para a consolidação da sociedade capitalista e para o triunfo da burguesia⁶⁶.

Em meados desse longo século, a economia capitalista se espalhou pelo mundo. Em 1848, eclodem uma série de revoluções pela Europa, conhecidas como “Primavera dos Povos”, que derrubaram regimes autoritários⁶⁷. A economia e a tecnologia se expandiram, resultando na ampliação dos meios de transporte – a estrada de ferro, por exemplo –, dos recursos, meios e formas de comunicação – tais como os cabos submarinos –, no surgimento de grandes cidades e na intensificação dos fluxos migratórios. Foi também um período de conflitos, tais como as batalhas que levaram ao estabelecimento do Império Alemão entre 1864 e 1871, a Guerra da Criméia, entre 1854 e 1856, e a Guerra Civil Americana, na qual o Sul saiu derrotado⁶⁸.

Entre as duas últimas décadas do século e o início da Guerra de 1914, segundo Hobsbawm, as mudanças de comunicação – telefone e telégrafo sem fio, por exemplo –, da ciência – nas ideias que tiveram continuidade no século XX – e da tecnologia – os automóveis e os primeiros voos motorizados – foram muito relevantes. No campo da cultura, o “*avant-*

⁶³ HOBBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 9a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 19.

⁶⁴ HOBBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 19a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 13.

⁶⁵ HOBBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Op. cit., 2005. p. 19.

⁶⁶ HOBBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Op. cit., 2005. p. 15-19.

⁶⁷ HOBBSBAWM, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. Tradução de Luciano Costa Neto. 11a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p. 20.

⁶⁸ Idem, *ibidem*. p. 22-23.

garde” da época, conhecido como “modernismo”, foi determinante para grande parte da produção cultural das muitas décadas seguintes⁶⁹.

Não é necessário detalhar as transformações que ocorreram nesse decisivo período histórico. Certamente muitas delas foram imprescindíveis para o desenvolvimento econômico, político, social, cultural, científico e tecnológico, do qual colhemos os frutos e, infelizmente, os agouros, até a atualidade, tendo em vista a continuidade dos processos históricos. Convém, entretanto, relembrar algumas transformações que impactaram as relações estabelecidas, especialmente, entre as culturas ocidentais no século XIX, a fim de contextualizar os cenários de trocas culturais, na qual estão circunscritas as práticas literárias e tradutórias.

No século XIX, houve o aumento de obras produzidas na Europa, principalmente na Inglaterra, Portugal, Alemanha e França⁷⁰. Começou a se estabelecer um importante segmento comercial: a produção e circulação dos impressos. A produção de livros e jornais, devido às facilidades tecnológicas, tais como a prensa mecânica, foi agilizada, propiciando a confecção em larga escala. A produção de papel também foi barateada, e foram implementadas novas formas de impressão, tais como a litografia, largamente utilizada na reprodução de imagens. A logística de distribuição de impressos para a comercialização em localidades distantes foi beneficiada pelas transformações no transporte, por exemplo, com o surgimento do motor a vapor, que permitia aos navios um deslocamento menos demorado. Encurtava-se, assim, o tempo de viagem das mercadorias, o que também permitia que se estabelecesse uma distância temporal cada vez menor na comunicação entre os países⁷¹.

Assim sendo, o século XIX foi um importante período de crescimento e fortalecimento das relações culturais e comerciais estabelecidas entre os países e suas culturas, impulsionadas pela circulação de impressos e ideias⁷². Houve também crescimento no número de leitores, graças à expansão demográfica, às concentrações urbanas e ao desenvolvimento do sistema educacional, que se concentrou em políticas de alfabetização⁷³. O advento da prensa a vapor, juntamente com as facilidades na produção de papel e a melhora dos transportes ferroviário e

⁶⁹ HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Op. cit., 2005, p. 22.

⁷⁰ ABREU, Márcia Azevedo de. *A Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX*. Livro, São Paulo, v. 1, p. 115-130, 2011.

⁷¹ CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, Literatura e História: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

⁷² Idem, *ibidem*.

⁷³ MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História Cultural*. Tradução de Eliza Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 83-108.

marítimo, impulsionaram a produção e distribuição dos impressos nos vários cantos do mundo⁷⁴.

A França, país europeu que ocupou posição central em relação às atividades cultural e editorial no século XIX, observou um aumento do número de títulos e exemplares produzidos ao longo daquele século e início do século XX. Em termos de números, a produção editorial francesa saltou de 3 mil exemplares em 1815 para 15 mil exemplares antes da Primeira Guerra Mundial. Grande parte desses títulos eram obras originalmente escritas em outras línguas, mas traduzidas para o francês e assim destinadas à exportação⁷⁵. Nessa época, Paris era um importante centro de irradiação de impressos (livros, jornais e revistas) para o mundo lusófono, principalmente para Portugal e Brasil. Na cidade, trabalhavam editores, impressores e livreiros, bem como literatos, tradutores, artistas e diretores de periódicos, todos em torno da produção de livros em português⁷⁶.

O Brasil nos primeiros anos do século XIX ainda era uma colônia. A situação se alterou em 1808, com a vinda da Família Real portuguesa e da Corte ao Rio de Janeiro, fugidas da invasão napoleônica. Não havia, até antes disso, permissão para que livros fossem impressos no Brasil – ou seja, tudo que se consumia de material impresso era necessariamente importado da Europa, sendo que Portugal mantinha um controle sobre os livros importados⁷⁷. Para suprir a necessidade de impressão dos documentos da administração e das leis do Império, foi estabelecida, no Rio de Janeiro, a Impressão Régia, que teve o monopólio de impressão até 1821⁷⁸.

O impacto dessa transferência de Portugal ao Brasil foi sentido em níveis culturais, econômicos e sociais para o Rio de Janeiro. O número de habitantes cresceu ligeiramente. A cidade ganhou prédios administrativos, banco, museu, biblioteca, escolas, livrarias etc. O comércio se desenvolveu e a economia se aperfeiçoou. Os servidores civis, que consumiam cultura refinada, demandaram uma transformação na vida cultural da cidade⁷⁹.

D. João, o príncipe regente, ao chegar ao Brasil, decretou guerra contra os franceses, em resposta à invasão em Portugal, e abriu os portos para as nações amigas. A Inglaterra apoiava o país, e estabelecia relações próximas com a Coroa, diminuindo os contatos entre França e Brasil, situação que foi se modificar com a queda de Napoleão.

⁷⁴ CHARTIER, Roger. Op. cit., 2001.

⁷⁵ ABREU, Márcia Azevedo de. Op. cit., 2011.

⁷⁶ COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX? *Vária História*, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p. 539-555, jul./dez. 2009.

⁷⁷ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 92-94.

⁷⁸ Idem, ibidem. p. 99-128.

⁷⁹ Idem, ibidem. p. 106-110.

As relações entre Brasil e França são abordadas em muitos estudos acerca da importância francesa no cenário cultural brasileiro. Segundo Gilberto Pinheiro Passos, que traça um panorama dessas relações, no século XIX, o país estava imerso na francofilia, ou seja, havia um sentimento de proximidade com a França, país apreciado pelos brasileiros por ser fonte de ideais emancipatórios de liberdade. Em contraponto, havia um afastamento de Portugal, que não era mais considerado um modelo a ser seguido pelos brasileiros naquela época. Tal afinidade com a França contemplava os mais variados assuntos, que abarcavam desde a literatura até a culinária, passando, necessariamente, pelo interesse na língua francesa. Essa aproximação remonta à importância da França na Europa já no século XVIII, especialmente nos âmbitos da cultura, da educação, do idioma, das artes e da ciência⁸⁰.

Uma das razões que permitiram aos brasileiros um contato próximo aos bens culturais franceses se deve à circulação de profissionais na Corte do Rio de Janeiro, tais como, cozinheiros, livreiros, professores, entre outros. Embora a vinda de franceses para a capital do país não tenha sido numericamente expressiva, a importância de sua cultura e o impacto que ela causava eram destacados naquela época. Considerável exemplo disso foi a Missão Artística de 1816⁸¹, composta por artistas franceses – renomados pintores, tais como Jean Baptiste Debret (1768-1848) e Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830), além de arquitetos, escultores, artífices etc., chefiados por Joachim Lebreton (1760-1819) – que mudaram o panorama artístico no país. Um dos seus importantes legados foi a fundação da Academia Imperial de Belas Artes, sob a iniciativa de D. João VI.

Leyla Perrone-Moisés explica que, em alguns momentos do século XIX, houve certa galofobia – ou seja, rejeição à cultura francesa e aos franceses – por parte dos artistas e intelectuais brasileiros, que procuravam estabelecer uma identidade nacional e uma integração com os países vizinhos, por meio de um projeto pan-americanista⁸². Durante a Missão Artística, por exemplo, alguns artistas franceses retornaram a seu país, em razão de conflitos com artistas brasileiros⁸³. Havia também um sentimento de repúdio a Napoleão, cuja imagem era depreciada em panfletos políticos⁸⁴. Apesar disso, o nacionalismo romântico da pós-Independência viu na França um modelo de nação, em contraponto ao modelo colonial de Portugal⁸⁵. Em especial, os

⁸⁰ PASSOS, Gilberto Pinheiro. Op. cit., 2015. p. 25-27.

⁸¹ Idem, *ibidem*. p. 29.

⁸² PERRONE-MOISÉS, Leyla. Galofilia e galofobia na cultura brasileira. p. 50-80. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 50-51.

⁸³ Idem, *ibidem*. p. 55.

⁸⁴ Idem, *ibidem*. p. 56.

⁸⁵ Idem, *ibidem*. p. 57.

franceses Eugène de Monglave (1796-1878) e Ferdinand Denis (1798-1890), que passaram algum tempo no Brasil, influenciaram os jovens românticos do país⁸⁶. O primeiro foi idealizador do Institut Historique de France, fundado em 1833, e foi também tradutor de obras de língua portuguesa, espanhola e inglesa⁸⁷; além disso, foi responsável por direcionar escritores brasileiros, entre eles Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), como membros do IHF⁸⁸. O segundo foi um importante erudito e polígrafo, um *passer* entre Brasil, Portugal e França, conforme define a pesquisadora Claudia Poncioni, em razão, sobretudo, de seus laços de amizade com literatos portugueses e brasileiros⁸⁹. Seu interesse pelo Brasil como historiador de literatura resultou em produção bibliográfica sobre o país⁹⁰ – a exemplo do *Resumé de l'histoire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, de 1826⁹¹ –, tendo influenciado os escritores brasileiros a se debruçarem sobre os indígenas e a natureza local⁹². Além disso, traduziu a *Carta de achamento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha (1450-1500), para o francês, tradução que foi publicada em 1821 no *Journal des voyages, découvertes et navigations modernes ou archives géographiques et statistiques du XIX^e siècle*, e em outras obras posteriores⁹³.

No século XIX, a Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, era um centro de transações comerciais, que não se restringiam aos artigos nacionais. Em lojas dessa importante localidade, os clientes tinham a oportunidade de comprar ou encomendar produtos vindos da Europa, primordialmente da França, da qual se importava objetos de luxo, artigos de moda, livros etc.⁹⁴. No âmbito dos impressos, sabemos que a França exportava seus livreiros e editores, cujos destinos compreendiam potenciais mercados de comercialização de livros. O Brasil, devido às relações culturais francesas, era um destino interessante para esses profissionais.

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p. 58.

⁸⁷ MACEDO, Cristian Cláudio Quinteiro; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. A tradução nos primeiros anos do Institut Historique de France (1834-1846). p. 181-191. In: SEMANA DE LETRAS, 27., 2016, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: UCS, 2016. p. 181.

⁸⁸ FARIA, Maria Alice de Oliveira. Os brasileiros no Instituto Histórico de Paris. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 266, p. 68-148, jan./mar. 1965. p. 106.

⁸⁹ PONCIONI, Claudia. De viagens, relatos e livros: Ferdinand Denis entre a França e o Brasil (diários e correspondências). p. 65-92. In: PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018. p. 68-72.

⁹⁰ DONEGÁ, Ana Laura. *Viajante, polígrafo e erudito: Ferdinand Denis (1798-1890) no espaço literário franco-brasileiro*. 2020. v. 1, 293 f.; v. 2, 189 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2020. v. 1, p. 14.

⁹¹ Idem, *ibidem*, p. 138-148.

⁹² PERRONE-MOISÉS, Leyla. Op. cit., 2007. p. 58.

⁹³ PENJON, Jacqueline. Da América para a Europa: a mediação do tradutor na circulação das obras. p. 31-64. In: PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018. p. 32-33.

⁹⁴ PASSOS, Gilberto Pinheiro. Op. cit., 2015. p. 29.

Paul Augustin Martin Fils, cujo nome aportuguesado era Paulo Agostinho Martin, nascido em Portugal, descendente do francês Paul Martin, que morava em Lisboa, foi um desses livreiros estrangeiros que se aventurou em terras brasileiras. Tendo chegado ao país em 1799, estabeleceu sua livraria, na Rua da Quitanda. Seu pai, em Portugal, fazia sucessivas remessas de livros para alimentar o comércio do filho⁹⁵. Esse provavelmente foi, nos primeiros anos de atividade, um empreendimento pouco próspero, considera Hallewell, visto que a procura por livros era pequena naquela época⁹⁶. Anos depois, Paulo Martin iniciou sua atuação como editor, tendo utilizado a Impressão Régia para imprimir as obras de diversos gêneros⁹⁷, quando a atividade de impressão passou a ser permitida no Brasil, a partir de 1808⁹⁸. Além disso, seu negócio distribuía oficialmente a *Gazeta do Rio de Janeiro*⁹⁹.

João Roberto Bourgeois foi também um livreiro estrangeiro no Brasil na mesma época, embora tenha chegado ao país por volta de 1782. Da mesma forma como Martin, atuou também como editor¹⁰⁰. Ademais, Pierre Constant Dalbin, outro livreiro francês, divulgava no Rio de Janeiro os livros que imprimia na França. Em 1820, por exemplo, oferecia livros em português, inglês, italiano e espanhol¹⁰¹.

Décadas depois, teve um grande destaque a figura de Baptiste-Louis Garnier (1823-1893), livreiro e editor francês que veio ao Brasil para instalar uma espécie de filial dos negócios de livros que seus irmãos mantinham na França, e cuja trajetória foi muito significativa para a história editorial brasileira¹⁰². B.-L. Garnier se estabeleceu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1840. Em 1844, na Rua do Ouvidor, fundou uma livraria, na qual tinha como sócios seus irmãos e livreiros parisienses Auguste Désiré (1812-1887) e François Hippolyte (1815-1911), proprietários da Garnier Frères, de Paris¹⁰³, empreendimento livreiro que também alcançou o México e a Argentina, por meio da Librería Garnier Hermanos, instalada na Cidade do México

⁹⁵ ABREU, Márcia Azevedo de. *Libraires et éditeurs français à Rio de Janeiro: les cas de Paul Martin et Pierre Constant Dalbin*. p. 17-29. In: MOLLIÉ, Jean-Yves; COOPER-RICHET, Diana. (org.). *Le Commerce Transatlantique de Librairie, un des Fondements de la Mondialisation Culturelle (France, Portugal, Brésil, XVIII - XX siècle)*. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2012. p. 18.

⁹⁶ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 100.

⁹⁷ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Livreiros franceses no Rio de Janeiro 1799-1824*. p. 1-14. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 10., 2002, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002. p. 5.

⁹⁸ ABREU, Márcia Azevedo de. Op. cit., 2012. p. 18.

⁹⁹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 118.

¹⁰⁰ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Op. cit., 2022. p. 4-5.

¹⁰¹ ABREU, Márcia Azevedo de. Op. cit., 2012. p. 22-23.

¹⁰² DUTRA, Eliana de Freitas. *Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil*. p. 67-87. In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010. p. 70-71.

¹⁰³ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 221-223.

e em Buenos Aires, respectivamente¹⁰⁴; convém ressaltar que essas livrarias dos Garnier, na França e na América do Sul, mantinham um esquema de distribuição de livros obscenos editados em Paris, com os quais lucraram muito¹⁰⁵. No Brasil, de início, Baptiste-Louis comercializava livros de origem francesa, majoritariamente. Posteriormente, envolveu-se na tarefa da edição de traduções para o português, bem como na edição de obras de autores brasileiros – tais como Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), José de Alencar (1829-1877) e Machado de Assis (1839-1908), que se reuniram em torno dessa importante figura, estabelecendo com Garnier uma relação simbiótica, na qual se cruzavam interesses literários e editoriais¹⁰⁶ –, relegando às prensas francesas a tarefa da impressão¹⁰⁷, estratégia que conferia às obras uma melhor qualidade, certamente uma forma de diferenciação, que chamava a atenção dos leitores que frequentavam sua livraria¹⁰⁸. Baptiste-Louis Garnier, em razão de seus serviços relacionados às Letras brasileiras – o fornecimento de livros franceses e a edição de escritores nacionais –, recebeu, de D. Pedro II, a comenda da Ordem da Rosa, o que demonstra o prestígio que alcançou¹⁰⁹.

Outro exemplo importante foi o francês Anatole Louis Garraux (1833-1904), que veio ao Brasil, ainda jovem, para trabalhar na Livraria Garnier¹¹⁰, e depois se dirigiu a São Paulo, no final de 1859¹¹¹. Na capital paulista, instalou sua livraria, onde comercializava livros e outros objetos de origem francesa, além de também ter se aventurado em atividades editoriais. Em São Paulo, a combinação de um incipiente mercado e do crescimento do número de leitores, aliada aos esforços de Garraux em divulgar os livros por meio de catálogos que circulavam na capital e no interior da província¹¹², acabou por fortalecer seu comércio livreiro, que se tornou um

¹⁰⁴ MOLLIER, Jean-Yves. Uma livraria internacional no século XIX, a livraria Garnier Frères. p. 33-53. In: GRANJA, Lúcia; DE LUCA, Tania (org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018. p. 34; 50-51.

¹⁰⁵ MOLLIER, Jean-Yves. *O Dinheiro e as Letras: História do Capitalismo Editorial*. Tradução de Katia Aily Franco de Camargo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p. 324-325.

¹⁰⁶ GRANJA, Lúcia. *Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e de livros)*. p. 55-79. In: GRANJA, Lúcia; DE LUCA, Tania (org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018. p. 63.

¹⁰⁷ DUTRA, Eliana de Freitas. Op. cit., 2010. p. 70-71.

¹⁰⁸ GRANJA, Lúcia. Rio-Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira *chez* Garnier. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 81-95, jul./dez. 2013. p. 83-84.

¹⁰⁹ GRANJA, Lúcia. A circulação dos impressos no Brasil do século XIX (atores do mundo dos livros). *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 13, n. 1, p. 131-143, jan./jun. 2021. p. 138.

¹¹⁰ DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2011. p. 284.

¹¹¹ Idem, *ibidem*. p. 291.

¹¹² Idem, *ibidem*. p. 291.

“espaço de inovação”¹¹³ para os leitores paulistas. Garraux tornou-se uma figura conhecida e bem relacionada na cidade, mantendo contato com políticos e acadêmicos¹¹⁴.

A cultura francesa entre nós não se revelava somente em livros e impressos das mais diversas áreas do conhecimento e nos costumes e comportamentos. Tania Bessone explica que, desde a década de 1830, havia uma forte influência governamental no emprego de modelos europeus, especialmente os franceses, nos campos da cultura e da educação. Como exemplos, Bessone cita a criação, em 1837, do Colégio Pedro II, direcionado à elite, cujo programa educacional era pautado pela pedagogia europeia, particularmente a francesa; e a criação, em 1838, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), cujo objetivo era construir a história da nação, estabelecido no modelo do Institut Historique, fundado em Paris quatro anos antes. Segundo a pesquisadora, tais instituições são reflexo da tentativa de se construir uma política cultural para a elite letrada, baseada principalmente em modelos franceses, para definir a nação, que há pouco tempo havia conquistado sua independência¹¹⁵.

O teatro francês era muito presente nos palcos brasileiros. Segundo João Roberto Faria, as peças dos dramaturgos franceses, originais ou traduzidas, dominavam o repertório dramático dos teatros do Brasil no século XIX. Artistas e companhias dramáticas da França se dirigiam ao país, especialmente ao Rio de Janeiro, oferecendo aos espectadores brasileiros a oportunidade de contemplar as novidades dramáticas que estavam sendo encenadas na França, “[...] como se um pedaço da Europa mudasse todo ano para cá”¹¹⁶. João Caetano, um importante ator e empresário de teatro brasileiro, buscava no repertório francês as peças que seriam representadas; entre elas, os dramas românticos de Alexandre Dumas e Victor Hugo, por exemplo, e também as tragédias e os melodramas, de autores como Voltaire (1694-1778) e Antoine-Vincent Arnault (1766-1834)¹¹⁷. A partir dos anos 1850, as comédias realistas passaram a fazer parte do repertório dos teatros, gerando grande repercussão na imprensa, na qual eram defendidas por grande parte dos jovens literatos¹¹⁸. Vindo da França, o teatro cômico e musicado, cujo objetivo era divertir os espectadores, também encontrou espaço nos palcos

¹¹³ Idem, *ibidem*. p. 304.

¹¹⁴ Idem, *ibidem*. p. 300.

¹¹⁵ FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Bibliotecas de médicos e advogados do Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar. p. 313-333. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura). p. 316-317.

¹¹⁶ FARIA, João Roberto. O Teatro Francês no Brasil do Século XIX. p. 99-122. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). *Cinco Séculos de Presença Francesa no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 119.

¹¹⁷ Idem, *ibidem*. p. 102.

¹¹⁸ Idem, *ibidem*. p. 108-109.

brasileiros¹¹⁹. Nas últimas décadas do século, as peças naturalistas também foram encenadas nos teatros, contudo sem grande sucesso, visto que as obras naturalistas eram condenadas como imorais na imprensa¹²⁰.

A circulação de obras de literatura francesa entre os leitores cariocas do século XIX, nesse contexto de grande estima e contínua apreciação à cultura francesa na Corte, encontrou lugar de destaque, se comparada à difusão de obras de escritores de outros países. Nas livrarias, nas bibliotecas e nos gabinetes de leitura, bem como nos anúncios de venda de livros impressos em catálogos e nas folhas diárias, predominavam, entre os títulos de literatura – romances, contos, poesias, peças teatrais etc. –, as obras de escritores franceses, seja em língua original, seja em tradução para o português.

O romance logrou, nesse período, uma posição especial em meio à circulação de obras francesas. Andréa Müller, ao analisar a consolidação desse gênero no Brasil, menciona que o século XIX foi importante para a legitimação do romance entre os leitores e entre os críticos. Indícios de sua presença, a qual foi se fortalecendo no decorrer dos anos, podem ser analisados a partir dos próprios exemplares impressos nas bibliotecas e nos jornais, nos quais se publicavam contos e romances em fatias. Além disso, os anúncios de venda de livros, inseridos em catálogos das principais livrarias pelo país, no interior de livros e nos jornais, dão pistas sobre aquilo que era oferecido aos leitores. Adaptados de romances franceses, os textos teatrais, representados nos teatros também são indício da boa aceitação das narrativas de origem francesa¹²¹.

Sabemos que o interesse dos leitores brasileiros pelos romances franceses não se iniciou no século XIX: desde meados do XVIII até os primeiros anos do século seguinte houve presença importante de livros desse gênero. Para demonstrar tal interesse, Andréa Müller cita o trabalho de Márcia Abreu, *Os caminhos dos livros*, no qual a pesquisadora faz uma análise das solicitações de envio de livros ao Brasil, a partir dos registros da Real Mesa Censória de Lisboa e a Mesa do Desembargo do Paço, no Rio de Janeiro, entre o fim do século XVIII e o início do século seguinte. Segundo a pesquisadora, as obras de origem francesa tinham destaque entre as mais solicitadas em requisições dirigidas à censura portuguesa no período entre 1769 e 1807 para envio de livros ao Rio de Janeiro, seja em língua francesa, seja em tradução para o português ou outras línguas. Entre elas, estão *Les Aventures de Télémaque*, romance de François

¹¹⁹ Idem, *ibidem*. p. 113.

¹²⁰ Idem, *ibidem*. p. 115-116.

¹²¹ MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. A ficção francesa e a consolidação do romance no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 9., 2011, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Edipucrs, 2011. p. 63.

de Salignac de la Mothe-Fénelon (1651-1715)¹²² que recebeu ao menos quatro traduções em Portugal¹²³, e *Histoire de Gil Blas de Santillane*, romance pitoresco de Alain-René Lesage (1668-1747)¹²⁴. Entre 1808 e 1826, houve uma ampliação da solicitação desses romances para a censura portuguesa; tais obras continuavam ocupando o topo da lista de títulos mais solicitados da área das belas-letras; no meio delas, aparecia como bastante requisitada a famosa *Les Mille et Une Nuits*, compilação de contos de origem do Oriente Médio e do sul da Ásia traduzidos pelo orientalista Antoine Galland (1646-1715)¹²⁵. Nesse período, segundo Márcia Abreu, 46% das obras mais solicitadas à censura portuguesa eram de origem francesa, enquanto 30% eram de origem portuguesa¹²⁶. Para a censura carioca, no período entre 1808 e 1821, esses romances de Fénelon e de Lesage também estavam no topo das obras mais requisitadas; além disso, a pesquisadora ressalta a forte presença de obras de origem francesa, que representavam 75% dos títulos demandados¹²⁷.

Müller menciona também a importante presença de romances franceses entre os livros do gênero impressos no Brasil a partir do trabalho de Simone Mendonça de Souza, que pesquisou a impressão de literatura na Impressão Régia, instalada após a transferência da Corte ao Brasil. Essa pesquisadora constatou que dentre as onze obras de prosa ficcional publicadas estão cinco traduções de livros franceses, de autores como Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), com *Paulo e Virgínia*, tradução da famosa obra *Paul et Virginie*, publicada no fim do século XVIII, romance que recebeu traduções para diversas línguas europeias¹²⁸.

Além desses trabalhos mencionados, Müller destacou também o estudo de Regiane Mançano, que analisou os anúncios de vendas de livros publicados em alguns dos mais importantes jornais cariocas, entre os anos de 1808 e 1844. Conforme constatou Mançano, houve uma importante presença de obras francesas entre aquelas que chamou de “romances duradouros”, os quais persistiram nos anúncios impressos nos periódicos analisados por dezessete anos ou mais, representando 56% dos títulos. Ademais, a pesquisadora ressaltou que

¹²² ABREU, Márcia Azevedo de. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2003. (Coleção Histórias de Leitura). p. 90.

¹²³ Idem, ibidem. p. 99.

¹²⁴ Idem, ibidem. p. 90.

¹²⁵ Idem, ibidem. p. 107.

¹²⁶ Idem, ibidem. p. 110.

¹²⁷ Idem, ibidem. p. 117.

¹²⁸ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. “Sahiram à luz”: livros em prosa de ficção publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro. p. 23-44. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 27-28.

a ampla maioria dos romances anunciados era de origem francesa, entre os quais estão os dois já citados romances de Fénelon e de Lesage, que continuavam a fazer sucesso¹²⁹.

Para somar a esses dados citados, Andréa Müller também trouxe informações consolidadas a partir de sua própria investigação de anúncios de venda de livros nos anos 1857 e 1858 no *Jornal do Commercio*, destacado periódico carioca. A constatação de Müller mostra um cenário de natureza parecida àqueles estudados em trabalhos citados por ela: a maior parte dos romances dos anúncios era de origem francesa. A única diferença consistia na intensificação numérica da circulação dessas obras, com o passar dos anos. A pesquisadora detalha também que os autores da França dominavam os anúncios publicados em 1857: entre os seis primeiros com romances mais anunciados, estavam, na ordem decrescente: Alexandre Dumas, Honoré de Balzac, Eugène Sue e Paul de Kock (1794-1871). Em 1858, todos os seis primeiros eram franceses: Dumas, Sue, Élie Berthet, Joseph Méry (1797-1866), Frédéric Soulié e Paul de Kock. Eram todos, se considerados à luz de sua época, escritores conhecidos e celebrados, principalmente pelos seus leitores – a crítica desaprovava alguns, em especial aqueles que escreviam folhetins –, embora uma parte desses escritores possivelmente não seja mais conhecida pelos leitores da atualidade¹³⁰.

Esses escritores eram conhecidos dos leitores daquela época especialmente em função de seus romances-folhetins, traduzidos e publicados nos jornais cariocas, tais como o *Jornal do Commercio*, o *Correio Mercantil* e o *Diario do Rio de Janeiro*¹³¹. Muitas dessas obras migravam do suporte do jornal para o suporte do livro, assim como fazia Junius Villeneuve, proprietário do *Jornal do Commercio*, com quase todos os romances-folhetins que publicou entre o fim dos anos 1830 e o início dos anos 1840, – prática que também ocorreu em outros momentos e com obras de outros gêneros¹³² –, em pequenas brochuras, vendidas a preços mais atrativos, menores do que os livros encadernados, materiais esses que tinham acabamento mais duradouro. O resultado dessa prática de aproveitamento do material impresso do jornal para o livro pode ser observado, por exemplo, nos catálogos e nos anúncios de venda de livros que publicou na imprensa durante esses anos¹³³. Neles, anunciava tanto os romances-folhetins que

¹²⁹ MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*. 2020. 319 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010. p. 72-73.

¹³⁰ MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. Op. cit., 2011. p. 67.

¹³¹ HEINEBERG, Ilana. Op. cit., 2004. v. 1; v. 2.

¹³² SANTANA JÚNIOR, Odair Dutra. *Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do Jornal do Commercio (1827-1865)*. 2017. 233 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2017.

¹³³ “Achão-se na mesma casa as novellas seguintes”. p. 117-119. In: DAVID, Jules A. *Emilia: novella de J. A. David*. Tradução de Paula Brito. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1840. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. p. 117-119; “Achão-se na mesma casa, além de

havia sido publicados no rodapé de seu jornal, quanto outras “novellas” – como eram chamadas –, sobre as quais cabe ainda uma investigação aprofundada, inclusive para compreender melhor todo esse empreendimento editorial de Villeneuve, que envolveu a prática de tradução e o trabalho dos tradutores. Assim sendo, os romances-folhetins traduzidos para os jornais também poderiam ser editados no formato de livro, com o objetivo de abastecer as livrarias do Rio de Janeiro, bem como as de outras localidades do país, e assim possibilitar aos leitores a oportunidade de colecionar as obras de interesse, para lê-las no futuro.

Segundo Tania Bessone, especialmente na segunda metade do século XIX, o francês predominava como língua das obras leiloadas, cujos anúncios eram publicados nos jornais do Rio de Janeiro, a exemplo do *Jornal do Commercio*, nos quais se podia notar os nomes de autores já consagrados, tais como Racine (1639-1699), Molière (1622-1673), Montesquieu (1689-1755), Rousseau (1712-1778), e autores contemporâneos, tais como Alexandre Dumas, Eugène Sue e Victor Hugo¹³⁴.

Os catálogos da Livraria B. L. Garnier, do Rio de Janeiro, publicados em brochuras e em jornais, mostram que, nos anos 1850, havia um grande número de obras de literatura francesa em língua original disponíveis à venda, livros esses que, naturalmente, predominavam entre as demais obras literárias de escritores de outras línguas. Entre elas, havia dezenas de livros dos escritores franceses Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Paul Féval (1816-1887), Théophile Gautier (1811-1872), Victor Hugo, Paul de Kock, Eugène Sue, entre outros com menos obras¹³⁵. Em um catálogo da década de 1870, por exemplo, foram anunciados muitos romances traduzidos, entre os quais estavam as obras de Alexandre Dumas, Eugène Sue, George Sand e Paul Féval. Nesse catálogo, é interessante notar que, embora as traduções tivessem uma grande representatividade numérica, não havia uma maioria ampla de livros de escritores estrangeiros, tendo em vista a presença relevante de obras de escritores brasileiros, especialmente aqueles editados por Garnier. Isso mostra, portanto, que a produção nacional, naquela década, já havia conquistado um patamar mais elevado em relação ao número de obras editadas¹³⁶.

muitas outras, as novellas seguintes”. p. 182-184. In: DAVID, Jules A. *O procurador do rei*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1842. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. p. 182-184.

¹³⁴ FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Op. cit., 1999. p. 328.

¹³⁵ LIMA, Lilian Tigre. *Balzac no Brasil: entre livreiros-editores e o romance de José de Alencar*. 2018. 189 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018. p. 104-132.

¹³⁶ QUEIROZ, Juliana Maia de. Em busca de romances: um passeio por um catálogo da Livraria Garnier. p. 199-212. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. (Coleção Histórias de Leitura). p. 211-212.

Os catálogos da Livraria Garraux, de São Paulo, por exemplo, não se diferenciavam muito dos catálogos da Livraria Garnier¹³⁷. Os romances traduzidos representavam, na década de 1860, a metade dos títulos vendidos da seção de obras literárias, a maior da Livraria¹³⁸. Sem surpresa, repete-se a maioria dos nomes dos escritores das obras mais vendidas pela Livraria Garnier. O catálogo de 1883 trazia também um número expressivo de livros de autores franceses traduzidos para o português, com quase todas as traduções de autores conhecidos oriundas de Portugal¹³⁹.

A prosa de ficção representava quase sempre a maioria das obras dos gabinetes de leitura e das bibliotecas espalhadas pelo Brasil¹⁴⁰. Tais instituições constituíam um espaço de sociabilidades, no qual se incentivava a cultura letrada e as relações sociais entre seus membros, ao mesmo tempo em que atuavam como mediadores entre os produtores dos livros e os leitores, cujo interesse crescente pela prosa ficcional poderia ser saciado¹⁴¹. Por exemplo, no Gabinete Português de Leitura, instalado no Rio de Janeiro, a classe das obras literárias, em 1858, ocupavam o topo das classes de livros do acervo da instituição¹⁴². Entre as obras classificadas como “Novelas e romances”, quase metade era de língua francesa, e muitas delas eram editadas na Bélgica ou na França. Havia traduções para o português, sobretudo as oriundas de Portugal, mas em menor quantidade¹⁴³. Entre os autores com maior número de obras estavam, por exemplo, Alexandre Dumas, Eugène Sue, Paul de Kock, Frédéric Soulié, entre outros franceses; a maioria de seus romances apareciam na versão original, e uma parte em tradução para o português¹⁴⁴.

Os registros de consultas públicas a livros na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, no período entre 1843 e 1856, indicam que quase 66% das obras eram de língua portuguesa. Entre as línguas estrangeiras, dominava o francês, com 29%. O restante compunha quase 6% das obras consultadas, em línguas como o inglês e o espanhol¹⁴⁵. Entre as consultas por área do

¹³⁷ DEAECTO, Marisa Midori. Op. cit., 2011. p. 314.

¹³⁸ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 339.

¹³⁹ Idem, ibidem. p. 341.

¹⁴⁰ SCHAPOCHNIK, Nelson. Sobre a leitura e a presença de romances nas bibliotecas e gabinetes de leitura brasileiros. p. 155-170. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. (Coleção Histórias de Leitura). p. 165.

¹⁴¹ SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na Corte Imperial*. 1999. 270 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p. 37-45.

¹⁴² Idem, ibidem. p. 119.

¹⁴³ Idem, ibidem. p. 124-125.

¹⁴⁴ Idem, ibidem. p. 129.

¹⁴⁵ SCHAPOCHNIK, Nelson. Das ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na Biblioteca Pública da Corte Imperial. p. 273-311. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura). p. 301.

conhecimento e língua, o maior número está dentro da área das Belas-Letras, em língua portuguesa e em língua francesa, respectivamente¹⁴⁶. Tais dados revelam que, além da língua portuguesa, os frequentadores da Biblioteca Nacional se interessavam também por obras em francês. Não há uma mensuração que indique o quantitativo de obras originais em português ou traduzidas, mas há a presença de traduções entre as nove primeiras obras literárias mais consultadas: a maioria delas era de origem francesa, como era de se esperar – a obra completa de François-René de Chateaubriand (1768-1848), consultada 123 vezes, e a de Alphonse de Lamartine (1790-1869), consultada 57 vezes – e as traduções a *Historia de Giz Braz de Santilhana*, de Alain-René Lesage (1668-1747), consultada 66 vezes; *Mysterios do Povo*, de Eugène Sue, 35 vezes; e *Deos Dispõe*, de Alexandre Dumas, 34 vezes¹⁴⁷. Consideramos, portanto, que a tradução teve um impacto direto para os leitores de língua portuguesa da Biblioteca Nacional que consumiam obras de escritores franceses via tradução.

Verificamos, portanto, por meio desses exemplos mencionados, que as obras literárias de escritores franceses, especialmente os romances, no século XIX, tinham uma presença importante nos gabinetes de leitura, nas bibliotecas e nas livrarias do Rio de Janeiro, no formato do livro. Mesmo nas últimas décadas do século XVIII, as prosas ficcionais estavam no topo das requisições de livros estrangeiros ao Brasil. Não podemos esquecer, contudo, que a circulação dessas obras pelos jornais, onde eram impressas, era considerável e imprescindível, visto que as folhas diárias do Rio de Janeiro se aventuraram na publicação de tradução de romances-folhetins, importando o modelo midiático dos jornais franceses, cuja cultura era apreciada e considerada como um modelo pelos brasileiros. Abordaremos a presença da prosa ficcional francesa traduzida para o português e publicada nos periódicos cariocas na última seção deste capítulo. Antes, entretanto, é necessário dissertar sobre a importância da prática de tradução no Brasil até e, especialmente, durante o Oitocentos.

1.2 A tradução no Brasil até o século XIX

É inegável a importância da tradução para o desenvolvimento cultural e literário no Brasil do século XIX. Nesse contexto, a tradução literária, além de aproximar as obras estrangeiras aos leitores brasileiros, foi também uma forma que os escritores encontraram para desenvolver a prática de escrita de literatura, em seus diversos gêneros, na construção de estilos e no acolhimento de novas expressões estéticas vindas da Europa.

¹⁴⁶ Idem, *ibidem*. p. 303.

¹⁴⁷ Idem, *ibidem*. p. 308.

A crítica francesa Pascale Casanova, em sua obra *A República Mundial das Letras*, considera a tradução como um processo fundamental para que as culturas e línguas minoritárias sejam alimentadas com recursos literários de culturas e línguas majoritárias. Nesse contexto, podemos considerar o Brasil do século XIX como um país de língua e cultura minoritárias, uma nação que procurava se construir culturalmente, cujos escritores traduziam obras estrangeiras para valorizar sua própria língua, ao mesmo tempo em que produziam a literatura nacional. A França, nesse sentido, pode ser considerada, no contexto do Oitocentos, como um importante centro irradiador cultural, com sua relevante e central importância no campo literário internacional¹⁴⁸.

Casanova explica que, enquanto os sistemas minoritários recebem obras estrangeiras via tradução, os sistemas majoritários assumem a universalidade de sua produção literária. Assim sendo, os sistemas minoritários realizam a importação de obras da literatura universal, detentoras de um capital literário maior, que consagraram sua importância nos sistemas majoritários, a fim de aumentar o valor de sua própria literatura e para dar um caráter mais literário à sua língua, para a qual se está traduzindo¹⁴⁹. Trata-se da noção de tradução como forma de enriquecimento linguístico e literário, ideia comum entre os literatos no Brasil do século XIX, apesar de alguns se queixarem da profusão de obras traduzidas, que para eles dificultava a produção literária nacional. Sendo assim, o papel da tradução, embora entendido como dominação, é imprescindível para que o campo literário se consolide e se unifique no âmbito internacional, considerando as trocas culturais. No caso do romance-folhetim, que abordaremos neste capítulo, especificamente, compreendemos a existência de uma relação entre as culturas francesa e brasileira, visto que havia, no Brasil, um constante contato com a França, que impactou os costumes, os comportamentos, os conhecimentos e a produção de literatura. Dessa forma, a tradução desempenhava seu papel para as trocas culturais e literárias que, embora desiguais, envolveram os dois sistemas. Assim sendo, antes de abordar a tradução do romance-folhetim, julgamos necessário apresentar um panorama sobre a prática de tradução no Brasil até o século XIX, a fim de ressaltar sua importância para o desenvolvimento cultural do país.

A tradução na História do Brasil pode ser compreendida em suas duas vertentes, cada qual com suas singularidades: a tradução oral e a tradução escrita, conforme nos explica Lia Wyler¹⁵⁰. A tradutora e pesquisadora faz um interessante panorama sobre a tradução oral desde

¹⁴⁸ CASANOVA, Pascale. Op. cit., 2002. p. 109-160.

¹⁴⁹ Idem, ibidem. p. 109-160.

¹⁵⁰ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 29-30.

o achamento do Brasil até o fim do século XIX. Num trabalho mais recente, Dennys Silva-Reis e Marcos Bagno abordam, com mais profundidade, o que se pode chamar de invisibilidade do intérprete, cuja contribuição esteve quase sempre relegada a segundo plano, tendo sido muitas vezes marginalizado em sua função, e até mesmo esquecido em sua história¹⁵¹.

Lia Wyler afirma que a tradução oral, conforme mostram os registros documentais, teve início no achamento do Brasil, em 1500, na carta de Pero Vaz de Caminha, que descreve ao rei de Portugal a necessidade de utilizar mímica para se comunicar com os indígenas¹⁵². Silva-Reis e Bagno, a partir da leitura da tela *Fundação de São Vicente*, de Benedito Calixto (1853-1927), constataam a representação de intérpretes, possivelmente João Ramalho, Antônio Rodrigues e Cosme Fernandes Pessoa, que nessa pintura do século XIX foram retratados em diálogo com os indígenas. Segundo explicam, esse é um exemplo da tentativa de construção da história nacional que, de alguma forma, recupera, pelo registro visual, a importância do intérprete¹⁵³.

Conforme Silva-Reis e Bagno, o ato de interpretação favoreceu a conquista do território brasileiro pelos portugueses. Havia a necessidade de estabelecer uma comunicação, por meio de intérpretes, entre os povos indígenas e os europeus que aportaram em terras brasileiras, inicialmente, para a prática de escambo¹⁵⁴. Dessa maneira, estabeleciam as bases para a colonização, especialmente na dominação desses povos para a exploração de sua mão-de-obra, e também para imposição da religião católica, prática assumida pelos jesuítas¹⁵⁵. Presume-se, contudo, a existência de tradução oral entre os povos indígenas que habitavam o território antes do achamento, e o desenvolvimento de línguas francas para sua comunicação¹⁵⁶.

No século XVII, o país passou por uma grande transformação linguística. Além dos portugueses, que já ocupavam o território, o Brasil estava sendo disputado por outros povos, como os franceses, em São Luís do Maranhão, e os holandeses, em Pernambuco¹⁵⁷. Soma-se a eles, nesse período, os povos africanos, que foram trazidos à força, submetidos a diversas formas de violência, para serem escravizados no Brasil, o que demandou a função de intérprete entre os negros e negras nos navios, no início desse processo¹⁵⁸. Ademais, havia intérpretes de outras nacionalidades, tais como os franceses, no século XVI, que se aproximavam dos

¹⁵¹ SILVA-REIS, Dennys; BAGNO, Marcos. Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 81-108, set./dez. 2016. p. 81.

¹⁵² WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 36.

¹⁵³ SILVA-REIS, Dennys; BAGNO, Marcos. Op. cit., 2016. p. 85.

¹⁵⁴ Idem, ibidem. p. 86.

¹⁵⁵ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 39.

¹⁵⁶ Idem, ibidem. p. 31.

¹⁵⁷ SILVA-REIS, Dennys; BAGNO, Marcos. Op. cit., 2016. p. 91-92.

¹⁵⁸ SILVA-REIS, Dennys. O intérprete negro na história da tradução oral: da tradição africana ao colonialismo português no Brasil. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 1-42, 2018. p. 18-24.

indígenas e atuavam como agentes de informação¹⁵⁹, como no caso do Maranhão, na tentativa de estabelecer uma colônia¹⁶⁰. Assim sendo, o plurilinguismo se fez muito presente nesse período. Era preciso contar com o trabalho dos intérpretes – chamados de “os línguas” – para mediar a comunicação dessa diversidade de povos¹⁶¹.

No século XVIII, o país passou por mudanças econômicas, marcadas pela descoberta do ouro, que resultou no deslocamento de pessoas para Minas Gerais. Holandeses e franceses foram expulsos, muitos indígenas foram mortos e a língua portuguesa se tornou uma língua hegemônica¹⁶².

Compreende-se que os intérpretes se tornaram essenciais, no desenvolvimento do bilinguismo e do plurilinguismo, que envolveu a língua portuguesa, as línguas indígenas e as línguas africanas dos negros escravizados. Assim sendo, o panorama linguístico no Brasil colonial se alterou significativamente no decorrer do tempo, em razão das transformações históricas, políticas e sociais¹⁶³.

No século XIX, os intérpretes, que muitas vezes eram também médicos, diplomatas, missionários, negociantes etc., tiveram a sua profissão institucionalizada. Nessa época, esses profissionais eram muito requisitados, entre outras atividades de interpretação, para a comunicação entre as comunidades de imigrantes, que atuavam no cultivo de café no Sudeste e de borracha no Norte do país¹⁶⁴.

A tradução escrita, por sua vez, teve início com a vinda dos jesuítas em 1549, mas ficou limitada às esferas do ensino e da burocracia¹⁶⁵, devido à ausência de demanda¹⁶⁶, especialmente, e também em razão do analfabetismo da população menos favorecida, visto que as escolas coloniais eram reservadas à elite¹⁶⁷. Os missionários realizavam a evangelização dos indígenas, além de se ocuparem com o ensino nos colégios, restritos aos brancos. O contato com as línguas indígenas possibilitou a criação de gramáticas e dicionários, que posteriormente permitiram a tradução de materiais escritos para uso na evangelização¹⁶⁸. Nas escolas, a

¹⁵⁹ DELISLE, Jean. Os intérpretes franceses no Brasil no século XVI. Tradução de Dennys Silva-Reis e Marcos Bagno. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 1-11, 2018. p. 1-11.

¹⁶⁰ PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Franceses no Maranhão: Histórias de Intérpretes. p. 37-53. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). *Cinco Séculos de Presença Francesa no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 37-53.

¹⁶¹ SILVA-REIS, Dennys; BAGNO, Marcos. Op. cit., 2016. p. 91-92.

¹⁶² Idem, ibidem. p. 92-95.

¹⁶³ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 39-42.

¹⁶⁴ SILVA-REIS, Dennys; BAGNO, Marcos. Op. cit., 2016. p. 100-101.

¹⁶⁵ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 29.

¹⁶⁶ Idem, ibidem. p. 51.

¹⁶⁷ Idem, ibidem. p. 55.

¹⁶⁸ Idem, ibidem. p. 62.

tradução era também empregada como uma forma de ensino e aprendizagem do latim, útil para a leitura das obras da Antiguidade e de textos de outras áreas do conhecimento.

Um ponto muito importante a se considerar para o tardio desenvolvimento da tradução escrita é a proibição de impressão no Brasil e de criação de universidades. Os materiais impressos necessários à educação eram trazidos de Portugal, e as elites direcionavam seus filhos às instituições universitárias da Europa¹⁶⁹. Havia uma forte censura aos materiais direcionados ao Brasil, para que se adequassem aos ditos preceitos da fé e dos bons costumes¹⁷⁰.

Os registros mostram que são poucos os tradutores no século XVII, dentre os quais estão José de Anchieta (1534-1597), que produzia obras multilíngues¹⁷¹, especialmente textos religiosos nos quais procurava aproximar os conceitos cristãos à cosmologia indígena¹⁷², além de outros religiosos e o poeta barroco Gregório de Matos Guerra (1636-1696), que teria traduzido versos dos poetas espanhóis Luis de Góngora (1561-1627) e Francisco de Quevedo (1580-1645)¹⁷³.

No século XVIII houve um crescimento do número de tradutores, de diversas práticas profissionais e de temas, que englobaram também a tradução técnica. Entre eles, estão o frei João de Seixas da Fonseca (1690-1768), tradutor de obras sobre música¹⁷⁴; Antonio José da Silva (1705-1732), o Judeu, tradutor de peças teatrais; Tomé Joaquim Gonzaga (1738-1819), tradutor de peças italianas¹⁷⁵; e o sacerdote Domingos Caldas Barbosa (1738-1800), proeminente poeta e compositor da época¹⁷⁶.

No século XIX, sem dúvidas, o desenvolvimento da tradução escrita no Brasil deu um salto significativo. Como já explicamos mais acima, a vinda da Família Real e da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, alterou profundamente o contexto de produção de impressos no país, mudanças que fazem parte de um quadro de grandes transformações históricas, culturais, sociais e políticas. Em especial, destaca-se a criação, no mesmo ano, da Imprensa Régia, instaurando seu monopólio e dando fim à proibição de impressão em terras

¹⁶⁹ Idem, *ibidem*. p. 57.

¹⁷⁰ Idem, *ibidem*. p. 62.

¹⁷¹ Idem, *ibidem*. p. 63.

¹⁷² ALVES FILHO, Paulo Edson. *Tradução e sincretismo nas obras de José de Anchieta*. 2007. 205 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 50-56.

¹⁷³ LA REGINA, Silvia. Os sonetos de Gregório de Mattos. p. 139-155. In: ENCONTRO INTERNACIONAL GREGÓRIO DE MATTOS E GUERRA, 1996, Salvador. *Atas...* Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/CEB, 2000. p. 139-155.

¹⁷⁴ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 65.

¹⁷⁵ Idem, *ibidem*. p. 67.

¹⁷⁶ Idem, *ibidem*. p. 68.

brasileiras, apesar de ainda haver um mecanismo de censura ativo por mais alguns anos¹⁷⁷. As obras traduzidas passaram a ser impressas nessa primeira empresa tipográfica estabelecida oficialmente no Brasil.

Alguns professores da Academia Real Militar e de outras instituições educacionais e científicas traduziram obras impressas pela Impressão Régia. Entre eles, destaca-se o militar Manoel Ferreira de Araujo Guimarães (1777-1838), creditado como tradutor de *Elementos de Geometria*, do francês Adrien Marie Legendre (1752-1833). Além disso, traduziu mais oito livros, e foi possivelmente tradutor de *Elementos de álgebra*, de Leonhard Paul Euler (1707-1783)¹⁷⁸. O pesquisador Rogério Monteiro de Siqueira explica que a tradução de livros didáticos e científicos era um incentivo à formação dos professores da Academia, além de uma política da Coroa. Assim sendo, traduzir essas obras era uma forma de ascensão dentro da carreira militar¹⁷⁹.

A partir de 1821, com o fim do monopólio sobre a impressão, as obras traduzidas também passaram a encontrar espaço para serem impressas em outras tipografias instaladas na Corte e nas províncias brasileiras¹⁸⁰. Consequentemente, o número de livrarias se expandiu com o passar dos anos. No caso do Rio de Janeiro, especificamente, os livreiros e editores estrangeiros tiveram papel crucial para a publicação de obras traduzidas. Entre eles, especialmente o já mencionado francês Baptiste-Louis Garnier, que mandou traduzir, publicar e colocar à venda obras populares em seu país, de escritores como Alexandre Dumas, Victor Hugo, Jules Verne (1828-1905) e Théophile Gautier¹⁸¹, para citar apenas os autores de literatura, traduzidas para o português; e os irmãos alemães Ludwig Christian Eduard von Laemmert (1806-1880) e Heinrich Wilhelm Laemmert (1812-1884) – cujos nomes foram abasileirados como Eduardo e Henrique Laemmert – fundadores da Livraria Universal e da Typographia Universal, com suas impressionantes 400 traduções, publicadas entre 1850 a 1909¹⁸².

Nos anos 1870, trabalharam para o editor Baptiste-Louis Garnier dezessete tradutores, traduzindo um total de setenta e cinco romances, em sua ampla maioria franceses. Tal empreendimento editorial, que envolveu esse número de traduções, impactou o mercado

¹⁷⁷ Idem, *ibidem*. p. 77.

¹⁷⁸ Idem, *ibidem*. p. 81.

¹⁷⁹ SIQUEIRA, Rogério Monteiro. Edição e tradução de livros didáticos para a Academia Real Militar do Rio de Janeiro e sua circulação no mundo luso-brasileiro (1808-1833). p. 111-140. In: GRANJA, Lúcia; DE LUCA, Tania (org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018. p. 113-122.

¹⁸⁰ Idem, *ibidem*. p. 84.

¹⁸¹ Idem, *ibidem*. p. 87.

¹⁸² Idem, *ibidem*. p. 88.

editorial brasileiro¹⁸³. A diferença temporal entre a publicação das obras na França e suas traduções no Brasil, que em quarenta por cento dos casos corresponde a menos de seis meses, mostra a simultaneidade do que se estava publicando e lendo em ambos os lados do Atlântico¹⁸⁴. No caso das obras traduzidas do escritor Jules Verne, como mostra Valéria Cristina Bezerra, trabalharam como tradutores Jacintho Cardoso da Silva, João Fernandes Caldas, Salvador de Mendonça, A. A. Cardoso d’Almeida, M. R. Carneiro, Luiz Barbosa da Silva, Aureliano S. O. Coutinho, Fortunio e Antonio José Ferreira dos Reis, que traduziram 23 títulos¹⁸⁵. Suspeita-se que tais traduções, impressas no Brasil – diferentemente de obras de escritores brasileiros, que Garnier mandava imprimir na França –, não tivessem autorização do editor francês Pierre-Jules Hetzel¹⁸⁶, beneficiando, assim, esse editor francês que estabeleceu sua empresa editorial no Rio de Janeiro¹⁸⁷, visto que a proteção aos direitos autorais não alcançava os escritores estrangeiros com a mesma segurança como protegia os autores nacionais¹⁸⁸.

A partir dessas informações, que dão conta apenas de uma parte daquilo que Garnier editou, é possível considerar que esse editor francês, de certa forma, constituiu um projeto editorial de traduções de romances no Brasil. Como bem lembra Laurence Hallewell, “[...] somente a partir da metade da década de 1860, quando B. L. Garnier começou a publicar obras de ficção, é que teve início uma ampla produção de romances no Brasil, na forma de livros”¹⁸⁹. Não bastando apenas mandar traduzir, imprimir e colocar à venda, o próprio editor se engajou na divulgação das obras traduzidas. As muitas menções aos romances de Verne nos jornais brasileiros – anúncios de venda de livros, notas de publicação, artigos etc. –, entre os quais quase quarenta e cinco por cento pertencem à Garnier, mostram que as obras desse escritor eram estrategicamente projetadas pelo editor de suas traduções, a fim de influenciar o gosto dos leitores e de vender mais livros¹⁹⁰.

¹⁸³ BEZERRA, Valéria Cristina. “Le Tour du Monde” das obras de Jules Verne: uma análise da atuação internacional dos editores Pierre-Jules Hetzel e Baptiste-Louis Garnier. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 52-76, jan./abr. 2022. p. 65.

¹⁸⁴ BEZERRA, Valéria Cristina. Tradução e literatura nacional: um estudo do empreendimento editorial de B. L. Garnier (1870-1880). p. 85-99. In: SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de; MEDEIROS, Constantino Luz de (org.). *A História da Literatura como problema: reflexões sobre a crise permanente nos estudos diacrônicos de literatura*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2018. p. 91.

¹⁸⁵ BEZERRA, Valéria Cristina. Op. cit., 2022. p. 66-67.

¹⁸⁶ Idem, ibidem. p. 68.

¹⁸⁷ BEZERRA, Valéria Cristina. Op. cit., 2018. p. 92.

¹⁸⁸ Idem, ibidem. p. 92.

¹⁸⁹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 238.

¹⁹⁰ BEZERRA, Valéria Cristina. Op. cit., 2022. p. 72-73.

A tradução técnico-científica no Brasil, que teve início no século XIX, segundo explica Dennys Silva-Reis¹⁹¹, também foi praticada pelos tradutores brasileiros. Apesar desse tardio desenvolvimento da atividade de tradução e impressão de obras desse caráter no país, os saberes técnico-científicos chegavam em terras brasileiras, via tradução, a partir de Portugal. O conhecimento dessas áreas eram empregados, por exemplo, para a proteção das fronteiras da colônia, no desenvolvimento da arquitetura militar para a construção dos fortes e também nas técnicas e procedimentos de defesa do território, contra a invasão de outras nações¹⁹².

Houve uma importante circulação de textos técnicos traduzidos no século XVIII, sejam aqueles aprovados pela censura, sejam aqueles que eram difundidos clandestinamente, em traduções anônimas. Entre os tradutores, está o poeta Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), que traduziu, de Adam Smith (1723-1790), a obra *A riqueza das nações*, além de outros brasileiros pertencentes à Academia Real de Ciências de Lisboa¹⁹³.

Entre os anos de 1799 e 1801, a Typographia O Arco do Cego, de Lisboa, imprimiu obras traduzidas por portugueses e brasileiros, entre as quais havia livros sobre agricultura, que beneficiaram as províncias da Bahia e de Pernambuco¹⁹⁴. A pesquisadora Alessandra Oliveira Harden, que estudou a atuação do frei mineiro José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811), ressalta seu importante papel na direção dessa tipografia¹⁹⁵, na função de editor e administrador¹⁹⁶, sem deixar de lado o trabalho como tradutor de importantes obras, a exemplo de *O Fazendeiro do Brasil – O Cultivador*, que compila textos de autores estrangeiros, traduzidos para a língua portuguesa e destinados ao Brasil. Em dez volumes, a obra foi publicada entre 1798 e 1806¹⁹⁷.

Os textos de caráter didático também eram objeto de tradução no século XIX. Tendo em vista a necessidade de utilização de material para instrução nas escolas, várias obras de origem francesa – compêndios, dicionários, gramáticas, entre outros livros destinados ao ensino – eram traduzidas e empregadas nas salas de aula. Os professores atuavam como tradutores dessas

¹⁹¹ SILVA-REIS, Dennys. Por uma História da Tradução Técnico-Científica no Brasil do século XVI ao XIX. p. 15-34. In: ALVES, Daniel Antonio de Sousa; BRANCO, Sinara de Oliveira (org.). *Discussões Contemporâneas sobre os Estudos da Tradução: reflexões e desenvolvimentos a partir do IV Encontro Nacional de Cultura e Tradução*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. (Estudos da Tradução; n. 7). p. 16.

¹⁹² Idem, ibidem. p. 17-18.

¹⁹³ Idem, ibidem. p. 19.

¹⁹⁴ Idem, ibidem. p. 21.

¹⁹⁵ OLIVEIRA HARDEN, Alessandra Ramos de. Os tradutores da Casa do Arco do Cego e a ciência iluminista: a conciliação pelas palavras. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 50, n. 2, p. 301-320, jul./dez. 2011. p. 303-305.

¹⁹⁶ OLIVEIRA HARDEN, Alessandra Ramos de. Brasileiro tradutor e/ou traidor: Frei José Mariano da Conceição Veloso. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 23, p. 131-148, 2009. p. 135.

¹⁹⁷ Idem, ibidem. p. 137.

obras, por vezes adaptando seu conteúdo para melhor compreensão dos alunos. Os materiais traduzidos do francês se tornavam paradigma da produção didática no Brasil, e os tradutores eram considerados, por lei, autores das obras que traduziam para a língua portuguesa¹⁹⁸.

Os textos científicos também se difundiam por jornais e revistas no Oitocentos, que aproximavam os conhecimentos ao grande público. Por exemplo, a editora Garnier criou, em 1859, a *Revista Popular*, que publicava textos traduzidos de periódicos estrangeiros. Os textos traduzidos, publicados nessa e em outras revistas brasileiras, passaram a servir de modelo para a produção científica nacional, o que mostra que a tradução beneficiou também os produtores de conhecimento no país, além dos próprios leitores¹⁹⁹.

A tradução de obras clássicas latinas e gregas para o português foi uma atividade na qual se dedicaram alguns proeminentes literatos brasileiros e portugueses do século XIX. Destaca-se, especialmente, o maranhense Manoel Odorico Mendes (1799-1864), tradutor das obras de Virgílio (70 a.C.-19 a.C.) e Homero (928 a.C.-898 a.C.). Odorico Mendes alcançou notoriedade única dentro e fora do país com suas traduções, segundo o pesquisador Brunno Gonçalves Vieira, que estudou a recepção de suas traduções no Oitocentos brasileiro²⁰⁰. Filiado à poética tradutória do português Filinto Elísio (1734-1819), foi aclamado por seus pares brasileiros – entre eles, Machado de Assis e Gonçalves Dias (1823-1864). Teve D. Pedro II (1825-1891) como mecenas, além de compartilhar com ele a admiração pelo tradutor português²⁰¹. A prática tradutória de Odorico Mendes pode ser compreendida pelo “viés literalizante”, na reprodução do estilo dos escritores quinhentistas, na criação de neologismos – objetivando o enriquecimento da língua portuguesa – e no emprego de notas e comentários para defender suas escolhas tradutórias e para contextualizar a cultura da Roma Antiga²⁰².

Não se pode esquecer do tradutor de latim José Feliciano de Castilho (1810-1879), português que veio ao Brasil em 1847 e aqui permaneceu até sua morte. Grande divulgador da literatura clássica em nosso país, foi também jornalista, editor e filólogo²⁰³. Foi admirado por literatos de sua época, tais como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895) e Machado de Assis²⁰⁴. Seu irmão António Feliciano de Castilho (1800-1875), Visconde

¹⁹⁸ SILVA-REIS, Denny. Op. cit., 2019. p. 21-22.

¹⁹⁹ Idem, ibidem. p. 28-29.

²⁰⁰ VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. Recepção de Odorico Mendes: (a)casos de crítica de tradução no séc. XIX. *Phaos*, Campinas, n. 10, p. 139-154, 2010. p. 140.

²⁰¹ Idem, ibidem. p. 147-149.

²⁰² Idem, ibidem. p. 142.

²⁰³ VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. Um tradutor de latim sob D. Pedro II: perspectivas para a história da tradução da Literatura Greco-Romana em português. *Revista Letras*, Curitiba, n. 80, p. 71-87, jan./abr. 2010. p. 71-72.

²⁰⁴ Idem, ibidem. p. 76-77.

de Castilho, poeta romântico português, foi também importante tradutor. Recebido no Brasil por D. Pedro II, divulgou seu Método Castilho de alfabetização. Considerado figura essencial para o Romantismo Português, traduziu, entre outras obras, *Os Amores*, de Ovídio, poema com conteúdo erótico, livro publicado no Rio de Janeiro, em 1858, com notas de seu irmão²⁰⁵.

D. Pedro II, Imperador do Brasil, também se dedicou à prática de tradução. Sua notável erudição, fruto de seu grande interesse pelas culturas e línguas do Ocidente e do Oriente, adquiriu contornos concretos em sua prática tradutória, tendo-se em vista os textos por ele traduzidos a partir de diversas línguas. No âmbito das obras clássicas, está sua tradução *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo (525 a.C.-456 a.C.). Diretamente do hebraico, traduziu alguns livros da Bíblia²⁰⁶, e diretamente do sânscrito, traduziu trechos de *Hitopadeśa*, coleção de histórias de antes do século XIV. Traduziu também *As mil e uma noites* diretamente do árabe, além de dois cantos da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1265-1321), e alguns poemas, cantos religiosos e textos diversos²⁰⁷. Tinha, portanto, grande interesse em questões de linguagem e em literatura de outras culturas, empregando a tradução como uma forma de exercitar seu conhecimento nas línguas²⁰⁸. O Imperador do Brasil era também um incentivador de traduções. Por exemplo, estimulou João Cardoso de Menezes e Souza (1827-1915), Barão de Paranapiacaba, para que ele traduzisse *Prometeu Acorrentado*. Ele acabou publicando em duas traduções no mesmo livro, uma com predomínio de rimas²⁰⁹, que foi considerada um “equivoco” por Haroldo de Campos²¹⁰, e outra com decassílabos soltos²¹¹, da qual o poeta e tradutor ressaltou “surpreendentes soluções”²¹².

O teatro no Brasil, durante o período colonial, era traduzido por jesuítas. Conhecidos como autos, as peças traziam, além dos milagres, ensinamentos e um forte apelo moral. De

²⁰⁵ VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. *Entre dois impérios: traduções latino-portuguesas do séc. XIX*. 2017. 97 p. Tese (Livre-docência em Letras Clássicas) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2017. p. 58-59.

²⁰⁶ MAFRA, Adriano. Orientalismo e tradução: a questão dos nomes próprios na tradução do livro do *Hitopadeśa*. p. 95-116. In: SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Roseane de; ROMANELLI, Sergio (org.). *Dom Pedro II: um tradutor imperial*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. p. 96-98.

²⁰⁷ SOUZA, Rosane de. *Edição genética da tradução das Mil e uma noites de D. Pedro II*. 2015. 743 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. p. 87-88.

²⁰⁸ SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Roseane de; ROMANELLI, Sergio. Introdução – *Dom Pedro II: um tradutor imperial*. p. 11-37. In: SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Roseane de; ROMANELLI, Sergio (org.). *Dom Pedro II: um tradutor imperial*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. p. 21-24.

²⁰⁹ SANTOS, Ricardo Neves dos. *Prometeu Acorrentado e as poéticas tradutórias de João Cardoso de Menezes e Dom Pedro II*. 2020. 304 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. p. 58-59.

²¹⁰ CAMPOS, Haroldo de. O Prometeu dos barões. In: ALMEIDA, Guilherme de; VIEIRA, Trajano. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997. (Signos; v. 22). p. 237.

²¹¹ SANTOS, Ricardo Neves dos. Op. cit., 2020. p. 58-59.

²¹² CAMPOS, Haroldo de. Op. cit., 1997. p. 237.

acordo com Lia Wyler, os autos, apesar de estarem circunscritos a uma tradição medieval incorporaram, em nosso território, um estilo próprio, constituindo-se como textos multilíngues, com canções advindas de uma variedade de línguas: portuguesa, indígena, espanhola e latim²¹³.

O primeiro auto escrito no país foi o *Auto da pregação universal*, por José de Anchieta, que transladou a peça para o nheengatu e para o português, o que a tornou acessível aos habitantes da colônia, tenham sido eles indígenas ou europeus. Ele também traduziu mais onze autos, mas não foi o único tradutor atuante no século XVI²¹⁴.

Com o tempo, entre os séculos XVII e XVIII, a atividade cênica com intuito catequético foi diminuindo devido às invasões holandesas e francesas, bem como às revoltas nativistas²¹⁵. A encenação de peças começou a ter maior espaço no país com a construção de Casas de Ópera e Comédia, em Recife, em Salvador, em Porto Alegre, no Rio de Janeiro, em Itaboraí, em Campos, em São Paulo e em Diamantina²¹⁶. Membros da Conjuração Mineira traduziram algumas peças, a exemplo de Alvarenga Peixoto (1744-1792), que traduziu *Mérove*, e Cláudio Manuel da Costa, que traduziu peças do italiano Pietro Metastasio (1698-1782). No Rio de Janeiro, o tenente-coronel Antônio Nascentes Pinto (1740-1812) também se ocupava da tradução de peças²¹⁷.

Apesar das diversas traduções teatrais realizadas no Brasil, não havia no país um espaço dedicado exclusivamente ao teatro, como nos moldes europeus. A construção do primeiro grande teatro brasileiro, inaugurado em 1813, sob o nome Real Theatro de São João, foi ordenada somente após a chegada da Corte²¹⁸. Outros espaços teatrais foram construídos, mas ainda assim, a produção teatral brasileira era insuficiente, sendo necessário recorrer a obras estrangeiras, o que exigia a tradução de peças de famosos autores europeus, tais como Molière, Racine, Alexandre Dumas, Victor Hugo, Goethe (1749-1832), entre outros²¹⁹.

Os escritores responsáveis pelas traduções eram respeitados literatos, políticos, jornalistas etc., tais como Machado de Assis, Arthur Azevedo (1855-1908), Quintino Bocaiúva (1836-1912), Francisco José Pinheiro Guimarães (1832-1877), Antonio Rego, Francisco Moreira Sampaio (1851-1901), Luiz Vicente Simoni (1792-1881) e José Joaquim Vieira Souto. Empresários como Joaquim Heliodoro e João Caetano realizavam encenações de muitas peças

²¹³ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 94.

²¹⁴ Idem, ibidem. p. 94-95.

²¹⁵ Idem, ibidem. p. 95.

²¹⁶ Idem, ibidem. p. 96-97.

²¹⁷ Idem, ibidem. p. 96-97.

²¹⁸ Idem, ibidem. p. 98.

²¹⁹ Idem, ibidem. p. 99.

estrangeiras traduzidas. João Caetano foi também um talentoso ator, prestigiado ainda em vida por seus pares do ramo artístico²²⁰.

A Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, estabelecida em 1857 para formar os dramaturgos e desenvolver a arte dramática nacional, tinha em seu repertório muitas peças traduzidas, frente a um incipiente número de peças nacionais, o que parece ser um contrassenso. Embora se saiba que a tradução, a adaptação ou a paródia de peças estrangeiras tenha contribuído para fomentar o teatro nacional – visto que tradutores também escreviam suas próprias peças, a exemplo de Joaquim Norberto de Sousa Silva (1820-1891) –, a profusão dessas traduções na cena teatral levou Machado de Assis a lastimar essa forma de dependência pelas peças traduzidas²²¹.

O Conservatório Dramático Brasileiro (1843-1871), fundado para aprimorar a produção teatral nacional, foi também uma instituição de censura, visto que era responsável por analisar as peças originais e traduzidas, sob o parâmetro da moral, dos bons costumes, da religião e de preservação da língua, para que fossem adequadas à encenação nos teatros da Corte²²². Assim sendo, as peças estrangeiras traduzidas, majoritariamente francesas, que traziam ideais emancipatórios, tinham que ser adaptadas à realidade brasileira, a fim de não incentivar mudanças políticas²²³. Trabalharam como censores do Conservatório importantes literatos – escritores e tradutores –, entre eles Martins Pena, Machado de Assis e Odorico Mendes²²⁴.

No século XIX, a tradução de poesia teve um importante espaço na produção poética brasileira. Os literatos, que de alguma forma tiveram contato com poetas estrangeiros, atuavam também como tradutores de poetas como Lamartine e Victor Hugo, a exemplo do pernambucano Maciel Monteiro (1804-1868)²²⁵. Gonçalves de Magalhães, autor de *A Confederação dos Tamoios*, foi tradutor de Lamartine, “um dos autores mais traduzidos pelos nossos românticos”²²⁶. Gonçalves Dias, que sabia alemão, verteu poemas de Ludwig Uhland (1787-1862), Johann Gottfried von Herder (1744-1803) e Heinrich Heine (1797-1856), além de um drama de Friedrich Schiller (1759-1805). Além disso, traduziu Victor Hugo, assim como também o fez Castro Alves (1847-1871), que se aventurou ainda na tradução de Lord Byron

²²⁰ Idem, *ibidem*. p. 99.

²²¹ Idem, *ibidem*. p. 99-100.

²²² SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *As noites do Ginásio: teatro e tensões culturais na corte (1832-1868)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; CECULT, 2002. p. 145.

²²³ AMORIM, Mariana de Oliveira. *Folhetins Teatrais e Conservatório Dramático Brasileiro: o espetáculo francês nos palcos da corte (1843-1864)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. p. 17.

²²⁴ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 100-101.

²²⁵ PAES, José Paulo. Op. cit., 1990. p. 16.

²²⁶ Idem, *ibidem*. p. 16.

(1788-1824), de José de Espronceda (1808-1842) e de Alfred de Musset (1810-1857), entre outros²²⁷.

Os poemas de Lord Byron foram uma febre entre os estudantes da Academia de Direito de São Paulo em meados do século XIX. Alguns deles se tornaram reconhecidos poetas da segunda geração do Romantismo brasileiro, denominada geração “byroniana”²²⁸. Muitos traduziram poemas do célebre poeta inglês, mas aqueles que tiveram uma produção tradutória mais numerosa foram Francisco José Pinheiro Guimarães, Francisco Octaviano de Almeida Rosa (1826-1889) e João Cardoso de Menezes e Souza, o já mencionado Barão de Paranapiacaba²²⁹.

Sabe-se também que os poemas de Charles Baudelaire (1821-1867) influenciaram os poetas brasileiros do fim do século, os chamados “primeiros baudelairianos”, retomando a expressão de Antonio Candido, em seu célebre ensaio sobre “a função estética e histórica da influência do poeta francês”²³⁰ em Teófilo Dias, Carvalho Júnior e Fontoura Xavier, que verteram poemas do autor de *Les Fleurs du mal* nos anos 1870 e 1880²³¹. Traduziram, adaptaram e parafrasearam seus poemas, mais com o objetivo de se filiar à estética baudelairiana e menos com o objetivo de divulgar a obra do poeta no Brasil²³². É possível considerar, aliás, que muitos outros poetas brasileiros estariam, de certa forma, relacionados a Baudelaire, como explica Gloria Carneiro do Amaral, em razão de terem se utilizado, de alguma forma, de seus poemas, por exemplo, em epígrafes²³³. Contudo, sabe-se que, antes desses poetas mencionados por Antonio Candido, traduziram Baudelaire o gaúcho Carlos Augusto Ferreira (1844-1913), que inseriu um poema traduzido em seu próprio livro de 1872²³⁴, e o catarinense Luiz Delfino (1834-1910), cuja tradução, datada de 1871, seria publicada apenas em 1934²³⁵. Apesar de Baudelaire ter sido traduzido por mais de sessenta poetas brasileiros, a tradução completa de *Les Fleurs du mal* só apareceria em 1958, feita por Jammil Almansur Haddad (1914-1988)²³⁶.

²²⁷ Idem, *ibidem*. p. 16-17.

²²⁸ BARBOSA, Onédia Célia de Carvalho. Imprensa acadêmica paulista: descoberta de Byron. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 2, p. 183-191, 20 dez. 1973. p. 183.

²²⁹ Idem, *ibidem*. p. 183-184.

²³⁰ AMARAL, Gloria Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: Annablume, 1996. (Parcours). p. 9.

²³¹ CANDIDO, Antonio. Os primeiros Baudelairianos. p. 23-38. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 23.

²³² MEIRELLES, Ricardo. *Les Fleurs du mal* antes de *As flores do mal*: os primeiríssimos baudelairianos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 38, n. esp. Baudelaire 150 anos, p. 113-134, ago./dez. 2018. p. 115.

²³³ AMARAL, Gloria Carneiro do. Op. cit., 1996. p. 29-30.

²³⁴ MEIRELLES, Ricardo. Op. cit., 2018. p. 118.

²³⁵ Idem, *ibidem*. p. 123.

²³⁶ Idem, *ibidem*. p. 114.

Depois de mencionados todos esses exemplos, compreendemos que abordamos, neste breve panorama sobre a tradução no Brasil até o século XIX, em suas modalidades oral e escrita, alguns dos mais conhecidos tradutores e intérpretes, apesar de não termos apresentado, por não ser nosso objetivo esgotar o assunto, alguns outros que também fizeram parte História da Tradução no Brasil. No caso da tradução escrita, mencionamos os tradutores e algumas obras no âmbito da literatura – poesia e teatro –, e no âmbito dos trabalhos técnicos, alguns dos quais julgamos importante destacar. Assim sendo, é necessário, para completar nosso breve quadro, ressaltar a importância da tradução do romance-folhetim e de seus tradutores. Portanto, discutiremos, a seguir, a respeito do surgimento desse gênero no espaço midiático do jornal, para depois discorrer sobre a tradução de narrativas serializadas para o português, bem como apresentaremos alguns de seus tradutores e discutiremos a respeito de sua invisibilidade, manifestada pelo anonimato de suas traduções.

1.3 Romances-folhetins: imprensa, tradutores e invisibilidade

Inaugurado no *Journal des débats*, em 1800²³⁷, o folhetim foi, na França, primeiramente, um espaço jornalístico que recebia textos diversos, entre crítica teatral, crítica de música, variedades etc., e depois se transformou num gênero literário, que modificou o hábito de leitura dos franceses, conforme explica Jean-Yves Mollier²³⁸. A partir de 1836, segundo definem Marie-Ève Thérenty e Alain Vaillant, com a criação do jornal francês *La Presse*, fundado por Émile de Girardin, teve início a “era midiática”²³⁹. Em seu jornal, Girardin inovou por meio da inserção da prosa ficcional no rodapé, pela criação do espaço de publicidade, para compensar o preço reduzido de assinatura, e pela criação de rubricas para o conteúdo cultural. Dessa maneira, inseriu, num mesmo suporte, as notícias jornalísticas e o entretenimento, construindo, assim, o modelo francês de imprensa, que já abordava as práticas culturais ao lado das notícias²⁴⁰.

²³⁷ DUMASY-QUEFFÉLEC, Lise. Le feuilleton. p. 925-936. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (org.). *La Civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011. p. 925.

²³⁸ MOLLIER, Jean-Yves. As origens do romance-folhetim: do espaço textual ao recorte de uma obra de ficção. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 17-36, set./dez. 2018. p. 18.

²³⁹ THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. 1836: L’an 1 de l’ère médiatique: Analyse littéraire et historique de *La Presse* de Girardin. Paris: Nouveau Monde, 2001.

²⁴⁰ Idem, ibidem. p. 11.

A literatura e o jornalismo passaram a se alimentar mutuamente, nessa inovadora forma de expressão midiática cotidiana e coletiva, que é o jornal²⁴¹. Essa nova configuração da imprensa, que se torna parte essencial da sociedade moderna, veiculando os ideais políticos, culturais e filosóficos, atinge uma escala de “globalização midiática”²⁴². O modelo francês de imprensa foi, então, exportado para outras localidades, tendo sido acolhido no Brasil.

De acordo com Lise Andries e Lúcia Granja, o desenvolvimento da imprensa impactou as formas de leitura e escrita, bem como a percepção do mundo e do tempo. As notícias diárias passaram a fazer parte da leitura de um público maior, de forma coletiva, o que dava a impressão de uma percepção ampliada da atualidade. Nesse contexto, as literaturas nacionais encontraram na imprensa um espaço que não poderia ser ignorado, apesar das críticas sobre a relação entre literatura e imprensa, tais como o célebre texto do crítico literário francês Sainte-Beuve (1804-1869), “De la littérature industrielle”, que sentenciou o fracasso da produção literária em grande escala²⁴³. Tal condenação contrasta com o fato de que a maioria das importantes obras literárias do século XIX, atualmente consagradas pela crítica, tenham sido publicadas na imprensa²⁴⁴.

O romance-folhetim é um exemplo de estratégia de publicação que moldou as práticas de leitura. Roger Chartier explica que essas práticas

[...] criaram novos gêneros de textos mais baratos e disponíveis, por exemplo, a um consumidor “popular” (primeiro os livretos para venda ambulante; mais tarde as coleções populares e os jornais), ofereceu-se ao público um número cada vez mais amplo e diversificado de materiais de leitura. Nesse sentido, a liberdade de escolha dos leitores só poderia ser exercida dentro de um conjunto previamente constituído com base em interesses e preferências que não eram necessariamente os seus. Mesmo se tais preferências não fossem sempre puramente comerciais, eram elas que governavam as decisões de publicação e determinavam que repertório de textos poderia ser proposto²⁴⁵.

²⁴¹ THÉRENTY, Marie-Ève. Op. cit., 2007. p. 47-77; THÉRENTY, Maria Ève. Métamorphoses littéraires. 1. La littérature-journal. p. 1509-1521. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (org.). *La Civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011. p. 47-77.

²⁴² VAILLANT, Alain. Identités nationales et mondialisation médiatique. p. 115-144. In: ANDRIES, Lise; SUÁREZ DE LA TORRE, Laura (org.). *Impressions du Mexique et de France*. Paris: Maison des sciences de l’homme; México: Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 2009. p. 115-116.

²⁴³ ANDRIES, Lise; GRANJA, Lúcia. Introdução: o folhetinista e o colibri. Escritas do jornal e da literatura, França-Brasil, século XIX. p. 11-21. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França: século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 13-14

²⁴⁴ GIMENEZ, Priscila Renata. *Folhetins teatrais e transferências culturais franco-brasileiras no século XIX: questões de uma edição da Semana Lírica de Martins Pena*. v. 1, 276 p.; v. 2, 601 p. 2014. Tese (Doutorado em Letras; Doutorado em Literatura Francesa) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto; Universidade Paul Valéry – Montpellier III, Montpellier, 2014. v. 1, p. 14.

²⁴⁵ CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. p. 19-31. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura). p. 30.

De fato, o gênero folhetinesco, uma vez inserido no jornal, beneficiou-se do suporte diário para alcançar mais leitores, em razão da facilidade de aquisição de jornais, mais baratos que os livros. O fatiamento da narrativa contribuiu também para que os leitores se prendessem às edições subsequentes do jornal, até que o romance chegasse ao fim e fosse publicado em livro, tornando possível, assim, saber o final da história. As leituras poderiam ser individuais e silenciosas, o que também abria espaço para as obras de conteúdo licencioso, ou mesmo em grupo e em voz alta, nos serões das famílias, a exemplo do que testemunha José de Alencar a respeito da leitura de romances em momentos de convívio com seus familiares²⁴⁶. Tal forma de leitura poderia alcançar, assim, pessoas com pouca ou nenhuma alfabetização, mas que participavam como ouvintes e assim compunham, num sentido mais amplo, parte do público consumidor dessas histórias. Segundo explica Marlyse Meyer, o romance-folhetim foi acolhido nessas práticas já existentes de leitura, o que contribuiu para o seu sucesso²⁴⁷.

Mas não foi somente esse importante gênero literário e jornalístico publicado no rodapé dos jornais que encontrou seu espaço nesse suporte midiático. Conforme explica Marie-Ève Thérénty, a crônica nasceu nesse mesmo contexto da “civilização do jornal”. Publicadas no *La Presse* a partir de 1836, as crônicas semanais eram escritas por Delphine de Girardin (1804-1855)²⁴⁸, que estabeleceu uma nova forma de relatar o cotidiano, maneira que “se ocupará da descrição, tanto do ordinário como do excepcional, no que diz respeito aos costumes e eventos mundanos”²⁴⁹. A cronista deixou de lado, assim, o formato da simples descrição dos acontecimentos, como se fazia anteriormente, para dar um tratamento diferenciado aos fatos diários. A crônica tornou-se um “espaço da convivência com seu leitor”²⁵⁰, numa forma de articulação “através do uso de interlocuções constantes para com o público e o emprego da segunda pessoa do plural”²⁵¹.

Contudo, a crônica, segundo explica Jefferson Cano, demoraria a ser inserida no espaço do folhetim dos jornais brasileiros. O *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, o primeiro a

²⁴⁶ ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893. p. 19-22. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4647/1/001761_COMPLETO.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

²⁴⁷ MEYER, Marlyse. Op. cit., 1996. p. 33-34.

²⁴⁸ THÉRENTY, Marie-Ève. Escrever folhetins e continuar brasileiro é realmente difícil? O folhetim de crônica parisiense como matriz do jornalismo literário no século XIX. p. 57-72. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França: século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 63.

²⁴⁹ Idem, *ibidem*. p. 64.

²⁵⁰ Idem, *ibidem*. p. 65.

²⁵¹ Idem, *ibidem*. p. 65.

receber o romance-folhetim, no final da década de 1830, publicava no rodapé também a crítica teatral, a exemplo do que fez com os textos de Martins Pena (1815-1848), entre 1846 e 1847, em seus artigos da “Semana Lírica”, no qual escrevia, semanalmente, a respeito dos espetáculos líricos da Corte²⁵². Conforme explica Priscila Renata Gimenez, o comediógrafo, em seus folhetins teatrais, assimilou a rubrica dramática francesa, empregando a ironia e a ficção como particularidades de sua escrita²⁵³. A crônica semanal foi se fixar nesse importante jornal brasileiro apenas em 1852, em textos escritos por Francisco Otaviano (1825-1889), apesar de terem existido crônicas, escritas por José Maria da Silva Paranhos (1819-1880), que foram publicadas na seção “Comunicados”²⁵⁴.

Nos jornais brasileiros, os jornalistas-escretores do século XIX, a exemplo de Machado de Assis, encontraram espaço para desenvolver sua escrita, que reunia elementos da literatura e do jornalismo, da notícia e da ficção, estabelecendo um diálogo entre a parte alta e a parte baixa dos jornais. Escreviam sobre política, literatura, teatro etc., exercitando sua criatividade, por exemplo, com o emprego de recursos retóricos, de ironia, de citações, do diálogo com o leitor etc., como fazia nosso escritor maior. Dessa maneira, desenvolviam o gênero do folhetim-variedades nas folhas públicas, estabelecendo as características próprias desse gênero na imprensa do país, a partir de um processo de transferência cultural entre a França e o Brasil²⁵⁵.

Esse processo de transferência cultural, como nos explica Michel Espagne, resulta numa transformação de sentidos, que deve ser entendida à luz das especificidades das línguas e culturas envolvidas²⁵⁶. No caso da crônica, por exemplo, havia uma maior liberdade em relação às rubricas nos jornais do Brasil do que havia nos jornais da França, conforme ressalta Lúcia Granja²⁵⁷. Desse modo, institui-se um gênero literário e jornalístico, com características originais – segundo explica Antonio Candido²⁵⁸ –, muito importante na imprensa brasileira.

Ainda com relação às transferências culturais, compreendemos que também o fenômeno da tradução do romance-folhetim, de alguma forma, possa ser entendido a partir dessa noção,

²⁵² CANO, Jefferson. Nas trilhas da crônica: literatura e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX. p. 73-106. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França: século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 77.

²⁵³ GIMENEZ, Priscila Renata. Op. cit., 2014. v. 1, p. 238-243.

²⁵⁴ Idem, ibidem. p. 77-78.

²⁵⁵ GRANJA, Lúcia. França e Brasil: transferências da crônica e do folhetim-variedades. p. 115-133. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012. p. 115-133.

²⁵⁶ ESPAGNE, Michel. A noção de transferência cultural. Tradução de Dirceu Magri. *Jangada*, Viçosa, n. 9, p. 136-147, jan./jun. 2017. p. 145.

²⁵⁷ GRANJA, Lúcia. Op. cit., 2012. p. 115-133.

²⁵⁸ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. p. 26-34. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. 3a. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 28.

embora não tenhamos o objetivo de fazer um aprofundamento nas especificidades dessas transferências nesta tese, na qual nos concentramos nos tradutores. Espagne explica que a “[t]radução evidencia o fato de que os conceitos estão enraizados em contextos semânticos e que o deslocamento do contexto semântico relacionado à tradução representa uma nova construção de sentido”²⁵⁹. À vista disso, a tradução constrói um novo sentido não somente porque os tradutores fazem um processo de transposição de um texto de uma língua de chegada para uma língua de partida, bem como porque outros agentes interferem nesse processo – a exemplo dos editores, que escolhem o que será ou não traduzido e publicado –, mas também porque modifica-se o contexto no qual as obras se inserem – jornais diferentes, culturas e línguas distintas e, conseqüentemente, leitores diversos –, embora as imprensas periódicas dos dois contextos, guardadas as devidas proporções, tenham características similares, especialmente em virtude da decisiva influência francesa no desenvolvimento da imprensa brasileira.

O tradutor literário, em meio a esses processos de transferência cultural, pode ser entendido como um importante mediador entre as culturas de partida e de chegada, também porque, ao traduzir uma obra literária, deixa suas marcas no texto traduzido, a depender de suas próprias crenças a respeito do que seria uma tradução, de sua experiência, das normas tradutórias – conforme conceitua Gideon Toury, são “valores gerais ou ideias compartilhadas por uma comunidade – sobre o que é certo ou errado, adequado ou inadequado”²⁶⁰ –, do seu conhecimento cultural, do seu conhecimento sobre os gêneros textuais/discursivos, de sua proficiência linguística, do estágio de sua profissionalização, da interferência de outros agentes – instituições ou pessoas que incentivam ou censuram “a leitura, a escrita e a reescrita da literatura”, retomando a explicação de André Lefevere para o conceito de “patronagem”²⁶¹ –, entre muitos outros fatores. Conseqüentemente, a tradução, como resultado do trabalho do tradutor, pode ser decisiva para a orientação das interpretações possíveis dos textos nas culturas para as quais foram traduzidos, tendo em vista os movimentos de aproximação e/ou distanciamento de um texto traduzido entre o contexto de partida e o contexto de chegada, movimentos que não devem ser entendidos como pertencentes unicamente a um lado ou outro do processo, a partir de critérios mutuamente excludentes.

²⁵⁹ ESPAGNE, Michel. Op. cit., 2017. p. 145.

²⁶⁰ TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies – and beyond*. 2nd expanded ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2012. p. 63.

²⁶¹ LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge, 1992. p. 15.

Nessas mediações entre culturas, nesses processos de transferências culturais, é necessário enfatizar o papel dos tradutores como mediadores, como aqueles que, durante muitos séculos, segundo explica Peter Burke, foram imprescindíveis para a difusão dos saberes na Europa moderna, nas esferas literária, política, religiosa, filosófica etc.²⁶². Assim sendo, consideramos que a tradução de romances-folhetins se inscreve nesse quadro maior de contato cultural entre a França e o Brasil no século XIX, para o qual os tradutores devem ser (re)conhecidos como mediadores entre essas duas culturas.

A atuação dos tradutores literários no Brasil não teve início na prática de tradução de romances-folhetins estrangeiros. As obras literárias em outras línguas, em especial as de narrativa ficcional – romances, novelas, lendas etc., qualquer que seja a nomenclatura dada naquela época –, já eram objeto de tradução e publicação no Brasil, no formato de livro, desde a fundação da Imprensa Régia, em 1808, como já discutimos. Contudo, o advento do romance-folhetim na imprensa brasileira certamente marcou a prática de tradução da prosa de ficção, especialmente em razão do suporte no qual o texto traduzido passou a ser publicado, de forma diária e com mais intensidade – embora existissem experiências de publicação de narrativas traduzidas anteriores aos romances-folhetins na imprensa –, e em virtude da necessidade de trazer as novidades literárias francesas aos leitores brasileiros. Assim sendo, o início do fenômeno da tradução desse gênero literário do francês para o português pode ser considerado um marco importante para o desenvolvimento da prática de tradução literária no Brasil²⁶³, em virtude da demanda de uma produção tradutória mais acelerada e volumosa, a fim de garantir certa simultaneidade de publicação entre a França e o Brasil, a julgar pelo estágio do desenvolvimento tecnológico do século XIX, que tornavam menores, paulatinamente, as distâncias espaciais e temporais, permitindo até mesmo que um romance ainda inacabado nos jornais franceses fosse traduzido e publicado nos jornais brasileiros.

O primeiro deles a publicar folhetins traduzidos, o *Jornal do Commercio*, importante folha pública carioca, iniciou a produção de traduções dessas obras em 1838, apesar de delimitar o rodapé como seu espaço apropriado em 1839. Ao dar início à publicação de narrativas desse gênero no Brasil, o proprietário do jornal, Villeneuve, desenvolveu, de certa forma, um empreendimento editorial de tradução, ainda que de maneira incipiente, se comparada ao que realizou Garnier algumas décadas depois. Ao mesmo tempo em que alimentava o rodapé do

²⁶² BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. p. 13-46. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (org.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 13-46.

²⁶³ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 89.

jornal diário, aproveitava sua tipografia para produzir o que imaginamos serem pequenas brochuras dos folhetins – a julgar por alguns anúncios que indicam os preços baixos desses impressos –, sem contar a publicação de algumas dessas obras em língua francesa no Rio de Janeiro, por meio de seu jornal *L'Écho Français*. O aproveitamento da tipografia do *Jornal do Commercio* para a impressão desses romances-folhetins, fenômeno que alcançou inclusive obras não-literárias, conforme relatado por estudiosos e compreendido em detalhes por Odair Dutra Santana Júnior²⁶⁴, mostra que não havia uma separação entre o mundo do jornal e o mundo dos livros, não somente porque podiam ser impressos pelos mesmos equipamentos. Esclareceremos mais a respeito disso, inclusive abordando os primeiros tradutores desses romances-folhetins, no capítulo seguinte.

Retomando Lia Wyler, apesar da importância do livro como suporte para as obras traduzidas no Brasil do século XIX, não se pode esquecer de duas vertentes da tradução escrita, especialmente a literária, que tiveram papel crucial para o desenvolvimento da prática tradutória no Oitocentos brasileiro: a tradução de peças teatrais e a tradução de romances-folhetins para os jornais e para as revistas²⁶⁵.

O romance-folhetim foi o fio que conduziu o romance popular europeu, vendido de porta em porta, à nossa novela televisiva e assegurou, juntamente com o teatro, o desenvolvimento da tradução no século XIX. Embora o folhetim e o teatro sejam gêneros que se qualifiquem como modalidades de tradução escrita, é curioso perceber que prosperaram à margem do livro. O romance-folhetim, porque era publicado no rodapé dos jornais tornados baratos pela invenção da rotativa; e o teatro porque, para se encenar uma peça, bastava escrever à mão ou datilografar as falas dos atores e as indicações de sua encenação²⁶⁶.

Apesar do que declara a pesquisadora e tradutora a respeito da prosperidade do folhetim nos jornais e das peças teatrais disseminadas de forma manuscrita, como se estivessem quase desvinculados da esfera de produção de impressos e do mercado do livro, sabemos que ambas as áreas de tradução – romance-folhetim e teatro –, sem dúvidas, tiveram uma relação muito próxima com o mercado editorial brasileiro, como já mencionamos anteriormente. Não entraremos na questão das formas de reprodução e disseminação do texto teatral, contudo sabemos ao menos que as peças poderiam ser publicadas nas folhas literárias, bem como comercializadas no formato de livro ou de brochuras, adquiridas por subscrição nas tipografias,

²⁶⁴ SANTANA JÚNIOR, Odair Dutra. Op. cit., 2017.

²⁶⁵ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 89.

²⁶⁶ Idem, ibidem. p. 91.

visto que o texto teatral também era objeto de leitura particular, não apenas de encenação nos palcos. Em relação ao romance-folhetim, sabemos que não havia uma separação – de modo que sua prosperidade não deixou de lado o formato do livro –, sobretudo porque era corriqueiro que uma obra publicada no rodapé fosse também impressa, muitas vezes pela própria tipografia do jornal, em pequenas brochuras ou mesmo em livros bem acabados, disponíveis para que os leitores os adquirissem nas empresas tipográficas, nas lojas e nas livrarias. As peculiaridades da forma e da difusão do romance-folhetim no jornal ampliaram-se, assim, com o mercado livreiro, dando ainda mais visibilidade ao gênero folhetinesco, permitindo que ainda mais leitores tivessem acesso àquilo que havia sido impresso no jornal diário, de modo que pudessem também colecionar as obras folhetinescas em formato de livro.

Uma das razões que pode ter contribuído para que traduções de autores de romances-folhetins de sucesso na França fossem publicadas em jornais brasileiros sem preocupação é a ausência de legislação de direitos autorais no Brasil que protegesse, em grande parte do século XIX, as obras de autores estrangeiros de traduções publicadas sem acordo com os detentores da propriedade literária. Assim sendo, imagina-se que os editores e os diretores dos jornais tivessem liberdade para traduzir os romances que quisessem, conforme explica Ubiratan Machado²⁶⁷. Talvez estudos futuros possam trazer à luz mais informações sobre essa questão, evidenciando a existência – ou não – de possíveis relações comerciais entre editoras e jornais do Brasil e da França – a exemplo do que fez Valéria Cristina Bezerra ao estudar os processos editoriais das obras de Jules Verne e seus editores nos dois países²⁶⁸ –, e mais especificamente no caso do romance-folhetim.

Laurence Hallewell comenta que os direitos autorais, para escritores estrangeiros, só foram garantidos no Brasil a partir de 1898, com a Lei nº 496, de 1º de agosto. Antes disso, havia uma proteção aos autores e tradutores nacionais, como consta no *Código Criminal do Império do Brasil*, de 1830, que no artigo 261, Capítulo I – “Furto”, Título III – “Dos crimes contra a propriedade”, que define como crime “[i]mprimir, gravar, litografar ou introduzir quaisquer escritos ou estampas que tiverem sido feitos, compostos ou traduzidos por cidadãos brasileiros, enquanto estes viverem, e dez anos depois da sua morte, se deixarem herdeiros”²⁶⁹. Como pena, todos os exemplares deveriam ser transferidos ao autor/tradutor ou a seus

²⁶⁷ MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001. p. 44.

²⁶⁸ BEZERRA, Valéria Cristina. Op. cit., 2022, p. 52-76.

²⁶⁹ BRASIL. *Código Criminal do Império do Brasil* [...]. Nova edição. Recife: Typographia Universal, 1858. p. 96. Acervo da Biblioteca do Senado Federal, Senado Federal, Brasília, DF, Brasil. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/221763/000750858.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

herdeiros, junto do pagamento de uma multa do triplo do valor total. Na inexistência dos livros impressos, o dobro desse valor também deveria ser pago. Havia também a proibição de “imprimir, litografar ou introduzir” por 10 anos, para o caso das empresas²⁷⁰. Contudo, parece que essa legislação não foi devidamente respeitada²⁷¹.

São várias as queixas da falta de uma maior garantia legal da propriedade literária, a exemplo de José de Alencar, que defendeu, em 1875, uma legislação que garantisse o trabalho intelectual, depois do caso de adaptação de seu romance *O Guarani* para o teatro, que acabou sendo posteriormente resolvido, como explica Rodrigo Camargo de Godoi²⁷². Antes disso, contudo, muitos políticos brasileiros, já haviam discutido esse assunto²⁷³. Até mesmo os autores portugueses não tinham a devida proteção de seus direitos, segundo argumento do escritor Manuel Pinheiro Chagas, que enviou uma carta a D. Pedro II, em 1879, na qual defendia uma convenção entre Brasil e Portugal, para o reconhecimento da propriedade literária²⁷⁴.

Em meio à demanda recém-criada de importação de romances-folhetins franceses por parte dos jornais brasileiros e, sem demora, pelos seus próprios leitores, desejosos de novidades do outro lado do Atlântico, era obviamente necessário que essas obras fossem traduzidas para a língua portuguesa. Segundo o historiador literário Brito Broca, não havia um número considerável de escritores brasileiros para explorar esse novo gênero e fazer frente aos romances franceses importados, razão pela qual escritores de “menor categoria literária” realizavam as traduções²⁷⁵. Apesar disso, a produção literária nacional de prosa narrativa, qualquer que tenha sido a designação empregada – “legenda”, “novela”, “romance”, entre outras – já havia se iniciado. No próprio *Jornal do Commercio*, Paula Brito, que para ele trabalhou como tradutor, arriscou-se na produção literária “original”, como veremos, com alguns contos. João Manuel Pereira da Silva (1817-1898) é outro exemplo de escritor que produziu obras que foram inseridas no espaço do folhetim, a exemplo de *O aniversário de D. Miguel em 1828* e *Religião, amor e pátria*, de 1839²⁷⁶; e *Jerônimo Corte-Real*, publicado entre 1839 e 1840²⁷⁷. Pereira da Silva já havia publicado outras prosas de ficção no periódico

²⁷⁰ Idem, *ibidem*. p. 97.

²⁷¹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 268.

²⁷² GODOI, Rodrigo Camargo de. José de Alencar e os embates em torno da propriedade literária no Rio de Janeiro (1856-1875). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 573-596, set./dez. 2017. p. 583-594.

²⁷³ Idem, *ibidem*. p. 573-594.

²⁷⁴ PINHEIRO CHAGAS, Manuel. *A propriedade litteraria: carta a sua magestade o Imperador do Brazil*. Porto; Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

²⁷⁵ BROCA, Brito. Op. cit., 1979. p. 175.

²⁷⁶ HEINEBERG, Ilana. Op. cit., 2004. v. 2, p. 63.

²⁷⁷ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 238.

Gabinete de Leitura: serões das famílias brasileiras, jornal para todas as classes, sexos e idades²⁷⁸.

Outros nomes são lembrados como tradutores de romances-folhetins nos poucos trabalhos até então publicados a esse respeito. Entre eles, o mais conhecido é Justiniano José da Rocha, que também foi jornalista, político, escritor e professor. Contudo, seu primo Julio Cezar Muzzi, importante redator do *Jornal do Commercio* entre 1829 e 1834, foi também tradutor de romances-folhetins para esse jornal²⁷⁹, tendo traduzido, além de outras obras, *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, publicada em 1838, nas colunas do jornal. Como tradutores, são mencionados também José Joaquim Vieira Souto, José Alves Visconti Coaracy, Emilio Zaluar e Antonio José Fernandes dos Reis. Há, contudo, outros tradutores, que abordaremos no próximo capítulo deste trabalho, cujas informações foram recolhidas nos jornais e em fontes secundárias de nossa pesquisa, que se somam a esses conhecidos há algum tempo.

São poucos, portanto, aqueles que os trabalhos de História da Tradução no Brasil mencionam como tradutores de romances-folhetins. Lia Wyler se queixa do grau de invisibilidade ao qual os tradutores brasileiros estavam sujeitos no final do século XX²⁸⁰, e mesmo atualmente se pode dizer que o trabalho dos tradutores, que poderia ser mais valorizado, ainda é, de certa forma, invisível para a sociedade²⁸¹. Há importantes avanços na formação – graduação, pós-graduação e cursos livres –, na pesquisa e na prática tradutória, que vêm aperfeiçoando o campo da tradução no país, bem como contribuindo para a profissionalização dos tradutores, embora muito ainda precise ser feito – por exemplo, a regulamentação da profissão.

Apesar da inegável importância da tradução no século XIX, para o desenvolvimento cultural, a invisibilidade acompanhava de perto o tradutor literário, a exemplo do que ocorria nos jornais, nos quais comumente se mencionava apenas os títulos dos romances-folhetins traduzidos, sem que houvesse informações sobre os tradutores, como explica Lia Wyler²⁸². De fato, grande parte dos jornais cariocas que publicavam obras desse gênero não davam crédito aos responsáveis pelas traduções. São poucos os casos em que o nome de um tradutor é

²⁷⁸ CHAVES, Vania Pinheiro. Nas origens do romance brasileiro: As primeiras narrativas de J. M. Pereira da Silva. *Navegações*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 147-153, jul./dez. 2018. p. 148.

²⁷⁹ BARMAN, Roderick J. Justiniano José da Rocha e a época da conciliação. Como se escreveu «Ação; Reação; Transação». *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 301, p. 3-32, out./dez. 1973. p. 5-6.

²⁸⁰ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 93.

²⁸¹ Idem, ibidem. p. 14.

²⁸² Idem, ibidem. p. 93.

impresso abaixo do título de um romance-folhetim no rodapé dos jornais, ou mesmo suas iniciais inseridas após o encerramento de cada fatia da narrativa. Também nos jornais, os anúncios de venda de livros, as notas de publicação e os textos críticos não mencionavam os tradutores, na maioria das vezes. Os catálogos das livrarias prosseguiram da mesma forma. Havia destaque apenas para um ou outro caso, a exemplo do que ocorria com Caetano Lopes de Moura, famoso tradutor baiano radicado na França, o qual abordaremos no terceiro capítulo.

Tendo em vista a ideia da valorização do trabalho do tradutor e do reconhecimento de sua importância, que tem se fortalecido com o impacto das pesquisas em Estudos da Tradução, é anacronismo incorrer numa crítica severa à falta de crédito – ou anonimato, como bem caracteriza Lia Wyler²⁸³ –, ao qual os tradutores literários estavam sujeitos no século XIX, sem levar em conta o contexto de falta de profissionalização – a tradução literária era muitas vezes vista como uma atividade de assimilação de estilos de escrita e de temas estrangeiros, salvo raras exceções –, bem como do romance-folhetim como um gênero literário de segunda ordem – tendo em vista a crítica à literatura industrial, de Sainte-Beuve²⁸⁴, e opiniões pouco favoráveis, tal qual a de Machado de Assis, para quem o folhetinista brasileiro estaria voltado à França, deixando de lado a “côr nacional”²⁸⁵ –, apesar do sucesso que fazia nos jornais. Mesmo na atualidade, não obstante o resultado do trabalho do tradutor seja mais evidente e a diversidade da produção cultural mais numerosa – por exemplo, na indústria audiovisual, que cresceu muito nos últimos trinta anos –, e esse profissional seja creditado pelas traduções que realiza – como determina a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, em seu artigo 53, Parágrafo único, inciso II²⁸⁶ –, a valorização e o reconhecimento que recebe ainda são insuficientes, muito em razão de ser ignorado por parte da população que consome produções estrangeiras traduzidas²⁸⁷ – livros, filmes, séries, jogos etc.

De alguma forma, a cultura brasileira, bem como a esfera da produção e do consumo de literatura, relegou à tradução, historicamente, um lugar secundário. Uma das queixas dos estudiosos de História da Tradução no Brasil é a abordagem incipiente – ou, em alguns casos, até mesmo inexistente – da tradução na historiografia literária brasileira. Contudo, estudos

²⁸³ Idem, *ibidem*. p. 93.

²⁸⁴ *Revue des deux mondes*: recueil de la politique, de l’administration et des moeurs, Paris, t. 19, p. 675-691, jan. 1859. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86870f/f676.item>. Acesso em: 10 abr. 2022.

²⁸⁵ *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 9, 30 out. 1859, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/102>. Acesso em: 10 abr. 2022.

²⁸⁶ BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília: 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm. Acesso em: 10 maio 2022.

²⁸⁷ Idem, *ibidem*. p. 14-15.

realizados nas últimas décadas têm contribuído, na escrita da História ou Micro-Histórias da Tradução no Brasil, como ressalta Marie Hélène Catherine Torres²⁸⁸, para a ampliação do conhecimento teórico a respeito da prática de tradução no país, bem como para o reconhecimento profissional do trabalho do tradutor.

Lawrence Venuti, importante tradutor e teórico norte-americano dos Estudos da Tradução, estabeleceu o termo “invisibilidade” para caracterizar, na cultural anglo-americana, a ideia, que se materializa na prática dos tradutores, de que uma tradução tenha que ser “fluente” – no sentido de soar como original, de não parecer uma tradução –, a fim de não causar estranhamento ao leitor, o que é reforçado pelos editores, pelos críticos e pelos próprios leitores.

[...] Um texto traduzido, prosa ou poesia, ficção ou não ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, resenhistas e leitores quando ele é fluente, quando parece transparente por causa da ausência de peculiaridades linguísticas ou estilísticas, dando a aparência de que ele reflete a personalidade do autor estrangeiro, ou a intenção, ou o sentido essencial do texto estrangeiro – a aparência, em outras palavras – de que a tradução não é realmente uma tradução, mas o “original”. A ilusão de transparência é um efeito do discurso fluente, do esforço do tradutor em garantir legibilidade fácil pela adesão aos usos atuais, preservação da sintaxe contínua, fixando um sentido preciso. Mas os leitores também desempenham um importante papel na criação desse efeito ilusório por causa da tendência geral de ler traduções principalmente pelo significado, de minimizar as características estilísticas da tradução do texto ou do autor estrangeiro e de questionar todo uso da linguagem que interfira na aparente transparência da comunicação da intenção do escritor estrangeiro. O que mais chama a atenção aqui é que esse efeito ilusório oculta as diversas condições que presidem a realização de uma tradução, a começar pela intervenção crucial do tradutor no texto estrangeiro. Quanto mais fluente for uma tradução, mais invisível será o tradutor e, presumivelmente, mais visível o autor, ou o sentido do texto estrangeiro²⁸⁹.

Assim sendo, uma tradução “fluente” em língua inglesa, considerando a hipercentralidade da cultura anglo-americana no contexto internacional, torna o autor visível e o tradutor invisível. Nesse sentido, a tradução passa por um processo de “domesticação”, que consiste na aproximação do texto traduzido à cultura e à língua dos leitores, em decorrência da noção de fluência, para que a leitura seja cômoda, livre de estranhamentos próprios de um texto em outro idioma²⁹⁰. O teórico francês Antoine Berman nomeia essa forma de tradução como “etnocêntrica”, “[...] que traz tudo à sua própria cultura, às normas e valores, e considera o que se encontra fora dela – o Estrangeiro – como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado,

²⁸⁸ TORRES, Marie-Hélène Catherine. Op. cit., 2020. p. 211.

²⁸⁹ VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*. Tradução de Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2021. p. 42.

²⁹⁰ Idem, ibidem.

adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura”²⁹¹. Para Venuti, que critica a domesticação, a “estrangeirização”, em contraponto, seria uma forma de a tradução manter a diferença do texto-fonte, a fim de preservar sua alteridade, ao mesmo tempo em que o tradutor adquire visibilidade. De forma parecida, para Berman, a tradução ética se opõe à tradução etnocêntrica, visto que “[o] ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro”²⁹². Venuti deixa claro que o peso da noção de autoria individual tem ajudado a determinar a invisibilidade do tradutor. Sendo assim, a tradução é vista como uma produção de segunda ordem, ao passo que o autor do “original” é colocado em lugar de destaque²⁹³. Em suma, trata-se da primazia do original, por meio da qual a tradução é subjugada, em termos de maior ou menor fidelidade, por exemplo.

Apesar de Venuti conceituar esse fenômeno na cultura anglo-americana, a invisibilidade também pode se manifestar em outros contextos culturais, como no caso do Brasil. Mesmo que tenha sido uma ideia elaborada para descrever um fenômeno textual das traduções, ela pode ser mobilizada para compreender o apagamento do tradutor em sua prática profissional, visto que não há uma separação entre o texto e seu contexto. Dessa forma, pode ser aliada ao fenômeno do anonimato, que marcou os tradutores de romances-folhetins no século XIX brasileiro.

Na tentativa de explicar por que os tradutores de obras desse gênero nos jornais não recebiam o devido crédito por suas traduções, Lia Wyler ressaltou a má fama do folhetim entre os literatos, o que por consequência teria tornado sua tradução uma “atividade depreciada”²⁹⁴, além do conflito de interesses – tradutores trabalhando, por exemplo, para jornais rivais –, ou da necessidade de preservação da vida profissional daqueles que também trabalhavam como tradutores, que poderiam sofrer represálias, em suas carreiras principais e socialmente mais valorizadas – funcionários públicos, políticos, médicos, militares etc. –, se admitissem publicamente que também realizavam traduções para os jornais²⁹⁵. Não é estranho imaginar que trabalhariam para complementar sua renda, quando houvesse necessidade, e/ou como exercício de aprendizagem literária, prática comum entre grande parte dos literatos.

Pina Maria Arnoldi Coco considera a possibilidade de alguns tradutores terem sido professores de línguas que também traduziam, além de realizarem outras atividades, como no caso dos estrangeiros que fugiram da Restauração Francesa após a queda de Napoleão

²⁹¹ BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Revisão de Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Orlando Luiz de Araújo. 2a. ed. Tubarão: Copiar; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. p. 39.

²⁹² Idem, *ibidem*. p. 95.

²⁹³ Idem, *ibidem*. p. 50-51.

²⁹⁴ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 93.

²⁹⁵ Idem, *ibidem*. p. 93.

Bonaparte, em 1814, e chegaram ao Brasil²⁹⁶. Quanto a isso, é certo que o conhecimento em línguas estrangeiras, especialmente em francês, foi muito importante para a realização de traduções. Por exemplo, até mesmo romances de origem inglesa ou mesmo norte-americana, que muitas vezes eram apresentadas como traduções diretas, foram traduzidos a partir de versões francesas, como explica Sandra Vasconcelos, que considera a França como mediadora do contato entre Inglaterra e Brasil no que se refere à importação de romances²⁹⁷.

Até agora abordamos os tradutores homens, mas é preciso ressaltar que havia também tradutoras mulheres no século XIX, embora seu trabalho padeça de uma grande carga de invisibilidade, sem dúvida, maior que a dos homens, possivelmente em razão do papel imposto à mulher, em suas funções domésticas, maternais e matrimoniais, dentro de uma sociedade patriarcal, o que certamente dificultou o desenvolvimento potencial de muitas mulheres no exercício de atividades profissionais na esfera pública – políticas, escritoras, tradutoras, jornalistas etc. Apesar disso, segundo explicam Dennys Silva-Reis e Luciana Carvalho Fonseca, há mulheres que trabalharam como escritoras e tradutoras a partir do período imperial, diante das mudanças suscitadas pela chegada da Família Real, pelo estabelecimento da imprensa, e a maior circulação de livros no país²⁹⁸. Há também revistas e jornais femininos e/ou escritos/dirigidos por mulheres, a exemplo do *Jornal das Senhoras*, periódico carioca publicado de 1852 a 1855, fundado pela professora, escritora, jornalista e tradutora Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875) e dirigido pela escritora e jornalista Violante Bivar e Velasco (1817-1875)²⁹⁹; do *Correio das Modas* e do *Novo Correio de Modas*, dos irmãos Laemmert; do *Jornal das Famílias*, editado por Baptiste-Louis Garnier e publicado entre 1863 e 1878³⁰⁰; de *O Espelho: Revista de literatura, modas, industria e artes*, de Paula Brito; e de *O Sexo Feminino*, da professora, escritora e jornalista mineira Francisca Senhorinha da Motta Diniz (?-1910),

²⁹⁶ COCO, Pina Maria Arnoldi. *O triunfo do bastardo: uma leitura dos folhetins cariocas do século XIX*. 1990. 2 v. 378 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990. v. 1, p. 46.

²⁹⁷ VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas). In: MEMÓRIA DE LEITURA. Campinas, SP: UNICAMP, 2002. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Sandra/sandra.htm>. Acesso em: 11 abr. 2022.

²⁹⁸ SILVA-REIS, Dennys; FONSECA, Luciana Carvalho. Mulheres tradutoras do século XIX no Brasil: do romance à narrativa historiográfica. *Revista em Favor de Igualdade Racial*, Rio Branco, v. 4, n. 2, p. 176-200, maio/ago. 2021. p. 179.

²⁹⁹ KROETZ, Itiana Daniela; GAI, Eunice T. Piazza. *O Jornal das Senhoras e a busca pela emancipação moral e intelectual da mulher brasileira. Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, v. 14, n. 1, p. 119-131, 2015. p. 125-126.

³⁰⁰ AZEVEDO, Silvia Maria. A trajetória de Machado de Assis: do *Jornal das Famílias* aos contos e histórias em livros. In: CONGRESSO DA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA NO BRASIL, 2., 2003, Campinas, SP. *Anais...* Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 1-4.

periódico que, segundo estudo feito por Priscila Renata Gimenez, inseriu traduções em suas rubricas³⁰¹.

A partir do século XIX, cresce o número de mulheres atuando na área das Letras, tendo um destaque maior naquele período as tradutoras Corina Vivaldi Coaracy (1858-1892), que traduziu romances do inglês, francês e italiano³⁰²; e Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), tradutora de *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, obra publicada em 1832³⁰³, tradução de *Woman Not Inferior to Man*, de Sophia – um pseudônimo –, publicada em 1738, por sua vez uma tradução de *De l'égalité des deux sexes*, de 1673, de autoria de François Poulain de La Barre (1647-1723)³⁰⁴. Há ainda outras tradutoras, a exemplo de Maria José de Andrade, que traduziu poemas e folhetim sob o pseudônimo de Leucata Olímpia³⁰⁵; Thereza Pizarro Filha, Baronesa de Paranapiacaba, que traduziu obras de Lamartine e Alexandre Dumas, filho³⁰⁶; Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), escritora e tradutora portuguesa que foi folhetinista do *Jornal do Commercio* e colaborou com *O Paiz* por cinco anos³⁰⁷; e das pernambucanas Francisca Izidora Gonçalves da Rocha, tradutora de poesia³⁰⁸, e Josephina Álvares de Azevedo – irmã do poeta Álvares de Azevedo, por parte de pai –, tradutora de artigos sobre emancipação feminina³⁰⁹. Poderiam ser educadoras, a exemplo de Florinda d'Oliveira Fernandes, que foi tradutora de vários jornais – *Correio Mercantil*, *Diario do Rio de Janeiro* e *Diario Official*, para os quais traduziu das línguas inglesa, francesa e espanhola, segundo informações encontradas por Dennys Silva-Reis e Luciana Carvalho Fonseca – e abriu, em 1871, uma escola no Rio de Janeiro³¹⁰. Os pseudônimos, a fim de mascarar o nome real das tradutoras, eram também empregados – a exemplo de Dionísia Gonçalves Pinto, que assinava como Nísia Floresta, com algumas variações –, embora não se saiba a real identidade de muitas

³⁰¹ GIMENEZ, Priscila Renata. A presença da tradução no jornal *O Sexo Feminino*. p. 32-33. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO PPG-LETRAS, 5., 2018, São José do Rio Preto, SP. *Caderno de Resumos...* São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2018. p. 32-33.

³⁰² BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem?* Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989. p. 193.

³⁰³ Idem, ibidem. p. 200.

³⁰⁴ PALHARES-BURKE, Maria Lúcia. *Nísia Floresta, o carapuço e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 167-192.

³⁰⁵ BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. Op. cit., 1989. p. 199.

³⁰⁶ Idem, ibidem. p. 201.

³⁰⁷ DE LUCA, Tania Regina; SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Maria Amália Vaz de Carvalho nas páginas de *O Paiz* (1884-1889): levantamento dos textos e notas iniciais de pesquisa. *Herança – Revista de História, Patrimônio e Cultura*, Funchal, v. 5, n. 1, p. 1-26, 2022. p. 3-5

³⁰⁸ ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos. *Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX*. 2016. 191 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. p. 75-79.

³⁰⁹ Idem, ibidem. p. 79-89.

³¹⁰ SILVA-REIS, Dennys; FONSECA, Luciana Carvalho. Op. cit., 2021. p. 194-195.

tradutoras que os utilizaram³¹¹. Há casos em que apenas se indica que uma mulher traduziu – “jovem”, “senhora”³¹² etc. –, com algum qualificativo – “modesta”, “distinta”³¹³, “curiosa”³¹⁴, “discreta” etc. – e/ou com o gentílico – “fluminense”, “paulista”³¹⁵ etc. –, sem mencionar seu nome ou pseudônimo.

Infelizmente, em nossa pesquisa, a partir das fontes primárias e secundárias selecionadas, identificamos poucas traduções de romances-folhetins, publicados nos jornais cariocas, feitas por uma tradutora, Guilhermina Santos, que traduziu para *A Folha Nova*, do Rio de Janeiro, e teve livros editados pela tipografia desse jornal, apesar de haver informação sobre outras que trabalharam como tradutoras, tais como Florinda d’Oliveira Fernandes, sobre a qual não sabemos quais tipos de texto traduziu para os jornais que trabalhou. À vista disso, o anonimato parece ter atingido com maior força as mulheres, o que certamente se revela como uma dificuldade de pesquisa sobre as tradutoras brasileiras do século XIX.

Após realizada essa recapitulação histórica das conexões entre o Brasil e a França, da tradução no Brasil até o Oitocentos, especialmente em sua vertente literária, e da tradução do romance-folhetim, com discussão sobre a invisibilidade do tradutor, apresentaremos, no próximo capítulo, casos de tradução dessas obras para alguns jornais cariocas, que ilustram ou mesmo aprofundam essas questões discutidas neste capítulo. Além disso, traremos informações biográficas dos tradutores menos conhecidos, bem como abordaremos, quando for o caso, sua reflexão sobre a prática tradutória.

³¹¹ ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos. Op. cit., 2016. p. 65.

³¹² Idem, ibidem. p. 64.

³¹³ SILVA-REIS, Dennys; FONSECA, Luciana Carvalho. Op. cit., 2021. p. 195.

³¹⁴ ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos. Op. cit., 2016. p. 64.

³¹⁵ XIMENES, Sérgio Barcellos. Contribuição ao estudo das tradutoras brasileiras do século XIX. Disponível em: <https://onedrive.live.com/?authkey=%21AAS8p1%2DcWXorlo8&cid=F4AD57321938A43E&id=F4AD57321938A43E%21111850&parId=F4AD57321938A43E%212400&o=OneUp>. Acesso em: 10 jul. 2022. p. 3.

CAPÍTULO 2: TRADUTORES DE ROMANCES-FOLHETINS NOS JORNAIS CARIOCAS

Neste capítulo, a partir de nossas pesquisas em fontes primárias para a identificação da tradução nos jornais cariocas, e considerando também o cruzamento com informações obtidas em fontes secundárias, abordaremos os tradutores e as traduções dos primeiros anos de publicação de romances-folhetins no Brasil, principalmente as narrativas publicadas no Rio de Janeiro, cujo veículo de imprensa mais importante que recebeu a ficção estrangeira traduzida foi o *Jornal do Commercio*. Nesse periódico, nomes como Francisco de Paula Brito, Julio Cezar Muzzi e Justiniano José da Rocha, trabalhando como colaboradores, tinham, como uma de suas tarefas, a realização de traduções das narrativas estrangeiras. No jornal de Junius Villeneuve, Muzzi, por exemplo, é creditado como o responsável pela tradução de *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, que saiu em 1838 nas colunas do jornal, mesmo ano em que apareceu no jornal francês *Le Siècle*, sob o título *Le Capitaine Paul*, e no jornal *L'Écho français*, editado por Villeneuve no Rio de Janeiro. Segundo Marlyse Meyer, esse foi o primeiro romance-folhetim publicado no Brasil, além de ter sido um marco para a popularidade da obra de Dumas no Brasil, antes mesmo da publicação de *O Conde de Monte-Cristo*, obra mais difundida do escritor francês³¹⁶. Paula Brito e Julio Cezar Muzzi assinaram, com suas iniciais ao final de cada parte das histórias, algumas traduções de romances-folhetins publicadas entre os anos de 1839 e 1840; Justiniano, por sua vez, fez traduções pontuais, mas importantes, para o *Jornal do Commercio*. Possivelmente esses três tradutores tenham sido responsáveis por traduções publicadas depois de 1840, embora não tenhamos como indicar, com precisão, o que cada um deles traduziu, em razão da falta de identificação no jornal. Em alguma medida, configuram casos de apagamento – ou invisibilidade – dos tradutores, que, na maioria das vezes, não eram reconhecidos por seu trabalho no decorrer do século XIX.

Após apresentar o caso das traduções nos primeiros anos de publicação de romances-folhetins no *Jornal do Commercio*, abordaremos as traduções presentes em *A Marmota*³¹⁷, jornal de Paula Brito, que existiu entre os anos de 1849 e 1861, com algumas edições publicadas em 1864. Nesse periódico, diferentemente dos grandes jornais da Corte, nos quais as narrativas folhetinescas de autores franceses dominavam o rodapé, deu-se ênfase na publicação de traduções de histórias para o público juvenil, traduzidas por nomes poucos conhecidos, tais

³¹⁶ MEYER, Marlyse. Op. cit., 1996. p. 36; 60.

³¹⁷ O jornal mudou de nome algumas vezes: *A Marmota na Corte* (1849-1852), *Marmota Fluminense* (1852-1857), *A Marmota* (1857-1861; 1864). Adotamos *A Marmota* para fazer referência genérica ao jornal de Paula Brito.

como Ananias Ibirapitanga de Araújo, Braulio Jaime Moniz Cordeiro e Raimundo Antônio da Câmara Bittencourt. Como veremos, o jornal justificou a opção por publicar obras traduzidas para os jovens, tornando-se uma opção para o entretenimento e a instrução desse público-leitor. Além das narrativas de caráter folhetinesco, apresentaremos também traduções de outros gêneros literários, tais como o teatro e a poesia épica, a fim de mostrar que, em *A Marmota*, os textos estrangeiros traduzidos tinham um espaço especial, além dos tradutores terem a oportunidade de serem reconhecidos. Assim sendo, essa foi a principal razão pela qual esse periódico de Paula Brito foi escolhido para análise nesta tese.

A questão da (in)visibilidade do tradutor literário e da tradutora literária será resgatada na seção deste capítulo em que comentamos os casos de Aristides Serpa e de Guilhermina Santos. Serpa traduziu dois romances de George Sand para o jornal *O Globo: Flamarande e Les Deux Frères*, duas das últimas obras dessa escritora francesa, sem que seu nome fosse mencionado, o que não ocorreu na publicação em formato de livro e em outras folhas do país, visto que passou a ser creditado como tradutor, em virtude da boa repercussão dessas obras junto aos leitores. O caso de Guilhermina Santos foi parecido: suas traduções de romances-folhetins, publicadas em *A Folha Nova* sem o seu nome, foram depois republicadas em formato de livro e no rodapé de outros jornais brasileiros, devido ao sucesso que conquistou, tendo chegado a ser reconhecida publicamente como tradutora dessas obras. O tradutor e a tradutora foram, nessas condições, identificados, o que levanta uma questão: a tradução, quando bem aceita pelo público e/ou pelos críticos, pode colocar em evidência o tradutor e a tradutora.

Em seguida, abordaremos os tradutores de romances-folhetins no *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio. Nesse jornal, segundo relato do memorialista Medeiros e Albuquerque, teria acontecido um curioso caso de tradução “parasitária” envolvendo o francês Emílio Rouède e os brasileiros Guimarães Passos, Coelho Neto e Olavo Bilac, colaboradores dessa folha. A responsabilidade pela tradução de um romance-folhetim teria sido delegada a cada um sucessivamente, sem que os demais soubessem, até que Bilac descobriu o que aconteceu e resolveu se vingar, não dos demais, mas de um de seus desafetos, o Barão de Paranapiacaba. Embora não tenha sido possível identificar qual folhetim teria passado pelas mãos de todos esses tradutores, constatamos três casos de tradução no *Cidade do Rio*, nos quais os tradutores foram identificados: Manuel Pinheiro Chagas, tradutor de *Um drama da Regencia*, de Paul Féval – tradução reaproveitada de um livro lançado em 1864; Baptista Coelho, tradutor de *Byzancio*, de Jean Lombard; e Guimarães Passos, que traduziu *Quo vadis?*, de Henryk Sienkiewicz.

Os tradutores dos romances-folhetins de sucesso no *Jornal do Commercio* também serão mencionados. Justiniano José da Rocha traduziu *O Conde de Monte-Cristo*, de Alexandre Dumas, e *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, que interrompeu em razão de sua morte. Essa tradução foi continuada por Antonio José Fernandes dos Reis, tradutor de outras narrativas. Fernandes dos Reis traduziu também as *Proezas de Rocambole*, de Ponson du Terrail, e teria interferido na história quando o envio da publicação em francês foi temporariamente interrompido, tendo que depois fazer uma nova intervenção, em razão da normalização do recebimento do texto.

Augusto Emilio Zaluar, Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, João Cardoso de Menezes e Souza, e Manuel Antonio de Almeida traduziram, por sua vez, para o *Correio Mercantil*, obras de escritores como Alexandre Dumas, Paul Féval e George Sand, muito conhecidos na época – cujos nomes são ainda lembrados –, além de outros escritores atualmente desconhecidos. Por fim, discutiremos os casos das traduções realizadas por Machado de Assis para o *Diario do Rio de Janeiro* e para o *Jornal da Tarde*, bem como as traduções feitas por José Alves Visconti Coaracy, um tradutor muito ativo para os jornais, para as editoras e para os palcos, e José Joaquim Vieira Souto, importante tradutor de peças teatrais.

2.1 Os tradutores do início dos romances-folhetins no *Jornal do Commercio*

Pierre René François Plancher de la Noé (1779-1844), livreiro e tipógrafo francês, depois de sofrer perseguição em seu país natal³¹⁸, encontrou, no Brasil, um lugar onde pudesse prosperar seus negócios. Em exílio, chegou à Corte, em 1824, trazendo consigo livros para vender em sua loja, além de maquinários de impressão de última geração, para os quais obteve dispensa de pagamento dos impostos de importação, por decisão de D. Pedro³¹⁹. Plancher era um desses estrangeiros que se sentiram atraídos pelo convite do Imperador, que abria oportunidades para cientistas, artistas, intelectuais etc. estabelecerem uma nova vida no Brasil.³²⁰ Ele, assim como outros franceses que se deslocaram para o Rio de Janeiro, viam, na cidade, uma chance de se desenvolver, em condições mais livres e tranquilas³²¹.

Em sua tipografia, imprimia livros, tais como *Collecção das Leis e Decretos do Império e Constituição do Imperio do Brasil*, um grande feito para ele, além de jornais e revistas, tais

³¹⁸ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 147-149.

³¹⁹ Idem, ibidem. p. 151.

³²⁰ SANDRONI, Cícero. *180 anos do Jornal do Commercio – 1887-2007: de D. Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva*. Rio de Janeiro: Quorum Editora, 2007. p. 11.

³²¹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 150.

como *Spectador Brasileiro* e *Propagador das Sciencias Medicas*, respectivamente. Logo que o que *Spectador* foi interrompido, Plancher adquiriu o *Diário Mercantil*, transformando-o no *Jornal do Commercio*, com o primeiro número publicado em 1º de outubro de 1827³²². Nascia, assim, na cidade do Rio de Janeiro, o jornal mais longo da História do Brasil, com quase duzentos anos de história – completaria essa emblemática marca temporal, caso não tivesse as atividades cessadas em 2016.

A empreitada de Plancher no Brasil durou poucos anos, pois, em 1832, decidiu retornar à França para exercer a profissão de editor. Para isso, vendeu suas empresas – livraria, tipografia e *Jornal do Commercio* – aos tipógrafos franceses Junius Villeneuve e Réol Antoine de Mougnot, que vieram ao país para inicialmente servirem como oficiais da nova Armada Imperial³²³. No entanto, Plancher só deixou mesmo o Brasil em fevereiro de 1834, pois o contrato entre eles estabelecia, como condição, o vínculo de Plancher às empresas até o momento do seu regresso à França³²⁴.

A sociedade entre Junius Villeneuve e Réol Antoine de Mougnot se desfez em dezembro de 1834, tornando Villeneuve o único proprietário. Ele não só deu continuidade às publicações do referido *Jornal*, fundado por Plancher, mas também promoveu melhorias, tanto na estrutura do estabelecimento tipográfico, por meio de aquisição de equipamentos avançados para aquela época, como prensas mecânicas, quanto pela reestruturação do escopo do jornal, que além de publicar notícias, conteúdos políticos e anúncios, apresentava um novo atrativo, os romances-folhetins, que eram dispostos em seu rodapé, de forma seriada, e depois eram vendidos em formato de livro.

Conforme aponta Sandroni, Villeneuve tinha “o espírito de um homem de negócios”³²⁵. O novo proprietário estava consciente de que deveria investir na contratação de novos redatores e na criação de novas seções no jornal³²⁶. Villeneuve, portanto, foi um grande dirigente, ao contribuir para que seu jornal ganhasse notoriedade frente a seus concorrentes, naquela época, pela sua qualidade.

Nesse afluxo de novidades, o *Jornal do Commercio* foi o pioneiro, no Brasil, na publicação de romances-folhetins³²⁷. Apesar de ter sido inserido nas colunas do jornal, sob a rubrica “Variedades”, e não no rodapé, como acontecia nos jornais franceses, o primeiro texto

³²² Idem, *ibidem*. p. 151-153.

³²³ Idem, *ibidem*. p. 159.

³²⁴ SANDRONI, Cícero. Op. cit., 2007. p. 68-69.

³²⁵ Idem, *ibidem*. p. 78.

³²⁶ Idem, *ibidem*. p. 79.

³²⁷ MEYER, Marlyse. Op. cit., 1996. p. 32.

desse gênero importado da França – *O capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, traduzido por Julio Cezar Muzzi, colaborador do periódico – foi publicado, no fim de 1838, com poucos meses de diferença em relação à publicação no jornal francês.

Muzzi assinaria outras traduções de romances para o rodapé com as iniciais “J. C. M.”, assim como Paula Brito, também funcionário³²⁸, veria impressas suas iniciais “P. B.” ao final de algumas das partes das histórias. Justiniano José da Rocha, primo de Muzzi, também teria traduções suas publicadas no *Jornal do Commercio*, com seu nome. Contudo, a prática de identificar os tradutores, cujos nomes ou iniciais poderiam ser vistos nas narrativas publicadas entre 1838 e 1840, seria logo abandonada pelo periódico, sem razão aparente.

2.1.1 Julio Cezar Muzzi: tradutor do primeiro romance-folhetim

É fato que Julio Cezar Muzzi colaborou com o *Jornal do Commercio* na tradução de romances-folhetins entre os anos de 1838 e 1839, a julgar pelo crédito dado por esse jornal em algumas traduções. Apesar de ter inaugurado, por meio de sua tradução, a presença de um novo gênero literário importado da França para os jornais brasileiros³²⁹, Muzzi é uma figura pouco explorada pela História da Literatura e pela História da Tradução, cujos trabalhos, em muitos casos, apenas o mencionam como o tradutor de *Le capitaine Paul*. Outras fontes não esclarecem sua atividade como tradutor de folhetins, tais como o quinto volume do *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Sacramento Blake, que traz duas ou três informações biográficas e lista apenas um de seus trabalhos, publicado em 1837 no Rio de Janeiro: *Resumo da historia natural, dos principaes quadrupedes, aves, peixes, serpentes, reptis e insectos*, em dois volumes. Trata-se de uma tradução para o português de *Abrégé d’histoire naturelle contenant la description des principaux quadrupèdes, oiseaux, poissons, serpents, reptiles et insectes*, feita por Gerson Hesse a partir da obra *A Natural History of the Most Remarkable Quadrupeds, Birds, Fishes, Serpents, Reptiles, and Insects*, publicada no início do século, na Inglaterra, de autoria de Mary Trimmer³³⁰. Ou seja, é uma tradução feita a partir de outra tradução para o francês, na qual se operou, em princípio, uma condensação textual, a julgar pela utilização do termo “abrégé” – “resumo”. Tal tradução foi publicada por Villeneuve em 1837 e anunciada em seu *Jornal do Commercio* com grande destaque.

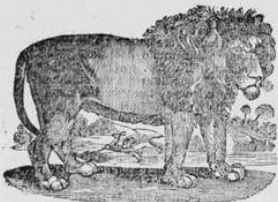
³²⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4a. ed. atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 109.

³²⁹ MEYER, Marlyse. Op. cit., 1996. p. 32.

³³⁰ A respeito do tradutor francês e da autora inglesa, foram encontradas apenas informações bibliográficas que não esclarecem mais do que aquilo que produziram ou traduziram.

Figura 1: Anúncio do *Resumo da Historia Natural*, de Mary Trimmer e Gerson Hesse, traduzido por Julio Cesar Muzzi, no *Jornal do Commercio*³³¹.

Sabio á luz em casa de J. VILLENEUVE E COMP., rua d'Ouvidor n. 65:



RESUMO

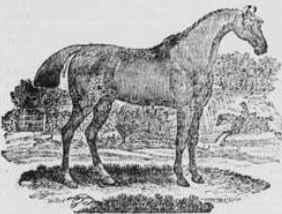
DA

HISTORIA NATURAL,



dos principaes Quadrupedes, Aves, Peixes, Serpentes, Reptis e Insectos;

TRADUZIDO DO INGLEZ, DE MARY TRIMER, E DO FRANCEZ, DE GERSON HESSE,



por JULIO CESAR MUZZI;

2 vol. in-8º ornados de

309 GRAVURAS,



mui bem impressos, e sobre bom papel; preço 4,000 réis.

Entre os livros classicos adoptados para a educação da mocidade brasileira, faltava huma obra que tratasse de hum objecto de summa monta, isto he, da *historia natural*. Este ramo dos conhecimentos humanos, outr'ora abandonado ao monopolio das summidades scientificas, tomou, ha alguns annos, o lugar que lhe competia. Na culta Europa, a historia natural, assim como a physica, faz hoje, e com razão, parte integrante da educação da mocidade. Ao ver de todos os homens de senso, he da maior importancia iniciar os meninos nos diversos phenomenos que a natureza todos os dias lhes apresenta, phenomenos que, durante seculos, forão para os povos assumptos de terror e de superstição; he da maior importancia dar-lhes a conhecer as numerosas familias de animaes que povoão o globo; mostrar-lhes seus costumes, seus habitos, suas qualidades; indicar-lhes aquelles que devemos tratar como amigos, aquelles que devemos evitar como perigosos ou inimigos. Este genero de estudo enriquece o espirito, desenvolve a intelligencia, forma o entendimento, e o habitua a esse espirito de analyse e de observação tão necessario no decurso da vida humana.

A primeira, a mais certa, e a mais util das sciencias, he talvez a historia natural. Este ramo de estudo, tornamos a dize-lo, faltava á mocidade brasileira, e o conhecimento de tão interessante materia ficara até hoje circumscripção no pequeno circulo dos privilegiados que possuem algum idioma estrangeiro.

Esta lacuna acaba de ser preenchida. Sob o título de *Resumo da historia natural*, offerecem os editores huma obra digna de toda a attenção do publico brasileiro. Compilada sobre os trabalhos dos mais celebres naturalistas, tanto antigos como modernos, he hum livro que nada deixa a desejar. Cumpre tambem notar (e he isto huma condição indispensavel nas obras desta natureza), que o *Resumo da historia natural* acha-se enriquecido de mais de TREZENTAS GRAVURAS, desenhadas com graça, elegancia e perfeição. Quanto á execução typografica, diremos sómente que esta obra, que corre parelhas com a tão linda *Voz do Profeta*, honra a prensa brasileira e rivalisa com as bellas edições da Europa.

RIO DE JANEIRO, 1837. IMPRESSO NO PRELO MECHANICO DA TIPOGRAPHIA IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E COMP., RUA DO OUVIDOR, N. 65.

O anúncio do *Resumo da historia natural* ocupou metade da quarta página na edição de 23 de outubro de 1837, o que confere um realce ao livro frente aos demais anúncios publicados no mesmo espaço. Além do título da obra, que aparece com fonte tipográfica própria, chamam a atenção: a inserção de quatro ilustrações de animais, o destaque ao nome do tradutor – que aparece em maior ênfase frente aos nomes da autora inglesa e do tradutor francês –, as características materiais – dois volumes in-8º “mui bem impressos, e sobre bom papel” –, o preço razoável de 4\$000 réis e o grande número de gravuras – trezentas e nove ao todo.

Ademais, acompanha o anúncio um texto que ressalta as qualidades do livro, tanto no conteúdo quanto na materialidade. Em resumo, o texto esclarece que a História Natural – assunto que “enriquece o espírito, desenvolve a inteligência, forma o entendimento” – fazia

³³¹ Fonte: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 235, 23 out. 1837, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/9418. Acesso em: 15 abr. 2022.

parte dos estudos dos jovens europeus, mas não era conhecida pelos jovens brasileiros. Para preencher essa lacuna, Villeneuve publicou a tradução de Muzzi, para que os leitores juvenis, falantes apenas de língua portuguesa, pudessem se aprofundar nessa temática, outrora restrita aos leitores estrangeiros. Assume-se, portanto, a importância da tradução para a difusão do conhecimento sobre a História Natural, ao transpor a barreira linguística para a “mocidade brasileira” – o que indica a destinação didática da obra traduzida. Por fim, o texto menciona a presença das gravuras, “desenhadas com graça, elegância e perfeição”, cuja presença é “condição indispensável nas obras desta natureza”³³², e as qualidades tipográficas, que levariam a obra ao mesmo patamar das edições europeias, segundo Villeneuve.

Seguindo uma classificação taxonômica daquela época, o primeiro volume contém os chamados “quadrúpedes”, a maior parte dos animais descritos no conjunto, além das aves, que continuam no segundo volume, o qual é completado com os peixes, as serpentes, os répteis, e os insetos. Todas as espécies que compõem a obra são apresentadas com gravuras, o que dá ao leitor uma noção básica sobre a aparência dos animais, embora a proporção dos bichos não tenha sido respeitada.

Muzzi inseriu, no primeiro volume, o “Prefação do Tradutor”, no qual assume a apresentação da obra, revelando que o autor inglês havia se dedicado às características e aos comportamentos dos animais, deixando de lados muitos detalhes, que não poderiam ocupar uma obra de apenas dois volumes. Em razão disso, o *Resumo*, não destinado aos conhecedores dos tratados científicos, teria possibilitado ao tradutor omitir informações que achou desnecessárias aos leitores comuns, conforme assume.

PREFEÇÃO DO TRADUTOR.

Contém este resumo de HISTÓRIA NATURAL a descrição dos animais de ambos os mundos, que maior atenção merecem.

Bem convencido do autor inglês de quanto era difícil reunir em dois livros de pouco volume a história minuciosa de todos os indivíduos, que se propôs examinar, só se ligou às principais feições, e sensíveis diferenças que os separam, e mais se ocupou com a descrição dos seus costumes e índole, do que com a sua história física.

Debalde procurarão neste resumo, o sábio, o naturalista especulativo, essas reflexões vastas e profundas, caracteres essenciais de um tratado científico; o homem de gosto porém deverá ao tradutor a escolha, que fez, de uma obra que, em pequenas proporções, oferece uma série exata de quadros, que fielmente lhe representem os caracteres e costumes que distinguem os diversos membros dos diferentes reinos da natureza animada.

³³² Idem, ibidem. p. 4.

Gravuras de relevo ornaram os originais, inglês e francês, e a tradução, dando cópia fiel desses originais, a oferece igualmente enriquecida de idênticas gravuras.

Só resta justificar algumas infidelidades, de pouca importância, que se encontrarão no decurso deste resumo, porque, afastando-me dos originais, e suprimindo pormenores que só importam aos leitores estrangeiros, os substituí com outros pormenores, de que fiz ceifa em outras obras desta natureza.

Possa este meu instigante, e mal acabado trabalho, merecer a recompensa na estima dos meus patrícios, e dar-me-ei por satisfeito do emprego das minhas vigílias!³³³

As gravuras teriam sido todas retiradas do “original” e colocadas na tradução, mas o texto teria sofrido modificações que, no julgamento de Muzzi, só seriam importantes para os leitores estrangeiros. Ao mesmo tempo, o tradutor assume a inclusão de informações, retiradas de outras obras científicas, que julgou pertinentes aos leitores brasileiros, aos quais a obra é claramente destinada – especialmente ao público leigo. O tradutor assume, então, um trabalho de coautoria, que consistiu na tradução, na supressão do texto e na inclusão de conteúdo de outras fontes.

Retomando as informações biográficas, segundo o dicionarista Sacramento Blake, Muzzi, filho do Dr. Julio Cezar Muzzi, nasceu e morreu no Rio de Janeiro. Trabalhou como escrivão na Mesa do Consulado da Corte³³⁴, uma repartição pública responsável pelo recolhimento, fiscalização e escrituração de diversos impostos ao Tesouro Nacional³³⁵.

As poucas informações a respeito do tradutor nesse dicionário contrastam com a honraria recebida, o título de cavaleiro da Imperial Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo. Contudo, felizmente, restaram conservadas, nos jornais do século XIX, algumas informações sobre ele. A maioria delas fazem referência aos rendimentos mensais do Consulado da Corte, publicados no *Jornal do Commercio* e no *Diario do Rio de Janeiro*. Uma delas, em especial, agrupa um esclarecedor número de dados biográficos: trata-se de um discurso proferido pelo funcionário público e poeta Basílio José de Oliveira Pinto, por ocasião do sepultamento de Muzzi, falecido poucos dias antes. Em seu texto, publicado em 30 de julho de 1858, no *Correio Mercantil*³³⁶, Basílio Pinto lamenta profundamente a perda de seu amigo, que o havia

³³³ TRUMER, Mary. *Resumo da Historia Natural dos principais quadrupedes, aves, peixes, serpentes, reptis e insectos*. Tradução de Julio Cezar Muzzi. Rio de Janeiro. Em casa de J. Villeneuve, 1837. v. 1, p. v-vi. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Gerais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Para melhor compreensão, as transcrições e citações de textos de jornais e livros do século XIX tiveram sua ortografia atualizada, mas a pontuação foi mantida.

³³⁴ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1899. v. 5, p. 252-253.

³³⁵ BRASIL. Ministério da Economia. Receita Federal. Mesas do Consulado. Disponível em: <http://www.receita.fazenda.gov.br/historico/srf/historia/catalogo/LetraM/consulado.htm>. Acesso em: 26 set. 2021.

³³⁶ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 205, 30 jul. 1858. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/15023>. Acesso em: 26 set. 2021.

incumbido de tarefa de escrever sua necrologia. Enaltece as qualidades de Julio Cezar, seu “alto merecimento”, “sua alta posição social”, “seus valiosos serviços prestados”, “sua honra e sua probidade”.

Julio Cezar Muzzi era filho do cirurgião e inspetor de vacinas Hercules Octaviano Muzzi (1782-1841). Se acreditarmos que tal discurso traria informações mais corretas a respeito do falecido, fica retificada, portanto, a informação do *Diccionario* de Sacramento Blake, que atribui a paternidade de Muzzi ao seu tio e homônimo Julio Cezar Muzzi (ca. 1770-1832). A família Muzzi, de origem italiana, remonta a João Francisco Muzzi – possivelmente, Giovanni Francesco Muzzi –, que nasceu na Itália, em 1689, emigrou para Portugal no início do século XVIII e depois se transferiu para o Brasil, em 1721, como cidadão português naturalizado, tendo passado pelo Rio de Janeiro e pelo Rio Grande do Sul. Hercules Muzzi, neto de Giovanni Francesco e filho do também médico Gonçalo José Muzzi (batizado em 1738), trabalhou como inspetor da Junta Vacínica da Corte, tendo sido um dos responsáveis pela vacinação contra a varíola; foi também cirurgião da família imperial, o que talvez indicasse certo prestígio entre outros profissionais da área médica³³⁷. Convém mencionar, ainda, que Julio Cezar Muzzi, irmão de Hercules, também seguiu a área médica: além de ter sido cirurgião mor do exército, foi também responsável pela vacinação contra a varíola, mas na cidade de Porto Alegre³³⁸.

Julio Cezar, filho de Hercules Octaviano, iniciou o serviço militar aos dezessete anos, durante o processo de Independência do Brasil, que despertou seu “patriotismo”, segundo Basílio Pinto. Durante esse período, trabalhou como secretário particular do oficial inglês a serviço da Marinha Imperial brasileira, John Taylor (1796-1855), sob o comando do Almirante Thomas Cochrane (1775-1860), 10º Conde de Dundonald, do Pariato da Escócia, e Marquês do Maranhão, militar inglês que teve grande importância nos conflitos em torno da Independência. Basílio mencionou, a esse respeito, uma informação interessante e curiosa: Muzzi trabalhou na tradução das ordens escritas de seu chefe Taylor do inglês para o português³³⁹, possivelmente também atuando nas demandas de tradução oral. Tais habilidades de tradução seriam novamente acionadas ao trabalhar como tradutor para o *Jornal do Commercio*.

³³⁷ FERREIRA, Érico Mota; PUFAL, Diego de Leão. A família Muzzi – da Itália, Portugal, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. In: *Antigualhas, histórias e genealogia*. Disponível em: <http://pufal.blogspot.com/2013/11/a-familia-muzzi.html>. Acesso em: 17 jan. 2021.

³³⁸ ALBERTON, Mirele. “*Das providências, que se tem dado a respeito da saúde pública*”: enfermidades e ações de combate à varíola na Porto Alegre no início do século XIX (1800-1835). 2019. 202 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2019. p. 156-159.

³³⁹ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 205, 30 jul. 1858. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/15023>. Acesso em: 26 set. 2021.

Em 1824, Muzzi foi acometido por uma infecção auricular que o deixou surdo, apesar das tentativas de tratamento no Brasil e na França. Quando retornou a seu país natal, foi dispensado do serviço militar e nomeado escrivão da Mesa do Despacho Marítimo e, posteriormente, escriturário na Mesa do Consulado da Corte. Enquanto desempenhava suas funções como funcionário público, trabalhava também como redator no *Jornal do Commercio*, juntamente com seu primo Justiniano José da Rocha e seu amigo Paula Brito.

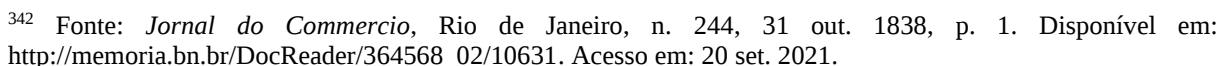
Como já mencionamos, foi nesse jornal que sua atividade tradutória teve continuidade. No período de 1838 a 1840, tanto Muzzi quanto Paula Brito, seu amigo próximo, assinavam algumas traduções publicadas no rodapé com suas iniciais, procedimento que foi abandonado depois de 1840, salvo algumas menções esporádicas aos tradutores. Muzzi, que já havia realizado ao menos uma tradução para Villeneuve em 1837, estaria apto a traduzir também romances-folhetins.

A publicação de *O capitão Paulo* foi muito importante para inaugurar o folhetim no Brasil. Essa tradução foi publicada em 1838, mesmo ano em que *Le capitaine Paul*, o texto em francês, foi impresso no jornal parisiense *Le Siècle*. A diferença temporal entre ambos é de apenas três meses, possivelmente para que se esperasse a finalização da publicação na França para depois iniciar a tradução³⁴⁰. Essa proximidade temporal, em termos do século XIX, tenderia a ser mantida nos romances-folhetins que se seguiram³⁴¹.

No jornal francês, o romance foi publicado entre 30 de maio e 23 de junho, enquanto, no jornal brasileiro, saiu à luz entre 31 de outubro e 27 de novembro. Essa pequena diferença de meses entre as publicações nos dois lados do Atlântico demonstra que o proprietário Junius Villeneuve estava atento às novidades literárias de sua terra natal, onde os romances-folhetins impulsionavam a venda de jornais. Decerto sabia que *Le Siècle* teve um acréscimo de 5 mil exemplares logo após o fim de *Le capitaine Paul*.

³⁴⁰ GIMENEZ, Priscila Renata. As *Variétés* e a literatura nos jornais franceses do Rio de Janeiro nos anos de 1830. p. 52-86. In: DE LUCA, Tania Regina; GUIMARÃES, Valéria (org.). *Imprensa estrangeira publicada no Brasil: primeiras incursões*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017. p. 52-86.

³⁴¹ MENDES, Maria Lúcia Dias. Romances-folhetins sem fronteiras: o caso de Alexandre Dumas. p. 233-253. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. p. 233; 250.



A nota de rodapé da primeira parte da tradução desse romance no *Jornal do Commercio* indicou ao público que a obra, em francês, havia saído à luz recentemente em outro jornal: “Chamamos a atenção dos nossos leitores sobre esta linda novela que acaba de ser publicada pelo *Écho français*”. Trata-se do *L'Écho Français*: bulletin politique, littéraire, des sciences e des arts, periódico em francês publicado no Rio de Janeiro, entre março e dezembro de 1838, pela editora do proprietário do *Jornal do Commercio*, seu fundador³⁴³. A folha foi, posteriormente, transferida para o francês Charles Hygin Furcy de Brunet (1793-?), escritor e professor de desenho³⁴⁴, que a manteve entre janeiro e abril do ano seguinte³⁴⁵.

Em sua versão original, o romance havia saído à luz no *L'Écho Français* entre 8 de setembro e 13 de outubro, na rubrica “Varietés”. Segundo explica Priscila Renata Gimenez, essa folha criada por Villeneuve, na qual tinham espaço rubricas de conteúdo cultural, político e comercial, era destinada aos imigrantes franceses do Rio de Janeiro³⁴⁶. Em suas palavras, “[...] o *Écho* atuou como um mediador pioneiro entre a imprensa francesa e a imprensa brasileira de língua portuguesa, em gênero de tão fundamental importância para a constituição da imprensa moderna, como é sabido”³⁴⁷.

A pesquisadora explica que esse jornal funcionou como um laboratório, no qual as novidades francesas eram acolhidas – entre elas, o folhetim – para que fosse possível “[...] avaliar a reação e a aceitação do público, ganhando tempo e observando o mercado editorial, enquanto o romance era submetido à tradução para o português”³⁴⁸ – no caso de *O capitão Paulo*. Assim sendo, segundo Priscila Gimenez, é importante considerar a publicação do texto original e do texto traduzido nesses dois jornais editados por Villeneuve para compreender a sua tradução e a presença dos romances-folhetins em ambos os periódicos³⁴⁹.

³⁴³ GIMENEZ, Priscila Renata. Op. cit., 2017. p. 72.

³⁴⁴ FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra*: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977. p. 89.

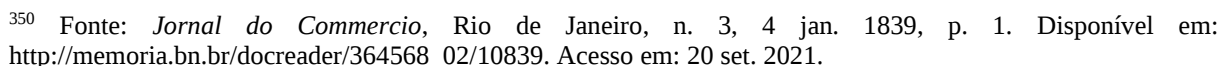
³⁴⁵ GIMENEZ, Priscila Renata. Op. cit., 2017. p. 72.

³⁴⁶ Idem, ibidem. p. 72.

³⁴⁷ Idem, ibidem. p. 80.

³⁴⁸ Idem, ibidem. p. 80-81.

³⁴⁹ Idem, ibidem. p. 81.



Villeneuve, além de ter criado o *L'Écho Français*, no qual explorou as possibilidades das narrativas em língua francesa para o público leitor desse idioma no Rio de Janeiro, também aproveitou as oportunidades que o romance-folhetim oferecia – principalmente no sentido de ser uma novidade vinda da França –, para reimprimir, como se fazia em sua terra natal, essas obras em formato de livro, uma vez traduzidas para o português, a fim de expandir seus ganhos com a venda de volumes para os leitores do *Jornal do Commercio* que haviam acompanhado as fatias da ficção no rodapé e gostariam de adquirir as histórias para leituras posteriores, numa forma material mais duradoura³⁵¹. Esse momento inaugural foi, portanto, muito importante para que Villeneuve experimentasse e empreendesse o romance-folhetim em seu jornal³⁵².

Uma particularidade da publicação de *O capitão Paulo* chama a atenção: tal romance de Dumas foi inserido nas colunas do jornal brasileiro, na rubrica “Variedades”, e não no espaço do rodapé, como fizeram os editores do periódico francês *Le Siècle*. Ainda não havia, no *Jornal do Commercio*, a rubrica “Folhetim”, para receber os romances e textos de outros tipos, como se fazia na França; então, a primeira tradução foi inserida nessa rubrica já existente que, já há alguns anos, era espaço para textos diversos, muitos dos quais eram divididos e publicados em partes, procedimento também adotado pelo romance-folhetim³⁵³.

Com o fim da publicação de *O capitão Paulo*, o jornal, para comportar o gênero folhetinesco, criou, no início de 1839, a rubrica “Folhetim”, localizada em seu rodapé, assim como faziam as folhas francesas. Esse novo espaço, em inauguração, recebeu, primeiramente, o romance *Edmundo e sua prima*, do escritor francês Paul de Kock, também uma tradução de Julio Cezar Muzzi.

Esse romance-folhetim foi impresso de 5 a 12 de janeiro de 1839, em oito partes. Trata-se da tradução de *Edmond et sa cousine*, narrativa publicada no *Musée des familles: Lectures du soir*, jornal fundado por Émile de Girardin, em 1833, como um periódico de baixo custo para

³⁵¹ SANTANA JÚNIOR, Odair Dutra. Op. cit., 2017.

³⁵² BEZERRA, Valéria Cristina; GIMENEZ, Priscila Renata. Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional. *REVELL*, Campo Grande/MS, v. 1, n. 21, p. 231-255, jan./abr. 2019. p. 238-239.

³⁵³ COSTA, Isadora Carvalho. *Por uma poética no Jornal do Commercio*: as rubricas “Folhetim” e “Variedades”. Relatório de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq – UNESP/Pró-Reitoria de Pesquisa. São José do Rio Preto: [s.n.], 2014.

as famílias modestas³⁵⁴. A obra de Paul de Kock, impressa em edições do jornal no terceiro trimestre de 1836, também foi reunida na coletânea de textos que se publicava anualmente³⁵⁵.

Além de *Edmundo e sua prima*, Muzzi assinou, com suas iniciais “J. C. M.”, as traduções *A filha do negociante*, publicada entre 1º e 15 de fevereiro, narrativa de autoria não informada; *Memorias ineditas do conde Beugnot. recordações de 1793*, que saiu à luz entre 3 e 8 de março, também sem indicação do nome do autor do original; e *Paulina*, de Alexandre Dumas, publicada entre 24 de abril e 15 de maio. Não haveria, por fim, mais nenhuma indicação de Muzzi nas traduções seguintes.

Assim sendo, coube a Muzzi traduzir tanto o primeiro romance-folhetim publicado no *Jornal do Commercio* – embora tenha sido inserido nas colunas – quanto a segunda obra do mesmo gênero – acolhida no rodapé, assim como na França. Ele deu sua contribuição, portanto, para a inauguração dos romances-folhetins nessa primeira folha pública que os acolheu na imprensa carioca. Embora tenha sido creditado como tradutor apenas das obras que foram aqui mencionadas, mesmo com apenas suas iniciais, desconfiamos que ele possa ter realizado outras traduções para o jornal de Villeneuve, ainda que não tenhamos encontrado outras informações que confirmem com clareza essa nossa suspeita.

2.1.2 Paula Brito: entre criação e tradução literária

Francisco de Paula Brito, negro, descendente de africanos escravizados no Brasil – seus avós –, e de família modesta, nasceu em 1809 e faleceu em 1861. Viveu grande parte da infância em Suruí, em Magé, não muito distante de onde nasceu, no Rio de Janeiro. Em 1823, no início da adolescência, aos treze anos, foi para a Corte, onde morou com seu avô materno, o sargento-mor Martinho Pereira de Brito. Em 1824, poucos meses depois de sua chegada, Paula Brito começou a trabalhar na Tipografia Imperial e Nacional, na função de aprendiz de tipógrafo. Passou por outras tipografias, entre as de René Ogier e de Pierre Plancher, a qual imprimia o *Jornal do Commercio*, empresa na qual exerceu muitas funções, de compositor até redator.

³⁵⁴ VALLE, Raquel Pérez. *Literatura y periodismo en el siglo XIX: el Museo de las familias (1843-1870)*. 2015. 1103 f. Tesis (Doctorado) – Facultad de Filología, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, 2015. p. 160.

³⁵⁵ *Musée des familles: Lectures du soir*. Troisième volume, Quatrième Année, 1836. Paris: Musée des familles, 1836. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=wkVAAAAAcAAJ>. Acesso em: 20 set. 2021.

Abriu sua própria tipografia, em 1831, um pequeno estabelecimento, com equipamentos de impressão modestos³⁵⁶.

Poucos anos depois, fundou a Sociedade Petalógica, na qual se reuniam várias personalidades da sociedade carioca: advogados, políticos, escritores, poetas etc. Em 1848, Paula Brito abriu sua loja de livros e, em 1850, criou a Imperial Tipografia Dois de Dezembro, obtendo investimentos por meio de acionistas, dentre os quais D. Pedro II. Sua tipografia o permitiu, ao mesmo tempo, tanto imprimir jornais – por exemplo, publicando *A Marmota* –, como livros – editando Teixeira e Sousa (1812-1861), Joaquim Manuel de Macedo, Bruno Seabra (1837-1876), Gonçalves de Magalhães, entre outros. Assim sendo, foi um importante editor, que muito trabalhou para o desenvolvimento cultural brasileiro³⁵⁷.

Paula Brito, também poeta, teve seus poemas publicados em periódicos, principalmente naqueles dos quais era editor. Sua produção se situava na poesia de circunstância e na poesia lírica. Foi festejado por alguns, mas desprezado por outros, embora seja necessário considerar que, diferentemente dos poetas que publicavam em livro, ele escrevia para o suporte iminente do jornal, para o qual não havia tempo de realizar um trabalho poético mais apurado, segundo explica José de Paula Ramos Júnior³⁵⁸.

Em 1849, fundou, junto de Próspero Diniz, o pequeno jornal literário *A Marmota na Corte*. A folha passou a tê-lo como único proprietário poucos anos depois, momento em que se intensificou a publicação de textos literários. O jornal durou até o fim de sua vida, em 1861, e teve alguns números impressos em 1864. Nesse empreendimento jornalístico, Paula Brito deu espaço para que seus amigos publicassem suas produções e traduções literárias, fossem poemas, peças teatrais, contos, novelas ou romances³⁵⁹.

Sabe-se, assim, que uma rede de personalidades, envolvendo José de Alencar, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, entre outros, foi se formando em torno de Paula Brito. Reuniam-se, em sua loja, para discutir os mais diversos assuntos, desde os mais banais até os mais sérios. Foi na tipografia de Paula Brito que Machado de Assis trabalhou na juventude, e foi em *A Marmota* que, perto dos seus vinte anos, publicou suas possivelmente primeiras

³⁵⁶ GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e obra de Paula Brito*: iniciador do movimento editorial no Rio de Janeiro (1809-1861). Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965. p. 9-18.

³⁵⁷ RAMOS JR., José de Paula; DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio. Catálogo. Seleção de obras e trabalhos avulsos de Paula Brito. Jornais de Paula Brito. Jornais e revistas editados por Paula Brito. Obras editadas por Paula Brito. p. 183-260. In: RAMOS JR., José de Paula; DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio (org.). *Paula Brito*: editor, poeta e artífice das letras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Com arte, 2010. (Memória Editorial; 7). p. 183-260; GONDIM, Eunice Ribeiro. Op. cit., 1965. p. 75-140.

³⁵⁸ RAMOS JR., José de Paula. A poesia de Paula Brito. p. 37-58. In: RAMOS JR., José de Paula; DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio (org.). *Paula Brito*: editor, poeta e artífice das letras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Com arte, 2010. (Memória Editorial; 7). p. 37-58.

³⁵⁹ Idem, ibidem. p. 9-18; 35-39.

traduções e o ensaio “O passado, o presente e o futuro da literatura”, em 1858, no qual se queixou sobre a pouca produção literária que considerava “consistente”³⁶⁰.

Nessa mesma época em que realizava traduções, Paula Brito também teve, no rodapé do *Jornal do Commercio*, publicadas três narrativas suas: “Revelação póstuma”, “A mãe-irmã” e “O engeitado”, que apareceram em meio a alguns folhetins estrangeiros traduzidos também por ele, a exemplo de *Othon o archeiro, chronica das margens do Renno*, de Alexandre Dumas. Essa história de Dumas foi publicada, no espaço do “Folhetim”, entre 5 e 28 de julho de 1839. Além desse romance, Paula Brito traduziu: *A espia, ou o segredo dos carbonários*, publicado entre 17 e 24 de maio de 1839, *Os dous tirados do pó*, entre 14 e 19 de novembro de 1839, e *Huma desgraça completa*, entre 13 e 22 de janeiro de 1840, sendo esses três de Frederic Soullié (1800-1847); *Anna D’Argona*, de Alexandre de Lavergne (1808-1879), entre 24 de agosto e 1º de setembro; *Mestre Adam o Calabrez*, também de Alexandre Dumas, entre 4 e 28 de outubro; *Fiamma*, de Émile Souvestre (1806-1854), em 20 e 21 de dezembro de 1839; *A casa de duas portas*, de Cordellier-Delanoue (1806-1854), entre 22 e 27 de dezembro de 1839; *Madame Talon*, de Jules A. David (1811-1890), entre 7 e 14 de fevereiro de 1840; *Tres dias da vida de M. de Marigny*, de Crétineau Joly (1803-1875), entre 6 e 8 de março de 1840; e, por fim, *Emilia*, também de Jules A. David, entre 15 e 31 de março de 1840.

A publicação de tais narrativas de sua autoria, conforme explicam Lúcia Granja e Jakeline Porto, levam-no a ser “um dos precursores de temas e formas que ocuparam as penas dos escritores brasileiros ao longo do século XIX, canonizados como os mais importantes naquele período”³⁶¹. Nesses contos, Paula Brito teria antecipado temas, tais como o paternalismo e a escravidão, e formas, tais como a ficção em narrativa epistolar³⁶².

Vejamos, por exemplo, “Revelação póstuma”. Numa carta deixada para a amiga, a jovem Carolina relatou a terrível história de um casamento malsucedido, de como seu marido a traiu com uma escrava e de como ela própria estava morrendo de angústia e de sofrimento, o que terminou por acontecer. A narrativa coloca em cena a escravidão, abordando uma realidade complexa das “relações afetivo-sexuais” entre senhores e escravizados existentes naquela época. Na história, o marido, que viveu por certo tempo com ambas as mulheres em casas separadas, escolheu viver com a escrava, depois que ela se tornou mãe; Carolina ficou desolada ao ver que não tinha dado um filho a ele, não aceitando ser deixada numa posição inferior à

³⁶⁰ A *Marmota*, Rio de Janeiro, n. 945, 23 abr. 1858, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706914/1532>. Acesso em: 20 maio 2021.

³⁶¹ GRANJA, Lúcia; PORTO, Jakeline Longo. Paula Brito, escritor esquecido. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 34, v. 2, p. 11-31, 2017. p. 13.

³⁶² Idem, *ibidem*. p. 14.

escrava. Tal questão viria a ser abordada em outras produções literárias, como na peça *Cancros sociais*, de Maria Angélica Ribeiro (1829-1880), cujo personagem principal descobre-se filho de uma escrava e de seu patrão. Ao mesmo tempo em que aborda esse assunto espinhoso, Paula Brito se vale de uma tradição de escrita ficcional na forma epistolar, como já haviam feito, por exemplo, o escritor francês Choderlos de Laclos (1741-1803), com *As Ligações Perigosas*, obra publicada em 1782, bem como o alemão Goethe, em *O sofrimento do jovem Werther*, de 1774, e como fariam José de Alencar, em seus romances, e Machado de Assis, nos contos publicados no *Jornal das Famílias*³⁶³.

Sendo assim, ao publicar suas narrativas no mesmo espaço do folhetim, Paula Brito fazia um interessante contraponto às produções estrangeiras traduzidas, mostrando que sua produção literária se relacionava, de algum modo, com embaraçosas questões sociais do país, tais como a complexa realidade da escravidão. Além disso, mostrava seus conhecimentos literários ao acionar procedimentos de criação utilizados por escritores estrangeiros antes dele, no que se refere à produção de narrativas epistolares, o que seria explorado, depois, por escritores nacionais.

Paula Brito, ao escrever sobre assuntos e utilizar formas que seriam também abordados posteriormente por escritores da literatura brasileira, revelou-se, então, como um dos precursores, ou seja, um dos primeiros escritores que desenvolveu, em seu processo criativo, essas temáticas e essas formas literárias. A capacidade de criação literária de Paula Brito não ficaria restrita, contudo, à produção “original”. Ao traduzir os romances-folhetins, por vezes ele encontrava maneiras de exercer suas habilidades de criação, como em alguns textos em que confessou ter realizado modificações que o fizeram se questionar se estava ou não envolvido no processo de tradução ou de criação literária.

Não compusemos, não traduzimos, nem abreviamos um romance, e todavia compusemos, traduzimos e abreviamos um romance; queremos dizer, o fundo da presente composição não é nosso, e muitas de suas páginas são literalmente traduzidas, porém algumas ideias são nossas. Mas que importa ao público quem é o autor da obra? O que ele quer, quando lê um romance, é que o deleitem, e se de mistura puder beber alguma instrução, ele estimará em mais a obra do que se soubesse que tinha saído da mais preciosa pena, mas que apesar disso nem o deleitava nem o instruíam³⁶⁴.

³⁶³ Idem, ibidem. p. 22-23.

³⁶⁴ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 171, 31 jul. 1839, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_02/11525. Acesso em: 20 set. 2021.

Paula Brito inseriu tal nota na publicação de *O pontífice e os carbonários*, publicada no *Jornal do Commercio* entre 31 de julho e 16 de agosto de 1839. Não foi possível ainda delimitar o texto fonte de tal narrativa – ou mesmo se há uma junção de várias histórias –, na qual ele diz ter empregado procedimentos híbridos, situados na fronteira entre tradução, adaptação e criação. Para ele, o leitor não se importaria em saber qual seria a origem da história, visto que bastaria a eles apenas o deleite e a instrução, duas das características mais importantes numa obra literária, aos olhos dos críticos do século XIX.

Conforme analisa a pesquisadora Ilana Heineberg ao discorrer sobre o procedimento de tradução adotado por Paula Brito – e também por Justiniano José da Rocha, como veremos no tópico que se segue –, é possível considerar a proximidade entre essa noção de tradução com as *belles infidèles*³⁶⁵ – belas infiéis –, ideal de tradução pautado na “beleza” da língua francesa – e também num certo patriotismo – durante os séculos XVII e XVIII. Tal proposta de tradução era empregada pelo tradutor francês Nicolas Perrot d’Ablancourt (1606-1664) na tradução de obras clássicas³⁶⁶. Heineberg explica que

[n]ous pouvons transposer donc, à titre illustratif et étant consciente de l’anachronisme, l’idée des « belles infidèles » dans notre contexte. Contrairement à la France du Roi Soleil, le Brésil du « Segundo Reinado » voit la mise en œuvre des traductions libres – et, certes, plus infidèles que belles – plutôt dans une démarche hypertextuelle qu’ethnocentrique. La traduction ethnocentrique est celle qui ramène le texte à sa propre culture, à ses normes et à ses valeurs, comme c’est le cas des « belles infidèles » françaises, amenant de cette manière l’auteur aux lecteurs. La traduction hypertextuelle s’engendre par l’imitation ou par la transformation d’un texte antérieur, conduisant ainsi les lecteurs vers l’auteur³⁶⁷.

Assim sendo, apesar do anacronismo, a pesquisadora considera que é possível compreender a prática de Paula Brito a partir da ideia das *belles infidèles*; contudo, mais como uma “tradução livre” – hipertextual, como explica Antoine Berman³⁶⁸ – do que orientada pela beleza da língua – etnocêntrica. No caso desse tradutor brasileiro, conforme ele próprio assume, a orientação se dá pelos preceitos do deleitamento e da instrução que os leitores poderiam obter a partir da leitura de uma obra literária.

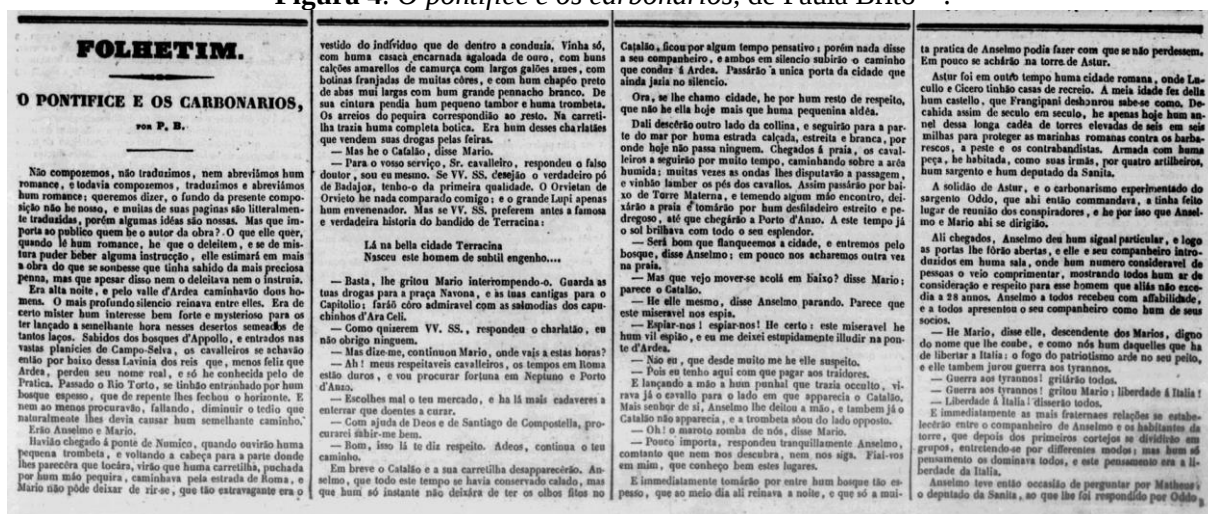
³⁶⁵ HEINEBERG, Ilana. Op. cit., 2004. v. 1, p. 48-49.

³⁶⁶ DOMINGUES, João. A Tradução em França na época clássica. p. 9-20. In: DOMINGUES, João (org.). *As “belas infiéis”*. Introdução, tradução e notas de João Domingues. Mangualde: Edições Pedagogo; Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012. p. 9-20.

³⁶⁷ HEINEBERG, Ilana. Op. cit., 2004. v. 1, p. 49.

³⁶⁸ BERMAN, Antoine. Op. cit., 2013. p. 39.

Figura 4: *O pontífice e os carbonários*, de Paula Brito³⁶⁹.



Em *Madame Talon*, de Jules A. David, publicado no *Jornal do Commercio* entre 7 e 14 de fevereiro de 1840, em seis partes, assim como saiu um ano antes o texto em francês no *La Presse*, Brito justifica ter adotado procedimentos semelhantes aos empregados em *O pontífice e os carbonários*, conforme afirmou em nota de rodapé:

(*) Tomei a liberdade de fazer bastantes alterações nesta tradução, porque o enredo do original me não pareceu oferecer interesse bastante. Para o ordinário dos leitores será isto indiferente: todavia quero evitar o ser taxado de inexacto³⁷⁰.

Tal ressalva de Paula Brito funcionou, ao mesmo tempo, como indicação das modificações daquilo que lhe desagradava no texto de partida, e pode ser entendida como uma forma de se resguardar perante críticas que pudessem aparecer. Mas, se os leitores comuns – sobre os quais conclui não se importarem com os resultados da tradução – podem não ter deixado suas impressões sobre a história, um leitor em especial viu nesse folhetim uma oportunidade de polemizar com Paula Brito.

Em *O Despertador*, um pequeno e breve jornal católico que atacava cotidianamente o *Jornal do Commercio*, M. Jorge, cuja identificação precisa não foi possível realizar, faz uma dura crítica à tradução da narrativa *Madame Talon*. Jorge iniciou sua crítica com elogios irônicos ao *Jornal do Commercio* quanto à escolha dos artigos e folhetins, “escritos com gosto,

³⁶⁹ Fonte: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 171, 31 jul. 1839, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_02/11525. Acesso em: 20 set. 2021.

³⁷⁰ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 35, 7 fev. 1840, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/137. Acesso em: 20 set. 2021.

graça e decência”³⁷¹. O crítico mencionou vários trechos nos quais destacou, enfatizando em itálico, a presença de muitos artigos indefinidos – “um” e “uma”. Vejamos, a seguir, algumas passagens copiadas do romance e citadas em *O Despertador*:

“Talon era casado com a filha de *um* presidente barretado. A mulher de *um* magistrado não deve ser como outra, a mulher de *um* magistrado não deve gostar de baile, a mulher de *um* magistrado deve ser superior a ditinhos da rua, a mulher de *um* magistrado deve vigiar em todas suas ações. Que vergonha se se dissesse que a mulher de *um* magistrado tinha assistido a *uma* ceia, a *uma* reunião, a *uma* representação de Versailles!”

“Madame Talon tinha *uma* lógica fina como *uma* garça, como *um* fio de seda, que o marido rompia com *uma* pancada de sua grandeza”³⁷².

Contabiliza, perplexo, a existência de quase seis centenas deles:

Todo este exercício de um e uma acha-se dividido em legiões, regimentos, companhias, pelotões e filas, já unidas, já dispersas, em número de QUINHENTOS E NOVENTA em um romance. 590 vezes um ou 590 vezes uma, que sempre dá o mesmo produto de QUINHENTAS E NOVENTA!!!³⁷³

No dia seguinte, em artigo no *Jornal do Commercio*, Paula Brito devolveu na mesma moeda, com uma crítica em que observou, na tradução de *Mauprat*, romance de George Sand publicado no folhetim de *O Despertador* – jornal de onde partira a crítica de M. Jorge –, a existência de cinquenta “uns” e “umas”, em apenas um número do folhetim.

Como o *Despertador* se deu ao trabalho de apanhar os *uns* do Folhetim do *Jornal do Commercio*, dou-me eu ao trabalho de apanhar os do *Despertador*; pedindo porém ao público que advirta que os que apanha o *Despertador* acham-se espalhados em um romance inteiro, que ocupou bastantes colunas do jornal: os que apontamos vêm em um só número do *Despertador* (o de ontem), e por aí comparecem.

Um país, *um* castelo, *um* certo incômodo, *um* outeiro, *um* amigo, *uma* linda casa, *um* belo homem, *uma* certa dureza, *uma* pontualidade, *um* dos criados, *uma* porta, *uma* praga terrível, *um* raio, *uma* extensão, *uma* banca, *um* homem, *uma* lebre ou um feiticeiro, *uma* xícara, *um* filho, *uma* filha, *um* copo, *um* grande copo, *uma* criança, *um* velho, *um* rapazola, *um* de meus amáveis tios, *um* animal carniceiro, *uma* vez, *um* respeito, *uma* abstração, *uma* ação, *uma* torre velha, *um* pobre homem, *uma* espécie, *um* vigário, *uma* instrução, *uma* cama, *um* arruinado quarto, *um* sem número, *uma* coruja, *uma* caçada, *um* homem, *uma* pedra, *um* de meus companheiros, *um* velho, *um* pobre velho.

³⁷¹ *O Despertador*, Rio de Janeiro, n. 568, 18 fev. 1840, p. 2. <http://memoria.bn.br/DocReader/706701x/2356>. Acesso em: 20 set. 2021.

³⁷² Idem, ibidem. p. 2.

³⁷³ Idem, ibidem. p. 2.

Todos esses *uns* (são cinquenta) se acham em um só número do *Despertador*, e só no romance. Parece que a vista disto, se foi pródigo o tradutor de Mme. Talon, o de Mauprat não é econômico³⁷⁴.

Terminou por revidar o ataque de seu adversário, chamando-o de ignorante em questões gramaticais e qualificando a crítica que realizou como uma perda de tempo. De fato, teve razão quanto ao tempo perdido, já que o resultado apenas indicou a quantidade de artigos indefinidos na tradução, com alguns ataques genéricos e pouca avaliação fundamentada. Talvez estivesse mesmo utilizando de um pretexto para polemizar, como cotidianamente fazia contra o *Jornal do Commercio*. Interessante foi não ter questionado, em momento algum, a justificativa de Paula Brito a respeito das “alterações”, feitas com o objetivo de adequar a história a seu próprio gosto. Parecia haver, naquele momento do século XIX brasileiro, em que se intensificou a importação de obras estrangeiras a serem traduzidas para o português, posições mais flexíveis sobre o que poderia, ou não, ser feito em uma “tradução”, num sentido mais amplo, que envolveria também aquilo que chamamos de adaptação literária.

2.1.3 Justiniano José da Rocha: um tradutor criativo

O jornalista, escritor, político, professor e tradutor Justiniano José da Rocha nasceu em 28 de novembro de 1811, possivelmente no Rio de Janeiro, e morreu em 10 de julho de 1862, na mesma cidade. Sendo um homem negro, era objeto de chacota nas caricaturas feitas sobre ele nos jornais, a exemplo de uma de 14 de dezembro de 1837, desenhada por Araújo Pôrto Alegre, na qual se critica sua nomeação para o cargo de diretor do *Correio Oficial*. Os cabelos encaracolados, o nariz chato, os lábios grossos e a pele parda eram quase sempre exagerados nas caricaturas³⁷⁵.

Aos 12 anos, Justiniano foi estudar na França, no famoso Liceu Henrique IV – possivelmente levado por seu primo Julio Cezar Muzzi, que foi tratar sua surdez na Europa na mesma época³⁷⁶ – e lá se distinguiu por sua conduta e dedicação aos estudos. Retornou ao Brasil para cursar Direito, matriculando-se em 1829 na recém-criada Faculdade de Direito de São Paulo. Aos 21 anos, depois de terminar os estudos, iniciou sua longa e próspera carreira jornalística, trajetória que o marcou como um homem público brasileiro³⁷⁷. Fundou os jornais

³⁷⁴ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 47, 19 fev. 1840, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/186. Acesso em: 20 set. 2021.

³⁷⁵ CARDIM, Elmano. *Justiniano José da Rocha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. p. 5-11.

³⁷⁶ BARMAN, Roderick J. Op. cit., 1973. p. 5.

³⁷⁷ CARDIM, Elmano. Op. cit., 1964. p. 5-11.

O Atlante (1836), *O Chronista* (1836), *O Brasil* (1840), *Correio do Brasil* (1852), *O Velho Brasil* (1853), *O Constitucional* (1859) e *O Regenerador* (1860), e trabalhou como jornalista em muitos outros, como no *Jornal do Commercio*³⁷⁸, do qual era um dos principais redatores³⁷⁹.

Justiniano José da Rocha é considerado um dos introdutores do romance-folhetim no Brasil. Viria a ser, também, um grande e famoso tradutor de obras desse gênero. Tudo parece ter começado em seu jornal *O Chronista*, fundado em 1836, nas páginas do qual desejava trazer as novidades literárias da França aos leitores cariocas³⁸⁰. Assim sendo, apresentou ao leitor a ideia do *feuilleton*, em artigo publicado no rodapé, em 5 de outubro de 1836, mostrando graficamente, em seu próprio jornal, a parte separada do restante da folha com “um grande traço negro”, abaixo da qual apareciam, em letras maiúsculas “radiantes, facínoras, feiticeiras”, a palavra “FEUILLETON”, um espaço textual “mimosamente reservado para ser lido com vagar, para ser saboreado a contento, para servir de sobremesa a vosso banquete de leitura”³⁸¹. Ele continuou o texto tecendo frases elogiosas a esse formato de suporte textual, avisando ao leitor que *O Chronista* daria espaço às obras estrangeiras. Discutiu, por fim, qual seria a melhor tradução para a língua portuguesa dessa palavra francesa.

Nada nos seria mais fácil, se quiséssemos seguir certo método que está muito em moda, a portuguesa-ríamos a palavra francesa, diríamos *folhetão*; e isso fundado em boas, e valentes autoridades: já um ministro de estado não disse em português *interposto* porque os franceses dizem – *entrepôt* –? Pois nós como muito mais razão chamaremos aos nossos artigos *folhetões*. – Mas *folhetão* parece tão feio, soa muito mal!!! Acresce que na índole da nossa língua, é aumentativa a desinência – *ão*, – e por *folhetão* entender-se-ia folha grande, volumoso folheto; e na índole da língua francesa a desinência – *on* – é diminutiva, e assim *feuilleton* em vez de corresponder a *folhetão*, corresponde a folhasinha, pequena e delicada. Chamaremos-lhe pois folhasinha: – mas não, ia escrever essa palavra quando dos bicos da pena caiu-nos borrão de mau agouro, e nós muito nos arreamos de agouros literários, proscrevemos a mimosa folhasinha, e singelos chamaremos nossos artigos com o nome genérico FOLHA; um epíteto designará o gênero dessa FOLHA: assim uma vez será FOLHA LITTERARIA, outra vez FOLHA CRITICA; ora FOLHA SCIENTIFICA, ora ARTISTICA &C. Eis assim evitado o primeiro dos embaraços³⁸².

³⁷⁸ Idem, ibidem. p. 141.

³⁷⁹ BARMAN, Roderick J. Op. cit., 1973. p. 5-6.

³⁸⁰ WIMMER, Norma. Folha, folhetim, folhetão: do jornalismo francês para a imprensa do Rio de Janeiro. p. 9-14. In: SILVA, Antonio Manoel dos Santos (org.). *Cronistas brasileiros do século XIX: folhetins, crônicas e afins*. São Paulo: Arte & Ciência, 2010. p. 10-12.

³⁸¹ *O Chronista*, Rio de Janeiro, n. 3, 5 out. 1836, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702811/74>. Acesso em: 10 jul. 2022.

³⁸² *O Chronista*, Rio de Janeiro, n. 3, 5 out. 1836, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702811/75>. Acesso em: 10 jul. 2022.

Figura 5: Terceiro número de *O Chronista*, periódico de Justiniano José da Rocha³⁸³.

Com o termo “FOLHA”, acrescido dos qualificativos, conforme Justiniano considerava adequado, a depender do conteúdo, seguiu-se a publicação de textos nessas rubricas localizadas no rodapé de *O Chronista*, tendo iniciado como “FOLHA LITTERARIA”, que por vezes passava a ser “FOLHA DRAMÁTICA”, e, por fim, “CRÔNICAS DA SEMANA”³⁸⁴. Contudo, o termo escolhido por ele não se consagrou no uso dos jornais, que preferiram denominar a rubrica de “Folhetim”, como fez o *Jornal do Commercio* dois anos depois³⁸⁵.

Como tradutor, Justiniano parece ter iniciado suas atividades em *O Chronista*, a julgar pelas traduções de textos estrangeiros publicados nessa folha. Assim sendo, selecionamos um caso específico, para ver, com mais detalhes, como ele realizou a “imitação” de um conto de Balzac, narrativa na qual realizou alterações radicais, com a justificativa de que as traduções não estão à altura das obras “originais”, o que parece ter retomado, pouco tempo depois, de alguma forma, na tradução de *A paixão dos diamantes*, publicada no *Jornal do Commercio*, caso que também apresentaremos.

La peau de chagrin – ou *A pele de onagro* – publicada em 1831 em jornal e em livro, é uma novela do escritor francês Honoré de Balzac. A narrativa faz parte dos Estudos Filosóficos de *La Comédie Humaine* – ou *A Comédia Humana*. Segundo Norma Wimmer, a história tem elementos fantásticos: uma pele mágica, que realizava os desejos do possuidor, mas lhe encurtava a vida. Em suma, é o embate da vida com o desejo³⁸⁶.

No texto em francês de 1831³⁸⁷ e no texto da tradução mais recente da obra completa do escritor para o português³⁸⁸, Raphaël de Valentin, o protagonista da novela, quase tentou suicídio no rio Sena, mas resolveu desistir. Entrou em uma loja de antiguidades, onde lhe foi apresentada a pele de onagro – uma subespécie de jumento das regiões do Oriente Médio e Índia –, marcada com um símbolo mágico, que a permitia realizar desejos. Deslumbrado pelos

³⁸⁴ WIMMER, Norma. Op. cit., 2010. p. 13-14.

³⁸⁵ CANO, Jefferson. Justiniano José da Rocha, cronista do desengano. p. 23-65. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 24.

³⁸⁶ WIMMER, Norma. *A luva misteriosa e La peau de chagrin*: dois textos fantásticos. p. 175-182. In: VOLOBUEF, Karin; HERRERA-ALVAREZ, Roxana Guadalupe; WIMMER, Norma (org.). *Dimensões do fantástico, mítico e maravilhoso*. Araraquara: FCL-Unesp Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (Série Estudos Literários; 10). p. 175-182; WIMMER, Norma. *Lectures de Balzac au Brésil au XIX^e siècle*. 1982. 166 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982. p. 9-50.

³⁸⁷ BALZAC, Honoré de. *La peau de chagrin*: roman philosophique. v. 1. Paris: Charles Gosselin; Urbain Canel, 1831. Google Books. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/La_peau_de_chagrin/yLY5AAAcAAJ. Acesso em: 20 set. 2021; BALZAC, Honoré de. *La peau de chagrin*: roman philosophique. v. 2. Paris: Charles Gosselin; Urbain Canel, 1831. Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1rY5AAAcAAJ>. Acesso em: 20 set. 2021.

³⁸⁸ BALZAC, Honoré de. *A pele de onagro*. Tradução de Gomes da Silveira. In: BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. São Paulo: Globo, 1992. p. 13-246.

poderes de tal artefato, Raphaël o adquiriu. Faminto, desejou o melhor dos jantares, e foi recebido num luxuoso e extravagante banquete, com seus amigos, na companhia de belas mulheres.

Depois do jantar, Raphaël contou-lhes sobre sua tragédia familiar. Seu severo pai, quando faleceu, havia deixado uma pífia herança. Raphaël vivia uma vida pobre, mas com pretensões de se tornar um escritor. Instalou-se em um quarto de um hotel medíocre, e lá conheceu a jovem Pauline, filha da dona do estabelecimento. Apaixonou-se por ela, mas suas aspirações de enriquecimento o fizeram se encantar pela rica Condessa Foedora, que o tratava com indiferença.

Ao contar tais acontecimentos de sua vida, Raphaël lembrou-se de seu desejo de enriquecer, pedido que lhe foi rapidamente concedido: recebeu uma inesperada e grandiosa herança. Adquiriu uma mansão em Paris, nela mantendo uma vida reclusa e extremamente regrada, já que não estava nos melhores dias de sua saúde. Raphaël reencontrou Pauline, já muito rica, e os dois se entregaram à paixão. Contudo, para viver esse amor, ele precisava encontrar um meio de fazer com que a pele voltasse ao tamanho original, a fim de ter mais tempo de vida. Não obtendo sucesso nisso, sua saúde ficou muito debilitada. Ele morreu, e a pele desapareceu, por fim.

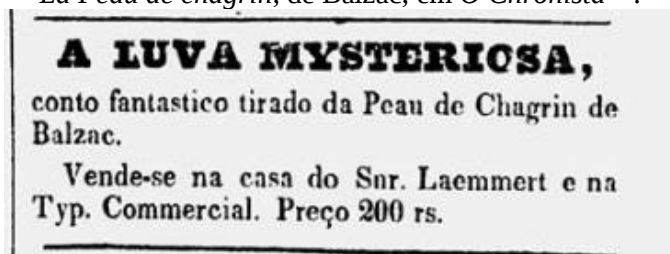
Portanto, a história termina com a morte de Raphaël, mas os leitores brasileiros de língua portuguesa talvez não soubessem que tal fato viria a acontecer na tradução/adaptação de *A pele de onagro*, feita por Justiniano José da Rocha, sob o título *A luva misteriosa*, publicada em 1836 em *O Chronista*. Isso porque a narrativa, dividida em partes, assim como acontecia com os folhetins, provavelmente não saiu completa no jornal. Segundo Wimmer, restam-nos apenas três partes dela nos volumes 6, 8 e 9, e elas não indicam a morte do protagonista³⁸⁹. O número 10, que talvez trouxesse o último trecho para concluir a tradução/adaptação de Justiniano e encerrar a história, parece ter se perdido por completo, ou seja, não nos é acessível atualmente³⁹⁰. Não sabemos, portanto, se os leitores puderam ter acesso ao texto integral no periódico, mas não nos é estranho pensar que Justiniano tenha, estrategicamente, suspenso a veiculação da história no jornal para publicá-la por completo em livro. Se foi interrompida ou não na imprensa, fato é que saíram em 1836 – naquele mesmo ano – dois anúncios de venda de *A luva misteriosa* pelo módico preço de 200 réis em *O Chronista* e no *Diário do Rio de Janeiro*,

³⁸⁹ WIMMER, Norma. Op. cit., 2011; WIMMER, Norma. Op. cit., 1982. p. 27.

³⁹⁰ A edição de número 10 não está disponível na Hemeroteca Digital Brasileira. Segundo Norma Wimmer, não foi possível encontrar *A luva misteriosa* nas bibliotecas do Rio de Janeiro e São Paulo. WIMMER, Norma. Op. cit., 2011.

e, em 1839, mais dois anúncios do mesmo livro no *Jornal do Commercio*, desta vez por 160 réis³⁹¹.

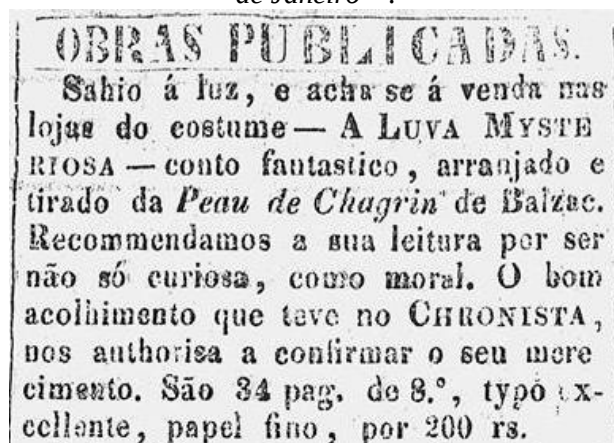
Figura 6: Anúncio de *A luva misteriosa*, adaptação de *La Peau de chagrin*, de Balzac, em *O Chronista*³⁹².



Transcrição:

A LUVA MYSTERIOSA,
conto fantástico tirado da Peau de
Chagrin de Balzac.
Vende-se na casa do Snr. Laemmert e na
Typ. Commercial. Preço 200 rs.

Figura 7: Anúncio de *A luva misteriosa*, adaptação de *La Peau de chagrin*, de Balzac, no *Diario do Rio de Janeiro*³⁹³.



Transcrição:

OBRAS PUBLICADAS.

Saiu à luz, e acha-se à venda nas lojas do costume — A LUVA MYSTERIOSA — conto fantástico, arranjado e tirado de *Peau de Chagrin* de Balzac. Recomendamos a sua leitura por ser não só curiosa, como moral. O bom acolhimento que teve no CHRONISTA, nos autoriza a confirmar o seu merecimento. São 34 pag. de 8.º, tipo excelente, papel fino, por 200 rs.

Os dois reclames de venda destacaram a história como um “conto fantástico”. O anúncio do *Diario do Rio de Janeiro*, além disso, recomendou a leitura da narrativa, por considerá-la curiosa e moral, e por ter obtido um bom acolhimento no jornal em que foi publicada como folhetim. Apesar de o nome do tradutor não ter sido mencionado, o escritor francês, Balzac, é citado como autor da obra, cujo título original, de onde o texto traduzido foi “arranjado e tirado”, também é apresentado. O preço baixo do folheto de apenas 34 páginas, que custava 200

³⁹¹ “A luva misteriosa, conto fantástico, 160; [...] vende-se na loja de livros da rua da Alfandega n. 5, perto da Direita”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 255, 24 out. 1839, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/11868. Acesso em: 10 jul. 2019; “Luva Misteriosa, 160 [...] Todas estas obras se vendem na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre as dos Ourives e dos Latoeiros, casa do livro azul”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 302, 13 dez. 1839, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/12056. Acesso em: 10 jul. 2019.

³⁹² Fonte: *O Chronista*, Rio de Janeiro, n. 3, 5 out. 1836, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702811/77>. Acesso em: 10 jul. 2019.

³⁹³ Fonte: *Diario do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 3, 3 ago. 1836, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/18487. Acesso em: 10 jul. 2019.

réis, na Livraria Laemmert, na Typographia Commercial, ou em “lojas de costume”, poderia também atrair os leitores.

Em sua tradução/adaptação, Justiniano José da Rocha alterou o título da narrativa, que contém a palavra “misteriosa”, certamente para chamar a atenção para o texto que foi publicado no jornal, já talvez imaginando que poderia ser atrativo no caso de ser anunciados em outros periódicos do Rio de Janeiro como um livro. É preciso considerar que o tradutor, antes de tudo, era proprietário e editor de *O Chronista*, e teria liberdade em conduzir a publicação desse periódico como melhor entendesse. Ele não recuperou, no título traduzido, o animal que aparece no título da obra original – “chagrin”, em francês, que seria “onagro”, em português –, possivelmente um bicho desconhecido dos leitores. Assim sendo, a alteração do título aponta para uma estratégia que não se resume apenas à adequação da história segundo o gosto do tradutor e/ou ao que ele, também como editor, imaginava ser mais oportuno aos leitores, para conquistar sua atenção e, conseqüentemente, vender o jornal e o livro.

O tradutor fez uma grande condensação do texto balzaquiano, e mesmo algumas modificações. A história se iniciou com Armancio, que avistou uma grande mansão e descobriu que Verneuil, seu velho amigo, morava nela. Armancio convenceu o mordomo a chamar seu patrão, para que ele o recebesse. Verneuil reconheceu o amigo e contou-lhe sobre sua vida pregressa antes do pacto: ele pensava em se suicidar, devido a inúmeros problemas, quando lhe ofereceram uma luva misteriosa, que lhe concederia todos os seus desejos. O pacto foi feito, e com isso Verneuil pôde desfrutar uma vida luxuosa: festas, amantes e muito dinheiro. Contudo, a luva diminuía a cada desejo realizado. Ele procurou ajuda para fazer com que ela voltasse ao seu tamanho original, mas não obteve sucesso. Para se livrar da luva, Verneuil decidiu queimá-la, mas, ao fazê-lo, recebeu a visita de um demônio, que o amaldiçoou ainda mais: ele recebeu uma outra luva e, a partir de então, suas vontades não seriam mais realizadas; apenas seu tempo de vida seria encurtado a cada desejo.

O texto de Justiniano se encerrou dessa forma. Ficaram claras as modificações feitas por ele: a condensação, para que a narrativa pudesse ser publicada em *O Chronista*; a troca do nome do protagonista, de Raphaël para Verneuil; a opção por resumir a vida pregressa do protagonista antes do pacto; e algumas alterações na ordem dos acontecimentos³⁹⁴. Além disso, segundo explica Norma Wimmer, a “atmosfera mágica” do texto balzaquiano não está presente na tradução, da mesma forma como na narrativa em francês, principalmente em sua primeira

³⁹⁴ WIMMER, Norma. Op. cit., 1982. p. 37-40.

parte³⁹⁵. Mas, o que mais chama atenção no conto é uma clara referência à questão do demoníaco, que não ficou tão explícita no texto de Balzac.

[...] tudo entra em silêncio, e eu ia adormecer, quando ouço esse riso infernal que mais de uma vez tinha ouvido por minha desgraça: viro-me, e vejo ao pé de mim, não já o mancebo de falar angélico, e de satânico olhar que me dera a luva, mas o velho mirrado e seco, que me tinha aparecido na ponte. A mesma mão de ferro, fria, mas abrasadora, pesou, como um remorso, sobre meu peito. [...]

– Teus desejos não serão mais necessariamente satisfeitos; mas cada desejo teu fará que ela se encolha, e quando tiver se reduzido a uma bola... morrerás! E então, menino, que ganhaste na troca.

[...]

E parecia-me que me estava afogando, água entrava-me pela boca, e sufocava-me; pelos olhos, e cegava-me; pelos ouvidos, e música infernal zunia-me aos ouvidos; e em torno de mim passavam legiões e mais legiões de espíritos das trevas, uns ameaçando-me com pontudos chifres, outros açoitando-me com entrelaçadas víboras³⁹⁶.

Justiniano recorreu às expressões “riso infernal”, “satânico olhar”, “música infernal”, “espírito das trevas”, “pontudos chifres” e “víboras”, por exemplo, que podem ter sido empregados para tornar a referência à troca dos desejos pela vida mais explícita ao público leitor brasileiro, e assim fazê-lo se interessar mais pela história tida como “fantástica”, mas ao mesmo tempo com ensinamentos morais (no caso, a punição como uma forma de pagar pelos desejos mais excêntricos). Talvez a troca da pele, no texto de Balzac, pela luva, no texto de Justiniano, fosse uma forma de fazer referência ao luxo, deixando em segundo plano o aspecto fantástico. Independentemente da consequência de tais modificações, é importante, pois, considerar que Justiniano tinha clareza sobre o que fazia, e procurava explicitá-la aos leitores de *O Chronista*.

A literatura moderna é assaz desconhecida entre nós, e todavia, fonte de gozos indefiníveis, devemos aproveitá-la: o triunfo da escola romântica sobre a escola clássica, tanto tempo disputado, parece ser seguro: no teatro (ao menos no teatro brasileiro) dúvida nem uma fica de que o terrível do romantismo atrai mais do que o terrível do classicismo. – As melhores produções desta escola têm ido à cena, e tem feito dormir, enquanto o romântico *Jogador*, os românticos *Seis degraus do crime* tem constantemente chamado numerosos espectadores.

Querendo vulgarizar mais as belezas da moderna literatura, há muito tempo resolvemos inserir nas colunas do CHRONISTA alguns pedaços, traduzidos das melhores obras de que vão multiplicando, mas, lembrando-nos que traduções

³⁹⁵ Idem, ibidem. p. 32.

³⁹⁶ *O Chronista*, Rio de Janeiro, n. 9, 9 jul. 1836, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702811/44>. Acesso em: 10 jul. 2019.

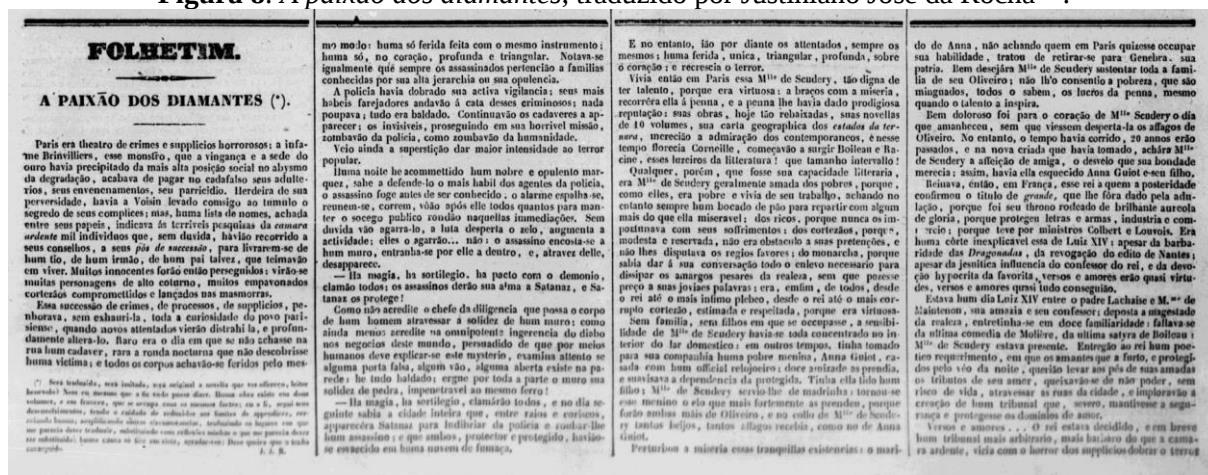
sempre desmerecem dos originais, achamos melhor resumir em mais breves quadros, onde reuníssemos o que há de mais notável e elegante nas principais obras dos Hugo, Balzac, Sue, Lacroix etc.

Esse conto fantástico de que hoje publicamos parte foi filho daquela resolução. – Imitamos parte da novela terrível de Balzac – *La peau de chagrin*. Possa *A luva misteriosa* agradar aos leitores brasileiros como *La peau de chagrin* agradou aos franceses³⁹⁷.

Ao considerar que “traduções sempre desmerecem dos originais”, Justiniano vislumbrou uma possibilidade de realizar toda e qualquer modificação no texto de chegada, o que consiste em “imitação”, ao gosto do tradutor e do público para quem o texto se direciona. Vulgarizar a obra de um autor consagrado como Balzac foi para ele uma maneira de torná-la mais popular, apesar de inevitavelmente ter privado o público de uma característica marcante da obra balzaquiana, as longas e minuciosas descrições dos lugares, dos tipos humanos, das atitudes e das ações.

Um relato mais detalhado da prática de criação e tradução de Justiniano pode ser encontrado na primeira nota de rodapé de *A paixão dos diamantes*. Essa narrativa foi publicada no *Jornal do Commercio* entre 27 e 30 de março de 1839, sem indicativo que permitisse ao leitor saber se era ou não uma tradução.

Figura 8: *A paixão dos diamantes*, traduzido por Justiniano José da Rocha³⁹⁸.



Em sua biografia sobre Justiniano, Elmano Cardim, por vezes, afirmou que ele era o autor dessa narrativa, e, em outras vezes, afirmou ter sido ele o tradutor³⁹⁹. Tania Rebelo Costa

³⁹⁷ O *Chronista*, Rio de Janeiro, n. 6, 20 jun. 1836, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702811/28>. Acesso em: 10 jul. 2019.

³⁹⁸ Fonte: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 70, 27 mar. 1839, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/11107. Acesso em: 10 jul. 2019.

³⁹⁹ CARDIM, Elmano. Op. cit., 1964. p. 59-60.

Serra a inseriu em sua *Antologia do romance-folhetim (1839-1870)* – na qual reuniu folhetins autorais de escritores brasileiros –, pois considerou a importância de tal história no plano histórico e literário. Assim sendo, Tania Serra chama a atenção para o conteúdo da nota de rodapé, inserida pelo tradutor⁴⁰⁰.

Será traduzida, será imitada, será original a novela que vos ofereço, leitor benévolo? Nem eu mesmo que a fiz vo-lo posso dizer. Uma obra existe em dois volumes, e em francês, que se ocupa com os mesmos fatos; eu a li, segui seus desenvolvimentos, tendo o cuidado de reduzi-lo aos limites de apêndices, cerceando umas, ampliando outras circunstâncias, traduzindo os lugares em que me parecia dever traduzir, substituindo com reflexões minhas o que me parecia dever ser substituído; uma coisa só tive em vista, agradar-vos; Deus queira que tenha conseguido.

J. J. R.⁴⁰¹

Merecem atenção os termos usados por Justiniano: “traduzida”, em referência à tradução integral, e “imitada”, em referência ao que hoje muitos dão o nome de “adaptação”, retomando aquilo que fez em *A luva misteriosa*, embora para ele importasse menos a distinção daquilo que fazia e mais a produção de uma obra que pudesse agradar os leitores brasileiros. E realmente trata-se de uma adaptação, segundo Karin Volobuef, da narrativa francesa *Olivier Brusson*, de Henri de Latouche (1785-1851), por sua vez também uma adaptação de uma novela alemã de E. T. A. Hoffmann (1776-1822), *Das Fräulein von Scuderi*⁴⁰².

Nessa narrativa em alemão, Cardillac, um ourives mundialmente reconhecido, tem uma obsessão por pedras preciosas. Torna-se um assassino, obstinado por roubar joias e cometer crimes. Com sua habilidade, consegue escapar das forças policiais, espalhando terror na população. Seu assistente, Olivier Brusson, descobre que seu patrão é o assassino, mas nada revela à polícia, pois amava sua filha, Madelon, e não queria prejudicá-la. Numa tentativa falha de roubo, Cardillac é ferido pela vítima, o que resulta em sua morte. Brusson é preso, suspeito de tê-lo assassinado, bem como de ter cometido os demais crimes. A senhorita Scuderi, uma culta mulher, acredita que Brusson é inocente, e consegue que ele seja solto. As jóias, outrora

⁴⁰⁰ SERRA, Tania Rebelo Costa Serra. Op. cit., 1997. p. 57-78.

⁴⁰¹ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 70, 27 mar. 1839, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/11107. Acesso em: 10 jul. 2019.

⁴⁰² VOLOBUEF, Karin. No rastro dos Assassinos Misteriosos, de Justiniano José da Rocha. In: CONGRESSO DA ABRALIC, 6., 2000, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1998. CD-Rom; VOLOBUEF, Karin. E. T. A. Hoffmann e o Romantismo brasileiro. *Forum Deutsch – Revista Brasileira de Estudos Germanísticos*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 103-113, 2002.

roubadas pelo ourives, são devolvidas aos legítimos proprietários. Brusson se casa com Madelon, e ambos vão morar em Genebra, para que ela não saiba a verdade sobre seu pai⁴⁰³.

Segundo explica Karin Volobuef, Latouche fez alterações nessa história. O título em francês – *Olivier Brusson* – indica que ele transferiu a ênfase para Brusson, em vez da senhorita Scuderi. Na história traduzida, ela não conseguiu a soltura do rapaz. Entre outras mudanças, uma das mais radicais é o desfecho da história, que se encerra com a morte de Brusson e de sua amada, cujo nome foi alterado para Marguerite⁴⁰⁴.

Essa narrativa passou por mais um processo de tradução, resultado em algumas mudanças. O título da edição em livro, alterado em relação à sua publicação no *Jornal do Commercio*, com o objetivo de incluir os elementos de mistério e de crime de homicídio – *Os assassinios misteriosos, ou A paixão dos diamantes* –, primeiramente, dá uma “ótica sensacionalista” à história, deixando de lado a menção direta aos personagens, considera Volobuef. Alguns deles tiveram os nomes modificados. Justiniano também fez intensas condensações textuais e cortes de personagens. Apesar disso, o tradutor Rocha manteve o final infeliz de Latouche. Talvez as alterações mais interessantes tenham sido a ênfase à religião, na oposição entre virtude e vício, e à tônica moralizante, que imprimiu à narrativa⁴⁰⁵.

A tradução para o português foi editada em livro no mesmo ano, impresso pela tipografia do próprio jornal. O pequeno livro, de apenas 29 páginas, não traz essa nota que foi inserida no rodapé do *Jornal do Commercio*⁴⁰⁶. Possivelmente, julgou-se desnecessário reproduzi-la, para não causar dúvidas, nos futuros leitores da obra, a respeito da origem de tal história, se seria uma produção original, uma tradução ou uma imitação de “J. J. R.”, como Justiniano José da Rocha foi identificado. Assim como no jornal, o autor da narrativa em alemão não foi mencionado, tampouco o tradutor para o francês.

Assim sendo, Justiniano tinha em mente certa liberdade, que o permitia, ao mesmo tempo, traduzir e criar, da maneira que achava mais proveitosa, realizando condensações, ampliações, substituições, sempre com o intuito de agradar ao público leitor. Dessa forma, ele permitia que se desenvolvesse e se consolidasse o gênero folhetinesco em terras brasileiras. Ele,

⁴⁰³ VOLOBUEF, Karin. Trajetória inesperada de uma tradução – E.T.A. Hoffmann e Justiniano José da Rocha. p. 159-170. In: LAGES, Susana Kampff; KRETSCHMER, Johannes; SARTINGEN, Kathrin. (org.). *A tradução em movimento: figurações do traduzir entre culturas de língua portuguesa e culturas de língua alemã*. Frankfurt: Peter Lang, 2017. p. 163-164.

⁴⁰⁴ Idem, ibidem. p. 164-165.

⁴⁰⁵ Idem, ibidem. p. 165-167.

⁴⁰⁶ ROCHA, Justiniano José da. *Os assassinios misteriosos, ou A paixão dos diamantes: novella historica*, por J. J. R. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1839. Tradução de *Olivier Brusson*, de Henri de Latouche, adaptado de *Das Fräulein von Scuderi*, de E. T. A. Hoffmann. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

como um escritor-tradutor, situava-se, portanto, na fronteira entre as atividades de tradução e de criação literária, justamente nos primeiros anos de veiculação do romance-folhetim no Brasil.

2.2 Os tradutores e as traduções em *A Marmota*

Francisco de Paula Brito, como mencionamos, trabalhou como tradutor de romances-folhetins para o *Jornal do Commercio*, por pouco mais de dois anos – 1839 a 1840 –, no início de sua presença em jornais cariocas. Apesar dessa rápida experiência, a tradução continuaria, de uma forma ou de outra, presente nas atividades profissionais do escritor, poeta e editor, seja de forma direta, na própria prática da tradução, ou de forma indireta, oferecendo suporte para a publicação de traduções realizadas por outros. Por exemplo, seu pequeno jornal *A Marmota* – houve algumas modificações de título: *A Marmota na Corte*, entre 1849 e 1852; *A Marmota Fluminense*, entre 1852 e 1857; e *A Marmota*, entre 1857 e 1861, além de 1864 – recebeu muitas traduções em suas páginas, de obras de diversos gêneros literários: poemas, peças teatrais, romances, novelas etc. Mais importante do que isso, os nomes dos tradutores eram, em grande parte dos casos, creditados na publicação dos textos traduzidos, seja acompanhando o nome dos autores junto aos títulos, seja ao final dos excertos, com as iniciais de seus nomes.

Uma pergunta pode ser sugerida a partir da observação das traduções e dos tradutores em *A Marmota*: por qual razão Paula Brito teria dado crédito aos tradutores, sendo que outros periódicos, tais como o *Jornal do Commercio*, não os mencionavam explicitamente? Uma resposta talvez resida na própria personalidade agregadora de nosso editor e escritor, visto que sempre concentrava, em torno de si, inúmeras figuras, de diversos graus de importância e de diferentes esferas da sociedade carioca de sua época. Paula Brito foi o fundador da Sociedade Petalógica, um grupo de amigos que se reunia em sua livraria no Rio de Janeiro, na segunda metade daquele século⁴⁰⁷. Ponto de encontro de intelectuais e não intelectuais, a Petalógica reunia uma diversidade de personalidades, tais como os romancistas Joaquim Manuel de Macedo, Teixeira e Souza e Manuel Antonio de Almeida (1831-1861), além de artistas como o ator e encenador João Caetano dos Santos, e jovens como Machado de Assis. Vejamos, a partir dessas considerações, como as traduções e os tradutores se fizeram presentes nas páginas de *A Marmota*.

⁴⁰⁷ PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de Assis. Estudo Crítico e Biográfico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

A Marmota na Corte foi fundada por Paula Brito e pelo baiano Próspero Ribeiro Diniz em 1849, com seu primeiro número lançado em 7 de setembro daquele ano. O jornal, publicado duas vezes por semana, foi fruto, ao mesmo tempo, da experiência de Diniz como redator em jornais da Bahia e de Pernambuco – onde havia trabalhado em duas *Marmotas* – e da necessidade de fugir de seus desafetos conquistados em sua terra natal, o que se pode ver em alguns jornais, nos quais os artigos comemoravam publicamente sua mudança para a Corte⁴⁰⁸. Paula Brito, de início, juntou-se a Diniz em razão de ele, seu sócio, ser o proprietário da tipografia que cobrava o preço mais baixo para impressão da pequena folha⁴⁰⁹.

No jornal eram publicados artigos, crônicas, correspondências, poemas, máximas, charadas e outros textos diversos sobre religião, moral, costumes, moda etc. De acordo com o levantamento feito por Rinaldo dos Santos, Próspero Diniz assinava muitos dos textos de *A Marmota na Corte* até 1852. Em muitos deles, que o pesquisador identifica como crônicas⁴¹⁰, Diniz relatava suas impressões sobre seus passeios pela Corte, visitas aos palácios, às igrejas, aos teatros e lugares da cidade em geral. Ele também, por vezes, inseria na folhinha textos de caráter moralizante, além de máximas nas quais criticava os costumes⁴¹¹. Ademais, Diniz publicava artigos com conteúdos destinados às mulheres, que abordavam assuntos como o casamento e os filhos⁴¹². Assim sendo, pretendia alcançar, com seu jornal, tanto o público juvenil quanto o público feminino, para os quais se destinava tais produções com assuntos relativos à moralidade e ao universo feminino da época.

Ainda em 1849, a morte de seu pai fez Diniz retornar à Bahia, a fim de ajudar sua mãe viúva, mas é possível que também estivesse fugindo de um desafeto, conforme constatou Laura Reis⁴¹³. O redator deixou sua folha nas mãos de Paula Brito, contudo, apesar de estar distante fisicamente do Rio de Janeiro, seus textos ainda se faziam presentes nas edições do jornal, visto que havia deixado, antes de viajar, muitos para serem publicados. Em sua terra natal, fundou um novo periódico intitulado *A Verdadeira Marmota*: do Dr. Próspero Diniz, desagradando o proprietário da *Marmota na Bahia*, Epifânio Pedrosa, e Paula Brito, evidentemente.

⁴⁰⁸ REIS, Laura Junqueira de Mello. Próspero Diniz: redator e colaborador na imprensa oitocentista. p. 1-13. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. *Anais...* Recife: ANPUH, 2019. p. 3.

⁴⁰⁹ Idem, *ibidem*. p. 4.

⁴¹⁰ SANTOS, Rinaldo Cavalcante dos. Crônicas de Próspero Ribeiro Diniz no cenário romântico brasileiro. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 1, n. 1, p. 146-151, 2005.

⁴¹¹ SANTOS, Rinaldo Cavalcante dos. *A Marmota na Corte*: recreação e vereda literária no cenário cultural do século XIX (1849-1852). 2009. 388 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2009. Anexos, p. 144-455.

⁴¹² REIS, Laura Junqueira de Mello. *As mulheres no periódico Marmota (1849-1864)*: Escritos, estratégias e noções de civilidade. 2020. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020. p. 42.

⁴¹³ REIS, Laura Junqueira de Mello. Op. cit., 2019. p. 6.

Depois de algum tempo em sua terra natal, Diniz partiu para Pernambuco, onde criou *A Marmota Pernambucana*, em 1850. Nesse jornal, suas críticas ao governador da província, Honório Carneiro Leão, fizeram Diniz ser preso em Fernando de Noronha, de onde retornou para o Rio de Janeiro em agosto de 1851, para continuar seu trabalho em *A Marmota na Corte*. Contudo, com a pouca participação no jornal e os desentendimentos com Paula Brito, envolvendo divergências sobre o pagamento mensal pelo trabalho de redator, Diniz deixou a folha em maio de 1852. Sendo assim, o livreiro e editor tornou-se o único dono do jornal, que passou a se chamar *Marmota Fluminense*.

A partir da saída de Diniz, o periódico sofreu mudanças de layout, passando a ser diagramado em três colunas, além de ter sido beneficiado com o desenvolvimento da própria tipografia de Paula Brito, a Dois de Dezembro, fortalecida com a aquisição de equipamentos de origem europeia⁴¹⁴. Foi a partir da segunda fase que a *Marmota Fluminense* passou a publicar mais textos narrativos, sejam originalmente escritos em língua portuguesa ou em traduções, inseridos no rodapé das primeiras páginas, os chamados folhetins, tão presentes nos grandes jornais da Corte, como o *Jornal do Commercio*, o *Diario do Rio de Janeiro* e o *Correio Mercantil*.

Marmota Fluminense era um jornal no qual se publicava conteúdo destinado às leitoras, como as ilustrações de vestuários e acessórios de moda, artigos sobre o universo feminino, privado, familiar e maternal (matrimônio, educação dos filhos, comportamento etc.), de acordo com a moral e os bons costumes exigidos das mulheres do século XIX. Mesmo depois da saída de Próspero Diniz, o jornal ainda seguia sua proposta de publicar conteúdos específicos para o público feminino. Contudo, as mulheres tinham pouca ou nenhuma representatividade na produção da folha, visto que a grande maioria dos textos eram predominantemente escritos por homens, que imprimiam sua visão sobre o universo feminino. Segundo Laura Reis,

[...] os artigos deveriam instruir as jovens para que pudessem se comportar em bailes e encontros com futuros maridos. As mulheres mais velhas, por sua vez, deveriam receber educação a fim de que pudessem dar uma boa instrução para seus filhos, que viriam a ser o futuro da nação. No mais, baseavam suas concepções de mulheres ideais nos preceitos de superioridade masculina como ponto determinante, e diferenciavam os conceitos de público e privado⁴¹⁵.

⁴¹⁴ GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. 2014. 316 f. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

⁴¹⁵ REIS, Laura Junqueira de Mello. Op. cit., 2020. p. 42.

Enquanto os conteúdos para o público feminino, escritos por homens, e mesmo os conteúdos tidos como próprios do mundo masculino (principalmente aqueles relacionados com a política) estavam presentes nas primeiras páginas, os textos produzidos por mulheres eram quase totalmente relegadas às últimas laudas de *A Marmota*; contudo, não deixaram de ter sua importância no desenvolvimento de uma produção própria das mulheres escritoras no século XIX, que no jornal de Paula Brito não se restringiram aos assuntos tradicionalmente relegados ao “mundo feminino”. Nesses espaços da folha de Paula Brito, colaboravam algumas mulheres, muitas das quais até hoje são pouco conhecidas e estudadas, tais como: Beatriz Brandão (1779-1868), também colaboradora do jornal *O Guanabara*, reconhecida por seus poemas, alguns deles incluídos na coletânea *Parnaso Brasileiro* (1831)⁴¹⁶; Joana Noronha, fundadora da revista literária *Jornal das Senhoras*, considerado o primeiro periódico ao mesmo tempo produzido por mulheres e destinado ao público feminino na América Latina⁴¹⁷; e Ana Luísa de Azevedo e Castro (1823-1869), que publicou, sob pseudônimo Indygena do Ypiranga, o romance-folhetim indianista *D. Narcisa Villar*, na folha de Paula Brito, em 1858, obra que no ano seguinte foi editada em livro e impressa em sua tipografia.

Sabemos, com essas informações, que as mulheres constituíram um dos públicos-leitores de *A Marmota*, embora fossem os homens, na maioria das vezes, os responsáveis por assinar os textos destinados a elas. Para o deleite e para a instrução, a prosa narrativa publicada no jornal era uma opção considerada adequada ao público-leitor feminino, visto que textos de outros assuntos, como aqueles que abordavam a política, eram muito associados ao mundo masculino – na visão da época, não condiziam com a imagem da mulher cujo principal papel seria se desenvolver como esposa dedicada ao marido e como mãe atenciosa à família. Nesse contexto, a partir do início da segunda fase da *Marmota*, as narrativas, sejam originais ou traduzidas para o português, passaram a ocupar as páginas da folha de Paula Brito.

Por exemplo, no número 295, de 10 de setembro de 1852, é publicado o folhetim *Maria ou a menina roubada*, de Teixeira de Souza. A narrativa, uma das últimas produções desse escritor romântico brasileiro, teve fim em 18 de fevereiro de 1853, no número 341 do jornal, e foi posteriormente republicada em folhetim no mesmo jornal, entre 1859 e 1860, e rapidamente impressa em livro. Segundo Hebe Cristina da Silva, que estudou a produção ficcional desse escritor brasileiro, o enredo desse romance se caracteriza pela recompensa da virtude e pela

⁴¹⁶ PEREIRA, Cláudia Gomes. A poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868). *Navegações*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 17-26, jan./jun. 2010.

⁴¹⁷ Mais informações sobre o *Jornal das Senhoras*: KROETZ, Itiana Daniela; GAI, Eunice T. Piazza. Op. cit., 2015.

punição dos vícios⁴¹⁸. Além disso, “uma das características marcantes de *Maria ou A Menina Roubada* é a abundância de recursos aparentemente destinados a despertar no leitor a simpatia pelas personagens virtuosas e o repúdio pelas corrompidas”,⁴¹⁹ atributos que podemos associar à instrução carregada de moralidade que era ofertada às jovens mulheres.

Em março de 1853, foi a vez de uma novela traduzida para o português ser publicada na *Marmota Fluminense: Helena Ostrorog*: Novella Polaca do Seculo XIX, de autoria da polonesa Olympe Chodzko (1797-1889) – ou Olympia Chodzko, como reproduz o periódico numa forma aportuguesada –, que teve alguns textos publicados no mesmo jornal. A folha de Paula Brito direciona claramente a narrativa para seu público-leitor feminino: “Pedimos as nossas amáveis leitoras, que leiam com atenção a seguinte novela”⁴²⁰.

Figura 9: *Helena Ostrorog*, de Olympe Chodzko, tradutor anônimo⁴²¹.

Pedimos ás nossas amaveis leitoras, que leiam com
atenção a seguinte novella.

HELENA OSTROROG.

Novella Polaca do Seculo XIX.

*C'est en vain qu'à ces mots ton orgueil se soulève,
Notre liberté n'est probablement qu'un rêve.
Un inflexible sort a tracé tous nos pas,
Conçoit tous nos penses et fait mouvoir nos bras.
Qui n'a vu se briser ses projets à l'avance?
Ah! nous n'avons à nous de sûr que l'esperance!
Et tout humain vouloir marche sur un chemin
Herissé de cailloux qu'y jette le destin.
Un char roule, guidé par la force e la joie;
Le coursier obéit à ses guides de soie;
Le cocher, d'un œil sûr, retient le mors fougueux;
L'essieu rompt. Tout périt... Qui peut vaincre les dieux?
Ainsi, quand le regard, au sortir de l'enfance,
Vers un sort ignoré naïvement s'elance,
Les germes du bonheur qui sont dans nos esprits
Nous paraissent déjà tout éclos et fleuris
Voilà le bonheur, peut-être!..*

ANTHUR DE GOBINEAU.

Esta palavra em vão te fere o orgulho;
Talvez só seja a liberdade um sonho!
Nossos passos traçou sorte inflexível,
Que o pensamento engendra, e os braços move-nos.
Quem falhar nunca viu nascentes planos?
Ah! seguro é pra nós sómente a esperança,
Que o humano querer trilha um caminho
Hirto de seixos, que lhe arroja o Fado.
Rola um carro, o conduz a força e o jubilo;
Obedece o corcel de seda às guias;
Tempera o fogo seu alerta o auriga;
Quebra-se o eixo: tudo morre... Aos deuses
Quem vencer? Tal deixando a infancia os olhos
Fitam ingenuos não sabida sorte.
N'alma encubados da ventura os germes
Desbrochados, em flor já todos cremos,
Eis a ventura, e o será?

⁴¹⁸ SILVA, Hebe Cristina da. *Prelúdio do romance brasileiro*: Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais. 2009. v. 1, 269 f.; v. 2, 208 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009. v. 1, p. 176.

⁴¹⁹ Idem, ibidem. p. 177.

⁴²⁰ *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 345, 4 mar. 1853, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1403>. Acesso em: 4 ago. 2021.

⁴²¹ Fonte: *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 345, 4 mar. 1853, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1403>. Acesso em: 4 ago. 2021.

Nessa obra, cuja história acontece no século XIX, a personagem Helena reflete sobre a submissão das mulheres aos homens, algo que poderia não ser bom para ela. Contudo, mesmo se questionando sobre essa situação, a protagonista decide se casar, pois considerava que primeiramente deveria servir ao marido para depois pensar em sua felicidade – ou em sua “quase felicidade”. Laura Reis interpreta a presença dessa narrativa em *A Marmota Fluminense*, tendo em vista o perfil do jornal, que destinava suas publicações para o público-leitor feminino: “a tradução da história de Olympia Chodzko, em um jornal dedicado às mulheres leitoras, poderia significar uma maneira de conscientizá-las sobre a condição das mulheres dentro do casamento, considerando a função instrutiva dos periódicos”⁴²². Sendo assim, a obra é marcada por seu caráter sentimental e moralizante, ou seja, ao mesmo tempo que estabelecia uma ligação entre os sentimentos da personagem e das leitoras, terminava por considerar como válida a lição moral de se render ao casamento.

O texto em francês, intitulado *Hélène Ostrorog: nouvelle polonaise du XIX^e siècle*, foi publicado nos números de agosto e setembro de 1845 na *Revue des feuilletons*⁴²³, uma revista que reunia narrativas de escritores franceses, em sua ampla maioria. Compunham seus números as obras do muito famoso Alexandre Dumas, além de outros escritores franceses que se dedicavam ao gênero do folhetim, como Emmanuel Gonzalès (1815-1887) e Élie Berthet, nomes conhecidos dos leitores franceses daquela época. Dois anos depois, em 1847, a novela foi republicada no livro *La Pologne historique, monumentale et illustrée*, editado por Léonard Chodzko⁴²⁴, marido de Olympe.

É provável que a autora Olympe Chodzko tenha escrito o texto diretamente em língua francesa, e não em polonês, como se poderia imaginar ao notar seu sobrenome Chodzko, adquirido após o matrimônio, ou até mesmo Maleszweski, de origem paterna, com o qual assinava antes de se casar⁴²⁵. Nesse sentido, o subtítulo da narrativa – “nouvelle polonaise du XIX^e siècle”, em francês, e “Novella Polaca do Seculo XIX”, em português – indicaria apenas o país de origem da história, acontecida na Polônia daquela época.

⁴²² REIS, Laura Junqueira de Mello. Op. cit., 2020. p. 78.

⁴²³ *Revue des feuilletons*: journal littéraire illustré composé de romans, voyages, legendes, anecdotes, contes, nouvelles historiques, etc. Paris: Revue des feuilletons, 1845. p. 363-396. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5747857h/f413.item>. Acesso em: 3 mar. 2021.

⁴²⁴ CHODZKO, Olympe. Hélène Ostrorog: nouvelle polonaise du XIX^e siècle. In: CHODŹKO, Léonard. *La Pologne, historique, littéraire, monumentale et illustrée*. 6a. ed. Paris: Bureau Central, 1846-1847. p. 257-280. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.fr/books?id=I3DNAAAAMAAJ>. Acesso em: 3 mar. 2021.

⁴²⁵ MICHAUD, Stéphane. Flora Tristan: Trente-Cinq Lettres. *International review of social history*, Cambridge, v. 24, n. 1, p. 80-125, 18 Dec. 2008. p. 84.

A Marmota Fluminense não revelou o nome do tradutor de “Helena Ostrorog”. Sendo assim, a folha de Paula Brito agiu de acordo com a prática, recorrente na época, de não mencionar o nome do responsável pela tradução, talvez também pelo fato de a publicação de ficção estrangeira, iniciada em 1853, ainda ser uma experiência nova para o jornal. Embora desconhecido, quer seja colaborador do jornal ou qualquer outro para o qual tenha sido encomendada a tarefa, o tradutor deixou marcas em seu texto. Suas escolhas – e/ou as interferências e decisões do editor do jornal – podem apontar alguns caminhos interpretativos. A primeira delas é a reprodução da epígrafe de Arthur de Cobineau (1816-1882) em francês, acompanhada da tradução para o português. Ao trazer o poema na língua em que foi escrito, algo que não acontece no restante da narrativa, o tradutor estaria estabelecendo uma hierarquia entre os gêneros literários – entre a poesia de Cobineau e a prosa de Olympe Chodzko? Estaria pedindo escusas frente às possíveis falhas cometidas na tradução do poema, imprecisões que seriam aceitáveis na prosa? Não sabemos ao certo, mas supomos que a existência da reprodução em francês possa ter existido como uma ressalva ao trabalho do tradutor frente ao poema traduzido.

A fim de ilustrar outras questões concernentes à tradução, vejamos um trecho em francês e seu correspondente traduzido para o português. Trata-se do primeiro parágrafo da novela, no qual se descreve brevemente a história do conde Edmond Ostrorog:

I

Le compte Edmond Ostrorog appartenait à l’une des plus illustres familles de la Pologne. Orphelin dès son enfance, on confia sa tutelle à un oncle maternel, qui lui donna une éducation aussi solide que brillante. A vingt-cinq ans, Edmond devint maître d’une immense fortune. La vie semblait s’ouvrir devant lui belle et riante; Edmond possédait tout ce qu’on aime et tout ce qu’on envie; il était beau, spirituel, riche; son genre de beauté était tout intellectuel. Sa physionomie portait l’empreinte de la tendresse et de la passion, mais son regard eût été trop fier s’il n’eût été adouci par une indéfinissable expression de bonté⁴²⁶.

I

O conde Edmond Ostrorog, era membro de uma das mais ilustres famílias da Polónia. Órfão logo n’aurora de seus dias, foi por isso sua tutela confiada a um tio materno, que lhe deu uma educação tão sólida, como brilhante. Edmond contava seus vinte e cinco anos quando se achou senhor de uma imensa fortuna. A vida parecia ostentar-se a seus olhos, bela e radiante, porque possuía tudo o que os homens amam, e ao mesmo tempo invejam; era, pois, belo e rico, e dotado de bastante espírito: seu gênero de beleza era todo intelectual; sua fisionomia notada pelos traços da ternura e da paixão; mas seu olhar seria por demais altivo, se não fosse adoçado por uma indefinível expressão de bondade⁴²⁷.

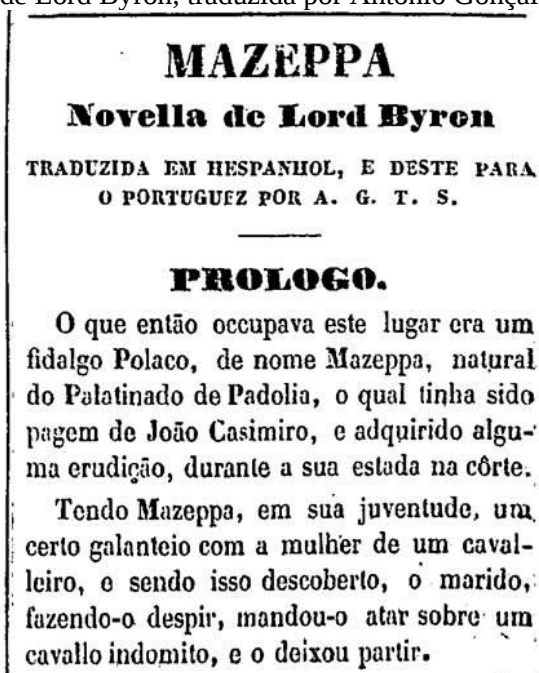
⁴²⁶ CHODZKO, Olympe. Op. cit., 1845. p. 363.

⁴²⁷ *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 345, 4 mar. 1853, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1403>. Acesso em: 4 ago. 2021.

Por vezes, o tradutor utiliza expressões que, no texto de partida, corresponderiam a apenas uma palavra. Um exemplo dessa prática pode ser visto no segundo período desse parágrafo, no qual se emprega a expressão “n’a aurora de seus dias” como tradução da palavra “enfance”, que poderia ser simplesmente “infância”. Outro exemplo do mesmo artifício está presente no terceiro período, no emprego de “dotado de bastante espírito” como tradução de “spirituel”, meramente “espirituoso”. O tradutor faz algumas inversões e acrescenta alguns elementos sintáticos que não estão presentes no texto de partida, como quando traduziu o trecho “A vingt-cinq ans, Edmond devient maître d’une immense fortune” como “Edmond contava seus vinte e cinco anos quando se achou senhor de uma imensa fortuna”, reformulando o conteúdo em uma nova oração que não está presente no texto de partida, além de outras alterações. Esses subterfúgios que alongam o texto de chegada podem servir como uma forma de rebuscamento, típica da literatura romântica brasileira, uma tentativa de tornar a tradução literariamente mais elevada. Pode ter sido a chance de o tradutor mostrar suas habilidades literárias, que considerou adequadas para empregar no texto traduzido para o português, seguindo, também, o paradigma romântico.

A partir de 1853, os textos literários traduzidos, sejam narrativas ou poemas, passaram a se fazer mais presentes na *Marmota Fluminense*, a partir da publicação da novela traduzida *Helena Ostrorog*, um dos primeiros textos em prosa a serem veiculados em mais de dez números da revista. Em seguida a essa narrativa de Olympe Chodzko, deu-se a publicação de *Mazeppa* – de autoria do poeta romântico inglês Lord Byron –, uma narrativa que foi dividida em seis partes e inserida nos números do fim de abril até a metade de maio.

Figura 10: *Mazeppa*, de Lord Byron, traduzida por Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa⁴²⁸.



A tradução é assinada por “A. G. T. S.”⁴²⁹, iniciais do escritor romântico brasileiro Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, que já havia publicado uma narrativa de autoria própria, *Maria ou a menina roubada*, no mesmo jornal, entre o fim de setembro de 1852 e meados de fevereiro do ano seguinte, obra que foi republicada no jornal em 1859. Teixeira e Sousa foi, como as histórias literárias indicam, autor do primeiro romance romântico brasileiro, *O filho do pescador* (1843), obra que também foi inserida em *A Marmota*, em 1859. Do mesmo autor, o jornal veiculou: *As fatalidades de dous jovens* (1856-1857), *Tardes de um pintor ou intrigas de um jesuíta* (1857-1859) e *Gonzaga ou a conjuração do Tira-Dentes* (1860), algumas delas impressas em livro na tipografia de Paula Brito⁴³⁰.

O jornal indica que a tradução para o português foi feita a partir de uma tradução para o espanhol. Sendo assim, há uma questão importante que deve ser considerada: não era comum assumir, no século XIX, que uma tradução era feita a partir de outro texto traduzido – uma tradução indireta, como conhecemos atualmente; pelo contrário, por vezes divulgava-se, em algumas traduções de obras de autores de línguas diferentes do francês – no caso do inglês, principalmente –, que elas eram traduzidas a partir do texto concebido na língua de seu autor,

⁴²⁸ Fonte: *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 360, 26 abr. 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1465>. Acesso em: 3 jun. 2021.

⁴²⁹ *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 360, 26 abr. 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1465>. Acesso em: 3 jun. 2021.

⁴³⁰ SILVA, Hebe Cristina da. A recepção de Teixeira e Sousa – o escritor renomado e o autor secundário. *Revista de Estudos Literários da UEMS*, Campo Grande, v. 2, n. 7, p. 104-118, dez. 2013.

quando, na verdade, utilizava-se as traduções para o francês como texto de partida para as traduções para o português.

O jornal não menciona especificamente qual seria a edição de tal texto usado para a tradução indireta. A partir de nossas pesquisas em bases bibliográficas, identificamos que um texto traduzido para o espanhol por Manuel Gomez de la Cortina e publicado em livro em 1828, em Paris, pela Librería Americana, tem muitas semelhanças com a tradução de Teixeira e Sousa. Sendo assim, é possível que essa tenha sido a versão utilizada pelo tradutor do texto em português. Vejamos, a seguir, os primeiros oito versos da primeira estrofe do poema narrativo em inglês, a tradução para o espanhol e a tradução para o português feita a partir desta:

'T WAS after dread Pultowa's day,
When Fortune left the royal Swede –
Around a slaughtered army lay,
No more to combat and to bleed.
The Power and Glory of the war,
Faithless as their vain votaries, Men,
Had passed to the triumphant Czar,
And Moscow's walls were safe again – ⁴³¹

I.

FUÉ en los llanos de Pultava em donde el rey de Suecia, abandonado de la fortuna, vió á su ejército enderrotado, y á sus mas valientes soldados degollados á su rededor. El poder y la gloria que proporciona la guerra, tan incostantes como los hombres que los ambicionan, estaban de parte del Zar victorioso, y las murallas de Moscou quedaron livres⁴³².

I.

Foi nas planícies de Poltava aonde o rei da Suécia, desamparado da fortuna, viu derrotado o seu exército, e os seus mais valentes soldados mortos em torno de si. O poder e a glória, que tanto proporciona, a guerra, tão inconstante, como os homens que os ambicionam, estavam da parte do Czar vitorioso, ficando livres as muralhas de Moscou⁴³³.

Podemos notar as diferenças entre o poema narrativo escrito em inglês por Lord Byron e a tradução para o espanhol. Com a passagem de verso para prosa, as rimas, o ritmo e as aliterações – características de difícil tradução no gênero poema – se perderam. Já entre os

⁴³¹ BYRON, George Gordon. *Mazeppa: A Poem*. London: John Murray, 1819. p. 5. Consultado em Internet Archive. Disponível em: <https://ia800703.us.archive.org/33/items/mazeppaapoem02byrogoog/mazeppaapoem02byrogoog.pdf>. Acesso em: 12 maio 2021.

⁴³² BYRON, George Gordon. *Mazeppa: novella*. Traducido al castellano de Manuel Gomez de la Cortina. Paris: Librería Americana, 1828. p. 9. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Z94tZqL2N3QC>. Acesso em: 12 maio 2021.

⁴³³ *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 360, 26 abr. 1853. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1466>. Acesso em: 2 jun. 2021.

textos em espanhol e em português, as diferenças são muito menores. O texto em prosa traduzido para o português, ao seguir o mesmo gênero literário do texto em espanhol, sofreu poucas transformações. Há apenas alguns deslocamentos sintáticos, como no trecho “las murallas de Moscou quedaron libres”, em que “quedaron libres” foi deslocado para o início da oração, tornando-se “ficando livres”.

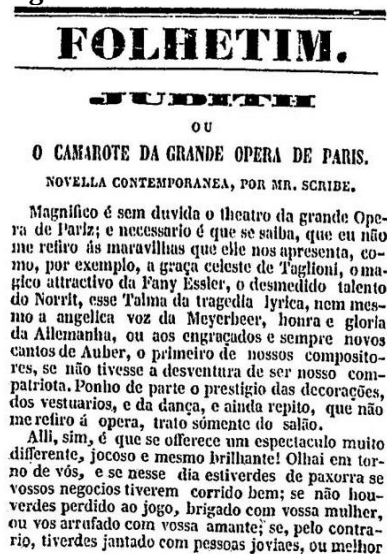
A presença da tradução de “Mazeppa” na *Marmota Fluminense* pode ser entendida não como uma escolha aleatória. Sabemos que muitos poetas românticos brasileiros da época eram leitores de Lord Byron; dentre eles, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela (1841-1875) foram aqueles cuja produções poéticas mais dialogaram com a obra do poeta inglês⁴³⁴. Não por acaso, quem assinou a tradução foi um poeta romântico, Teixeira e Sousa. Além disso, muitos estudantes que frequentaram a Faculdade de Direito de São Paulo na década de 1850, dentre eles Francisco José Pinheiro Guimarães, Francisco Octaviano de Almeida Rosa e João Cardoso de Menezes e Souza, traduziram poemas de Lord Byron⁴³⁵. Portanto, sua poesia circulou entre os poetas brasileiros, alguns dos quais se arriscaram na tarefa da tradução.

A partir de 1853, parte das narrativas traduzidas continuaram a ser colocadas nas colunas do jornal, sem que houvesse uma rubrica específica, enquanto outras começaram a ser inseridas na nova seção intitulada “Folhetim”, localizada no rodapé das primeiras páginas. A estreia se deu com a publicação do romance *Judith ou o camarote da Grande Opera de Paris*, uma tradução de *Judith, ou La loge d’opéra*, do escritor francês Eugène Scribe. A obra traduzida foi publicada entre 8 de julho e 19 de agosto daquele ano, saindo à luz duas vezes por semana. O nome do tradutor não é mencionado pelo jornal de Paula Brito, situação que se modificaria para a maioria dos folhetins traduzidos nos anos seguintes.

⁴³⁴ OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Byron e os românticos brasileiros. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 15, n. 29, p. 143-159, 2º sem. 2011.

⁴³⁵ BARBOSA, Onédia Célia de Carvalho. Op. cit., 1973. p. 183.

Figura 11: *Judith ou o camarote da Grande Opera de Paris*, de Eugène Scribe, tradutor anônimo⁴³⁶.



ainda, com verdadeiros amigos, ide á noite ao theatro, alugai uma cadeira, empunhai o oculo, e dirigí-o, não para os bastidores, mas para os camarotes, e co n preferencia para os da primeira ordem, e vereis que quadros interessantes, divertidos, e variados; que scenas comicas e até dramaticas!!! E notai que eu não permitto que vos aparteis do observatorio que vos indiquei; porque se, desobedecendo-me, deixardes a cadeira, e dando o braço a um amigo, vos dirigirdes para o salão, oh! então não podereis dar um passo sem topar com a ambição e a ridicularia; sem rogar por um deputado, sem encontrar um homem d'Estado da epoca actual, um ministro de honrem, uma reputação da semana, um orgulhoso de todos os tempos! A' pouca distancia, vereis um cavalheiro de lavas amarellas, que está contando as suas aventuras da manhã, as apostas que fizera de tarde; mais adiante um jornalista orador que em conversa está referendo o seu folhetim do dia seguinte; o peralta, que vive á custa de uma atriz, e lhe paga em moeda corrente de elogios; outro que por causa d'ella se arruina, e se julga na obrigação de enumerar em publico as suas perfeições, como para justificar o emprego do seu cabedal; em fim, todo esse barulho, toda essa confusão de amor-proprio, e pretensões offereceria materia para escrever cem volumes; mas eu me limitarei a contar-vos uma pequena historia.

Uma noite, se bem me lembro, era no fim do anno de 1831, dansava a joven Taglioni; havia grande

concurancia, á tal ponto que os curiosos estavam apinhados sobre os degrãos, e em tamborettes supplementares, que o porteiro tinha arrajado, formando uma especie de trincheira, que só com grande trabalho pude romper. Depois de algum custo; consegui o meu intento, não sem perturbar a religiosa attenção dos taes curiosos; pois deveis saber, amigo leitor, que em dansando a Taglioni, reina o mais profundo silencio, parecendo que os olhos não bastam para admirar tanta perfeição! Achiava-me eu, como vos ia dizendo, no malor apêrto, em pé, entre alguns amigos que me haviam convidado, e que, não obstante, também incommodados, não podiam dar-me lugar, quando um joven, que estava immediato a mim, levantando-se, me offereceo a sua cadeira que, como deveis suppor, eu não acceitei, como pedia a civilidade, dizendo-lhe que não queria privar-o de assistir commodamente ao espectáculo.

— De nada me privais, Senhor, me respondeo elle, porque eu ia sair.

— Aceitei então, agradecendo a sua delicadeza; o moço levantou-se, e dando os primeiros passos, lançou os olhos para o salão, encostou-se ao camarote da general Claparede, e parecendo encontrar alguns olhos, ficou pensativo, e não tratou mais de sair. Muita razão tinha elle se neste momento me dissesse que eu o privara do espectáculo; pois tendo voltado as costas á scena, e não vendo nem ouvido cousa alguma, parecia não se lembrar mais do lugar que tinha occupado!

(Continúa).

A narrativa *Judith, ou La loge d'opéra* foi dividida em seis partes e publicada primeiramente nas colunas no jornal parisiense *La Presse*, entre 28 de fevereiro e 5 de março de 1837, com o subtítulo: “nouvelle contemporaine”. A história foi inserida nas colunas do jornal, portanto, fora do rodapé. Posteriormente, em 1852, foi redividida em três partes e republicada no *Le Siècle*, entre os dias 24 e 26 de abril, agora no espaço dedicado ao folhetim. Há poucas diferenças entre ambas as publicações em francês, principalmente de pontuação e de paragrafação, além da divisão distinta do texto e da inserção em diferentes seções dos jornais.

Não foi possível precisar qual foi o texto de partida utilizado na tradução para o português, visto que há diferenças de paragrafação e, principalmente, de pontuação entre ambos, divergências que podem ocorrer durante o processo tradutório, a depender das escolhas do tradutor e/ou do editor, ou até mesmo na passagem do texto traduzido para o espaço delimitado no jornal. Talvez o fato de ter sido publicado no espaço do folhetim no *Le Siècle* no ano anterior possa ter levado o tradutor da *Marmota Fluminense* a usar o texto mais recente para realizar sua tradução, que também foi publicada no mesmo espaço no jornal de Paula Brito. Para fins de comparação, vejamos, a seguir, um trecho retirado do folhetim no *Le Siècle* e a tradução correspondente publicada na *Marmota Fluminense*:

C'est un beau théâtre que l'Opéra de Paris; et je ne parle pas ici des merveilles qu'il déploie à nos yeux, de la grâce aérienne de Taglioni, du charme magique des Elssler, du talent si puissant de

Magnífico é sem dúvida o teatro da grande Ópera de Paris; e necessário é que se saiba, que eu não me refiro às maravilhas que ele nos apresenta, como, por exemplo, a graça celeste de Taglioni,

⁴³⁶ Fonte: *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 391, 8 jul. 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706906/1549>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Nourrit, Talma de la tragédie lyrique ; je ne parle pas des accords savans de Meyerbeer, l'honneur de l'Allemagne, ni des chants gracieux et inépuisables d'Auber, le premier des nos compositeurs, s'il n'avait pas le malheur d'être notre compatriote. Je laisse de côté le prestige des décorations, des costumes et de la danse ; encore une fois, je ne parle pas ici du théâtre de l'Opéra : je ne parle que de la salle⁴³⁷.

o mágico atrativo da Fany Essler, o desmedido talento do Norrit, esse Talma da tragédia lírica, nem mesmo a angélica voz da Meyerbeer, honra e gloriosa da Alemanha, ou os engraçados e sempre novos cantos de Auber, o primeiro de nossos compositores, se não tivesse a desventura de ser nosso compatriota. Ponho de parte o prestígio das decorações, dos vestuários, e da dança, e ainda repito, que não me refiro à ópera, trato somente do salão⁴³⁸.

No texto de partida, a frase inicial “C'est un beau théâtre que l'Opera de Paris” parece ser menos eloquente do que a tradução para o português: “Magnífico é sem dúvida o teatro da grande Ópera de Paris”. O tradutor optou por acrescentar algumas palavras em sua tradução, exagerando e denotando maior prestígio à Ópera, por meio da utilização dos adjetivos “magnífico” e “grande”, além da locução adverbial “sem dúvida”. Além disso, alguns acréscimos foram realizados, tais como a inclusão de “e necessário é que se saiba”, por vezes sem necessidade. Apesar das escolhas que resultaram em alguns acréscimos, não há grandes diferenças entre os textos de partida e de chegada.

Outras traduções se faziam presentes durante 1853, tais como *Esteban Murillo*, identificado como um “Romance”, mas, na verdade, uma narrativa breve – publicada em dois números – que remete ao pintor do barroco espanhol Bartolomé Esteban Murillo (1617-1682). A autoria de tal texto não é mencionada, tampouco o tradutor é creditado – apenas o texto foi identificado como sendo uma tradução.

Além disso, foi publicado também o poema “Soliloquio e imprecções do anjo decahido”⁴³⁹, de Lamartine, traduzido por Henrique Velloso de Oliveira (1804-1867). Trata-se de um trecho retirado da décima quinta e última visão do anjo caído, na obra poética *La chute d'un ange*, publicada pela primeira vez em 1838⁴⁴⁰. Oliveira também teve uma tradução de uma obra não literária publicada na *Marmota* de 3 de agosto a 7 de setembro de 1851, “Reflexões interessantíssimas sobre o magnetismo animal e o sonambulismo”, de autoria desconhecida. O interesse por tais assuntos, cujas discussões estavam em voga naquela época, pode ter levado o

⁴³⁷ *Le Siècle*, Paris, n. 5973, 24 abr. 1852, p. 3. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7240293/f3.item#>. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴³⁸ *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 391, 8 jul. 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706906/1549>. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴³⁹ *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 366, 20 maio 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706906/1493>. Acesso em: 12 jun. 2021; *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 366, 20 maio 1853, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706906/1494>. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁴⁰ LAMARTINE, Alphonse de. *La chute d'un ange*. Paris: Charles Gosselin; W. Coquebert, 1838. v. 2, p. 339-331. Consultado em Google Books. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=FmE_TanITJgC. Acesso em: 12 jun. 2021.

tradutor e o editor do jornal a publicarem tal obra. O tradutor foi creditado como “Desembargador”, remetendo a sua profissão no mundo jurídico, decerto a forma pela qual ele fosse mais conhecido entre os leitores, um profissional do Direito, portanto um homem presumidamente culto, o que bonificaria a tradução realizada.

Vários anúncios publicados no *Jornal do Commercio* indicam que Oliveira trabalhou como tradutor para a editora dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert. Dentre suas traduções anunciadas nesse jornal, temos: *O perfeito jogador do xadrez*⁴⁴¹ e *Manual de Anatomia*⁴⁴² – da década de 1850 –, além de *Crimes espantosos*⁴⁴³ e as narrativas de ficção *João Felpudo*: histórias alegres para crianças travessas⁴⁴⁴ e *A família Briançon, ou o Campo, a Fabrica e a Fazenda*⁴⁴⁵, – da década de 1860. Como sabemos, não era comum que os anúncios de obras traduzidas revelassem os nomes dos tradutores; sendo assim, por ter seu nome creditado nos anúncios, consideramos a possibilidade de Henrique Velloso de Oliveira ser um nome bem conhecido como tradutor, trabalho que exercia enquanto desenvolvia sua carreira jurídica.

O tradutor era filho do conselheiro Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira (1750-1824), magistrado e deputado à Assembleia Constituinte de 1823⁴⁴⁶, um homem muito bem relacionado, próximo a D. Pedro I⁴⁴⁷. Nasceu na cidade do Porto em 17 de dezembro de 1804 e morreu em Paris em agosto de 1867. Assim como o pai, estudou Direito na Universidade de Coimbra, tendo trabalhado como juiz. Interessava-se não somente pela área jurídica, tendo estudado também ciência e medicina. Depois de se aposentar da magistratura, viajou por alguns países europeus, a fim de aprofundar os conhecimentos científicos para dedicar-se à medicina⁴⁴⁸. Em razão disso, foi tradutor de muitas obras sobre medicina homeopática e de outros assuntos científicos. Traduziu, por exemplo, *O Medico do Povo*, de autoria do médico francês Benoit Jules Mure (1809-1858), um dos pioneiros dessa controversa forma de prática da medicina. Benoit foi o introdutor da prática homeopática no Brasil. Viajou ao país, permanecendo de 1843 a 1848, com o intuito de formar médicos interessados em suas práticas,

⁴⁴¹ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 214, 6 ago. 1850, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/972. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁴² *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 286, 16 out. 1852, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_04/4393. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁴³ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 237, 27 ago. 1861, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_05/2562. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁴⁴ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 335, 4 dez. 1860, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_05/1395. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁴⁵ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 148, 30 maio 1863, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_05/5321. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁴⁶ RIO DE JANEIRO (Estado). Tribunal de Justiça. *Desembargadores da Justiça no Rio de Janeiro: Colônia e Império*. Rio de Janeiro: Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, 2018. p. 46.

⁴⁴⁷ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 304-305.

⁴⁴⁸ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1895. v. 3, p. 233.

que eram criticadas pela Academia Imperial de Medicina. Oliveira, portanto, ao traduzir obras sobre homeopatia para o português, deu continuidade, de certo modo, ao trabalho de Benoit, pois possibilitou a um número de médicos e entusiastas no assunto a possibilidade de ler o trabalho do médico francês em língua vernácula.

De acordo com a pesquisadora Ana Laura Donegá⁴⁴⁹, Henrique Velloso de Oliveira também foi tradutor de textos literários no *Novo Correio das Modas* (1852-1854), revista feminina editada pelos irmãos Laemmert. Oliveira assinou a tradução de seis contos, dentre elas “A tabuagem, ou o jogo da banca. Episódio”, possivelmente feita a partir de uma tradução francesa de “Spieler-Glück”, de E. T. A. Hoffmann, escritor romântico muito conhecido por suas narrativas fantásticas. Além disso, Oliveira traduziu três textos do escritor inglês Charles Mackay (1814-1889); em um deles, intitulado “Cagliostro, o célebre alquimista”, manteve-se próximo ao texto de partida em inglês, enquanto que, nos outros dois – “Modern prophecies” e “Fortune telling” –, realizou muitas modificações: “excluiu longas descrições, inverteu a ordem dos eventos e ainda inseriu notas de rodapé para explicar algumas passagens”⁴⁵⁰, além de unir ambos os textos sob o título “Profecias modernas”.

Lia Wyler, na lista anexa à sua dissertação de mestrado, registra ainda outras traduções feitas por ele, entre as quais estão textos teatrais como o drama *D. Sebastião de Portugal*, de 1856, de autoria de Eugène Scribe, e a tragédia *Os Horacios e Curiaceos*, do dramaturgo italiano Salvatore Cammarano (1801-1852), ópera do compositor Saverio Mercadante (1795-1870), também italiano – que foi encenada no Theatro Lyrico Fluminense em fevereiro de 1856⁴⁵¹ –, libretos impressos pela Typographia Dous de Dezembro, de Paula Brito⁴⁵². Como tradutor de folhetim, assina a tradução intitulada “A ilha dos fantasmas: conto d’Alhambra”, do escritor norte-americano Washington Irving (1783-1859), publicada em 1856 no *Correio Mercantil*⁴⁵³. Fato pouco comum, seu nome é mencionado no jornal, o que demonstra, certamente, que era conhecido como tradutor.

Em 1854, inicia-se a publicação de *As fabulas de Esopo*, que foram adaptadas em verso por Paula Brito e publicadas em alguns números do jornal. A primeira parte, com o prólogo e a fábula “O galo e a pérola”, foi impressa na edição de 31 de janeiro, junto de um anúncio que

⁴⁴⁹ DONEGÁ, Ana Laura. *Publicar ficção em meados do século XIX: um estudo das revistas femininas editadas pelos irmãos Laemmert*. 2013. 330 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013. p. 87-94.

⁴⁵⁰ Idem, *ibidem*. p. 88.

⁴⁵¹ CAMMARANO, Salvador. *Os Horacios e os Curiacios: tragedia lyrica em 3 actos*. Tradução de Henrique Velloso de Oliveira. Rio de Janeiro: Typographia Dous de Dezembro, 1856. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Música e Arquivo Sonoro, Coleção D. Thereza Christina Maria, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

⁴⁵² WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 1995. Anexo, p. 59-60.

⁴⁵³ HEINEBERG, Ilana. Op. cit., 2004. v. 2, p. 50; 58.

indica o texto fonte de tal adaptação. Paula Brito ressalta o grande número de edições das fábulas em francês, além de muitas traduções em diversas línguas.

Figura 12: Anúncio da publicação de *As fabulas de Esopo*, adaptadas por Paula Brito⁴⁵⁴.

Transcrição:

As fabulas de Esopo.
Todo o mundo falla nas *Fabulas de Esopo*, mas a geração moderna bem pouco as conhece. Traduzidas em todas as línguas, ha dellas immensas edições em Francez, e por um sem numero de traductores. Nós as temos tambem em portuguez; porém o volume de que nos servimos foi impresso em Lisboa em 1791, e por isso vamos dar a nossos Assignantes e Accionistas a — *Colecção completa das Fabulas de Esopo* — tirando desse mesmo livro o seguinte

As fábulas de Esopo.
 Todo o mundo fala nas *Fabulas de Esopo*, mas a geração moderna bem pouco as conhece. Traduzidas em todas as línguas, há delas imensas edições em francês, e por um sem número de tradutores. Nós as temos também em português; porém o volume de que nos servimos foi impresso em Lisboa em 1791, e por isso vamos dar a nossos assinantes e acionistas a — *Coleção completa das Fabulas de Esopo* — tirando desse mesmo livro o seguinte

Não é comum a indicação de informações diretas que remetam ao texto de traduções quando publicadas em jornais oitocentistas, como nesse caso, em que Paula Brito fez referência à obra publicada em Lisboa, em 1791. Trata-se da segunda edição das *Fabulas de Esopo*, traduzida diretamente do grego por Manuel Mendes da Vidigueira (1603-1643)⁴⁵⁵. Sabe-se que esse tradutor foi também professor, e que era versado em língua grega⁴⁵⁶. A primeira edição de sua tradução foi publicada em 1603, e muitas outras se seguiram nos séculos XVII e XVIII⁴⁵⁷. Ao que parece, as maiores diferenças textuais entre as edições feitas a partir da tradução portuguesa consistem em atualizações de nível ortográfico⁴⁵⁸. A tradução – ou adaptação – de Paula Brito é muito diferente de seu texto de partida. Percebe-se, após um rápido cotejo, que ele adaptou as fábulas para o formato de quadrinhas – estrofes de quatro versos –, com rimas e versos de sete sílabas poéticas, possivelmente para facilitar a memorização e atrair a atenção dos leitores. A adaptação de Paula Brito foi, em 1857, publicada em livro por sua própria

⁴⁵⁴ Fonte: *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 440, 31 jan. 1854, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/33>. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁵⁵ ESOPPO. *Fabulas de Esopo*, Traduzidas da Lingua Grega Com Applicações Moraes a Cada Fabula... Tradução de Manoel Mendes da Vidigueira. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1791. Consultado em Internet Archive. Disponível em: <https://ia800304.us.archive.org/24/items/fabulastraduzid00aesogoog/fabulastraduzid00aesogoog.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁵⁶ MORAIS, Ana Paiva. Capítulo 3: A coleção de fábulas traduzidas por Manuel Mendes, da Vidigueira, 1603-1914. p. 1-30. In: MORAIS, Ana Paiva (org.). *A Fábula na Literatura Portuguesa: Catálogo e História Crítica*. Lisboa: FCSH/UNL, 2013. p. 2-3.

⁴⁵⁷ Idem, ibidem.

⁴⁵⁸ ESOPPO. Op. cit., 1791.

tipografia, com o título *Fabulas de Esopo, em quadrinhas*, e foi anunciada por 2\$000 réis em 1858, em seu próprio jornal⁴⁵⁹.

Em março de 1854, foram impressas em *A Marmota Fluminense* as narrativas curtas “Os tres amigos”, publicada em meia coluna do número 446, e “A noite do Anno Bom de um infeliz”, inserida no número 451, ocupando o equivalente a uma coluna. Ao final do primeiro texto, indica-se, além do nome do tradutor Antônio Luís von Hoonholtz, seu posto na Marinha – “Traduzido pelo Aspirante à Guarda Marinha A. L. Hoonholtz”⁴⁶⁰ –, informação também localizada ao final do segundo texto, acrescido da identificação da língua a partir da qual realizou a tradução – “Trad. do allemão pelo Aspirante à Guarda Marinha A. L. Hoonholtz”⁴⁶¹, idioma que certamente dominava, a julgar por sua ascendência germânica, como veremos a seguir.

Antônio Luís von Hoonholtz (1837-1931) foi um nobre e militar brasileiro que fez carreira na Marinha do Brasil⁴⁶². Seu pai, Frederico Guilherme von Hoonholtz (1795-1837), foi um engenheiro e militar alemão que lutou nas Guerras Napoleônicas e depois se transferiu para o Brasil para servir D. Pedro I no início do século XIX, e no país formou sua família. Antônio, seu filho, também fez carreira militar, chegando ao posto de Almirante depois de reformado, em 1912. Além disso, manteve relacionamento próximo com a Família Real, tendo sido oficial-mor da imperatriz D. Teresa Cristina e tendo recebido o título de Barão de Tefé em 1873. Recebeu o grau de oficial da Imperial Ordem da Rosa e da Imperial Ordem do Cruzeiro, além de outras honrarias, e fez parte de várias instituições científicas, tais como o Instituto Histórico e Geográfico e o Instituto de França, de Paris⁴⁶³. Antônio publicou, anos mais tarde, em 1873, o seu romance *A corveta Diana: romance marítimo original brasileiro*, cuja história se passa na Ilha de Santa Catarina⁴⁶⁴, com uma tiragem bastante reduzida de cinquenta exemplares que foram doados a seus familiares e amigos⁴⁶⁵. No mesmo ano, a obra foi republicada no *Diário*

⁴⁵⁹ “Lista do que se vende na 44 - Rua do Cano - 44 Nova Typographia e Loja de Paula Brito e 64 - Praça da Constituição - 64”, *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 946, 27 abr. 1858, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/1539>. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁶⁰ *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 449, 3 mar. 1854, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/70>. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁶¹ *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 451, 10 mar. 1854, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706914/79>. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁶² SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 240.

⁴⁶³ RODRIGUES, João. Patrono da ATBT - de Almirante Antonio Luiz von Hoonholtz - Barão de Teffé. In: *Associação da Turma Barão de Teffé*. Rio de Janeiro, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://www.atbt.org.br/detalhe.asp?id=1>. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁶⁴ MUZART, Zahidé Lupinacci. O folhetim no Desterro em relação ao modelo francês. *Travessia*, Florianópolis, n. 16, 17, 18, p. 56-66, 1989. p. 57.

⁴⁶⁵ HOONHOLTZ, Antonio von. *A corveta Diana: romance marítimo original brasileiro*. Manaus: Typographia do Commercio do Amasonas, 1873. p. III-IV. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade

de Pernambuco⁴⁶⁶, em *O Despertador*, em *O Conciliador* e em *O Conservador*, sendo, esses três últimos, jornais de Santa Catarina⁴⁶⁷. Por volta dos anos 1911, Antônio publicou, na editora dos Garnier, a obra *Memórias do Almirante Barão de Teffé: A batalha naval do Riachuelo*, em que narra o conflito do qual participou⁴⁶⁸.

Em 1855, Paula Brito direcionou os espaços de *A Marmota Fluminense* apenas para a produção literária de escritores nacionais, entre eles Joaquim Manoel de Macedo, com dois de seus novos romances naquela época: *A carteira de meu tio*, inserido nas colunas do jornal, e *O forasteiro*, publicado no espaço do folhetim. Ambas as obras foram, posteriormente, republicadas em livro⁴⁶⁹. O segundo romance, como mostra um anúncio publicado em 20 de junho de 1856, no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, é oferecido por Paula Brito em seu primeiro e segundo volumes, com facilidade para os assinantes, que poderiam adquiri-los pelo preço de 2\$000, e receber também “de graça” outros impressos⁴⁷⁰. A folha também republicou obras clássicas da literatura brasileira da época colonial, os poemas épicos *O Uruguay*, de José Basílio da Gama (1741-1795), e *Caramuru*, de José de Santa Rita Durão (1722-1784). Esse foi, portanto, um ano no qual Paula Brito não publicou obras literárias traduzidas em seu jornal.

Em 1856, nos sete primeiros números de janeiro daquele ano, foi publicada em *A Marmota Fluminense* a narrativa “O Canario”, uma tradução para o português do conto do padre católico alemão Christoph von Schmid (1768-1854), conhecido pelos seus contos para as crianças, que foram traduzidos para muitas línguas. A história foi dividida em sete partes impressas nos números 664 a 670, veiculados em janeiro daquele ano. Trata-se de uma tradução do conto “Der Kanarienvogel”, que por sua vez foi traduzido para o francês como “Le Canari” pelo abade Jean Laurent, responsável por outras traduções do mesmo autor alemão.

de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/5146/1/008007_COMPLETO.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁶⁶ SALES, Germana Maria Araújo. Cronologias – Ficção Brasileira. In: CAMINHOS do romance: Brasil – de Séculos XVIII e XIX. 2004. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005. Disponível em: <https://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/brasileira.htm>. Acesso em: 12 ago. 2021; OLIVEIRA, Gracineia I. A Corveta Diana. Romance marítimo. Original brasileiro. In: *Portugueses de Papel*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, s/d. Disponível em: <https://portuguesesdepapel.com/dicionario/191>. Acesso em: 12 ago. 2021.

⁴⁶⁷ MUZART, Zahidé Lupinacci. Op. cit., 1989. p. 57.

⁴⁶⁸ HOONHOLTZ, Antonio Luiz von. *Memórias do Almirante Barão de Teffé: A batalha naval do Riachuelo*. Contada em carta íntima poucos dias depois desse feito pelo 1º tenente Antônio Luiz Von Hoonholtz. Junho de 1865. Rio de Janeiro; Paris: Livraria Garnier Irmãos, [1911?]. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/5077/1/008008_COMPLETO.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

⁴⁶⁹ QUEIROZ, Juliana Maia de. *As múltiplas facetas de Joaquim Manuel de Macedo: um estudo de A carteira de meu tio, Memórias do sobrinho de meu tio e A luneta mágica*. 2011. 159 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011. p. 33-54.

⁴⁷⁰ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 179, 30 jun. 1856, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/12042>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Na primeira fatia da narrativa, impressa na primeira página da edição n. 664, de 1º de janeiro, um anúncio assinado pelo tradutor Guilherme Candido Bellegarde (1836-1890), cuja identificação aparece em todas as partes publicadas no jornal logo após o título da narrativa – algo pouco comum naquela época –, explica rapidamente aos leitores o que eles poderiam esperar da leitura do conto:

Figura 13: Anúncio da publicação de “O Canario”, de Christoph von Schmid, traduzido por Guilherme Candido Bellegarde⁴⁷¹.

Transcrição:

O Canário.

☉ Canario.

Este conto, cuja publicação hoje encetamos, é devido á penna do conego Schmid, bem conhecido por suas obras a prol da educação da infancia.

E' elle uma pagina da vida humana, ou antes, a exemplificação desta sublime verdade:—que o Omnipotente jámais abandona aos que sincera e fervorosamente O invocam, e que póde quando Lhe apraz arrancar o véo de dôr que nos enluta, para rodear-nos das galas da mais indizível alegria.

E' escripto em linguagem pura e em estylo pathetico. O salutar aroma da moral rescende de cada uma de suas expressões, e em qualquer de suas paginas se encontram frissantes exemplos de resignação, fidelidade e abnegação.

— Do tempo que se empregar em sua leitura colher-se-ha proveitoso fructo.—

Tal é o juízo que sobre este pequeno, mas importante trabalho formamos; juízo a que nos não podemos ferrar de dar publicidade, por acreditarmos que recommendando aos leitores este conto, lhes prestamos um serviço real.

Do Traductor,
Guilherme Candido Bellegarde.

Este conto, cuja publicação hoje encetamos, é devido à pena do cônego Schmid, bem conhecido por suas obras a prol da educação da infância.

É ele uma página da vida humana, ou antes, a exemplificação desta sublime verdade: – de que o Onipresente jamais abandona aos que sincera e fervorosamente O invocam, e que pode quando Lhe apraz arrancar o véu de dor que nos enluta, para rodear-nos das galas da mais indizível alegria.

É escrito em linguagem pura e em estylo patético. O salutar aroma da moral rescende de cada uma de suas expressões, e em qualquer de suas páginas se encontram frissantes exemplos de resignação, fidelidade e abnegação.

– Do tempo que se empregar em sua leitura colher-se-á proveitoso fructo. –

Tal é o juízo que sobre este pequeno, mas importante trabalho formamos; juízo a que nós não podemos ferrar de dar publicidade, por acreditarmos que recommendando aos leitores este conto, lhes prestamos um serviço real.

Do Tradutor,
Guilherme Candido Bellegarde.

Destaca-se, de início, o fato de o pequeno texto ter sido assinado pelo tradutor, algo pouco comum nos jornais daquela época, que normalmente não identificavam os responsáveis pelos anúncios que precediam a publicação das narrativas seriadas – contos e romances-folhetins. Conforme as palavras do tradutor, as obras de Schmid são educativas e direcionadas à infância. Sendo assim, por meio do conto “O Canario”, as crianças poderiam aprender e

⁴⁷¹ Fonte: *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 664, 1 jan. 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/927>. Acesso em: 10 maio 2021.

desenvolver a fé cristã e a moral religiosa, a partir dos “frisantes exemplos de resignação, fidelidade e abnegação”⁴⁷², algo que parece adequado às crianças de um país de maioria católica, assim como o Brasil do século XIX. Por fim, o tradutor afirma que a linguagem do conto é “pura” e o estilo é “patético”, no sentido de causar comoção emocional.

Guilherme Candido Bellegarde nasceu em Cabo Frio, Rio de Janeiro, em 16 de outubro de 1836, e faleceu em 27 de junho de 1890. Filho e sobrinho de membros das forças armadas, Guilherme frequentou o curso na academia militar, tendo servido primeiramente na Secretaria de Guerra e em seguida na Secretaria da Agricultura, de onde se aposentou como chefe de seção⁴⁷³. O ofício da tradução foi exercido por outros membros de sua família: seu pai, o luso-brasileiro Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde (1802-1839)⁴⁷⁴, e seu tio, Pedro de Alcântara Bellegarde (1807-1864), que o educou. Ambos, membros de uma família bem relacionada com a Corte portuguesa⁴⁷⁵, seguiram carreira militar. Henrique Luiz, que havia estudado na França, onde se formou como engenheiro e bacharel em Letras, publicou, além de alguns trabalhos técnicos, o *Resumo da Historia do Brasil até 1828*, de 1831, tradução do *Résumé de l’histoire du Brésil*, de 1825, obra do escritor e historiador francês Ferdinand Denis. Esse livro, que passou por sucessivas modificações – acréscimos, por exemplo –, foi adotado pelo governo para o ensino escolar⁴⁷⁶. Por sua vez, o tio de Guilherme, que publicou diversas obras sobre a História do Brasil, Matemática e Engenharia⁴⁷⁷, também teria traduzido textos dos mais diversos ramos do conhecimento – Filosofia, Arqueologia, História, Economia, Poesia e Literatura – para a *Revista Nacional e Estrangeira*, publicada entre 1839 e 1841⁴⁷⁸. Apesar de não identificar os tradutores dos artigos estrangeiros, esse periódico indicava a fonte de tais textos, em sua maioria retirados de publicações francesas e inglesas⁴⁷⁹, que possivelmente passaram pelas mãos de Pedro Bellegarde, tendo em vista sua participação no periódico. Assim sendo, a tradução de obras técnicas – ou mesmo o acesso a tais textos traduzidos – foi uma prática presente nas carreiras profissionais dos familiares de Guilherme Bellegarde, de uma forma ou de outra. Em função disso, ele, talvez, tenha resolvido se aventurar na prática de tradução, embora tenha se voltado à literatura.

⁴⁷² Idem, *ibidem*. p. 1

⁴⁷³ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1895. v. 3, p. 194-195.

⁴⁷⁴ Idem, *ibidem*. p. 226-227.

⁴⁷⁵ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1902. v. 7, p. 8.

⁴⁷⁶ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1895. v. 3, p. 226-228.

⁴⁷⁷ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1902. v. 7, p. 8-11.

⁴⁷⁸ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1895. v. 3, p. 479-480.

⁴⁷⁹ RAMICELLI, Maria Eulária. *Revista Nacional e Estrangeira (1839-40): A Foreign or a Brazilian Magazine?* p. 133-147. In: SILVA, Ana Claudia Suriani da; VASCONCELOS, Sandra Guardini (org.). *Books and Periodicals in Brazil 1768-1930: A Transatlantic Perspective*. Oxon; New York: Legenda, 2014. p. 133-147.

No ano de 1857, a produção de escritores nacionais também teve espaço em *A Marmota Fluminense*. Por exemplo, *O forasteiro*, de Joaquim Manuel de Macedo, continuou a ser publicado no jornal. Obras de Teixeira e Sousa, que já havia publicado a tradução de *Mazeppa*, de Lord Byron, foram impressas nas folhas do jornal de Paula Brito: *Tardes de um pintor ou intrigas de um jesuíta*, publicada em folhetim, encerrando-se em 1859, e *As fatalidades de dois jovens*: recordações dos tempos coloniais.

O ano se iniciou com a publicação de *A mulher julgada pelos grandes escritores de ambos os sexos*, de Louis-Julien Larcher (1808-1865), tradução de *La Femme jugée par les grands écrivains de deux sexes*, de 1855⁴⁸⁰. Larcher reuniu e comentou excertos de escritores a respeito das mulheres, divididos em assuntos, tais como a moralidade, a virgindade, os filhos e o casamento. A tradução foi atribuída a “Sousa Ferreira”, possivelmente José Antonio de Sousa Ferreira, listado como acionista da tipografia de Paula Brito⁴⁸¹. No ano seguinte, foi publicada a obra *O livro do amor*, traduzida também por Sousa Ferreira, mas sem indicação de autoria; o texto é composto por curtos fragmentos de escritores diversos a respeito do amor.

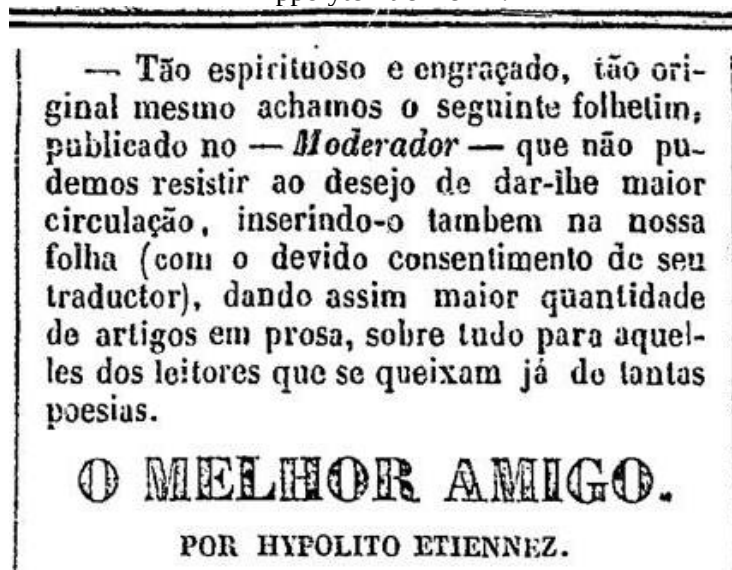
A prosa ficcional traduzida também se fez presente em 1857. Nas colunas das edições impressas entre março e abril desse ano, foram publicadas as fatias do romance *O melhor amigo*, por Hippolyte Etiennez, tradução de *Le Meilleur ami*, publicado em 1842 no *Le magasin littéraire*, de Paris. De acordo com o anúncio, o jornal desejava dar maior difusão à tradução que estava sendo impressa, no mesmo mês de março, em *O Moderador*, e por isso pediu a autorização do tradutor. Talvez não fosse necessário obter tal permissão, visto que essa era também uma folha de propriedade de Paula Brito. Tal jornal havia sido criado para louvar o novo ministério, presidido por Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880), Marquês de Caxias, à época. Quando o ministério caiu, *O Moderador* encerrou suas publicações, no seu vigésimo terceiro número⁴⁸².

⁴⁸⁰ LARCHER, Louis-Julien. *La femme jugée par les grands écrivains des deux sexes...* Paris: Gustave Havard, 1861. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.fr/books?id=D8lBAQAAMAAJ>. Acesso em: 20 maio 2021.

⁴⁸¹ GODOI, Rodrigo Camargo de. Op. cit., 2014. p. 286.

⁴⁸² Idem, ibidem. p. 201-203.

Figura 14: Anúncio da publicação de *O melhor amigo*, de Hippolyte Etiennez⁴⁸³.



Transcrição:

— Tão espirituoso e engraçado, tão original mesmo achamos o seguinte folhetim, publicado no — *Moderador* — que não pudemos resistir ao desejo de dar-lhe maior circulação, inserindo-o também na nossa folha (com o devido consentimento de seu traductor), dando assim maior quantidade de artigos em prosa, sobretudo para aqueles dos leitores que se queixam já de tantas poesias.

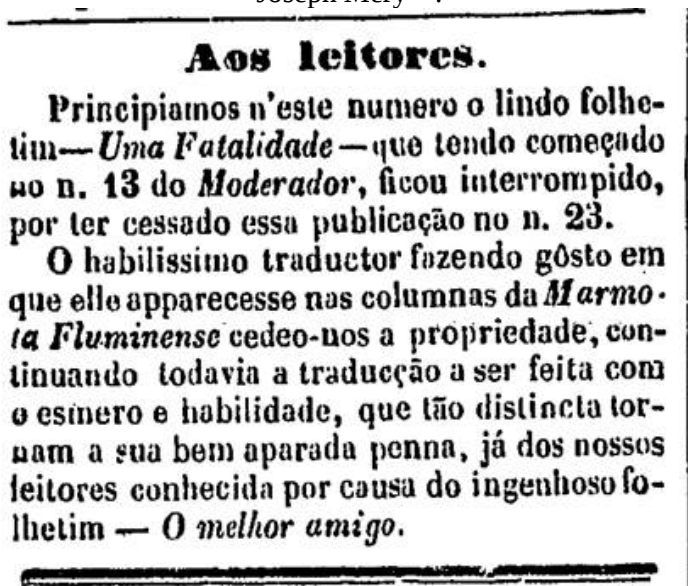
O MELHOR AMIGO.
POR HYPOLITO ETIENNEZ.

O anúncio não revela o nome do tradutor, informação que também não aparece nas partes da narrativa publicadas nas edições seguintes do jornal. O romance foi divulgado como “espirituoso e engraçado”, e oferecido como uma alternativa para os leitores que se aborreciam com a quantidade de poemas publicados na *Marmota Fluminense*. Apesar de indicar que era um “folhetim”, a obra foi inserida nas colunas do jornal, e não em seu rodapé, lugar onde foi impressa em *O Moderador*⁴⁸⁴. No mesmo ano de 1857, o jornal de Paula Brito também republicou as primeiras partes do romance *Uma fatalidade*, de Joseph Méry, a partir de 23 de junho, retirado de *O Moderador* e traduzido pelo tradutor de *O melhor amigo*.

⁴⁸³ Fonte: *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 831, 20 mar. 1857, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/1076>. Acesso em: 10 maio 2021.

⁴⁸⁴ *O Moderador*, Rio de Janeiro, n. 7, 27 fev. 1857, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/748757/13>. Acesso em: 20 maio 2021.

Figura 15: Anúncio da publicação de *Uma fatalidade*, de Joseph Méry⁴⁸⁵.



Transcrição:

Aos leitores.

Principiamos neste número o lindo folhetim — *Uma fatalidade* — que tendo começado no n. 13 do *Moderador*, ficou interrompido, por ter cessado essa publicação no n. 23.

O habilíssimo tradutor fazendo gosto em que ele apparecesse nas colunas da *Marmota Fluminense* cedeu-nos a propriedade, continuando todavia a tradução a ser feita com o esmero e habilidade, que tão distinta tornam a sua bem aparada pena, já dos nossos leitores conhecida por causa do engenhoso folhetim — *O melhor amigo*.

O anúncio de publicação do folhetim de Méry não mencionou o nome tradutor, assim como a publicação interrompida em *O Moderador*⁴⁸⁶. O responsável pela tradução a fez com “esmero e habilidade”, conforme divulgou o anúncio, certamente para atrair os leitores, que foram lembrados da tradução de outro folhetim do mesmo tradutor. Diferentemente da narrativa anterior, *Uma fatalidade* foi inserida no rodapé do jornal, tendo seu último número publicado em 22 de janeiro de 1858, ou seja, teve quase sete meses de duração.

Entre 24 de abril e 17 de julho de 1857, foi publicada, nas colunas de *A Marmota Fluminense* e de *A Marmota* — a mudança de título ocorreu a partir da edição de número 361, de 3 de julho —, a narrativa *Kardiki*, de Eugène Sue, traduzida por Antonio José de Sousa Rego, que foi identificado na publicação. Trata-se da tradução de um folhetim homônimo, publicado nas colunas do *La Presse*, entre 25 de fevereiro e 5 de março de 1839. Outra narrativa traduzida por ele, *Ilha de Madagascar* foi publicada entre 25 de abril e 9 de maio de 1854, tradução que provavelmente teve, como texto de partida, do qual possivelmente fez condensações e retirou apenas uma pequena parte do texto, o livro *Voyage à Madagascar et aux îles Comores (1823 à 1830)*, de B. F. Leguével de Lacombe, obra publicada em Paris, em 1840.

Antonio José de Sousa Rego, nascido no Rio de Janeiro, em 3 de abril de 1829, era filho de Antonio José de Sousa Rego (?-1855) e Maria Benedita de Almeida Rego (1813-1881).

⁴⁸⁵ Fonte: *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 858, 23 jun. 1857, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/1184>. Acesso em: 20 maio 2021.

⁴⁸⁶ *O Moderador*, Rio de Janeiro, n. 13, 20 mar. 1857, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/748757/37>. Acesso em: 20 maio 2021.

Obteve o grau de bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II. Era doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com tese publicada em 1855. Ainda enquanto estudava, trabalhou no Hospital Militar e no Hospital da Misericórdia. Depois de formado, foi para o funcionalismo público. Foi primeiro oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda; foi sócio da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional; atuou como 1º Secretário da Comissão Diretora da 2ª Exposição Nacional de 1866, tendo publicado o relatório sobre a Exposição; e foi cavaleiro da Ordem da Rosa⁴⁸⁷. Além das traduções, publicou outras obras, entre elas *O Charadista*, pela Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro, em 1885, e o *Diccionario do Doceiro Brasileiro*, pelo editor J. G. de Azevedo, também no Rio de Janeiro, obra que teve uma terceira edição em 1892, trazendo mais de 900 receitas de doces, e que foi reeditada em 2010.

A publicação de traduções se intensificou a partir de 1858. Entraram em cena tradutores que colaboraram consideravelmente com *A Marmota*, nome que o jornal passou a adotar a partir do meio de 1857, e que perdurou até o fim da publicação, em 1861, e retomado em 1864, quando algumas edições foram impressas. Entre eles, destacaram-se Braulio Jaime Moniz Cordeiro, Ananias Ibirapitanga de Araújo e Raimundo Antônio da Câmara Bittencourt, cujas traduções apareceram com certa recorrência no jornal de Paula Brito. Além desses tradutores, também colaboraram Justiniano José da Rocha, já experiente na prática da tradução nessa época, e Machado de Assis, que publicava alguns de seus primeiros textos traduzidos e suas produções próprias, tais como poemas, contos e textos críticos na folha de seu amigo Paula Brito.

Justiniano José da Rocha, por exemplo, teve, em janeiro de 1858, o anúncio de uma tradução sua *A questão de dinheiro*, peça de Alexandre Dumas, filho (1824-1895), impressa no jornal. A folha de Paula Brito optou por mostrar aos seus leitores apenas a quinta cena do primeiro ato do texto teatral. O anúncio informava que a obra estava sendo editada por Paula Brito, e que os assinantes poderiam obtê-la por mil réis diretamente em sua loja, na praça da constituição, número 64.

⁴⁸⁷ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 231-232.

Figura 16: Anúncio da peça *A questão de dinheiro*, de Alexandre Dumas, filho, traduzida por Justiniano José da Rocha⁴⁸⁸.

A MARMOTA.

A

QUESTÃO DE DINHEIRO

COMEDIA EM CINCO ACTOS DE

Alexandre Dumas filho

traduzida pelo Sr.

DR. J. J. DA ROCHA.

Para que o publico fique sabendo desde já, que a comedia acima agrada lida como romance, talvez ainda mais do que representada, aqui publicamos duas importantissimas fallas; por ellas, e unicamente por ellas, os nossos leitores podem formar um juizo qualquer a respeito da obra que, achando-se no prelo, vai ser dada á luz sem perda de tempo.

Assigna-se a 1\$000, na praça da constituição n. 64, loja de Paula Brito, editor.

Transcrição:

A MARMOTA.

A
QUESTÃO DE DINHEIRO
COMÉDIA EM CINCO ACTOS DE
Alexandre Dumas filho
traduzida pelo Sr.
DR. J. J. DA ROCHA.

Para que o público fique sabendo desde já, que a comédia acima agrada lida como romance, talvez ainda mais do que representada, aqui publicamos duas importantíssimas falas; por elas, e unicamente por elas, os nossos leitores podem formar um juízo qualquer a respeito da obra que, achando-se no prelo, vai ser dada à luz sem perda de tempo.

Assina-se a 1\$000, na praça da constituição n. 64, loja de Paula Brito, editor.

O anúncio mencionava que a peça poderia ser lida como um romance, e que os leitores, apenas com o trecho publicado, construiriam um julgamento sobre seu conteúdo. Possivelmente, pretendia-se, assim, capturar o interesse do leitor, que, ao ler uma parte da obra, saciaria talvez sua curiosidade na compra da versão integral.

O texto completo da peça traduzida foi, de fato, publicado no mesmo ano de 1858. O frontispício da publicação traz, além das costumeiras informações, o nome do tradutor em destaque, com tipos diferenciados – “A / QUESTÃO / DE DINHEIRO / COMEDIA / EM CINCO ACTOS, EM PROSA / POR / ALEXANDRE DUMAS FILHO / TRADUZIDA POR / J. J. DA ROCHA.”⁴⁸⁹. Isso pode demonstrar a relevância de Justiniano como tradutor; mencioná-lo seria, assim, um diferencial para o texto teatral que se estava publicando.

Justiniano também veria publicado, dessa vez por inteiro, o romance *A sorte grande*, entre janeiro e março de 1860, de autoria da escritora alemã Fanny Lewald (1811-1889), defensora dos direitos femininos, entre eles a independência econômica por meio do trabalho.

⁴⁸⁸ Fonte: *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 920, 26 jan. 1858, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/1428>. Acesso em: 20 maio 2021.

⁴⁸⁹ DUMAS (filho), Alexandre. *A questão de dinheiro*: comedia em cinco actos, em prosa. Tradução de Justiniano José da Rocha. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1858. Frontispício. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Segundo Laura Reis, o romance questiona a dependência financeira das mulheres e o divórcio, discutindo as consequências do matrimônio para as mulheres⁴⁹⁰.

A sorte grande foi traduzida a partir do texto fonte intitulado “Le gros lot”, publicado no jornal *L’Illustration*, com início em 23 de julho de 1859. A tradução para o português, conforme consta no anúncio e na publicação do próprio folhetim, foi feita a partir da tradução francesa, realizada por Ludwig Unger e Alphonse Pagés⁴⁹¹. Esse seria um caso raro de tradução indireta assumida. Traduzir indiretamente era uma prática comum, principalmente para obras de línguas menos conhecidas ou não dominadas pelos tradutores, como a língua alemã. Usava-se, principalmente, as traduções em francês, a partir das quais se traduzia para o português.

A Sorte Grande.

A novela alemã, cuja publicação encetamos hoje, é uma das mais simples, morais e engenhosas composições de que temos notícia. Escrita pela Snra. Fanny Lewald, foi traduzida em francês pelos Snrs. *Ludwig Unger* e *Alphonse Pagés* e em português pela habilíssima pena do Sr. Dr. J. J. da Rocha.

O fim da autora foi mostrar que a – Loteria – é um jogo, e que o dinheiro do jogo nem sempre é abençoado por Deus. Mas toda a novela está escrita com tanto cuidado, com tanta delicadeza e com tanto gosto e tino, que os acontecimentos se sucedem como se tudo assim devesse acontecer pela ordem natural das coisas.

O Snr. Dr. Rocha que, como nós, achou o trabalho da Snra. Fanny Lewald de muito merecimento, e mais ainda por dizer respeito à Loteria, jogo que se multiplica entre nós de uma maneira espantosa, e cujos impostos já fazem parte das rendas do Estado, teve tanto gosto em traduzi-la, como nós agora em publicá-la.

A *Ilustração*, de onde foi traduzida essa novela, traz sobre a autora a seguinte nota.

« Madame Fanny Lewald, nascida em Königsberg a 24 de março de 1811, de pais israelitas, fez-se cristã aos 17 anos. Uma brilhante educação tinha aberto seu espírito a todos os gêneros do estudo e da observação. Depois de muitas viagens, em que seu talento muito se desenvolveu, começou a escrever particularmente para assim distrair uma irmã enferma; depois disso compôs algumas obras para serem publicadas. Apenas conhecidos os seus escritos, tornou-se para logo popular, e devia sê-lo, como os leitores julgarão por si, lendo no nosso folhetim a novela de que se trata, uma de suas mais recentes composições. »⁴⁹²

O anúncio destaca o valor moral da obra, além de sua simplicidade e engenhosidade. Além disso, ressalta aspectos da linguagem do romance, como a escrita feita com cuidado e

⁴⁹⁰ REIS, Laura Junqueira de Mello. Op. cit., 2020. p. 78-79.

⁴⁹¹ *L’Illustration*, journal universel, Paris, n. 863, v. XXXIV, 10 sept. 1859. p. 74-75. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=CUhDAQAAMAAJ>. Acesso em: 20 maio 2021.

⁴⁹² *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 1122, 3 jan. 1860, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/419>. Acesso em: 20 maio 2021.

delicadeza. Afirma-se que o tradutor Justiniano se interessou pela obra e teve gosto em traduzi-la, a fim de orientar os leitores sobre os males da loteria, “[...] e que o dinheiro do jogo nem sempre é abençoado por Deus”⁴⁹³. Além disso, o anúncio reproduz a tradução de uma pequena biografia da autora, retirada do próprio jornal em que a obra foi impressa, para que os leitores conheçam melhor Fanny Lewald.

Em abril de 1858, Machado de Assis – autor do conto “Três tesouros perdidos”, publicado em janeiro daquele ano – teve impresso seu ensaio “O passado, o presente e o futuro da literatura” em *A Marmota*. Machado, ainda muito jovem, já aventava seu espírito crítico ao se queixar da pouca produção literária, que não considerava consistente, e criticava o grande número de traduções de peças estrangeiras traduzidas:

Para que estas traduções enervando a nossa cena dramática? Para que esta inundação de peças francesas, sem o mérito da localidade e cheias de equívocos, sensaborões às vezes, e galicismos, a fazer recuar o mais denodado *francelho*? É evidente que é isto a cabeça de Medusa, que enche de terror as tendências indecisas, e mesmo as resolutas. Mais de uma tentativa terá decerto abortado em face desta verdade pungente, deste fato doloroso⁴⁹⁴.

Essa “inundação de peças francesas” mal traduzidas, das quais se queixou Machado de Assis, foi uma percepção da intensa atividade tradutória daquele período, prática que não estava restrita apenas às peças teatrais, tampouco era uma situação exclusiva de 1858. Poderia não existir na mesma proporção relatada no ano do texto crítico, mas, duas décadas antes, os jornais brasileiros experimentavam o início da publicação de romances-folhetins estrangeiros, importados, principalmente, da França. Machado continuou a reclamar sobre a qualidade das peças traduzidas:

A tradução é o elemento dominante, neste caos que devia ser a arca santa onde a arte pelos lábios dos seus oráculos falasse às turbas entusiasmadas e delirantes. Transplantar uma composição dramática francesa para a nossa língua, é tarefa de que se incumbe qualquer bípede que entende de letra redonda. O que provém daí? O que se está vendo. A arte tornou-se uma indústria; e a parte meia dúzia de tentativas bem sucedidas sem dúvida, o nosso teatro é uma fábula, uma utopia⁴⁹⁵.

⁴⁹³ Idem, *ibidem*. p. 1.

⁴⁹⁴ *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 945, 23 abr. 1858, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706914/1532>. Acesso em: 20 maio 2021.

⁴⁹⁵ Idem, *ibidem*. p. 1-2.

O jovem crítico pareceu menos se enfurecer pela quantidade e mais pela qualidade das traduções realizadas, embora os dois aspectos tivessem uma forte relação: é possível que a demanda pelas traduções fosse grande o suficiente – a julgar pela menção sobre a arte como uma produção industrial, ou seja, mecanizada, acelerada e padronizada – para que os tradutores tivessem que fazê-las apressadamente, sem tempo necessário para revisá-las, por exemplo – pelo menos, é uma hipótese que se pode derivar a partir das palavras de Machado de Assis. Os erros e as interferências da língua francesa seriam parte dessa prática de tradução de peças teatrais que considerava deslocadas de contexto. Criticou também o fato de muitas traduções serem feitas por qualquer um “que entende de letra redonda”, referindo-se, provavelmente, à falta de preparo dos tradutores.

Além de “Três tesouros perdidos”, Machado de Assis teve publicado, em 1859, o conto “Bagatela”, tradução de “Bagatelle”, do escritor francês Alfred Delvau (1825-1867), texto publicado entre 1845 e 1847⁴⁹⁶. Haveria um texto, no ano seguinte, em 1860, não fossem as dúvidas a respeito da assinatura “M. A.”, que aparece na publicação da narrativa “Magdalena”, ser de Machado de Assis ou do médico Moreira de Azevedo; para alguns estudiosos da obra machadiana, entre eles Jean-Michel Massa, tal texto não foi escrito por Machado⁴⁹⁷. O escritor também teve impressa, no jornal de Paula Brito, a tradução da peça *Hoje avental, amanhã luva*, de 1860, decorrente de *Chasse au Lion*, de 1852, de autoria dos dramaturgos franceses Gustave Vattier (1827-1914) e Émile Najac (1828-1889), conforme constatou Massa⁴⁹⁸. A peça foi mencionada como “imitada do francês”, o que pode levar a pensar numa tradução mais livre, mais próxima do que se conhece como “imitação” (adaptação) – o título dado por Machado, diferente de uma tradução literal (*Caça ao dândi*, por exemplo), é o primeiro indício. De fato, o texto sofre algumas alterações comuns naquela época, como os nomes aportuguesados, por exemplo. Segundo Rodrigo Godoi, uma modificação no final mostraria que o escritor e tradutor estaria oferecendo uma nova interpretação, que se relaciona ao tema da ascensão pelo casamento, mais tarde também explorado por ele em suas próprias produções literárias⁴⁹⁹.

⁴⁹⁶ XIMENES, Sérgio Barcellos. Contribuições ao “Dicionário de Machado de Assis”, obra de Ubiratan Machado (2021). p. 79-90. Disponível em: <https://mega.nz/file/dJwTyYIY#CaF21orfmBYh6jQprCX96yreCiET6z3s7KphG6ltnmg>. Acesso em: 10 jul. 2022.

⁴⁹⁷ GODOI, Rodrigo Camargo de. *Entre comédias e contos: a formação do ficcionista Machado de Assis (1856-1866)*. 2010. 416 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010. p. 276-277.

⁴⁹⁸ MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis: 1839-1870: Ensaio de biografia intelectual*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. p. 272-273.

⁴⁹⁹ GODOI, Rodrigo Camargo de. “Cá está a criadinha!”: uma análise da imitação *Hoje avental, amanhã luva* de Machado de Assis (1860). *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 54-70, abr. 2018. p. 68.

Ananias Ibirapitanga de Araujo, Braulio Jaime Moniz Cordeiro e Raimundo Antônio da Câmara Bittencourt, diferentemente de Justiniano José da Rocha e Machado de Assis, são nomes pouco conhecidos nos trabalhos de História da Tradução e História da Literatura. Todos eles têm em comum o fato de terem traduções publicadas em *A Marmota*, mas o que difere Ananias Ibirapitanga, Braulio Cordeiro e Raimundo Bittencourt dos dois tradutores e escritores brevemente mencionados – Machado de Assis e Justiniano José da Rocha – é o número maior de traduções, feitas por esses três tradutores, impressas no jornal de Paula Brito, entre 1858 e 1861, se comparado aos outros dois escritores.

Pouco se sabe sobre Braulio Jaime Moniz Cordeiro. Nasceu no Rio de Janeiro, em 31 de janeiro de 1829⁵⁰⁰, e faleceu em 20 de março de 1905⁵⁰¹. Sua carreira militar durou apenas nove anos, tendo início em 1844 e término em 1853, depois de não obter a promoção a oficial, a que julgava ter direito. Em seguida, foi secretário particular de Edward Webb (1820-1879), engenheiro inglês que trabalhou no Brasil na construção de uma importante estrada de ferro, de 1852 a 1858 – talvez Braulio tenha sido designado para ser secretário de Webb em razão de seu conhecimento em língua estrangeira, que seria útil, mais tarde, para a prática de tradução. Além disso, foi estenógrafo, revisor do *Correio Mercantil* e de outros jornais, e professor de instrução primária⁵⁰².

Braulio Cordeiro dedicou-se às Letras, tendo sido romancista, novelista e ensaísta⁵⁰³. Como profissional de ensino, além de ter sido professor público, foi também diretor do Collegio Braulio⁵⁰⁴. Produziu materiais didáticos, como o *Compendio de Pedagogia*, destinado aos candidatos ao magistério⁵⁰⁵. Foi também presidente do Instituto Pedagógico da Província do Rio de Janeiro⁵⁰⁶ e vice-presidente da Associação Typographica Fluminense⁵⁰⁷.

Além de ter traduzido para o jornal de Paula Brito, Braulio Cordeiro traduziu *O amigo do lavrador ou tratado completo de agricultura pratica*, que indicou ser resultado de

⁵⁰⁰ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 424-425.

⁵⁰¹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 80, 21 mar. 1905, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_02/16140. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁰² SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 424-425.

⁵⁰³ COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001.

⁵⁰⁴ *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 35, 1878, p. 34. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/44688>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁰⁵ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 91, 2 abr. 1874, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_06/8355. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁰⁶ CORDEIRO, Braulio Jayme Muniz. *Relatorio apresentado ao Instituto Pedagogico da Provincia do Rio de Janeiro [...] em Assembléa Geral de 21 de dezembro de 1878*. Rio de Janeiro: Typ. Academica, 1878. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Gerais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

⁵⁰⁷ *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, n. 48, 1891, p. 1476. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394/1904>. Acesso em: 10 jun. 2022.

compilação e de tradução de informações de outras obras, algumas delas de autores estrangeiros⁵⁰⁸. Também foi autor do *Guia do jardineiro horticultor e lavrador brasileiro*⁵⁰⁹ e de *O medico dos pobres ou a homœopathia ao alcance de todos*. Essa última obra, lançada pela editora Laemmert, teve pelo menos 4 edições até 1889 – o que indica o sucesso que conquistou. Direcionou explicitamente esse livro às pessoas pobres, como indica o próprio título, para que elas pudessem se curar das doenças por meios próprios, a partir do emprego da terapia homeopática, sem gastar com consultas médicas. Da mesma forma, também consultou obras de autores estrangeiros – franceses e ingleses –, e certamente contou com a prática de tradução para produzir esse livro⁵¹⁰. Ademais, ainda a respeito de sua produção escrita, traduziu para o *Brazil Commercial* e para o *Jornal dos Tachygraphos*⁵¹¹, segundo Lia Wyler, periódicos nos quais não localizamos traduções assinadas por ele.

Menos ainda se sabe sobre Ananias Ibirapitanga de Araujo e Raimundo Bittencourt. Ambos nasceram no Rio de Janeiro. O primeiro nasceu em 27 de agosto de 1834⁵¹²; quanto ao segundo, não há informação sobre a data exata de seu nascimento⁵¹³, embora saibamos que faleceu aos 37 anos, de afecção pulmonar, tendo sido sepultado em 21 de junho de 1872⁵¹⁴. Ananias foi professor primário, assim como Braulio, além de ter ensinado a língua francesa⁵¹⁵. Sacramento Blake desconfia-se que Raimundo também tenha sido professor de instrução primária, possivelmente considerando algumas de suas obras, tais como: *Epitome da grammatica philosophica da língua portuguesa*, de 1862 – pelo título, um compêndio gramatical –, e as traduções editadas em livro, certamente destinadas às crianças, tais como *Legenda para os meninos*, de P. de Boiteau, e *O alforge do contador. Bibliotheca moral da infância*, de A. de Aveline, ambas de 1862⁵¹⁶.

Ananias Ibirapitanga de Araujo anunciou, no *Correio Mercantil*, em 1859, seu trabalho como tradutor⁵¹⁷. No *Almanak Administrativo* de 1863, foi referido como professor de línguas

⁵⁰⁸ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 215, 4 ago. 1881, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/3712. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁰⁹ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 196, 13 jul. 1888, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/20725. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵¹⁰ CORDEIRO, Braulio Jayme Muniz. *O medico dos pobres ou a homœopathia ao alcance de todos*. 4a. ed. revista, melhorada e muito aumentada. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1889. p. V-VIII. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Gerais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

⁵¹¹ Talvez seja o *Jornal dos Typographos*, WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 93.

⁵¹² SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 75.

⁵¹³ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1902. v. 7, p. 106.

⁵¹⁴ *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, n. 514, 27 jun. 1872, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369357/1467>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵¹⁵ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 75.

⁵¹⁶ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1902. v. 7, p. 106.

⁵¹⁷ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 279, 12 out. 1859, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16755>. Acesso em: 10 jun. 2022.

e tradutor do alemão, do francês e do inglês⁵¹⁸. Pela editora Laemmert, foram publicadas ao menos duas traduções feitas por ele: *Theophilo ou o jovem eremita*⁵¹⁹ e *João e Maria ou os frutos de uma boa educação*⁵²⁰, ambas obras de Christoph von Schmid.

Raimundo Bittencourt, além de ter sido professor, tendo ensinado Filosofia, Retórica, Matemática, Geografia e História⁵²¹, também atuou como advogado⁵²² e como amanuense da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha⁵²³. Traduziu, também para a editora Laemmert, a obra *Novo espelho de amor*, de autor desconhecido⁵²⁴, e *Eustachio, episódio dos primeiros tempos do christianismo*, de Schmid – esse último traduzido diretamente do francês⁵²⁵.

Portanto, são poucos os dados disponíveis a respeito desses três tradutores mencionados. Sendo assim, consideramos importante contribuir com mais informações que ficaram registradas em *A Marmota*, e que podem ajudar a entender, mesmo que parcialmente, suas práticas de tradução.

Em 1858, foi publicada a primeira tradução creditada a Braulio Cordeiro: *O rouxinol*, narrativa inserida nas edições de janeiro daquele ano. Trata-se de um conto, conforme mencionado no jornal, retirado da *Illustração Franceza*, embora não informe a origem do texto e nem seu autor. Entre fevereiro e início de abril, foi publicada, em partes, a obra *A gramática do amor para uso dos amanteiros*, tradução de *La grammaire de l'amour: à l'usage des gens du monde et du demi-monde*, de Gustave Marx – sob o pseudônimo A. Vémar –, obra que teve sua terceira edição em 1859⁵²⁶.

Vários textos traduzidos por Braulio apareceriam em 1858, sendo, a maioria deles, narrativas curtas, sem menção aos nomes dos autores, tais como *Uma missão no Oriente*, *As violetas*, *Um susto*, *O cão músico*, *Uma emoção*, *O amor e a amizade ou a conversa das flores*.

⁵¹⁸ *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 20, 1863, p. 479. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/20204>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵¹⁹ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 152, 3 jun. 1862, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/3774. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵²⁰ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 35, 4 fev. 1872, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_06/4131. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵²¹ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 151, 31 maio 1868, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/13811. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵²² *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 18, 1861, p. 440. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/17035>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵²³ *O Auxiliador da Industria Nacional*, Rio de Janeiro, n. 1, jan. 1870, p. 53. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/302295/17893>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵²⁴ *Novissimo Catalogo de escolhidos livros em portuguez [...] Livraria Universal dos irmãos Eduardo & Henrique Laemmert [...]*, Rio de Janeiro, 1868, p. 46. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/823635/46>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵²⁵ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 92, 5 abr. 1862, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/3508. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵²⁶ VÉMAR, A. (Gustave Marx). *La grammaire de l'amour: à l'usage des gens du monde et du demi-monde*. 3a. ed. Paris: Taride, 1859. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9775730j.texteImage>. Acesso em: 20 maio 2021.

Ananias teria também, inseridas no jornal de Paula Brito, suas traduções *Infancia de Mozart* e *O theatro da vida*, textos não ficcionais publicados sem indicação de autoria.

Em relação aos textos cujos nomes dos autores foram impressos em *A Marmota*, há, em tradução de Braulio Cordeiro: *A Expição*, de Henrique Nevire; *Por um charuto*, de Lestourgie; *O tear da avó*, de Carolina Emieux; além de obras não ficcionais, como *Guia pratico do compositor typographico*, de Theotiste Lefèvre. Algumas dessas obras, entre as quais *A grammatica do amor* [...], fariam parte, mais tarde, da “Bibliotheca das Senhoras”, que Paula Brito começava a anunciar em setembro de 1858, coleção na qual ele pretendia reunir traduções de livros de autores estrangeiros e livros em português, de Portugal e do Brasil⁵²⁷.

Em 1859 e 1860, foram publicadas algumas traduções de narrativas ficcionais mais longas, feitas por Braulio Cordeiro, além daquelas curtas, habitualmente impressas no jornal: *Duas mães para uma filha*, *A filha do collector ou a dedicação filial*, *As metamorphoses da mulher*, *Gabriella*, *O que se tem dito do casamento e do celibato*, *O diamante* e *Joãosinho ou os dous soldos*, cujos autores não foram identificados em *A Marmota*. Pelos títulos das histórias, é possível supor que a maioria delas destinadas às mulheres e/ou aos jovens leitores.

Ananias, entre 1859 e 1861, também teria narrativas traduzidas, mais longas, publicadas no jornal, como *Beethoven*, *Os brincos da defunta*, *Suenon e Florina: episodio das Cruzadas* e *Os dous amigos virtuosos*, publicadas em *A Marmota*. Além disso, interessava-se por textos não ficcionais, tais como *Bernardin de Saint-Pierre* e *Esboço Biographico de J. J. Rousseau*, de cunho biográfico.

Raimundo Antônio da Câmara Bittencourt teria traduções publicadas somente a partir de março de 1861, com a primeira narrativa *Anna Lefèvre*, da escritora francesa Mme. de Sainte Marguerite, inserida na rubrica “Instrução e Recreio”. No decorrer desse ano, foram inseridas, na mesma rubrica, na maioria das vezes deslocada para o rodapé, as narrativas: *O feio*, de Eugenio Nyon; *Historia de Mahomet II* e *Aventuras do Joven Elias*, de Bapistin Poujoulat; *O ladrão roubado: conto histórico* e *A viuva do marítimo*, ambos de Th. Midy; *O menino Claudio*, de Alfredo Desessarts; *Os animais historicos (o boi apis)*, de Ortaire Fournier; *Penitencia do Imperador Theodosio* e *O pescador e o viajante*, ambas de Mme. de Sainte Marguerite. Além disso, foram publicadas histórias sem os nomes dos autores, tais como *A andorinha: historia verdadeira, posto que maravilhosa* e *Guilherme e Roberto*; e narrativas nas quais se indicou apenas as iniciais dos autores: *O prazer de viajar (notas de um viajante)*, de Mme. P. H*** X.;

⁵²⁷ *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 983, 3 set. 1858, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/1687>. Acesso em: 20 maio 2021.

e *Naufragio de La Perouse*, de M. H. D***. Todos os autores são, em sua ampla maioria, pouco conhecidos e estudados.

Nessa rubrica “Instrução e Recreio”, sob a qual muitas traduções foram publicadas, Paula Brito inseria as obras de origem francesa, destinadas especialmente aos leitores infantis e juvenis. Essa escolha fica explicitamente clara quando se imprime um anúncio, em março de 1861, a respeito dessa rubrica.

Figura 17: Texto sobre a rubrica “Instrução e recreio”, por Paula Brito⁵²⁸.

INSTRUÇÃO E RECREIO.

Sob este título publicámos nos numeros antecedentes o romance de Mme. de Sainte Margueritte, intitulado—*Anna Lefèvre*—que veio a ser depois a celebre—*Mme. Dacier*.

Como esse, temos uma bella collecção de novellas, romances e factos historicos, extrahidos de obras francezas, que iremos publicando consecutivamente, composições estas feitas a capricho para a—mocidade collegial—por ser nosso fim reunir todas essas produções tão simples, tão moraes, tão recreativas e instructivas, em volumes, a fim de que o nosso *Concelho de Instrução Publica* os adopte para uso dos Collegios, falta esta de que todos elles mais ou menos se resentem.

O que lêem as meninas e meninos, nos Collegios principalmente, não são obras proprias para elles, adaptadas à fraca intelligencia da juventude, por mais talentosa e por mais estudiosa que seja.

Em França, o—*Livro dos Domingos*—é um livro especial.

Já publicámos, neste genero, oito lindos romances, cada qual mais conceituoso, que tencionamos submeter, como primeiro ensaio, ao digno Concelho de Instrução, a fim de ver se elle os adopta, em proveito da juventude e tambem nosso (para sermos franco) porque tudo isso nos consomme algum tempo, algum trabalho e algum dinheiro.

PAULA BRITO.

Transcrição:

INSTRUÇÃO E RECREIO.

Sob este título publicamos nos números antecedentes o romance de Mme. de Sainte Marguerite, intitulado – *Anna Lefèvre* – que veio a ser depois a célebre – *Mme. Dacier*.

Como esse, temos uma bela coleção de novelas, romances e fatos históricos,

extraídos de obras francesas, que iremos publicando consecutivamente, composições estas feitas a capricho para a – mocidade colegial – por ser nosso fim reunir todas essas produções tão simples, tão morais, tão recreativas e instrutivas, em volumes, a fim de que nosso *Conselho de Instrução Pública* os adote para uso dos Colégios, falta esta de que todos eles mais ou menos se resentem.

O que leem as meninas e meninos, nos Colégios principalmente, não são obras próprias para eles, adaptadas à fraca inteligência da juventude, por mais talentosa e por mais estudiosa que seja.

Em França, o – *Livro dos Domingos* – é um livro especial.

Já publicamos, neste gênero, oito lindos romances, cada qual mais conceituoso, que tencionamos submeter, como primeiro ensaio, ao digno Conselho de Instrução, a fim de ver se ele os adota, em proveito da juventude e também nosso (para sermos franco) porque tudo isso nos consome algum tempo, algum trabalho e algum dinheiro.

PAULA BRITO.

Paula Brito justificou as publicações de textos, destinados aos jovens, em seu jornal, contra o que considera serem obras impróprias para esse público leitor. Ressalta ainda serem

⁵²⁸ Fonte: *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 1250, 26 mar. 1861, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/943>. Acesso em: 18 out. 2020.

suas publicações ficcionais recreativas, instrutivas e morais, portanto, válidas para serem adotadas nas escolas, principalmente por serem de origem francesa, o que garantiria uma qualidade prévia a elas. Além do mais, o proprietário do jornal explicita a origem dessas histórias – o *Livro dos Domingos*, que na França “é um livro especial”. Trata-se, especificamente, do décimo tomo do periódico *Le Dimanche des enfants: journal de récréations*, publicado em 1840⁵²⁹.

Figura 18: Folha de rosto de *Le dimanche des enfants: journal de récréations*, v. 10⁵³⁰.

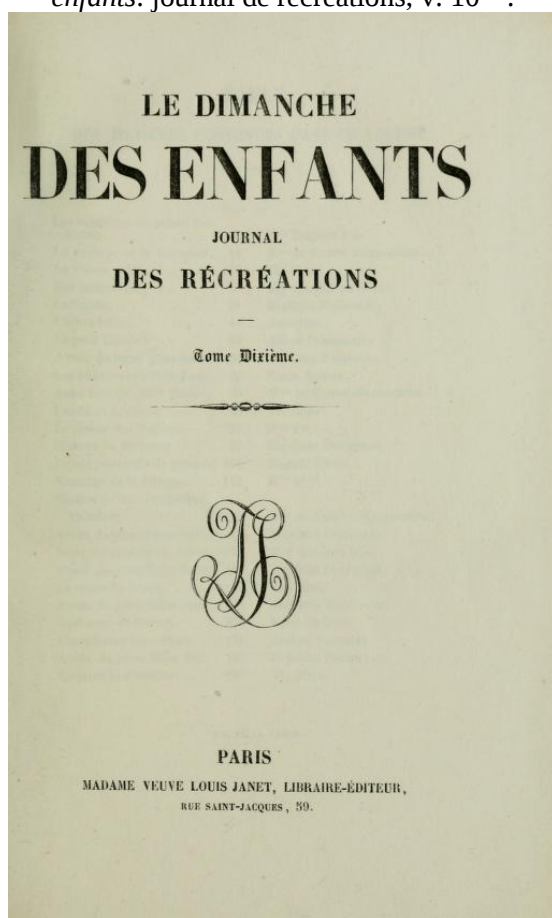


Figura 19: « Table des matières contenues dans ce volume » de *Le dimanche des enfants: journal de récréations*, v. 10⁵³¹.

TABLE DES MATIÈRES CONTENUES DANS CE VOLUME		

	Pages	
Les tartelettes du prince Bre-	1	M ^{me} Eugénie FOA.
dedin.		M ^{me} DE SAINTE-MARGUERITE.
Le Pêcheur et le Voyageur.	13	Th. MIDY.
Le Voleur volé.	20	M ^{me} Camille DE REVEL.
Une indiscretion.	25	Baptistin POUJOULAT.
La Galilée.	34	Anonymous.
L'hirondelle.	44	Alfred DESSESAULT.
Le petit Claude.	49	Baptistin POUJOULAT.
Avent. du jeune Elias (suite).	58	Emm. BERTIN.
Les deux sous de Petit-Jean.	66	M ^{me} DE SAINTE-MARGUERITE.
Anne Lefevre (M ^{me} Dacier).	80	Th. MIDY.
Les fleurs de Cécile.	85	M ^{me} PH...
Le plaisir des Voyages.	95	Baptistin POUJOULAT.
Histoire de Mahomet.	99	Eugène NYON.
Le laid (souvenirs de pension)	106	H ^{re} D ^{re} .
Naufrage de la Pérouse.	115	M ^{me} DE SAINTE-MARGUERITE.
Pénitence de l'empereur		Baptistin POUJOULAT.
Théodose.	122	M ^{me} Eugénie FOA.
Avent. du jeune Elias (suite).	135	Baptistin POUJOULAT.
Deux mères pour un enfant.	142	Th. MIDY.
Avent. du jeune Elias (suite).	158	Baptistin POUJOULAT.
La veuve du marin.	168	Emm. BERTIN.
Avent. du jeune Elias (suite).	174	Ortaire FOURNIER.
Guillaume et Robert.	183	Baptistin POUJOULAT.
Les animaux historiques.	191	Th. MIDY.
Avent. du jeune Elias (fin).	195	
Le mariage d'un Czar.	205	

FIN DE LA TABLE.

⁵²⁹ *Le Dimanche des enfants: journal des récréations*. Paris: Madame Veuve Louis Janet, 1840. v. 10, p. 1-14. Consultado em Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/dimanchedesenfan10pari/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 18 out. 2020.

⁵³⁰ Fonte: *Le Dimanche des enfants: journal des récréations*. Paris: Madame Veuve Louis Janet, 1840. v. 10, n/p [frontispício]. Consultado em Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/dimanchedesenfan10pari/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 18 out. 2020.

⁵³¹ Fonte: *Le Dimanche des enfants: journal des récréations*. Paris: Madame Veuve Louis Janet, 1840. v. 10, n/p [Table des matières contenues dans ce volume]. Consultado em Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/dimanchedesenfan10pari/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 18 out. 2020.

Esse jornal era editado por Mme. Louis Janet, esposa do pintor francês Ange-Louis Janet. Além de ter uma livraria e uma editora de obras para crianças e jovens, ela publicava livros e periódicos destinados às senhoras, tais como o *Journal des Dames*. Nesse número de 1840, foram publicadas, por exemplo, « Le pêcheur et le voyageur » e « Le laid (souvenirs de pension) », histórias de Mme. de Sainte-Marguerite, traduzidas para *A Marmota* com os respectivos títulos “O pescador e o viajante” e “O feio (lembranças do collegio)”, listadas acima.

Percebe-se que o número de traduções publicadas entre os anos 1858 e 1861 é alto, se comparado ao número de traduções impressas em *A Marmota* em anos anteriores. Em razão disso, seria inoportuno analisar cada uma dessas narrativas traduzidas. Sendo assim, escolhemos uma delas para mostrar como o enredo da história se desenvolveu e como foi realizada a tradução. Trata-se de “As empadinhas do Principe de Brededin”, publicada no rodapé de Paula Brito, no espaço do “Folhetim”, entre 19 de abril e 20 de maio de 1859, em tradução de Braulio Cordeiro. Essa história tem como texto de partida « Les tartelettes du Prince Brededin », um conto da escritora francesa Eugénie Foa (1796-1852), retirado do já mencionado jornal francês *Le Dimanche des enfants: journal de récréations*, de 1840. Nascida em Bordeaux e filha de um banqueiro judeu, Eugénie Foa dedicava-se a produzir histórias para as crianças, colaborando inclusive com a famosa *Revue des deux Mondes*.

Figura 20: “As empadinhas do Principe de Brededin”, de Eugénie Foa, traduzido por Braulio Cordeiro⁵³².

a escolher.

FOLHETIM.

AS EMPADINHAS DO PRINCE DE BRODEDIN

Traduzido do francez por
BRAULIO CORDEIRO.

A CARRUAGEM QUEBRADA.

Pelas 3 horas da tarde do dia 3 de Agosto de 1802, uma carruagem, com as armas do lord Melmoth, atravessava rapidamente a rua de St.º Antonio, quando um carro, que se não tinha desviado a tempo, abalroou violentamente, que o fransino e brilhante trem quebrou-se com o choque; uma das rodas sahio do eixo e foi rolar longe. Duas pessoas achavam-se dentro desta car-

mesma cathegoria passou no anno seguinte

ruagem; uma dellas deu gritos de fazer parar todos os caminhanes: era uma moça, que podia ter dezeseis annos de idade pouco mais ou menos. Ella possuia o encanto que faz a belleza das mulheres do norte: uma brancura deslumbrante com o colorido da rosa, um talhe delgado e flexivel, olhos de um azul admiravel, e compridos cabellos louros que lhe cahiam em largos anneis ao longo de um rosto de perfil inglez. O outro era seu irmão, de 22 a 23 annos. O primeiro cuidado d'este foi indagar qual a gravidade do perigo; depois, tendo assegurado a sua irmã que nada havia a temer, buscou com a vista um lugar onde a pudesse esconder da avidez dos olhares da chusma que os rodeava.

O accidente teve lugar diante de uma pequena pastelaria, que tinha por sobre a porta principal uma taboleta assim concebida:

AS EMPADINHAS DO PRINCE DE BRODEDIN

Uma negra, que se achava á porta, correu

aos gritos da joven ingleza, e com o modo obsequioso e affavel, que indica o respeito que se deve a um superior, convidou a moça a entrar em sua casa.

Esta proposta livrou o irmão de mais um agasalho: voltou-se para sua irmã:

—Vamos para alli, Amanda, é o que melhor podemos fazer, disse elle.

Depois, a um signal seu, o laçao abriu a portinhola do carro, o moço desceu, offereceu o braço a sua irmã e a conduziu, tremula, á pastelaria da negra, cuja porta fechou sobre si, tendo dito antes a seu cocheiro:

Volta a palacio e traze-me um outro carro, mas nem uma palavra sobre o que aconteceu; não quero que lady Melmoth saiba de nada senão quando voltarmos.

Feito isto, dirigio-se para sua irmã, que a negra acabava de fazer sentar, e lhe disse com um tom de aborrecido:

—Está bom, mana, não te machucaste, socega e tem paciencia.

—E' porque achas que o susto não é nada, respondeu Amanda.

⁵³² Fonte: *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 1048, 19 abr. 1859, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/121>. Acesso em: 18 out. 2020.

A narrativa se passa em 1802, na cidade de Paris. A história se inicia com a seguinte cena: a carruagem onde estavam dois jovens irmãos ingleses, uma moça e um rapaz, que passavam uma temporada em Paris, envolveu-se num acidente. O susto foi grande, mas nada de grave aconteceu. Ambos foram acolhidos por uma negra chamada Zoe, em sua confeitaria “As empadinhas do Príncipe de Brededin”, na rue Saint-Antoine, e por sua patroa, Branca. A jovem inglesa, chamada Amanda, ficou encantada com as tortinhas da confeitaria, e ao mesmo tempo intrigada por uma negra ser a dona do lugar. Os irmãos retornaram à casa do Lorde Melmoth, seu pai.

Curiosa para saber mais sobre a confeitaria, Amanda, a jovem inglesa, encaminhou-se sozinha para lá. Ao chegar, viu Branca chorando em frente a uma cruz de ébano. O objeto era a única lembrança que ela tinha de sua mãe, que havia fugido para a Inglaterra. Ela conta, então, a história de sua família: viviam, em Bordeaux, ela, a irmã e a mãe. As duas irmãs gostavam muito de ler *As mil e uma noites*, e por vezes encenavam trechos das histórias em suas brincadeiras de criança. Em 1793, receberam notícias ruins de Paris – eram os primeiros acontecimentos do Período do Terror, num momento de muitas mortes decorrentes de perseguições generalizadas aos inimigos da Revolução. Ambas ouviram gemidos numa rua próxima de sua casa e encontraram a negra Zoe, que havia sido despejada de um albergue, porque sua ama, uma mulher velha e doente, havia morrido. Zoe foi acolhida pelas duas irmãs e pela mãe, mas não sabia nada a respeito dos afazeres domésticos. Enquanto liam as passagens do Príncipe de Brededin, nas histórias de *As mil e uma noites*, as irmãs tiveram a ideia de colocar a cozinheira para ensinar Zoe a preparar tortinhas doces, que fizeram grande sucesso. Pouco tempo depois, Zoe já tinha sua modesta confeitaria, erguida pelos trabalhadores em troca de empadinhas e financiada pelas economias das duas irmãs.

Notícias ruins chegaram: a família da mãe havia emigrado, e ela precisava partir para a Inglaterra. Levou a irmã consigo, deixando apenas Branca como pensionista de um colégio. A mestra da escola foi destituída, e a única jovem que não conseguiu ir para casa foi Branca; a criança não ficou sozinha, pois Zoe apareceu para levá-la. Elas partiram para Londres, onde ficaram por quatorze anos, a fim de procurar a mãe. Posteriormente, retornaram a Paris, depois de Branca receber uma carta sobre o paradeiro de sua mãe. Amanda, a jovem inglesa, ficou muito comovida com a história de Branca, e a convidou para morar consigo, além de oferecer ajuda para procurar sua mãe. Pensando em ajudar também Zoe, para que sua receita se tornasse famosa em Paris, Amanda levou suas tortinhas para a casa do Lorde Melmoth, seu pai. Ao dizer que foram feitas por uma negra chamada Zoe e que uma moça chamada Branca a acompanhava, Lady Melmoth, madrastra de Amanda, assustou-se: era a filha e a empregada que havia deixado

quando precisou partir para a Inglaterra. Todos se reencontraram em plena felicidade, num típico desfecho de histórias românticas, marcadas por encontros fortuitos e soluções folhetinescas.

Num cotejo entre o texto de partida e o texto de chegada, percebe-se que o tradutor se manteve, ao máximo possível, próximo à narrativa em francês. Vejamos, por exemplo, o trecho inicial da história:

I
Le carrosse brisé.

Le 3 août, vers trois heures après midi, un carrosse aux armes de lord Melmoth, traversait rapidement le haut de la rue Saint-Antoine, lorsqu'une charrette à foi, qui ne s'était pas rangée assez vite, le heurta si violemment que le frêle et brillant équipage fut brisé du choc ; une des roues se détacha et alla rouler au loin ; deux personnes s'y trouvaient alors enfermées ; l'une d'elles poussa des cris à faire assembler tous les passants. C'était une jeune fille qui pouvait avoir seize ans environ. Elle possédait ce charme qui fait la beauté des femmes du nord : une blancheur éblouissante avec le coloris de la rose, une taille élancée et flexible, des yeux d'un bleu ravissant, et de longs cheveux blonds tombant en larges boucles de long d'un visage de coupe anglaise ; l'autre était son frère, jeune homme de vingt-deux à vingt-trois ans. Le premier soin de celui-ci fut de se rendre compte de la gravité de l'accident ; puis, après avoir rassuré sa soeur, il chercha de l'oeil où il pourrait d'abord faire entrer sa compagne pour la dérober à la curiosité de la foule qui les entourait⁵³³.

I
A carruagem quebrada.

Pelas 3 horas da tarde do dia 3 de agosto de 1802, uma carruagem, com as armas de lord Melmoth, atravessava rapidamente a rua de St.º Antonio, quando um carro, que não tinha desviado a tempo, abalroou violentamente, que o franzino e brilhante trem quebrou-se com o choque; uma das rodas saiu do eixo e foi rolar longe. Duas pessoas achavam-se dentro desta carruagem; uma delas deu gritos de fazer parar todos os caminhantes: era uma moça, que podia ter dezesseis anos de idade pouco mais ou menos. Ela possuía o encanto que faz a beleza das mulheres do norte: uma brancura deslumbrante com o colorido da rosa, um talhe delgado e flexível, olhos de um azul admirável, e compridos cabelos louros que lhe caíam em largos anéis ao longo de um rosto de perfil inglês. O outro era seu irmão, de 22 a 23 anos. O primeiro cuidado deste foi indagar qual a gravidade do perigo; depois, tendo assegurado a sua irmã que nada havia a temer, buscou com a vista um lugar onde a pudesse esconder da avidez dos olhares da chusma que os rodeava⁵³⁴.

No trecho destacado, o tradutor fez poucas modificações, tais como uma inversão sintáticas no início do capítulo I: “Pelas 3 horas da tarde do dia 3 de agosto de 1802”, tradução a partir de « Le 3 août, vers trois heures après midi », passagem em que o ano também foi adicionado no texto em português. Pequenas supressões foram realizadas, como em: “O outro era seu irmão, de 22 a 23 anos”, no qual omite-se « jeune homme », apesar de não fazer muita diferença, visto que a idade já denotaria a jovialidade do irmão de Branca.

⁵³³ *Le dimanche des enfants: journal des récréations*. Paris: Madame Veuve Louis Janet, 1840. v. 10, p. 1. Consultado em Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/dimanchedesenfant10pari/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 18 out. 2020.

⁵³⁴ *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 1048, 19 abr. 1859, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/121>. Acesso em: 18 out. 2020.

Como tivemos acesso apenas à coletânea dos números já impressos de *Le Dimanche des enfants* de 1840 – ou seja, não sabemos como se deu a publicação periódica dessa folha –, imaginamos que, por ser essa uma revista, a história tenha sido “fatiada” e publicada em números diferentes. É razoável imaginar que os cortes foram feitos para que, em cada número do jornal, pudesse ser impresso um capítulo inteiro. Se assim foi feito, a folha francesa, então, teve a narrativa impressa em quatro edições.

Contudo, essa mesma divisão não foi implementada em *A Marmota*. Os números dos capítulos foram mantidos, mas foi feita uma redivisão em sete partes. Não sabemos se foi o acaso ou se foi o objetivo do tradutor, mas os cortes entre as fatias de “As empadinhas do Príncipe de Brededin” parecem ser oportunos para prender a atenção do leitor para o próximo número do jornal, atendendo, assim, uma característica do romance-folhetim: a narrativa é interrompida num momento de expectativa, a fim de aguçar a curiosidade do leitor e fazê-lo acompanhar a história no próximo número, no qual, mais uma vez, a mesma estratégia certamente se repetiria. Um exemplo desse mecanismo folhetinesco pode ser observado na passagem da segunda para a terceira parte da tradução em *A Marmota*, como podemos ler a seguir.

Ao aperceber a jovem inglesa, Branca sorriu-se no meio dessas pérolas que brilhavam em suas faces; uma expressão radiante esclareceu seus traços um pouco pálidos, levantou-se e com uma voz encantadora, estendendo a mão a bela visita, disse-lhe:

– Como a Snra. é boa!

Depois, tendo-a sempre pela mão, ambas foram sentar-se no canapé. Houve alguns momentos de silêncio causado pela emoção de Branca e pela timidez de Amanda, que não sabia por onde começar as interrogações. A cruzinha de ébano lhe serviu de pretexto.

– É admiravelmente trabalhada, disse observando-a!... Tem-na há muito tempo? Ajuntou um momento depois.

– É a única lembrança que de minha mãe conservo.

(Continua.)⁵³⁵

Esse é o momento da história em que a curiosa jovem inglesa Amanda chega à confeitaria e vê Branca chorando em frente a uma cruz, que revela ser de sua mãe, sem explicar o motivo de seu choro.

– Pobre moça!... órfã tão jovem!

⁵³⁵ *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 1049, 22 abr. 1859, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706922/126>. Acesso em: 18 out. 2020.

- Órfã! Exclamou vivamente Branca, creio não o ser ainda; meu pai morreu, é verdade, mas eu peço a Deus muitas vezes, e com todo o fervor, que me não prive de minha mãe.
- Sua mãe existe? Perguntou a jovem inglesa admirada. E aonde habita?
- Ah! Se eu soubesse... se ela soubesse onde estou, estaríamos nós porventura separadas? Tornou Branca.
- Sua mãe está na América... insinuou docemente Amanda: não é lá a sua pátria?... E esta negra?...
- Minha mãe é francesa! E esta negra, a boa Zoe, nem mesmo é uma antiga escrava.
- É singular!... Eu pensava...⁵³⁶

O corte, feito logo após Branca revelar que o objeto era de sua mãe, certamente deixou o leitor curioso para saber mais informações sobre a história, possivelmente imaginando o que poderia vir a seguir. O próximo número do jornal sacia a curiosidade: Branca revelaria que sua mãe era francesa, e que não tinha pistas de sua localização. Trata-se de um momento importante para a narrativa, pois é o indício que, mais tarde, esclareceria a ligação entre as duas moças: a mãe de Branca estava viva, felizmente, e ambas eram irmãs. Sem esse acaso na história, Amanda não saberia sobre a história de Branca, tampouco descobriria seu laço familiar com ela. Assim sendo, “As empadinhas do Príncipe de Brededin”, de Eugénie Foa, traduzida por Braulio Cordeiro, cumpriu o papel de uma típica história romântica, ao reproduzir as características desse gênero para os leitores mais jovens, certamente aqueles esperados para esse tipo de narrativa com personagens joviais, dentro de histórias com tramas fáceis, encontros inesperados e final feliz – afinal, tudo terminou num encontro entre mãe e filha.

2.3 A (in)visibilidade de um tradutor e de uma tradutora

A invisibilidade do tradutor literário brasileiro e da tradutora literária brasileira, instaurada principalmente pelo anonimato – a recorrente falta de menção ao nome dos responsáveis pelas traduções –, parece ser uma característica marcante nas publicações de obras traduzidas para o português no Brasil do século XIX, e mais especialmente no caso do romance-folhetim, conforme já discutimos no primeiro capítulo. Independentemente das especulações a respeito dos motivos que levaram a essa invisibilidade – seja porque a tradução fosse considerada uma atividade profissional secundária, ou seja porque os tradutores trabalhassem para mais de uma editora ou jornal ao mesmo tempo e não pudessem se comprometer, até

⁵³⁶ A *Marmota*, Rio de Janeiro, n. 1050, 26 abr. 1859, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/129>. Acesso em: 18 out. 2020.

mesmo porque traduziam gêneros mais populares, como o folhetim⁵³⁷, entre outras hipóteses – fato é que, em alguns momentos, os tradutores obtinham o reconhecimento por suas traduções.

Os dois casos que discutiremos nesta parte do trabalho consistem (1) na recepção das traduções de dois romances da escritora francesa George Sand – pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin – feitas pelo jovem tradutor e estudante de medicina Aristides Serpa, por volta de seus vinte e três ou vinte e quatro anos; e (2) na recepção de algumas traduções de romances feitas pela escritora e tradutora Guilhermina Santos⁵³⁸. A partir do sucesso de suas traduções, publicadas primeiramente em folhetim e, depois, em livro, esse tradutor e essa tradutora em questão ganharam visibilidade, saindo do anonimato. As traduções das obras de George Sand, feitas por Aristides Serpa, ultrapassaram os limites da Corte, chegando às províncias, seja no rodapé dos jornais, seja no formato do livro. Consequentemente, o jovem tradutor viu seu nome também ser difundido. Guilhermina Santos, de forma parecida, teria suas traduções, além de publicadas no periódico *A Folha Nova*, do Rio de Janeiro, impressas em jornais de outras localidades. Assim sendo, por uma questão de precedência temporal, apresentaremos, inicialmente, o caso das traduções de Aristides Serpa para, em seguida, abordarmos as traduções de Guilhermina Santos.

João Aristides Soares Serpa nasceu em 1852 na cidade de Vassouras, província do Rio de Janeiro⁵³⁹. Filho de Joanna Preciosa Soares Serpa⁵⁴⁰ e do médico Vicente Porphirio Soares Serpa, João seguiu a profissão do pai, matriculando-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro⁵⁴¹. Serpa teve sua tese – *Da febre amarela sob o ponto de vista de sua genese e propagação* [...] – publicada em 1876, no Rio de Janeiro, pela Typographia do Globo⁵⁴². Nela, disserta sobre a história dessa doença infecciosa, sobre sua forma de propagação – ele desconfia da crença segundo a qual os miasmas, ou seja, os odores de animais e plantas em decomposição, eram um meio de disseminação dessa febre⁵⁴³ –, sobre as medidas sanitárias para controlá-la –

⁵³⁷ WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. Op. cit., 2003. p. 93.

⁵³⁸ Tivemos informação a respeito dessa tradutora por meio do trabalho do pesquisador Sérgio Barcellos Ximenes, que estuda, entre outros temas, a produção literária de escritores brasileiros e escritoras/tradutoras brasileiras do século XIX, e produz artigos com suas descobertas. XIMENES, Sérgio Barcellos. *Trave e Palha, conto de Guilhermina Santos, desconhecida autora brasileira (1883)*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/533209289/Guilhermina-Santos-Uma-Escritora-Brasileira-Desconhecida>. Acesso em: 5 jun. 2022.

⁵³⁹ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1895. v. 3, p. 330-331.

⁵⁴⁰ SERPA, João Aristides Soares. *Da febre amarela sob o ponto de vista de sua genese e propagação*: quaes as medidas sanitarias que se devem aconselhar para impedir ou attenuar seu desenvolvimento e propagação. 1876. 68 p. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1876. p. V [Dedicatória]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Gerais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

⁵⁴¹ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1895. v. 3, p. 330-331.

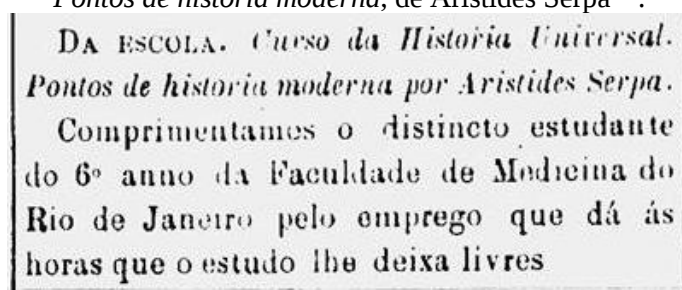
⁵⁴² SERPA, João Aristides Soares. Op. cit., 1876. p. I [Frontispício].

⁵⁴³ CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 64-65.

entre elas, melhorar as condições de higiene dos cortiços, aperfeiçoar o escoamento dos esgotos sólidos e estabelecer quarentena para os infectados –, a fim de melhorar a saúde pacientes doentes e de evitar novas ondas epidêmicas⁵⁴⁴.

Enquanto estudava medicina, Serpa produzia obras preparatórias destinadas a estudantes, tais como o *Curso de Historia Universal*. O anúncio publicado em 1876 no periódico *O Figaro*, do Rio de Janeiro, ressalta Serpa como “distinto estudante” que dedicou suas horas livres a outras atividades, tais como a preparação desse material didático, que veio à luz em 1875, obra que teve sua segunda edição em 1881, indício de uma possível boa aceitação por parte dos alunos.

Figura 21: Anúncio de *Curso de Historia Universal. Pontos de historia moderna*, de Aristides Serpa⁵⁴⁵.



Transcrição:

DA ESCOLA. *Curso da História Universal. Pontos de história moderna por Aristides Serpa.*

Cumprimntamos o distinto estudante do 6º ano de Medicina do Rio de Janeiro pelo emprego que dá às horas que o estudo lhe deixa livres.

Muitos cursos preparatórios no formato de livro eram editados por Serafim José Alves, tal qual o curso de Serpa. Os materiais eram vendidos em sua livraria e compunham a coleção “A Escola”, da qual faziam parte obras sobre Gramática da Língua Portuguesa, Retórica, Aritmética, Geografia, Agricultura, Língua Inglesa, passando por antologias de autores clássicos, e até mesmo obras sobre catecismo da Igreja Católica e História da Bíblia⁵⁴⁶.

O *Curso de Historia Universal* é composto por quatro volumes: I – História Antiga; II – História Média; III – História Moderna; e IV – História do Brasil. Não foi possível identificar a data de publicação de cada volume, que teve pelo menos uma segunda edição com melhorias, conforme é possível constatar no *Curso de Historia Universal*: [...] Pontos de Historia Antiga, que aborda a história do povo hebreu, passando pelos gregos, até chegar aos romanos, em seus imperadores Diocleciano, no século III, e Constantino, no século IV⁵⁴⁷.

⁵⁴⁴ Idem, ibidem. p. 9-54.

⁵⁴⁵ Fonte: *O Figaro*, Rio de Janeiro, n. 15, 1876, p. 114. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706710/105>. Acesso em: 8 dez. 2020.

⁵⁴⁶ *A Escola*, Rio de Janeiro, n. 4016, 20 abr. 1878, p. 16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/351199/677>. Acesso em: 9 dez. 2020.

⁵⁴⁷ SERPA, João Aristides Soares. *Curso de Historia Universal*: redigido segundo o novo programma para os exames de preparatorios: Pontos de Historia Antiga. 2a. ed. Rio de Janeiro: Livraria de Serafim José Alvez, [18--]. Acervo da Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Gerais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Serpa aventurou-se também na criação literária com a narrativa breve “Francisca Soares: história de uma velha secular”, de seis páginas, publicada em 1889 no *Almanak de Casa-Branca*⁵⁴⁸, periódico dessa cidade do interior do estado de São Paulo, na qual atuou como vereador. O tempo ocioso de Aristides, pelo menos enquanto acadêmico do curso de medicina na década de 1870, era também preenchido com a tradução. Ao menos dois de seus trabalhos – *Flamarande* e *Os dois irmãos*, romances da escritora francesa George Sand – restam identificados como traduções. Sacramento Blake explica que essas duas obras foram publicadas em *O Globo*, jornal do Rio de Janeiro, para o qual o estudante Serpa trabalhou como tradutor, talvez tendo sido responsável por mais traduções ainda não descobertas.

Não se sabe quais outras traduções de romances-folhetins realizadas por Aristides Serpa foram publicadas nesse jornal, antes ou depois dos dois romances de George Sand, visto que não restam indicações que comprovem a responsabilidade por outras traduções. Ainda sobre a vida de Serpa, sabe-se que, depois de trabalhar para o jornal e terminar a faculdade, recebeu o grau de doutor em medicina em 28 de dezembro de 1876, em colação de grau realizada no Colégio Pedro II, cerimônia na qual estiveram presentes a Princesa Isabel e o Conde d’Eu⁵⁴⁹. É possível que tenha desenvolvido uma boa relação com os funcionários de *O Globo*, pois, em 1877, foi presenteado por eles com um anel, por ocasião de sua formatura⁵⁵⁰, e por ter agradecido “[à] corporação do ‘Globo’” em sua tese de doutorado⁵⁵¹.

Há poucas informações nos jornais a respeito de sua prática profissional. Sabe-se que trabalhou como médico em Casa Branca, cidade do interior de São Paulo, por volta de 1887⁵⁵², na qual foi também vereador⁵⁵³. No primeiro decênio do século XX, trabalhou em São José do Rio Preto, atuando como médico⁵⁵⁴. Foi também delegado de higiene pública no mesmo município, cargo para o qual foi nomeado em 1907, tendo defendido a criação da Santa Casa

⁵⁴⁸ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1895. v. 3, p. 330-331.

⁵⁴⁹ *O Globo*, Rio de Janeiro, n. 353, 29 dez. 1876, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/369381/3401>. Acesso em: 9 nov. 2020.

⁵⁵⁰ *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 28, 30 jan. 1877, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/35532. Acesso em: 9 nov. 2020.

⁵⁵¹ SERPA, João Aristides Soares. Op. cit., 1876. p. VII [Dedicatória].

⁵⁵² *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 9262, 17 jul. 1887, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/090972_04/9147. Acesso em: 9 nov. 2020.

⁵⁵³ A assinatura “Dr. Aristides Serpa, médico, vereador” consta num abaixo assinado, datado de 23 de agosto de 1877, a favor do delegado de polícia de Casa Branca, estado de São Paulo, João Gonçalves dos Santos, que havia sido atacado no jornal *Liberal Paulista* de 20 de agosto de 1887, *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 9303, 4 set. 1887, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_04/9312. Acesso em: 9 dez. 2020.

⁵⁵⁴ *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 15800, 10 ago. 1907, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_06/11360. Acesso em: 9 nov. 2020.

da cidade⁵⁵⁵. Não há notícia de que tenha publicado mais alguma obra, seja de sua autoria própria, seja tradução, ficção ou técnica.

Flamarande e *Les Deux Frères*, duas das últimas obras de George Sand publicadas durante sua vida, saíram à luz sob o título único *Flamarande*, de forma fracionada, em sete números da *Revue des Deux Mondes*, entre fevereiro e maio de 1875. Rapidamente após saírem nesse periódico, ambos foram divididos e editados em livro pela editora Michel Lévy Frères; o segundo, *Les Deux Frères* teve uma nova edição feita pela Calmann Lévy. Nas obras, o narrador Charles, que trabalhou como *valet de chambre* (criado responsável pelas vestimentas) do conde Adalbert de Flamarande, conta os dramas, os estratégias e as reviravoltas – todos bons ingredientes folhetinescos – da vida de seu patrão, um aristocrata de trinta e cinco anos que se casou com uma jovem de dezesseis anos. O conde desconfiava sempre de sua esposa, acreditando inclusive que ela o traía com marquês de Salcède, seu amigo artista, o que colocava em dúvida a paternidade de seu filho.

As duas obras, novidades na França, não demoraram a aparecer no Brasil. Circunscritas ao contexto de circulação de impressos no século XIX, no qual estabeleciam contato muito próximo Brasil e França, ambas foram rapidamente traduzidas e publicadas de setembro do mesmo ano até fevereiro de 1876 no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro. A novidade da publicação de tais romances é expressa no anúncio que acompanha a primeira fatia inserida no rodapé do jornal, em 3 de setembro de 1875:

O anúncio ressalta o “moderníssimo” romance, que oferece conteúdo moralizante e interessante, dois dos aspectos considerados por muitos daquela época como importantes para a função que obras desse gênero desempenhariam nos leitores e, conforme o próprio anúncio, nas leitoras do século XIX. Como na maioria dos casos, omite-se o nome do tradutor do folhetim, identificação que não é mencionada no anúncio, tampouco no próprio espaço do rodapé.

⁵⁵⁵ *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 16338, 2 fev. 1909, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/090972_06/14866. Acesso em: 9 nov. 2020.

Figura 22: Anúncio de publicação de *Flamarande*, de George Sand, em *O Globo*⁵⁵⁶.

Encetamos hoje, em folhetim,
a publicação de um romance intitulado
Flamarande, de George Sand.

Declinar este nome, é dizer que o romance, que offerecemos aos nossos leitores, é um acervo de scenas, tão naturaes como simples, na exposição das quaes não ha uma só palavra inconveniente.

O enredo deste modernissimo romance é bastante intrincado, cheio de peripecias, e, além disso, é um exemplo vivo dos excessos a que póde ser arrastada a creatura, que é por de mais impressionavel.

Estamos certos que aos nossos leitores, e principalmente às nossas leitoras, seremos agradaveis, offerecendo-lhes essas paginas simples na sua essencia, mas altamente interessantes e moralisadoras.

Transcrição:

Encetamos hoje, em folhetim, a publicação de um romance intitulado *Flamarande*, de George Sand.

Declinar este nome, é dizer que o romance, que offerecemos aos nossos leitores, é um acervo de cenas, tão naturais como simples, na exposição das quais não há uma só palavra inconveniente.

O enredo deste moderníssimo romance é bastante intrincado, cheio de peripécias e, além disso, é um exemplo vivo dos excessos a que se pode ser arrastada a criatura, que é por demais impressionável. Estamos certos que aos nossos leitores, e principalmente às nossas leitoras, seremos agradáveis, oferecendo-lhes essas páginas simples na sua essência, mas altamente interessantes e moralizadoras.

Figura 23: Recorte de *Flamarande*, de George Sand, traduzido por Aristides Serpa, em *O Globo*⁵⁵⁷.

FOLHETIM DO GLOBO

FLAMARANDE

POR

GEORGE SAND

I

Flamarande, Julho 1874.

... dos principaes actores no drama de Flamarande; e creio que a melhor do que eu póde referir as e os detalhes, até hoje conhecidos poucas pessoas, comquanto muito, os modos, se tenha discurrido eito.

... idade em que podemos julgar a qualidade. Por isso exporei o que de bem e de mal nessa singular

... je 70 annos, e ha 10 que deixei a familia de Flamarande.

... minhas rendas, sem ser rico. ... me falte cousa alguma.

... azeres que posso occupar, a meu ... do, não, a minha vida que consagrei

Foi em 1840 que entrei para o serviço do Sr. Conde Adalbert de Flamarande na qualidade de criado grave.

Ha muita gente que não julga como de-vera, julgar do que era um verdadeiro criado grave nas antigas familias e, realmente, eu sou talvez um dos ultimos representantes do typo apropriado á essas funcões.

Meu pai as preencherá honradamente em um casa de principes.

Tendo, porém, a revolução desbaratado tudo e seus amos emigrado, fez-se agente de negocios, e, como era muito habil, adquirio alguma fortuna.

Era um homem de muito merecimento na sua especialidade, e ouvi-lhe sempre dizer queno seu estado era necessario saber pôr ao serviço da verdade certa manha, e em caso de necessidade a duplicidade na da justiça.

Nutrido nestas idéas, minha mocidade correu séria e gravemente: estudei direito com meu pai, e aprendi-o melhor na pratica do que nos livros. Elle não quiz que eu fosse propriamente um alumno de direito, nem que seguisse a carreira de advogado.

Recejava vêr-me contrahir a ambição da tribuna.

Dizia que não sendo eu dotado de grandes prendas naturaes, pelo officio morreria de fome. Não queria tambem que eu fosse advogado, preferindo legar-me o seu escriptorio a comprar para mim um emprego.

Infelizmente o meu excellente pai tinha uma paixão: era jogador, e, na occasião em que eu ia substitui-lo, estava tão indvidado que tive de procurar uma occupação pessoal convenientemente retribuida.

Foi então que o Sr. de Flamarande, que por vezes nos procurava para diversas consultas, offereceu-se para tomar-me ao seu serviço com o salario de tres mil francos, livres de toda despeza, para tudo quanto se referisse ao meu novo mistér.

Meu pai aconselhou-me que accettasse a offerta e o emprego convinha-me.

Eu quizera antes ter o titulo de seu procurador, de seu confidente, ou, pelo menos, de seu secretario.

Mas o conde recusou-se a dar-me esta satisfacção, dizendo-me:

— Não reis admittido na casa de um funcionario, nem de um homem de letras; nunca alienarei a minha independencia, e não me occupo em escriptas. Seria, portanto, ridiculo ter um secretario. Do que careço é de um servidôr ligado a

⁵⁵⁶ Fonte: *O Globo*, Rio de Janeiro, n. 241, 3 set. 1875, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/369381/1535>. Acesso em: 9 dez. 2020.

⁵⁵⁷ Fonte: *O Globo*, Rio de Janeiro, n. 241, 3 set. 1875, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/369381/1535>. Acesso em: 9 dez. 2020.

Essa espécie de invisibilidade corriqueira dos tradutores brasileiros de romances-folhetins, publicados em jornal e/ou em livro, contrasta com a grande visibilidade dos autores estrangeiros franceses, os quais se configuravam como portadores de grande prestígio literário, assim como explicita o próprio jornal ao mencionar o nome de George Sand, o que certamente faria os leitores se lembrarem de outras obras da mesma escritora e a saberem que tal folhetim carregaria as mesmas características.

Essa reverência à autora francesa fica explicitamente clara numa crítica publicada, talvez não por acaso, após o segundo número do romance, no mesmo jornal, em 5 de setembro de 1875. No espaço dedicado ao folhetim “Aos domingos”, o texto intitulado “A reação alemã e George Sand”, de Joaquim Nabuco (1849-1910), apresenta inicialmente suas apreciações sobre os *Ensaio e estudos de filosofia e crítica*, de Tobias Barreto (1839-1889)⁵⁵⁸. Nas três últimas colunas do texto, o intelectual insere muitos elogios a George Sand, mencionando-a como uma escritora francesa que muito bem poderia defender a França ante as acusações de que a glória de sua literatura estivesse chegando ao fim. Com o objetivo de engrandecer a escritora, Nabuco cita uma crítica feita pelo poeta François-René de Chateaubriand a respeito de Sand:

[...] Chateaubriand, o imortal autor de *René*, julgando alguns escritores do seu tempo, escreveu nas *Memórias de Além-túmulo* umas palavras sobre George Sand. Era no tempo em que as primeiras obras, ardentes de paradoxos do escritor revolucionário, apaixonavam a França. O grande poeta, cuja figura destaca-se no começo do século como a de um iniciador do gênio, disse então que George Sand acrescentaria uma corda grave e plangente à sua citara, quando chegasse o inverno. « La vieillesse est une voyageuse de nuit ; la terre lui est cachée ; elle ne découvre plus que le ciel brillant au dessus de sa tête. » George Sand, a quem se dirigia a profecia dessa magnífica imagem, não perdeu de vista a terra, mas sente-se nessa alma, em que as faculdades se equilibram quando desapareceu a paixão, um raio sereno do céu. A vida que lhe foi agitada dá-lhe hoje a felicidade tranquila de uma família que a adora, da natureza que se deixa compreender por ela e da glória que a cerca⁵⁵⁹.

O trecho da previsão de Chateaubriand – « La vieillesse est une voyageuse de nuit ; la terre lui est cachée ; elle ne découvre plus que le ciel brillant au dessus de sa tête. », que podemos traduzir como: “A velhice é uma viajante da noite; a terra lhe é oculta; ela apenas descobre o céu brilhando acima de sua cabeça” –, publicada em sua *Mémoires d’outre-tombe*, foi datado

⁵⁵⁸ CARVALHO, Ricardo Souza de. Os fragmentos do ensaio de Joaquim Nabuco. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 37, n. 2, p. 809-825, 2018. p. 819.

⁵⁵⁹ *O Globo*, Rio de Janeiro, n. 243, 5 set. 1875, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/369381/1543>. Acesso em: 26 nov. 2020.

de 1838, poucos anos depois do início da intensa carreira de Sand. Para o poeta francês, as aventuras literárias da escritora francesa foram, até aquele momento, marcadas pela pujança e rebeldia da juventude; quando chegasse o inverno – a velhice – nada lhe restaria a não ser o sossego. Nabuco, após observar o passar dos anos, defende justamente o contrário. Para ele, a previsão de Chateaubriand cairia por terra, visto que a escritora, mesmo tendo passado pelo início agitado de sua carreira literária, ainda mantinha sua produção constante. *Flamarande* é citado, então, como um exemplo da capacidade criativa da escritora.

Talvez nada mais elogioso pudesse ter sido escrito a respeito de Sand e de sua obra naquele momento. Primeiramente, o contexto era propício: a tradução de *Flamarande* estava sendo publicada no mesmo jornal em que foi impressa tal crítica. Além disso, e para afirmar sua autoridade sobre o assunto, Nabuco deixou claro, no último parágrafo do texto, a proximidade que desenvolveu com Sand depois de visitá-la em Nohant e o fato de trocarem cartas – ele se dá a liberdade de transcrever, inclusive, um trecho de uma correspondência da escritora, no qual ela o questiona sobre uma viagem de retorno à França, alertando-o que ela poderia não mais estar viva se demorasse a vê-la. Sendo assim, podemos considerar que o fato de ser Nabuco o autor do texto aponta menos para um acaso e mais para um objetivo do jornal, que possivelmente pretendia valorizar e impulsionar a recente publicação da tradução de *Flamarande* no rodapé de suas páginas.

As partes traduzidas de *Flamarande* foram publicadas em dias alternados até o fim de 1875. Em janeiro de 1876, a tradução foi fatiada e inserida em quase todos os números, tendo sido continuada pelo romance *Os dois irmãos* até 14 de fevereiro de 1876. Finda a veiculação de tais obras no rodapé de *O Globo*, a impressão em livro não demorou a acontecer, visto que nos jornais estavam sendo estampados os anúncios de publicação. Por exemplo, em 31 de maio de 1876, poucos meses depois de ter saído a última parte do romance de continuação em *O Globo*, o jornal *O Mercantil* imprimiu um texto de anúncio de publicação de ambas as obras, realizada pelo famoso editor e livreiro francês Baptiste Louis Garnier.

Acaba de sair da casa de B. L. Garnier a versão de dois excelentes romances de George Sand, e que tanta aceitação tiveram em França e em toda a parte onde tem leitores a *Revista dos Dois Mundos*. O nome do autor e o fato de serem aqueles interessantes livros publicados na mais acreditada revista francesa dispensam qualquer elogio e considerações a respeito dos escritos do primeiro romancista francês.

Flamarande e *Os dois irmãos* são os últimos romances de George Sand, prendem-se um ao outro; a verdade é que nesses livros revela-se o talento do autor sob uma face que não é precisamente aquela pela qual se está acostumado a encará-lo.

A folha francesa talvez mais rigorosa para George Sand, e de mais severidade para seus escritos, *O Figaro*, declarou sob assinatura do seu hábil crítico que eram esses romances talvez os melhores saídos da pena vigorosa de quem há 30 anos consecutivos encanta o público francês com os mais interessantes e atraentes romances.

A dificuldade em bem verter-se livros de escritor daquela força foi habilmente vencida pela pessoa que se encarregou deste trabalho.

A *Bibliotheca Universal* com esses dois romances adquiriu para si duas joias de alto valor; isto prova o livro do infatigável editor o Sr. B. L. Garnier.

Ao Sr. Garnier agradecemos a oferta⁵⁶⁰.

Uma das práticas de Garnier, para auxiliar na divulgação de suas edições, consistia em remeter as obras para apreciação dos redatores dos jornais, que poderiam publicar as primeiras impressões de leitura, funcionando também como uma recomendação dirigida aos leitores dos periódicos. Em *O Mercantil*, o redator ressalta a recente publicação dos dois “excelentes romances” que integravam a coleção “Bibliotheca Universal”. Destaca-se, no texto, sua boa aceitação na França, com menção a uma crítica elogiosa publicada no jornal francês *Le Figaro*, no qual se afirmou serem “[...] esses romances talvez os melhores saídos da pena vigorosa de quem há 30 anos consecutivos encanta o público francês com os mais interessantes e atraentes romances”. São feitos elogios a George Sand, que teria concebido as duas obras mesmo depois de passadas três décadas de intensa produção de “interessantes e atraentes romances”⁵⁶¹.

O anúncio de *O Mercantil* não menciona o tradutor, restringindo-se a citar apenas o que julga ter sido sua habilidade em encarar a dificuldade de bem traduzir ambas as obras. A mesma situação – a falta de crédito ao nome do tradutor – ocorre num grande anúncio que Garnier publica em *O Globo* em 9 de julho de 1876. Na última página do jornal daquele dia, o jornal veicula uma extensa lista das coleções “Biblioteca de Algibreira”, “Biblioteca Universal” e “Biblioteca Escolhida”, feitas pelo editor e livreiro. Conforme o anúncio, a Biblioteca Universal era composta, até aquele momento, por obras de autores brasileiros, como José de Alencar, Bernardo Guimarães, Joaquim Manoel de Macedo e Machado de Assis, além de autores estrangeiros (franceses, em sua maioria), como Théophile Gautier e Jules Verne. Dentre as obras da coleção, aparecem, ao fim da listagem de títulos, as traduções de ambos os romances de Sand, cada uma pelo valor de 3 mil réis, correspondendo a um volume encadernado.

Sabemos, com esses anúncios, que Garnier editou rapidamente em livro as traduções que haviam sido publicadas recentemente em folhetim, no jornal *O Globo*, no mesmo ano de 1875. Essa prática de transposição de suporte (do jornal para o livro) era muito comum na

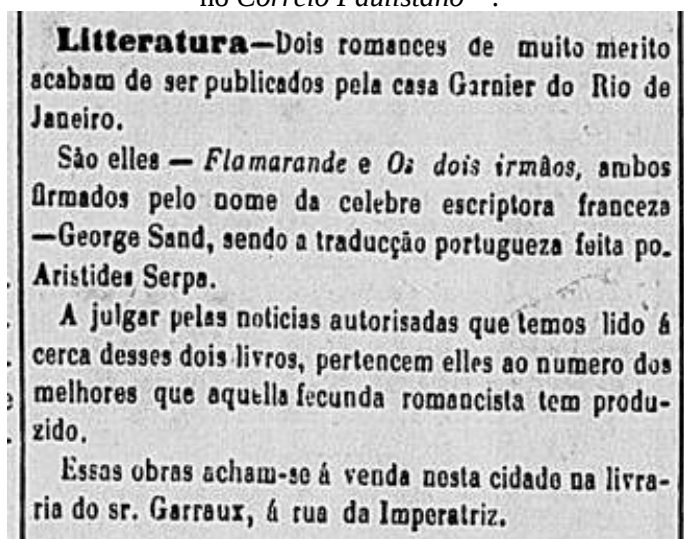
⁵⁶⁰ *O Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 42, 31 maio 1876, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/376493/566>. Acesso em: 25 nov. 2020.

⁵⁶¹ Idem, ibidem.

publicação de ficção traduzida durante o século XIX brasileiro. Talvez o intuito fosse testar a aceitação das traduções junto dos leitores dos jornais para, após uma boa repercussão, encetar a publicação no formato de livro, suporte que demanda mais investimento financeiro e, consequentemente, tinha um custo maior para os leitores.

No caso de *Flamarande* de *Os dois irmãos*, se o nome de Aristides Serpa, seu tradutor, não foi creditado na primeira publicação em folhetim, no frontispício da edição de Garnier, os devidos créditos são dados ao responsável pela tradução. Apesar dos dois anúncios – de *O Mercantil* e de *O Globo* – não mencionarem Aristides Serpa, outros anúncios e menções aos romances, veiculados em jornais tanto do Rio de Janeiro, quanto das províncias, citam explicitamente seu nome, como podemos ver nos casos de *O Correio Paulistano*, de São Paulo, da *Gazeta de Notícias*, da Corte, e do *Jornal do Recife*, da província de Pernambuco.

Figura 24: Anúncio dos dois romances de George Sand no *Correio Paulistano*⁵⁶².



Transcrição:

Literatura – Dois romances de muito mérito acabam de ser publicados pela casa Garnier do Rio de Janeiro.

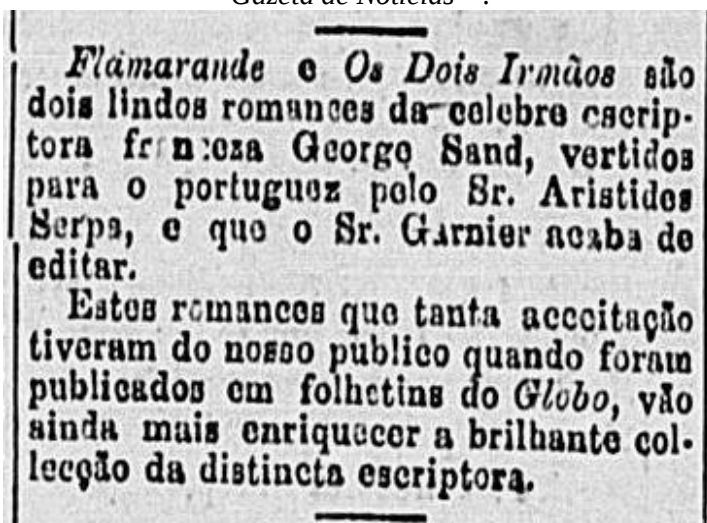
São eles – *Flamarande* e *Os dois irmãos*, ambos firmados pelo nome da célebre escritora francesa – George Sand, sendo a tradução portuguesa feita por Aristides Serpa.

A julgar pelas notícias autorizadas que temos lido acerca desses dois livros, pertencem eles ao número dos melhores que aquela fecunda romancista tem produzido.

Essas obras acham-se à venda nesta cidade na livraria do Sr. Garraux, à rua da Imperatriz.

⁵⁶² Fonte: *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 5883, 17 maio 1876, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_03/7160. Acesso em: 26 nov. 2020.

Figura 25: Anúncio dos dois romances de George Sand na *Gazeta de Notícias*⁵⁶³.

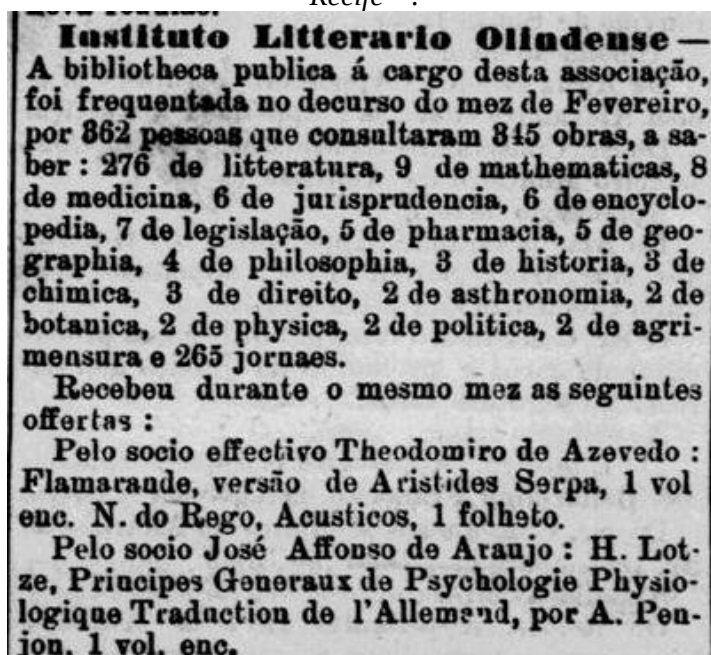


Transcrição:

Flamarande e *Os dois irmãos* são dois lindos romances da célebre escriptora francesa George Sand, vertidos para o português pelo Sr. Aristides Serpa, e que o Sr. Garnier acaba de editar.

Estes romances que tanta aceitação tiveram do nosso público quando foram publicados em folhetins do *Globo*, vão ainda mais enriquecer a brilhante coleção da distinta escriptora.

Figura 26: *Flamarande*, traduzido por Aristides Serpa, na publicação do Instituto Litterario Olindense no *Jornal do Recife*⁵⁶⁴.



Transcrição:

Instituto Literário Olindense – A biblioteca pública à cargo desta associação, foi frequentada no decurso do mês de fevereiro, por 362 pessoas que consultaram 345 obras, a saber: 276 de Literatura, 9 de Matemática, 9 de Medicina, 6 de Jurisprudência, 6 de Enciclopédia, 7 de Legislação, 5 de Farmácia, 5 de Geografia, 4 de Filosofia, 3 de História, 8 de Química, 3 de Direito, 2 de Astronomia, 2 de Botânica, 2 de Física, 2 de Política, 2 de Agrimensura e 265 jornais.

Recebeu durante o mesmo mês as seguintes ofertas:

Pelo sócio efetivo Theodomiro de Azevedo: *Flamarande*, versão de Aristides Serpa, 1 vol. enc. N. do Rego, Acusticos, 1 folheto.

Pelo sócio José Affonso de Araujo: H. Lotze, *Principes Generaux de Psychologie Physiologique Traduction de l'Allemand*, par A. Penjon, 1 vol. enc.

⁵⁶³ Fonte: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 138, 19 maio 1876, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_01/1183. Acesso em: 26 nov. 2020.

⁵⁶⁴ Fonte: *Jornal do Recife*, Recife, n. 81, 10 abr. 1883, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/20101>. Acesso em: 10 dez. 2020.

No *Correio Paulistano*, a Livraria Garraux, uma das mais importantes de São Paulo, anunciou, em 17 de maio de 1876, os dois romances, indicando explicitamente que Aristides Serpa tinha sido seu tradutor, o que também aconteceu no anúncio da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, de 19 de maio do mesmo ano, no qual informa-se também que os romances tiveram boa aceitação do público ao serem publicados em folhetim em *O Globo*. Anos mais tarde, em 1883, o Instituto Literário Olindense recebeu em seu acervo, por doação de um de seus sócios, Theodomiro de Azevedo, a tradução feita por Serpa, conforme consta no boletim publicado no *Jornal do Recife* em 10 de abril, no qual o nome do tradutor é mencionado. A julgar pelo número de consultas realizadas, a literatura tinha um grande peso nessa instituição de Recife, afinal integrava 80% dos livros consultados. Essas publicações nos jornais, próximas ou não à publicação em livro, mostram que o nome de Aristides chegou ao conhecimento dos leitores nas livrarias e bibliotecas, visto que acompanhou o nome dos próprios romances, quando mencionados na imprensa.

Após a primeira veiculação em folhetim e a consequente publicação em livro, ambos os romances de Sand foram republicados em folhetim, pelo menos, no *Correio Mercantil* de Pelotas, em 1877, e em *O Despertador* de Desterro, atual Florianópolis, em 1878, no qual o texto traduzido é mencionado como uma “versão”, termo que muitas vezes era empregado como sinônimo de tradução. Em ambos os casos, o nome de Aristides Serpa acompanhou as publicações, diferentemente de quando saiu à luz em *O Globo*.

– *Flamarande* – Encetamos hoje a publicação de um importante romance escrito por George Sand e traduzido por Aristides Serpa. Às nossas leitoras, com toda a especialidade, recomendamos esta agradável e recreativa produção literária⁵⁶⁵.

⁵⁶⁵ *Correio Mercantil*, Pelotas, 5 maio 1877. Citado em: GONÇALVES, Renata Braz. *Livros e leitura na cidade de Pelotas-RS no final do século XIX: um estudo através dos jornais pelotenses (1875-1900)*. 2010. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. p. 55.

Figura 27: *Flamarande*, traduzido por Aristides Serpa, no folhetim do jornal *O Despertador*⁵⁶⁶.



Ao ser mencionado na imprensa como tradutor de obras de George Sand, seja em anúncios de venda de livros, seja em publicações de folhetim, Aristides Serpa obteve reconhecimento e visibilidade a partir da boa aceitação de duas de suas traduções, fenômeno esse pouco comum no campo da tradução literária no século XIX. Não se pode negar, contudo, que isso possivelmente está relacionado, em parte, ao prestígio do nome da escritora George Sand, por sua intensa atividade literária e sua inserção nos círculos sociais dos literatos franceses, além do evidente sucesso de suas obras junto aos leitores, tanto na França quanto no Brasil.

O caso da tradutora Guilhermina Santos é similar ao do tradutor Aristides Serpa, no que se refere às traduções de seus romances-folhetins publicadas no rodapé dos jornais e depois em formato de livro, tendo alcançado outras províncias do país, e assim saído do anonimato, atingindo visibilidade por seu trabalho. Apresentaremos, portanto, a seguir, algumas informações biográficas dessa tradutora, bem como sua produção literária e tradutória, além do reconhecimento que obteve com suas traduções.

Guilhermina Santos, segundo informações reunidas em periódicos do século XIX pelo pesquisador Sérgio Barcellos Ximenes, foi casada com o major José Rodrigues dos Santos, que faleceu em 13 de julho de 1883, e teve pelo menos dois filhos: um que se chamava José Rodrigues dos Santos Júnior, que faleceu em abril de 1879, e outro, de nome desconhecido, que

⁵⁶⁶ Fonte: *O Despertador*, Desterro (Florianópolis), n. 1576, 2 abr. 1878, p. 1. <http://memoria.bn.br/docreader/709581/6092>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ainda estava vivo em 1883⁵⁶⁷. Essas são as poucas informações que temos a respeito dessa tradutora e escritora, que não teve seu nome publicado em dicionários de escritores/as e poetas brasileiros/as do século XIX, como ressalta Sérgio Ximenes⁵⁶⁸.

Seu marido, José Rodrigues dos Santos, teve o texto “Separação dos Sexos” publicado postumamente, em 10 de junho de 1885, no jornal *O Fluminense*, de Niterói, nas colunas da rubrica “Variedade”. De forma cômica, o texto brinca com os diferentes significados de palavras de mesma raiz, as quais se diferem apenas pela desinência do gênero (masculino/feminino), a exemplo de cigarro/cigarra, meio/meia, luto/luta, tesouro/tesoura e banco/banca⁵⁶⁹. Primeiramente atribuído a Arthur Azevedo, o engano foi desfeito, para os leitores, no dia 14 daquele mês, quando o mesmo jornal publicou uma carta de Guilhermina, na qual ela revelou a verdadeira autoria do artigo e informou que pretendia publicar, “em volume”, a “coleção dos bem conhecidos escritos humorísticos” de seu marido, tal qual o texto que havia saído à luz quatro dias antes⁵⁷⁰.

Um ano e meio antes, em 18 de dezembro de 1883, seria a vez de Guilhermina Santos publicar a parte do conto “Trave e Palha”, na seção “Folhetim” do jornal *A Folha Nova*, do Rio de Janeiro, na qual seu nome apareceu acima do título da narrativa. Isso mostra que ela estava sendo divulgada como escritora, inclusive com um texto publicado no rodapé dessa folha.

Ainda a respeito de sua produção literária, sabemos que teve publicado, além do conto “Trave e Palha” – cuja segunda parte foi impressa na seção “Folhetim” de *A Folha Nova* em 19 de dezembro de 1883, tendo sido posteriormente reproduzida no mesmo espaço da *Gazeta do Norte*, de Fortaleza, em 29 de fevereiro e 1º, 4 e 5 de março do ano seguinte –, o poema “A Uma Rola”, que saiu à luz no *Jornal das Senhoras*, do Rio de Janeiro, em novembro de 1854⁵⁷¹. Assim sendo, sua produção escrita, atualmente conhecida, contempla um conto e um poema. Frente a eles, sua produção tradutória foi mais numerosa, considerando o levantamento de suas traduções feito por Sérgio Barcellos Ximenes⁵⁷², tendo em vista a atribuição do nome dessa tradutora nos jornais e nos livros.

⁵⁶⁷ XIMENES, Sérgio Barcellos. Op. cit. p. 2; 18-19.

⁵⁶⁸ Idem, ibidem. p. 14.

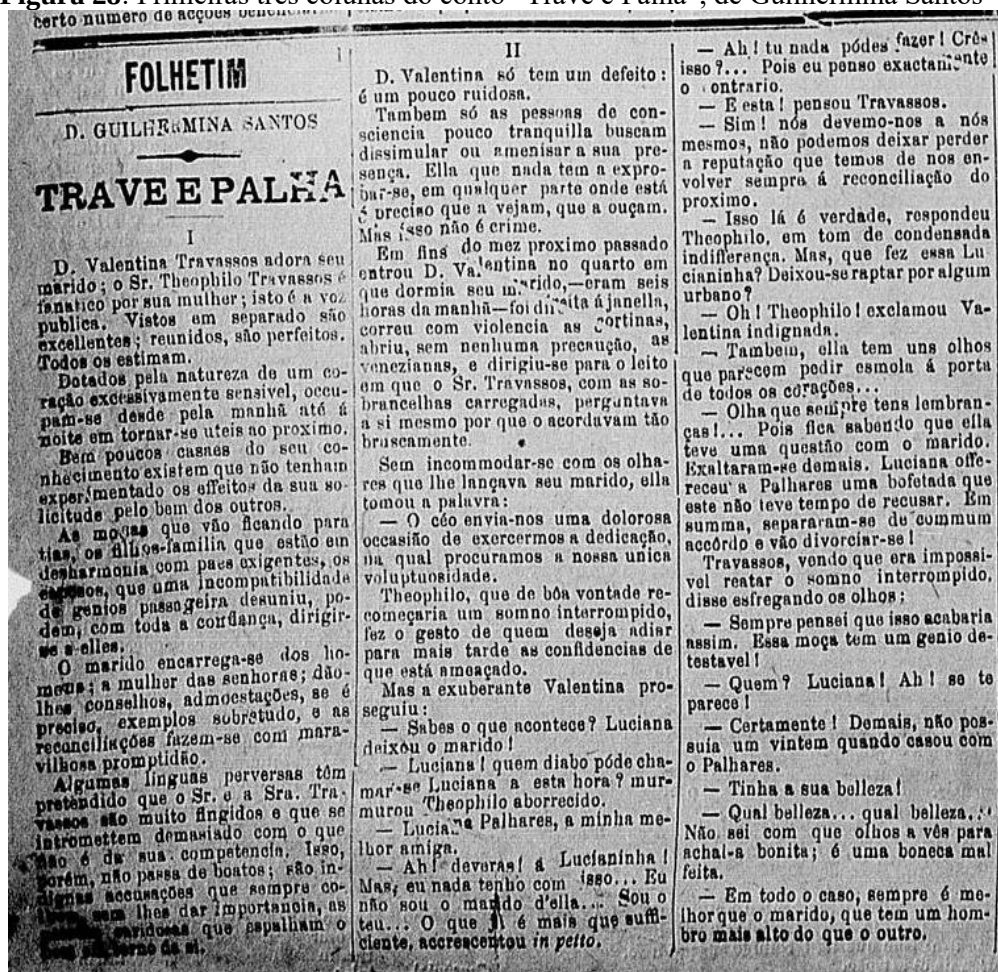
⁵⁶⁹ *O Fluminense*, Niterói, n. 1100, 10 jun. 1885, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/100439_02/3371. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁷⁰ XIMENES, Sérgio Barcellos. Op. cit. p. 16-17. *O Fluminense*, Niterói, n. 1102, 14 jun. 1885, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/100439_02/3377. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁷¹ XIMENES, Sérgio Barcellos. Op. cit. p. 1.

⁵⁷² Idem, ibidem. p. 1-2.

Figura 28: Primeiras três colunas do conto “Trave e Palha”, de Guilhermina Santos⁵⁷³.



Em *A Folha Nova*, antes do conto, havia sido publicada a tradução *Flip, scenas da California*, narrativa de autoria do escritor norte-americano Bret Harte (1836-1902), entre 8 e 29 de setembro de 1883⁵⁷⁴. O nome de Guilhermina Santos não foi creditado em nenhuma das 11 partes desse romance-folhetim.

⁵⁷³ Fonte: *A Folha Nova*, Rio de Janeiro, n. 390, 18 dez. 1883, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/1550>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁷⁴ Idem, ibidem, p. 1.

Figura 29: Primeiras três colunas do romance *Flip, scenas da California*, de Bret Harte, traduzido por Guilhermina Santos⁵⁷⁵.



O nome do responsável pela tradução só foi revelado nove anos depois, em uma pequena nota de Manoel Carneiro, publicada no *Jornal do Commercio*, em 13 de novembro de 1892. O autor do texto afirma que não teria sido esse grande jornal do Rio de Janeiro, tampouco o *Anuario do Rio Grande do Sul*, o primeiro periódico a publicar traduções de Bret Harte. A estreia teria sido feita com a tradução de Guilhermina Santos, que ele afirma ter alterado, “na tentativa de aproximá-la do sabor estranho do original”⁵⁷⁶.

⁵⁷⁵ Fonte: *A Folha Nova*, Rio de Janeiro, n. 289, 8 set. 1883, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/1146>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁷⁶ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 349, 15 dez. 1892, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/9500. Acesso em: 10 jun. 2022.

Figura 30: Correspondência de Manoel Carneiro a respeito da tradução de *Flip, scenas da California*, de Bret Harte⁵⁷⁷.

Escreve-nos o Sr. Manoel Carneiro, a proposito de Bret Harte :

« Não, não foi nem o seu excellente jornal, nem o Annuario do Rio Grande do Sul que teve a prioridade em apresentar ao leitor portuguez as produções de Bret Harte. Em 1882 publicou a «Folha Nova» a novella californiana «Flip», traduzida pela Sra. D. Guilhermina Santos, cuja versão ligeiramente retoquei, na tentativa de aproxima-la do sabor estranho do original. Como era natural, agradou muito aos cultos ; e um dos que mais me approvarão na publicação foi o malogrado Joaquim Serra, um dos mais brilhantes espiritos que enriquecerão aquella folha e dos mais capazes de comprehender a sensibilidade um tanto crua daquelle conto, que ainda hoje acho dos mais apreciaveis do cantor do pagão do sorriso «childlike and bland».

Transcrição:

Escreve-nos o Sr. Manoel Carneiro, a propósito de Bret Harte:

«Não, não foi nem o seu excelente jornal, nem o Annuario do Rio Grande do Sul que teve a prioridade em apresentar ao leitor português as produções de Bret Harte. Em 1882 publicou a «Folha Nova» a novela californiana «Flip», traduzida pela Sra. D. Guilhermina Santos, cuja versão ligeiramente retoquei, na tentativa de aproximá-la do sabor estranho do original. Como era natural, agradou muito aos cultos; e um dos que mais me aprovaram na publicação foi o malogrado Joaquim Serra, um dos mais brilhantes espíritos que enriqueceram aquela folha e dos mais capazes de compreender a sensibilidade um tanto crua daquele conto, que ainda hoje acho dos mais apreciáveis do cantor do pagão do sorriso «childlike and bland».

Como se não bastasse afirmar que teria “retocado” a tradução de Guilhermina Santos, Manoel Carneiro – que talvez tenha sido Manoel Carneiro de Almeida Albuquerque, filho do senador Francisco de Paula de Almeida Albuquerque⁵⁷⁸ – atribui a si a iniciativa da publicação da narrativa, que recebeu o apoio do jornalista, político e professor Joaquim Serra (1838-1888), diretor de *A Folha Nova*, que viria a ser patrono da cadeira n. 21 da Academia Brasileira de Letras, escolhido por José do Patrocínio⁵⁷⁹. Assim sendo, a tradução realizada por uma mulher, ao menos essa, deveria passar pelos “retoques” de um homem, para aproximá-la do estranhamento do texto-fonte. A julgar pelo que realizou, a tradução de Guilhermina Santos não foi considerada por ele suficientemente adequada para ser publicada no jornal, assim como foi a ele apresentada. Não sabemos se a falta do “sabor estranho do original” foi uma justificativa real de Manoel Carneiro para intervir no trabalho dessa tradutora. Contudo, é interessante notar a ideia de que esse texto de chegada deveria se aproximar do texto-fonte, visto que ele mesmo teria certo estranhamento.

⁵⁷⁷ Fonte: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 349, 15 dez. 1892, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_08/9500. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁷⁸ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1900. v. 6, p. 45.

⁵⁷⁹ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Perfil do Acadêmico Joaquim Serra*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joaquim-serra>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Entre 29 de abril e 10 de julho de 1884, foi publicado no mesmo jornal a tradução *O Grande Industrial*, feita por Guilhermina Santos, do romance *Le Maître de forges*, de autoria do escritor francês George Ohnet (1848-1918), seguindo, sem intervalo, da tradução *Sergio Panine*, publicada entre 11 de julho e 21 de setembro do mesmo ano, do romance *Serge Panine*, do mesmo autor da obra anterior⁵⁸⁰. Da mesma forma como aconteceu com *Flip, scenas da California*, o nome da tradutora não foi creditado na publicação em folhetim de *O Grande Industrial*. A história teve “imensa aceitação”, conforme anúncio publicado em 11 de julho no mesmo jornal, o qual afirma ter vendido, no dia anterior, “perto de 300 exemplares” da obra que havia sido publicada em livro. Tal fato teria levado à publicação imediata de *Sergio Panine*, feita a partir da 110ª edição da obra em francês⁵⁸¹ – considerando que cada reimpressão configura uma nova edição naquele mercado editorial –, informação mencionada para mostrar que o sucesso da obra entre os leitores desse jornal brasileiro acompanhava aquilo que também acontecia na França. Isso mostra que, ainda nas últimas décadas do século XIX, conforme assume o próprio periódico, não haviam cessado as conexões entre as duas culturas, no que se refere ao consumo da ficção – retomando uma constatação feita por Márcia Abreu a partir de uma análise da leitura de romances na primeira metade do Oitocentos, considerando as obras que despertavam interesse dos leitores na França e no Brasil⁵⁸².

Figura 31: Anúncio de *O Grande Industrial*, de George Ohnet, traduzido por Guilhermina Santos⁵⁸³.



⁵⁸⁰ XIMENES, Sérgio Barcellos. Op. cit. p. 2.

⁵⁸¹ *A Nova Folha*, Rio de Janeiro, n. 595, 11 jul. 1884, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/2365>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁸² ABREU, Márcia Azevedo de. Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 15-39, 2013.

⁵⁸³ Fonte: *A Folha Nova*, Rio de Janeiro, n. 594, 10 jun. 1884, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/2364>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Na mesma edição do jornal em que a última parte de *O Grande Industrial* foi publicada, a seção de anúncios estampou o reclame de venda desse romance, que foi editado em um volume de 30 páginas e estava sendo comercializado a 2\$000 réis. Uma informação chama a atenção: o nome de Guilhermina Santos é mencionado nesse anúncio.

Assim sendo, da mesma forma como aconteceu com Aristides Serpa, o sucesso de uma tradução pode tirar o nome do tradutor – da tradutora, no caso – do anonimato, carregando-o para a visibilidade. Embora o romance seguinte, *Sergio Panine*, tenha sido publicado no rodapé de *A Folha Nova* ainda sem o nome de sua tradutora, a republicação em *O Paiz*, de São Luís (Maranhão), creditou a “versão do francês” feita por Guilhermina Santos.

Figura 32: Primeiras três colunas de *Sergio Panine*, de George Ohnet, traduzido por Guilhermina Santos⁵⁸⁴.



O nome da tradutora repercutiu em outros jornais do Rio de Janeiro, a exemplo do *Jornal do Commercio*, que informou, em 25 de setembro de 1884, a impressão de *Sergio Panine* em

⁵⁸⁴ Fonte: *O Paiz*, São Luís, n. 111, 11 nov. 1884, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/704369/7422>. Acesso em: 10 jun. 2022.

forma de livro⁵⁸⁵, e da *Revista Illustrada*, que citou George Ohnet como um “autor da moda, romancista e dramaturgo”, também informando a publicação da mesma obra em livro, em nota de 22 de novembro⁵⁸⁶. O romance, assim como seu antecessor, estava sendo vendido a 2\$000, pela própria empresa jornalística, em um volume de 329 páginas, conforme anúncio de 27 de setembro, publicado em *A Folha Nova*⁵⁸⁷.

O sucesso do romance *O Grande Industrial* inspirou a realização de uma encenação de um “drama extraído” dele, pela companhia que estava trabalhando no Theatro Lucinda⁵⁸⁸, importante casa de espetáculos do Rio de Janeiro. Pela tradução dessa mesma obra, Guilhermina Santos foi presenteada com um “estojo de cetim contendo uma caneta e pena de ouro” pelos proprietários e redatores da *Gazeta Suburbana*, Julio Moura e Coriolano d’Oliveira, conforme se publicou nessa mesma folha, em 26 de julho de 1884.

D. Guilhermina Santos

A respeito do insignificante mimo que tivemos a honra de oferecer a esta distinta escritora, publicou a *Folha Nova* em 13 do corrente, as seguintes palavras que muito nos lisongearam, e que muitíssimo agradecemos.

« Fomos ontem mui agradavelmente surpreendidos com a entrega de um estojo de cetim contendo uma caneta e pena de ouro, oferta dos Srs. Julio Moura e Coriolano d’Oliveira, proprietários e redatores da *Gazeta Suburbana* e vários outros cavalheiros, à estimável tradutora do *Grande Industrial*, a Exma. Sra. D. Guilhermina Santos.

O delicado mimo vinha acompanhado da carta que transcrevemos em seguida, e cujo valor reputamos igualmente precioso.

Exma. Sra.

« Os redatores e colaboradores da *Gazeta Suburbana*, bem como alguns dos seus amigos, leram com extremo prazer a mimosa tradução que V. Ex. acaba de publicar, na *Folha Nova*, do magnífico romance, de G. Ohnet, *Le Maitre de Forges*.

Para significarem a V. Exc. o apreço que dão ao seu trabalho, pedem licença para cumprimentá-la, tomando ao mesmo tempo a liberdade de oferecer-lhe este pobríssimo mimo.

Rogando a V. Exc. se digne aceitá-lo, com os protestos da mais alta consideração, temos a honra de assinarmos.

De V. Exc. respeitadores, admiradores e criados.»⁵⁸⁹

⁵⁸⁵ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 268, 25 set. 1884, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/11330. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁸⁶ *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, n. 393, 22 nov. 1884, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/332747b/2918>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁸⁷ *A Folha Nova*, Rio de Janeiro, n. 673, 27 set. 1884, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/2680>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁸⁸ *A Regeneração*, Desterro (Florianópolis), n. 164, 23 jul. 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/892068/5507>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁸⁹ *Gazeta Suburbana*, Rio de Janeiro, n. 18, 26 jul. 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/332585/62>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Assim sendo, o reconhecimento de Guilhermina Santos como tradutora, que não se deu somente por palavras elogiosas, materializou-se em um presente, embora singelo, mas adequado a seu ofício de tradutora – uma caneta e uma pena de ouro, que simbolicamente representam suas apreciadas habilidades, em razão de ter traduzido *Le Maître de forges*. Tal texto, publicado na *Gazeta Suburbana*, foi retirado de *A Folha Nova*, em sua edição de 13 de julho, do qual um trecho importante não foi copiado.

Folgamos de ver um grupo de moços, dos que trabalham e pensam, render esta homenagem à estimável escritora da *Trave e Palha*, publicado no rodapé da *Folha Nova*, que à sua elegante pena deve a tradução da quase totalidade dos romances que tem dado em folhetim; e agradecemos aos colegas a honra de nos fazerem seus intérpretes junto à nossa escritora, ainda mais por nos proporcionarem ensejo de dar público testemunho de quanto prezamos nela a herdeira da pena e do nome do nosso falecido amigo e colega major Santos – sempre lembrado com saudade.

O delicado mimo acha-se em exposição na *vitrine* dos Srs. Baillon & Katele, na rua do Ouvidor⁵⁹⁰.

Segundo o próprio jornal, Guilhermina Santos teria traduzido a “quase totalidade dos romances que tem dado em folhetim” até aquela época, junho de 1884, em *A Folha Nova*, informação que só é revelada após ter sido reconhecida como tradutora. Assim sendo, é quase certo que tenha traduzido também, entre outros, narrativas de escritores atualmente pouco lembrados: *A verdade de um dia*, de Louis Bailleul, *A fera de Flandres*, de Constant Gueroult (1811-1882), *Regina*, de Charles Lomon (1852-1923), e mesmo *A inglezinha*, de Jeanne Mayret, e *O vingador*, de Émile Richebourg (1833-1898) e Émile de Lyden (1815-1894), depois da metade de 1884. A dúvida sobre qual seria a pessoa responsável pela tradução desses folhetins persiste, tendo em vista a falta de crédito ao nome do tradutor ou da tradutora.

Depois de apresentados os casos de Aristides Serpa e Guilhermina Santos, cujas traduções de romances-folhetins obtiveram boa aceitação entre os leitores e republicação em outros jornais, consideramos a possibilidade de o anonimato ter servido, de alguma forma, para proteger os tradutores e as tradutoras dos leitores e dos críticos, tendo em vista que poderiam ter outras atividades profissionais, ou mesmo fossem escritores/jornalistas pouco conhecidos, entre outras possíveis razões. Contudo, se um folhetim fizesse sucesso, como nesses dois casos mencionados acima, o tradutor ou a tradutora passava da invisibilidade do anonimato para a visibilidade do reconhecimento.

⁵⁹⁰ *A Folha Nova*, Rio de Janeiro, n. 597, 13 jul. 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/2374>. Acesso em: 10 jun. 2022.

2.4 A tradução “parasitária” no jornal *Cidade do Rio*

Em suas memórias reunidas na obra *Quando eu era vivo*, o funcionário público e escritor José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934) relatou, a partir de suas experiências e recordações, acontecimentos políticos, sociais e culturais importantes para o país, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX⁵⁹¹. O memorialista, além de discorrer sobre assuntos pessoais, familiares, profissionais etc., registrou suas lembranças sobre políticos – presidentes e prefeitos – e literatos contemporâneos à criação da Academia Brasileira de Letras, da qual foi fundador e presidente em 1923.

Ao abordar o jornalismo político no fim do século XIX, Medeiros e Albuquerque se lembra de Olavo Bilac (1865-1918), poeta e jornalista que constantemente atacava João Cardoso de Menezes e Souza, Barão de Paranapiacaba. Ao descrever as “aventuras” nas quais Bilac se envolvia, o autor se recorda de um episódio curioso a respeito da tradução de um romance-folhetim:

Certa vez, Patrocínio, para proteger Emílio Rouède, lhe confiara a tradução de um romance-folhetim a tostão a linha. Rouède fez o trabalho por alguns dias, mas a preguiça o venceu. Propôs então a Guimarães Passos que este faria a versão. Rouède lhe daria 80 réis por linha e ficaria com 20 réis. Era pouco, mas sem trabalho. Guimarães, por sua vez, teve preguiça e passou a incumbência a Coelho Neto. Quando Guimarães recebia os seus 80 réis, ficava com 20 e dava 60 a Coelho Neto.

Coelho Neto não era ainda nesse tempo o trabalhador extraordinário que depois se tornou. Achou maçante o caso e transferiu-o a Bilac, dando-lhe 40 réis e ficando com 20. O interessante é que esse regime funcionou durante algum tempo, sem que cada um soubesse senão daquele com que entrava em relação⁵⁹².

Emílio Rouède (1848-1908), jornalista, pintor e teatrólogo francês estabelecido no Rio de Janeiro, contava com o auxílio do jornalista, escritor e ativista político José Carlos do Patrocínio, proprietário do *Cidade do Rio*, jornal carioca publicado entre 1887 e 1902⁵⁹³. De acordo com o memorialista, Patrocínio havia incumbido o francês da tarefa de traduzir um romance-folhetim. Rouède achou a tarefa enfadonha e delegou o trabalho ao poeta Guimarães

⁵⁹¹ MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de. *Quando eu era vivo: memórias*, 1867 a 1934. Edição póstuma e definitiva. Rio de Janeiro: Record, 1981. A primeira edição foi publicada em 1942. O livro é a junção de duas obras, publicadas poucos anos antes: MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de. *Da infância à mocidade (Memórias 1867-1893)*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933; MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de. *Da mocidade à velhice (Memórias 1893-1934)*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.

⁵⁹² MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de. Op. cit., 1981 [1942]. p. 134.

⁵⁹³ FONSECA, Gondim da. *Biografia do jornalismo carioca: 1808-1908*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941. p. 376.

Passos (1867-1909). Passos procedeu da mesma forma com o escritor e crítico Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934), que, por sua vez, transferiu a responsabilidade da tradução ao jornalista, escritor, poeta e cronista Olavo Bilac. O poeta descobriu a estratégia de seus colegas “parasitas” e resolveu se vingar; contudo, não provocou nenhum deles.

[...] Aproveitou uma cena do romance em que um sujeito, alta hora da noite, entrava pela janela no quarto de uma mocinha para fazer-lhe mal. Bilac traduziu tudo como estava no livro. Quando, porém, um raio de lua mostrava quem era o sedutor, ele pôs: “– Era o Barão de Paranapiacaba!”⁵⁹⁴.

A vítima do ataque foi, mais uma vez, o Barão de Paranapiacaba, o que culminou na fúria de José do Patrocínio, seu amigo. Patrocínio interrogou Rouède, que assumiu ter concedido a tradução a Guimarães. Cada um imputou a culpa a quem havia encarregado a atividade, até chegar a Bilac, “que justificou clamando contra a parasitagem que estava explorando o seu trabalho”⁵⁹⁵.

Medeiros e Albuquerque não indicou o romance-folhetim no qual aconteceu tal forma de interferência na tradução, tampouco há indicação precisa do ano de publicação de tal obra no *Cidade do Rio*. Se o relato é verdadeiro, tal narrativa teria sido publicada, provavelmente, antes de 1897, quando Rouède partiu para São Paulo. Contudo, é possível que Medeiros e Albuquerque tenha se enganado, ou mesmo, por talvez não ter participado diretamente da história, não conhecesse e/ou não tivesse registrado todos os seus detalhes. Apesar de não conseguirmos localizar tal romance, devemos considerar, pelo menos, que a história não é de todo inverossímil, visto que, com o jornal *Cidade do Rio*, colaboraram, de uma forma ou de outra, os nomes citados pelo memorialista.

Olavo Bilac trabalhava como redator desse jornal de José do Patrocínio durante alguns anos, tendo se ausentado do país, ou mesmo colaborado com outros jornais na mesma época. Por exemplo, em maio de 1889, retirou-se da redação desse jornal⁵⁹⁶, mas voltou a trabalhar para o *Cidade do Rio* em julho de 1890, quando anunciou-se que o poeta partiria para a Europa, a fim de ser correspondente do jornal em Paris. Por ocasião de sua despedida, foram publicados no *Cidade do Rio*, em 10 de julho, alguns textos de despedida a Bilac. Entre eles, o texto do jornalista e escritor João Carlos de Medeiros Pardal Mallet (1864-1894), no qual evidencia os laços estabelecidos entre os amigos e a relação com a figura de José do Patrocínio.

⁵⁹⁴ MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de. Op. cit., 1981 [1942]. p. 134.

⁵⁹⁵ Idem, ibidem. p. 135.

⁵⁹⁶ *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 110, 17 maio 1889, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/1871>. Acesso em: 4 jul. 2022.

Um que parte

Nós fomos um grupo principalmente solidário pela amizade. Dividimos embora por essa eterna questão de arte que cada qual interpretava ao seu feitio, atirados uns contra os outros por essa fatalidade da vida que faz rivais, nunca faltamos ao apelo do interesse coletivo, nunca deixamos de ser – um por todos e todos por um.

Fomos – o Bilac, o Pompeia, o Neto, o Guimarães, o Alcindo e eu, quase todos da mesma idade, nascidos entre os anos de 63 e 65, reunidos pela convivência acadêmica, bastante certos de nós mesmos para aceitar a camaradagem dos veteranos – Luiz Murat, Paula Ney, Aluizio Azevedo, bastante fortes para fazer de todo este pessoal uma só família.

Não nos faltou o apoio dos chefes, a direção dos mais velhos e experimentados. José do Patrocínio, que vive sempre a procurar os novos, os que ainda não apareceram, foi na imprensa o padrinho de nós todos. E Ferreira de Araujo, bom e olímpico, esse de quem a gente tem receio de se aproximar, mas que se faz amigo e protetor dos que sabem vencer este receio, nunca nos recusou todo o prestígio da sua direção e do seu apoio.

Assim fomos pela vida, boêmios como nos chamavam, mas trabalhando, trabalhando muito, nunca nos deitando sem a leitura de uma página, acordando nunca sem a escrita de uma linha. Não mudamos, fomos e somos sempre os mesmos. A sociedade é que vai mudando de opinião a nosso respeito.

[...]

PARDAL MALLET⁵⁹⁷.

Um grupo de amigos que combinavam o gosto pela vida boêmia e as atividades na imprensa, especialmente em torno de José do Patrocínio, que procurava dar espaço aos novos talentos. A amizade poderia resultar em colaboração na produção literária, a exemplo de Pardal Mallet, autor do mencionado texto, que escreveu, junto com Bilac, o romance-folhetim *O esqueleto: mysterios da Casa de Bragança*, publicado na *Gazeta de Notícias*, de 17 a 31 de março de 1890. Até mesmo o pseudônimo coletivo Victor Leal, usado para assinar o folhetim *O esqueleto*, poderia também ser usado de forma compartilhada entre outros amigos escritores, entre os quais Coelho Neto. Empregar tal pseudônimo em obras de qualidade considerada inferior pelos críticos pode ser entendida como uma maneira de se proteger dos ataques e das polêmicas.

A trajetória de cronista de Olavo Bilac é conhecida pela Historiografia Literária, bem como sua produção poética – poemas satíricos, eróticos e de circunstância –, que se espalhou por jornais, revistas e livros⁵⁹⁸. Sabe-se que o poeta escreveu crônicas para a *Gazeta de Notícias*,

⁵⁹⁷ *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 115, 10 jul. 1890, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/2629>. Acesso em: 4 jul. 2022.

⁵⁹⁸ DIMAS, Antonio. *Bilac, o Jornalista: Ensaio*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 30.

do Rio de Janeiro, entre 1890 e 1908⁵⁹⁹, para o *Cidade do Rio*, e para a revista *Kosmos*, entre outras folhas públicas cariocas. Alguns jornais paulistas também publicavam suas crônicas, a exemplo de *O Estado de S. Paulo*, entre 1897 e 1898, e *O Correio Paulistano*, entre 1907 e 1908⁶⁰⁰.

Entre 1900 e 1908, Bilac também atuou como cronista para o jornal carioca *A Notícia*, no qual inovou, em sua coluna intitulada “Registro”, na liberdade de abordagem temática e nas suas impressões pessoais⁶⁰¹. Empregava, por vezes, a primeira pessoa do singular, e tornava o leitor um interlocutor no texto, o que o fez se aproximar do público carioca, com suas crônicas em “tom de conversa amena e despreocupada entre camaradas”⁶⁰². Assim, estabelecia uma identificação com seus leitores, na discussão de temas que estavam em voga na cidade, a exemplo da insalubridade das ruas e das doenças tropicais⁶⁰³.

Além de se interessar pela sua cidade nas questões de saúde, higiene e infraestrutura, cujas melhorias poderiam, para ele, igualar sua Rio de Janeiro a Buenos Aires e Paris, Bilac era preocupado com a educação básica, defendendo a alfabetização ampla, e com o serviço militar, sendo um grande defensor do alistamento militar obrigatório, questões que faziam parte de sua verve patriótica⁶⁰⁴.

Em 1893, o nome de Bilac figurava no cabeçalho do *Cidade do Rio* como redator-secretário. O poeta se afastou do jornal em agosto do mesmo ano, por questões políticas, e iniciou sua colaboração fixa na *Gazeta de Notícias*, na qual, em 1897, viria a substituir Machado de Assis, como autor das crônicas semanais, mantendo o modelo estabelecido por seu antecessor⁶⁰⁵. Apesar de ter colaborado com a folha de José do Patrocínio por alguns anos, não há registros de que tenha traduzido para ela algum romance-folhetim, visto que as páginas desse jornal costumavam não mencionar os nomes dos tradutores, reproduzindo, assim, como já explicamos, uma ação comum a outros jornais cariocas, que quase sempre escondiam os nomes dos responsáveis pela tradução do folhetim.

⁵⁹⁹ DIMAS, Antonio. *Bilac, o Jornalista: Crônicas: Volume 1*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

⁶⁰⁰ DIMAS, Antonio. *Bilac, o Jornalista: Crônicas: Volume 2*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

⁶⁰¹ SIMÕES, Álvaro Santos. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 235-246. 2003/2004. p. 236.

⁶⁰² Idem, ibidem. p. 243.

⁶⁰³ Idem, ibidem. p. 243-244.

⁶⁰⁴ NOGUEIRA, Clara Miguel Asperti. *Cronistas do Rio: o processo de modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (Kosmos, 1904-1908) e Lima Barreto (Caretta, 1915-1922)*. 2012. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2012. p. 34.

⁶⁰⁵ SIMÕES, Álvaro Santos. Op. cit., 2003/2004. p. 237-238.

Sabe-se que Bilac traduziu a obra infantil *Max und Moritz*, de Wilhelm Busch (1832-1908), publicada em 1865 em alemão, livro que recebeu o título *Juca e Chico*: história de dois meninos em sete travessuras, publicado sob pseudônimo⁶⁰⁶. Nessa tradução, deixou algumas marcas, tais como o emprego da norma padrão, sem espaço para a oralidade, o que se relaciona com o objetivo educativo que Bilac imprimia em obras infantis de autoria própria⁶⁰⁷. Atribuiu-se a Bilac a tradução de *Der Struwwelpeter*, de Heinrich Hoffman (1809-1894), obra publicada em 1845 em alemão, tradução essa que recebeu o título *João Felpudo*; contudo, trata-se da tradução feita por Henrique Velloso de Oliveira, anunciada em jornal em 1860, conforme concluiu a pesquisadora Patrícia Tavares Raffaini⁶⁰⁸. Ambas as obras foram editadas pela editora Laemmert, para quem Bilac atuou como tradutor, tendo posteriormente trabalhado para a editora Francisco Alves⁶⁰⁹.

Explicamos que, na maioria dos casos em que os tradutores de romances-folhetins foram creditados, sabe-se que foram também colaboradores dos próprios jornais para os quais traduziram. É o caso, por exemplo, de Justiniano José da Rocha, Francisco de Paula Brito e Julio Cezar Muzzi, que trabalharam para o *Jornal do Commercio*, entre o final da década de 1830 e o início da década de 1840, como jornalistas, escritores e tradutores, atividades sobre as quais não havia uma diferenciação como podemos fazer hoje. Eram todos conhecidos como “colaboradores” dos jornais, e poderiam tanto escrever as notícias, as crônicas, as narrativas ficcionais, quanto traduzi-las.

Mesmo no fim do século XIX, como no caso do *Cidade do Rio*, a situação não havia se alterado muito: esse jornal também não tinha o costume de dar crédito aos tradutores de romances-folhetins. Na maioria das vezes, mencionava-se que o romance era uma tradução “especialmente feita para o CIDADE DO RIO”, assim como aconteceu no anúncio do folhetim *Robert Daniel*⁶¹⁰, do francês Octave Pradels (1842-1930), cujo romance original foi publicado em 1890 e a tradução publicada em 1900; ou como uma tradução feita “expressamente para a CIDADE DO RIO”, como no caso do folhetim *Pedro Schlemihl*, do escritor alemão Adelbert von

⁶⁰⁶ DINI, Nádia Cristina. Castigo e obediência: Bilac autor e tradutor. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 63-77, set./dez. 2017. p. 63-66.

⁶⁰⁷ Idem, ibidem. p. 67; POMARI, Gerson Luís. *Vício e verso*: as histórias ilustradas de Wilhelm Busch no sistema literário brasileiro. 2008. 249 p. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 106.

⁶⁰⁸ MANGINI, Jussara. *Livros infantis velhos e esquecidos*. Agência FAPESP, São Paulo, 3 out. 2017. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/livros-infantis-velhos-e-esquecidos/26312/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁶⁰⁹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit., 2017. p. 267.

⁶¹⁰ *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 25, 26 out. 1901, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/11858>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Chamisso (1781-1838), uma obra do início do século XIX, que teve a tradução publicada em 1902⁶¹¹.

Os anúncios procuravam chamar a atenção para as obras que seriam publicadas no rodapé do jornal, caracterizando-as com adjetivos elogiosos, tais como “agradabilíssima”, e “emocionante”. Por vezes, eram cometidos alguns enganos, como nesse caso, em que “Adelbert de Chamisso” foi anunciado como o título da história, quando, na verdade, é o nome de seu autor. O engano se manteve na primeira parte da narrativa, publicada em 20 de maio de 1902⁶¹², mas foi rapidamente corrigido na segunda parte, publicada no dia seguinte⁶¹³, trazendo também o anúncio com a correção.

Os anúncios mencionavam, poucas vezes, que as obras eram especialmente traduzidas por alguma pessoa conhecida, mas sem indicação precisa do nome, como no caso da obra *Diana de Briolles*, de Charles Mérouvel, pseudônimo de Charles Michel Eloi Chartier (1832-1920), obra que foi citada como “especialmente traduzida por um nosso dedicado amigo, para o folhetim da *Cidade do Rio*”⁶¹⁴.

Nesse caso, o anúncio busca mostrar que a tradução desse romance era feita por alguém próximo ao jornal, visto que seria um “dedicado amigo”, apesar de não indicar explicitamente seu nome, o que coloca em dúvida, no mínimo, tal informação. Contudo, mencionar isso poderia fazer com que os leitores considerassem ler uma tradução nova, feita por alguém familiar, cuja dedicação traria a obra traduzida mais perto de quem a lê, retomando a ideia de traduzir uma obra para aproximá-la dos leitores.

Após apresentados esses exemplos de folhetins, vimos que nenhum deles indica o nome dos tradutores. Dos poucos casos de identificação do tradutor no folhetim no *Cidade do Rio*, apenas um deles se refere a um dos nomes lembrados por Medeiros e Albuquerque. Trata-se do poeta Guimarães Passos, que traduziu *Quo Vadis?* [Aonde você vai?], do escritor polaco Henryk Sienkiewicz (1846-1916), que em 1905 seria laureado com o Prêmio Nobel de Literatura.

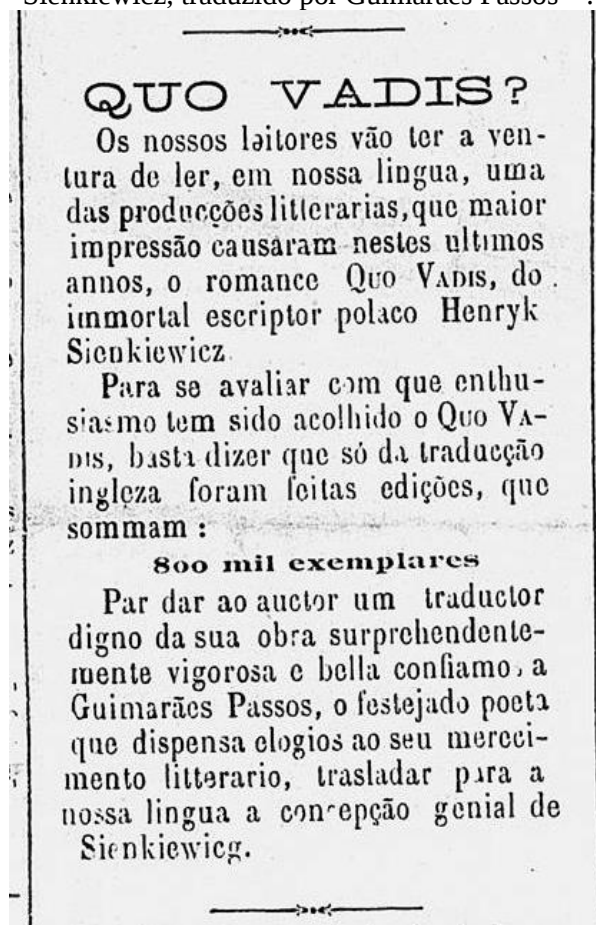
⁶¹¹ *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 194, 20 maio 1902, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/12518>. Acesso em: 5 jul. 2022.

⁶¹² *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 194, 20 maio 1902, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/12519>. Acesso em: 5 jul. 2022.

⁶¹³ *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 195, 21 maio 1902, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/12523>. Acesso em: 5 jul. 2022.

⁶¹⁴ *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 27, 1 fev. 1900, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/10350>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Figura 33: Anúncio de *Quo Vadis?*, de Henryk Sienkiewicz, traduzido por Guimarães Passos⁶¹⁵.



Transcrição:

QUO VADIS?

Os nossos leitores vão ter a ventura de ler, em nossa língua, uma das produções literárias, que maior impressão causaram nestes últimos anos, o romance *QUO VADIS*, do immortal escritor polaco Henryk Sienkiewicz.

Para se avaliar com que entusiasmo tem sido bem acolhido o *QUO VADIS*, basta dizer que só da tradução inglesa foram feitas edições, que somam:

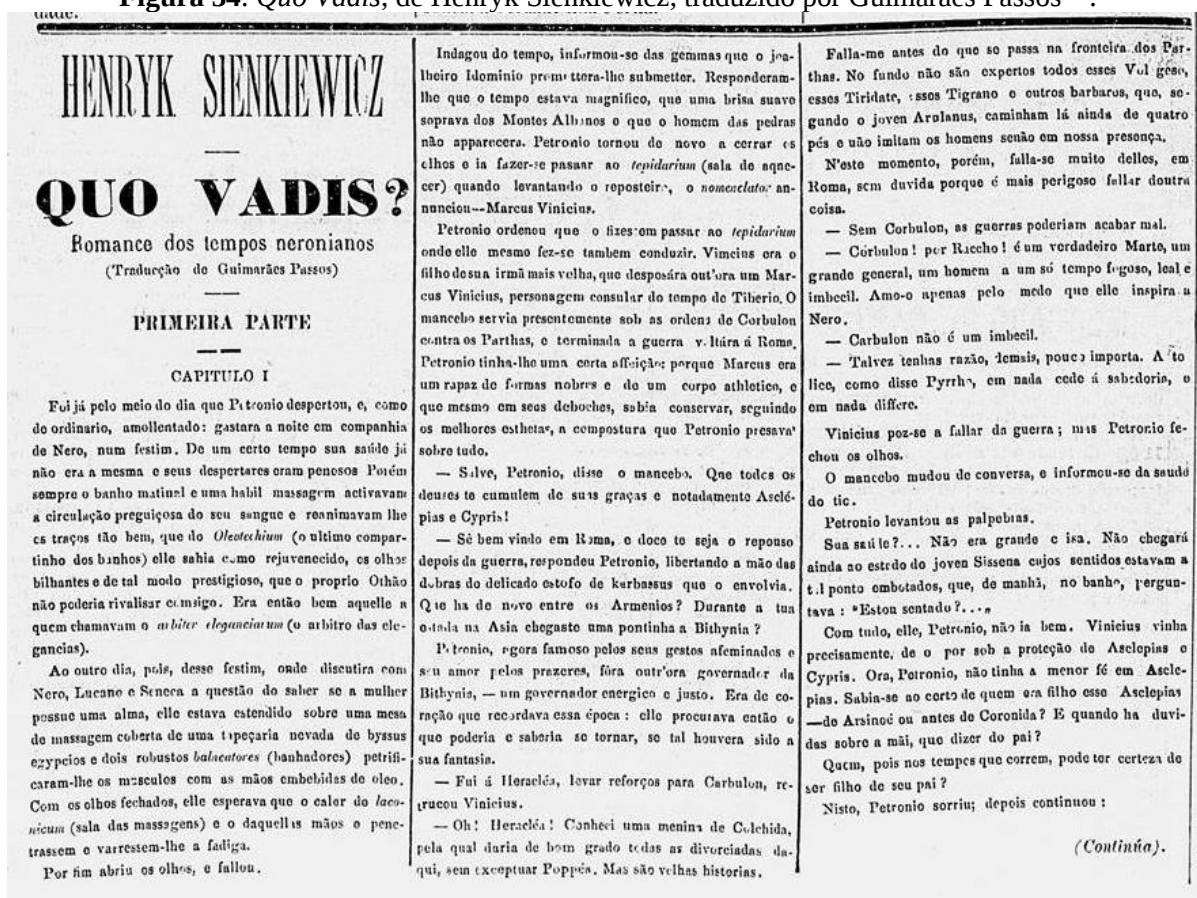
800 mil exemplares

Para dar ao autor um tradutor digno da sua obra surpreendentemente vigorosa e bela confiamos a Guimarães Passos, o festejado poeta que dispensa elogios ao seu merecimento literário, trasladar para a nossa língua a concepção genial de Sienkiewicz.

O anúncio destaca a espantosa quantidade de exemplares impressos da tradução inglesa dessa obra – 800 mil – como marca do entusiasmo com o qual o romance foi acolhido entre os leitores. Talvez tenha pesado para a escolha de tal obra o fato de Henryk Sienkiewicz ter sido o primeiro ocupante da Cadeira 7 de Sócios Correspondentes da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1900, possivelmente tendo sido próximo, assim, dos literatos que trabalhavam ou já haviam trabalhado no *Cidade do Rio*. Guimarães Passos, certamente não por acaso escolhido como o tradutor dessa obra, foi o fundador da Cadeira 26; Coelho Neto foi o fundador da Cadeira 2; Olavo Bilac foi o fundador da Cadeira 5; e José do Patrocínio foi o fundador da Cadeira 21.

⁶¹⁵ Fonte: *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 179, 30 jul. 1900, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/10946>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Figura 34: *Quo Vadis*, de Henryk Sienkiewicz, traduzido por Guimarães Passos⁶¹⁶.



A fim de apresentar esse escritor estrangeiro aos leitores, o *Cidade do Rio* publicou, na edição de 30 de julho de 1900, seguinte àquela na qual saiu à luz a primeira parte da história, um texto traduzido do jornal francês *Le Figaro*. Em tal artigo, os grandes feitos da obra são louvados: menciona-se a existência de duas traduções inglesas, três alemãs e seis russas, apesar da obra ter sido escrita há apenas cinco anos. O grande número de exemplares produzidos, também detalhado no artigo, é reconhecido como uma marca do sucesso da obra frente aos leitores. O autor, Henryk Sienkiewicz, é apresentado como um homem na casa dos cinquenta anos, cujas origens remontam à velha nobreza da Polônia, neto de um coronel do exército napoleônico. Apaixonado por viagens, percorreu a Europa, a América, o Oriente Médio, o norte e o oeste da África. Em vinte e cinco anos, teria produzido quarenta volumes de novelas, romances, narrativas de viagens, além de obras críticas⁶¹⁷.

⁶¹⁶ Fonte: *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 179, 30 jul. 1900, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/10946>. Acesso em: 4 jul. 2022.

⁶¹⁷ *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 180, 31 jul. 1900, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/10951>. Acesso em: 4 jul. 2022.

No mesmo artigo, o título da obra é explicado: trata-se de uma referência à pergunta que São Pedro fez a Jesus Cristo – “Quo vadis, Domine?”, em português: “Para onde vais, Senhor?” – quando o encontrou carregando uma cruz após o apóstolo ter deixado a cidade de Roma em fuga. Jesus respondeu que iria à Roma para ser novamente crucificado. O apóstolo entendeu que não deveria deixar a cidade e os cristãos, retornou à Roma, foi perseguido e martirizado. Assim sendo, a obra retrata os acontecimentos da cidade romana imperial, mostrando a perseguição aos cristãos, na mistura de personagens históricos, tais como o Imperador Nero e os apóstolos Pedro e Paulo, e personagens fictícios, cujos principais são Vinícius e Lúcia, que vivem uma história de amor.

No jornal, a obra teve início em 30 de julho, tendo ultrapassado, no fim do ano, a terceira parte, precisamente o capítulo XV, e possivelmente continuado no ano seguinte, apesar de não sabermos até quando foi publicada⁶¹⁸. Em 1901, no ano seguinte do início da publicação em folhetim, foi editada em formato de livro por Hippolyte Garnier, livreiro e editor que sucedeu seu irmão Baptiste-Louis Garnier, dono da famosa livraria Garnier do Rio de Janeiro. O anúncio, publicado no *Cidade do Rio* em 28 de setembro de 1901, colocou a obra à venda por 3\$000 réis, numa versão brochura, ou 4\$000, numa versão encadernada. Para mostrar sua relevância, ressaltou o sucesso que a obra alcançou em “todo o mundo literário”.

Apesar de Guimarães Passos, o tradutor, não ter seu nome inserido nesse anúncio de venda da obra, ele é mencionado, com certo exagero, como “um dos mais notáveis conhecedores da formosa língua de Camões”. Como diferencial que tornaria essa tradução distinta frente às edições inglesas, francesas e italianas, além da portuguesa, a obra teria sido traduzida “diretamente do original polaco” – ou seja, uma tradução direta –, apesar de ser pouco provável que Guimarães Passos conhecesse essa língua, especialmente a ponto de realizar uma tradução. Não é estranho imaginar que, para traduzir a obra, teve em mãos alguma das – ou mesmo algumas das – mencionadas traduções nessas três línguas mais próximas ao português. Apesar de parecer inverossímil, a indicação de que uma tradução teria sido feita de forma direta poderia chamar a atenção dos leitores, como uma forma de distinção, frente a outras obras de línguas distantes traduzidas a partir de uma versão francesa. Isso também pode mostrar que a tradução indireta, procedimento tradutório muito empregado no decorrer do século XIX, poderia não ter o mesmo valor de uma tradução feita diretamente do “original”.

⁶¹⁸ A Hemeroteca Digital Brasileira não disponibilizou as edições de *Cidade do Rio* dos seis primeiros meses de 1901.

Figura 35: Anúncio de *Quo Vadis?*, de Henryk Sienkiewicz, em formato de livro⁶¹⁹.

GRANDE SUCESSO
DE LIVRARIA...
QUO VADIS?
 Grande romance historico dos tempos
 de Nero por **HENRYCK SIENKIEWICZ**

TRADUÇÃO BRAZILEIRA, um volume
 brochado ornado com uma linda gravura..... 3\$000
 Encadernado..... 4\$0000

A nossa casa, em vista do extraordinario
 sucesso que prduziu em todo o mundo litte-
 rario o celebre romance de

SIENKIEWICZ

resolveu mandar transladal-o para a nossa
 lingua, por um dos mais notaveis conhecedores
 da formosa lingua de Camões.

A traducção, sobre ser excellente, pois
 está impresso em optimo papel, sobreleva as
 edições francezas, inglezas, italianas e a edi-
 ção portugueza, por ter sido feita directa-
 mente do original polaco.

H. Garnier, LIVREIRO-EDITOR
 71 e 73 RUA DO OUVIDOR 71 e 73

Transcrição:

GRANDE SUCESSO

DE LIVRARIA...

QUO VADIS?

Grande romance histórico dos tempos de
 Nero por HENRYK SIENKIEWICZ

TRADUÇÃO BRASILEIRA, um volume
 brochado ornado com uma linda gravura...
 3\$000

Encadernado... 4\$000

A nossa casa, em vista do extraordinário
 sucesso que produziu em todo o mundo
 literário o célebre romance de

SIENKIEWICZ

resolveu mandar transladá-lo para a nossa
 língua, por um dos mais notáveis
 conhecedores da formosa língua de Camões.
 A tradução, sobre ser excelente, pois está
 impresso em ótimo papel, sobreleva as
 edições francesas, inglesas, italianas e a
 edição portuguesa, por ter sido feita
 diretamente do original polaco.

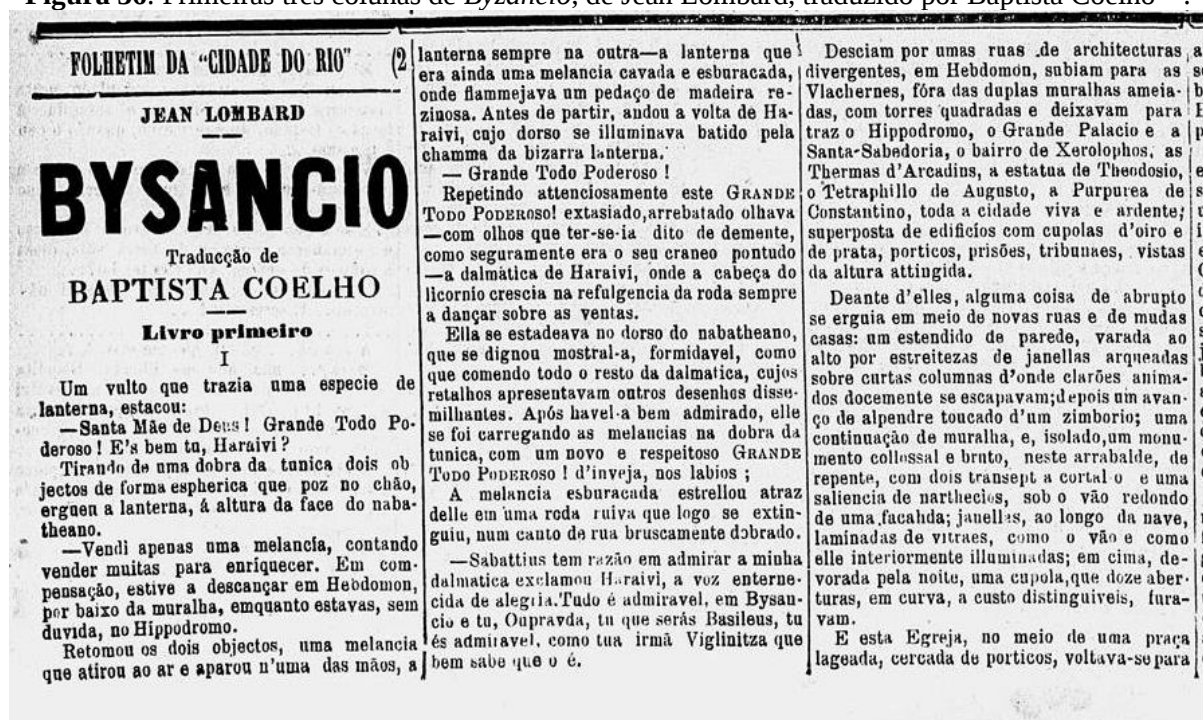
H. Garnier, LIVREIRO-EDITOR

71 e 73 RUA DO OUVIDOR 71 e 73

Guimarães Passos não seria o único colaborador a ver seu nome numa tradução de romance-folhetim publicada no *Cidade do Rio*. Baptista Coelho, secretário desse jornal até o fim de sua publicação, foi creditado como tradutor de *Byzancio*. A obra foi publicada, no “Folhetim da Cidade do Rio”, entre 10 de janeiro, na edição 86, e 13 de fevereiro de 1902, na edição 115. Trata-se da tradução da primeira parte, de um total de cinco, do romance *Byzance*, de autoria do francês Jean Lombard (1854-1891), publicado em livro em 1890, que foi posteriormente reeditado algumas vezes.

⁶¹⁹ Fonte: *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 1, 28 set. 1901, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/11768>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Figura 36: Primeiras três colunas de *Byzancio*, de Jean Lombard, traduzido por Baptista Coelho⁶²⁰.



Essa tradução estava sendo anunciada alguns dias antes do início da publicação em folhetim. O primeiro anúncio saiu na edição de 6 de janeiro, em sua primeira página, na qual se destacou, em maiúsculo, o nome da obra, que apareceu intercalado de um texto que ressaltou algumas qualidades do romance: seus “painéis multicoloridos e vastos, amplamente iluminados”, os “tipos empolgantes”, as “situações [que] prendem fatalmente a atenção do leitor”, as “tonalidades claras e violentas”, entre outras. O sangue derramado nas ruas relembra a violência presente na obra, a qual retrata as disputas religiosas em Constantinopla, na capital do Império Bizantino, no século VIII, durante a crise da Iconoclastia, um conflito religioso e político que teve como componente principal a proibição à veneração de imagens religiosas na Cristandade. Jean Lombard, romancista relacionado ao movimento Decadentista francês, escreveu obras que tematizam, entre outras questões, o orientalismo e o paganismo. Em seu romance mais famoso, *L'Agonie*, de 1888, retratou o declínio do Império Romano durante o reinado de Heliogábalo (218 a 222)⁶²¹, imperador romano conhecido por suas excentricidades, personagem histórica cujos hábitos repugnantes foram lembrados por outro escritor decadentista, Joris-Karl Huysmans (1848-1907), em seu romance *À rebours*, de 1884.

⁶²⁰ Fonte: *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 87, 10 jan. 1902, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/12095>. Acesso em: 18 jun. 2022.

⁶²¹ KOCIUBIŃSKA, Edyta. Entre histoire et roman: *L'Agonie* de Jean Lombard (1888). *Kwartalnik Neofilologiczny*, Varsóvia, n. 4, p. 455-463, 2012.

Figura 37: Anúncio de *Byzancio*, traduzido por Baptista Coelho⁶²².

BYZANCIO

Foi esse o romance escolhido para o nosso folhetim e cuja publicação encetaremos quarta-feira.

BYZANCIO

esse admirável poema em prosa de Jean Lombard, é um livro no gênero do Quo Vadis? um livro onde a alma da multidão foi apanhada em flagrante, com todas as suas agitações, no embate violento de corrente contrárias.

Em

BYZANCIO

toda essa movimentação violenta é reproduzida em painéis multicoloridos e vastos, amplamente iluminados.

Todos os seus tipos são empolgantes, todas as suas situações prendem fatalmente a atenção do leitor.

Não raro o cenário tingem-se de vermelho, o sangue espadana pelas ruas agitadas no entrecostar das duas facções religiosas em luta para a conquista do Supremo Poder.

Eis em poucas palavras o que é

BYZANCIO

de cuja tradução foi encarregado Baptista Coelho o que tranquilizará os nossos leitores, quanto à sua fidelidade.

Certos de que o admirável poema em prosa do extraordinário marcelhez agradará forçosamente, publicamos-o, já pela movimentação grandiosa, já pelo estilo bizarro e luminoso que fazem de

BYZANCIO

um conjunto admirável de tonalidades claras e violentas em contraste com amortecimentos de luz e desmaios voluptuosos de cores, n'uma cadência gradativa.

Transcrição:

BYZANCIO

Foi esse o romance escolhido para o nosso folhetim e cuja publicação encetaremos quarta-feira.

BYZANCIO

esse admirável poema em prosa de Jean Lombard, é um livro no gênero de QUO VADIS? um livro onde a alma da multidão foi apanhada em flagrante, com todas as suas agitações, no embate violento de correntes contrárias.

Em

BYZANCIO

toda essa movimentação violenta é reproduzida em painéis multicoloridos e vastos, amplamente iluminados.

Todos os seus tipos são empolgantes, todas as suas situações prendem fatalmente a atenção do leitor.

Não raro o cenário tingem-se de vermelho, o sangue espadana pelas ruas agitadas no entrecostar das duas facções religiosas em luta para a conquista do Supremo Poder.

Eis em poucas palavras o que é

BYZANCIO

de cuja tradução foi encarregado Baptista Coelho e que tranquilizará os nossos leitores, quanto à sua fidelidade.

Certos de que o admirável poema em prosa do extraordinário marselhês agradará forçosamente, publicamos-o, já pela movimentação grandiosa, já pelo estilo bizarro e luminoso que fazem de

BYZANCIO

um conjunto admirável de tonalidades claras e violentas em contraste com amortecimentos de luz e desmaios voluptuosos de cores, numa cadência gradativa.

O anúncio também menciona que a tradução estava sendo feita por Baptista Coelho, um nome conhecido dos leitores do *Cidade do Rio*. Além disso, ressalta que o tradutor preservava a “fidelidade” de sua tradução, motivo pelo qual eles não deveriam se preocupar. Assim sendo, justificaram o que julgavam ser uma qualidade essencial de uma tradução: ser fiel ao texto

⁶²² Fonte: *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 83, 6 jan. 1902, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/12078>. Acesso em: 5 jul. 2022.

“original”, ou seja, manter o mesmo estilo, a mesma ideia, a mesma fluência, assim como se definia uma tradução considerada “boa”. Essa noção de “fidelidade”, vista como um atributo imprescindível a uma tradução, foi reforçada numa crítica à *Byzancio*, assinada por João Vario – um pseudônimo, talvez –, publicada na primeira página do jornal em que também saiu a primeira parte da história.

À TOA

Não foi pouco meu entusiasmo com a tradução de *Byzancio*. Sabia que esse livro de um estilo de estranhamente colorido e evocador de esplendores, de jogos, de lutas, de toda essa famosa vida oriental da época a mais vibrante e movimentada da História, viria me proporcionar ensejo de ler o folhetim de um normal.

Porque a verdade é que um nome, talvez pouco conhecido entre nós, mas nem por isso muito pouco universal, vinha substituir Montépin, Zaccane, Jorge Pradel e quejandos que fizeram dos nossos jornais, não sei por que deplorável engenho e arte, a causa mais indigna da letra redonda. Além disto, previa que nenhum esforço seria descuidado, pelo seu tradutor, no intuito de transplantar para nossa língua o requinte da forma, e o modo de dizer peculiares à originalíssima feição literária dessa obra.

Isto quer dizer ainda que não era somente o nome de Lombard que aguçava minha vontade de ler o folhetim, mas o fato de ver que essa tradução iria ser realmente feita com estilo e correção. Outra coisa não espero. E estou certo de que os leitores desta folha não terão motivo de queixa. Numa linguagem clara, nervosa e ardente hão de ver desfecharem esses quadros de uns descritivos a Rembrandt, e que constituem mesmo a nota mais intensa da forma de Lombard⁶²³.

Se acreditarmos no que escreveu, o autor do texto teve acesso à tradução – ou parte dela –, de forma que pode julgá-la “feita com estilo e correção”, mais uma vez reforçando que os leitores poderiam se tranquilizar, visto que encontrariam uma tradução fiel. Além disso, João Vario fez referência ao “valor literário” de *Byzancio*, que considerou ser romance digno de receber uma tradução, frente a outras obras literárias que eram feitas sem um “verdadeiro estudo histórico e literário”.

É preciso que àquelas pessoas arredadas das letras apresentem-se obras dignas pelo seu valor literário e profundidade. Só assim o jornal concorrerá, ainda, para a perfeição dos espíritos que odeiam. Ao mesmo tempo, fará desaparecer esses verdadeiros contos do vigário que enchem páginas e páginas de quanto romance de fancaria se tem traduzido entre nós. Os extraordinários assassinatos, emboscadas, roubos, furtos que são a grossa massa desses escrevinhadores de *cousas*, serão substituídos por um criterioso e verdadeiro

⁶²³ *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 87, 10 jan. 1902, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/12094>. Acesso em: 5 jul. 2022.

estudo histórico e literário, onde fatos e pessoas são desenvolvidos com precisão e eloquência admiráveis⁶²⁴.

Assim sendo, o plano de fundo histórico da obra é, mais uma vez, reforçado, como uma de suas principais qualidades, sob o julgamento de que uma obra literária deveria instruir e entreter. Dessa maneira, mesmo a violência poderia ser retratada, a julgar pelos conflitos que estão historicamente situados na narrativa de Jean Lombard, componente esse considerado estranho em romances sem qualidade literária. As outras obras “desses escrevinhadores de *cousas*”, que apareciam aos montes e compunham o grosso dos folhetins que estavam sendo traduzidos, deveriam dar lugar aos romances de valor literário e histórico, assim como foi classificado *Byzancio*.

Tal texto crítico, no qual se faz muitos elogios ao romance, ao mesmo tempo que condena muitos outros e, até mesmo, alguns escritores que teriam tornado a ficção no jornal “a causa mais indigna da letra redonda”, pode ser entendido como uma clara forma de divulgação da narrativa que estava sendo publicada no rodapé do *Cidade do Rio*. Assim sendo, ressaltar o que consideravam ser uma qualidade dessa tradução – a fidelidade – ajudava a compor o quadro de qualidades da obra e do trabalho de seu tradutor, Baptista Coelho.

José Baptista Coelho, conhecido também como João Phoca, nasceu em Santos, em 1º de janeiro de 1876, e faleceu no Rio de Janeiro, em 3 de julho de 1916. Fez os estudos preparatórios na cidade em que nasceu, e depois entrou na área do comércio, tendo sido caixeiro viajante. Contudo, rapidamente iniciou sua carreira no jornalismo, tendo trabalhado no *Diario de Santos*, para o qual produziu contos e crônicas humorísticas, sob o pseudônimo de Victor Brasil. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde primeiro trabalhou para *A Imprensa*, de Rui Barbosa, e depois para o *Cidade do Rio*. Após o fechamento dessa folha diária de José do Patrocínio, foi trabalhar para o *Jornal do Brasil*, no qual ficou muito conhecido com seu pseudônimo João Phoca. É autor de *Caipiras* e *Praieiros*, livros de contos nos quais se inspirou nos pobres das praias de sua cidade natal. Foi tradutor de peças teatrais francesas, tendo também sido autor de teatro. Por exemplo, sua peça *Não venhas!*, representada em 1904 no Theatro Apollo, é uma paródia de *Quo Vadis?*, o já mencionado romance de Henryk Sienkiewicz, traduzido por Guimarães Passos. Embora seja uma personalidade atualmente desconhecida, foi, em sua época, bem relacionado na imprensa e nas Letras. No seu velório, por exemplo, compareceram a escritora Julia Lopes de Almeida (1862-1934) e o poeta Filinto de Almeida

⁶²⁴ Idem, ibidem.

(1857-1945), membro da Academia Brasileira de Letras, entre outros redatores dos jornais cariocas⁶²⁵.

Por fim, depois de abordados os tradutores Guimarães Passos e Baptista Coelho, cujas traduções saíram à luz em 1901 e 1902, respectivamente, voltaremos a 1898 para apresentar brevemente o caso do romance-folhetim *Um drama da Regencia*, publicado no rodapé do *Cidade do Rio* entre 3 de novembro de 1898 e 9 de agosto de 1899, em 229 partes. Trata-se da tradução para o português de *Le bossu*, de Paul Féval, publicado em folhetim no *Le Siècle*, entre 7 de maio e 15 de agosto de 1857, e depois editado em livro. O texto foi retirado de uma tradução, publicada em 1864, feita pelo literato português Manuel Pinheiro Chagas – ou seja, é um reaproveitamento de um texto traduzido que já havia sido impresso em formato de livro.

Figura 38: Primeiras três colunas de *Um drama da regencia*, de Paul Féval, traduzido por Manuel Pinheiro Chagas⁶²⁶.



No anúncio dessa tradução, publicado em 3 de novembro, destacou-se o nome de seu tradutor, assim como no próprio folhetim, no qual foi creditado até o encerramento da obra no rodapé do *Cidade do Rio*. Pinheiro Chagas, referido como um “distinto escritor português”, foi certamente mencionado para chamar a atenção dos leitores a respeito da tradução que se

⁶²⁵ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 185, 4 jul. 1916, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/38323. Acesso em: 18 jul. 2022.

⁶²⁶ Fonte: *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 357, 3 nov. 1898, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/8827>. Acesso em: 18 jul. 2022.

publicava. O fato de o jornal ter reaproveitado uma obra já traduzida, cuja publicação ocorreu por quase um ano, leva-nos a imaginar que talvez não houvesse outra tradução pronta ou até mesmo escolhida para ocupar o espaço do folhetim. É também possível que se desejava publicar um romance-folhetim já conhecido, de um escritor que havia produzido mais de 70 obras para diversos jornais franceses – *Le Siècle*, *La Presse*, *Le Figaro*, *Le Constitutionnel*, entre outros. Os personagens históricos de *Le bossu* – entre eles, Filipe II, Duque d’Orleães, regente da França, e Pedro I da Rússia – poderia ser um atrativo aos leitores dessa história que se passou no início do século XVIII, na França.

Figura 39: Anúncio de *Um drama da Regencia*, de Paul Féval, traduzido por Manuel Pinheiro Chagas⁶²⁷.



Transcrição:

Um drama da Regencia

Tendo terminado há dias a publicação do *Crime de Rochetaille*, o interessante romance de X. de Montepin, que tanto agradou aos nossos leitores, procuramos um outro que pudesse vantajosamente suceder-lhe e encontramos

UM DRAMA DA REGENCIA
emocionante romance de Paul Féval,
traduzido pelo distinto escritor português
M. PINHEIRO CHAGAS.

UM DRAMA DA REGENCIA
é o que se pode chamar um romance de
sensação, em que uma longa série de
peripécias comoventes prende a atenção dos
leitores em cada página e estamos certos de
agradar dando-o em folhetim.

Na seção competente começamos a publicar
hoje o belo romance

UM DRAMA DA REGENCIA

Sabemos que Pinheiro Chagas foi escritor, político, jornalista e historiador de proeminência, e também tradutor. Traduziu, por exemplo, parte do segundo livro de *Dom*

⁶²⁷ Fonte: *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 357, 3 nov. 1898, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/8826>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Quixote de la Mancha, juntamente com António Feliciano de Castilho, Visconde de Castilho, e Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho (1809-1876), Visconde de Azevedo e Conde de Azevedo, apesar do nome de Pinheiro Chagas não ter sido creditado como tradutor, mesmo tendo escrito o prefácio. A obra em castelhano foi lançada em 1605, mas só depois de duzentos e setenta e um anos, em 1876, foi publicada uma tradução assinada em português⁶²⁸. Feitas por Pinheiro Chagas, há outras traduções, tais como alguns romances de escritores franceses, entre eles Alexandre Dumas, Octave Feuillet e Jules Sandeau, e obras como *A descoberta da terra*, de Jules Verne, e *A vida e as aventuras de Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe. Foi também tradutor de peças teatrais, dos gêneros comédia e drama⁶²⁹.

Assim sendo, ao se valer da importância de um eminente literato português, o jornal procurava destacar a qualidade do folhetim traduzido a ser publicado, aproveitando a tradução de uma obra conhecida, escrita por um romancista de realce. Além disso, salientamos o percurso da obra do jornal para o livro, e do livro para o jornal, para considerar que essas duas esferas de produção e difusão do impresso poderiam se relacionar de diferentes formas, afinal, não estavam desconectadas. Convém mencionar também que, mesmo no transcorrer do tempo e de todo o volume de produção de romances-folhetins, essa obra tenha sido julgada interessante para ser inserida no rodapé do *Cidade do Rio* e, assim, ter a oportunidade de ser novamente lida por um público que talvez não a conhecesse. Da mesma forma, conheceriam o trabalho de Manoel Pinheiro Chagas como tradutor, cuja produção literária havia encerrado há poucos anos.

Depois desses três casos de tradutores de obras do gênero folhetinesco, publicadas no rodapé do jornal de José do Patrocínio, observamos que o *Cidade do Rio* mencionava os tradutores de seus folhetins para ou valorizar a própria obra traduzida e destacar um escritor conhecido que havia feito a tradução, como no caso de *Um drama da regência*, romance traduzido por Pinheiro Chagas, ou para valorizar o próprio tradutor, como nos casos de Guimarães Passos, que traduziu *Quo Vadis?*, e de Baptista Coelho, que traduziu *Byzancio*, que eram figuras já conhecidas nesse jornal.

⁶²⁸ COBELO, Silvia. A tradução tardia do *Quixote* em Portugal. *TradTerm*, São Paulo, v. 16, p. 193-216, 2010. p. 201-202; COBELO, Silvia. Os tradutores de *Quixote* publicados no Brasil. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 1-36, jul. 2020. p. 7-8.

⁶²⁹ GANDRA, Jane Adriane. *Pinheiro Chagas, um escritor olvidado*. 2012. 206 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literatura em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Anexo, Quadro da produção literária de Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), p. 204-206.

2.5 Os tradutores dos romances-folhetins de sucesso no *Jornal do Commercio*

O *Jornal do Commercio*, que inaugurou a publicação de romances-folhetins na imprensa carioca, foi um espaço imprescindível para que as traduções das obras de sucesso chegassem às mãos dos leitores. Considerando as informações de que dispomos, abordaremos, nesta seção do Capítulo 2, os tradutores Justiniano José da Rocha e Antonio José Fernandes dos Reis, que traduziram alguns desses folhetins de muito êxito.

Justiniano José da Rocha, que publicou algumas traduções no início da publicação de romances-folhetins nesse jornal de Villeneuve, continuou atuando como tradutor, tendo vertido as obras *Os Mistérios de Paris*, publicada entre 1844 e 1845, *O Conde de Monte-Christo*, entre 1845 e 1846, e *Os Miseráveis*, entre 1862 e 1863. Iniciemos apresentando esse primeiro romance, escrito por Eugène Sue.

No *Jornal do Commercio*, a publicação de *Os Mistérios de Paris* ocorreu entre 1º de setembro de 1844 e 20 de janeiro de 1845. Trata-se da tradução de *Les Mystères de Paris*, que saiu à luz no *Journal des débats* entre 19 de junho de 1842 e 15 de outubro de 1843. Sucesso estrondoso quando saiu no rodapé, esse romance chocou os leitores, de certa forma, ao abordar os habitantes do submundo da capital francesa, com suas vidas miseráveis e sua perversidade. A partir dessa perspectiva de representação dos socialmente marginalizados, foram produzidos muitos romances que carregam, em seus títulos, os “mistérios”: *Les Mystères de Londres*, de Paul Féval, publicado entre 1843 e 1844 no *Le Courrier français*; *Mistérios de Lisboa*, do romancista português Camilo Castelo Branco, em 1854; *Les Mystères de Marseille*, de Émile Zola (1840-1902), em 1867; *Mysterio da Tijuca*, de Aluísio Azevedo, em 1882. São apenas alguns exemplos de obras que seguiram o fenômeno da “misteriomania” do romance de Eugène Sue, conforme analisou Marie-Ève Thérenty⁶³⁰, um “sucesso retumbante, de alcance internacional”, conforme constatou Marlyse Meyer⁶³¹.

Nelson Schapochnik explica que o êxito desse folhetim pode ser compreendido, entre outros motivos, pelo crescimento no número de exemplares do *Journal des débats*, que saltou de 3.600 para 25.000, tendo chegado a 40.000. A obra foi rapidamente editada em livro com ilustrações, enquanto as fatias da ficção no jornal ainda eram publicadas. Esse romance teve

⁶³⁰ THÉRENTY, Marie-Ève. Misteriomania: difusão e limites da globalização cultural no século XIX. *Escritos oito*: revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, ano 8, n. 8, p. 27-43, 2014.

⁶³¹ MEYER, Marlyse. Op. cit., 1996. p. 69.

muitas edições, cuja vendagem chegou à casa de 60.000 mil exemplares, e foi também objeto de contrafação belga, com ao menos três edições⁶³².

Hebe Cristina da Silva fez um levantamento da publicação desse romance no *Jornal do Commercio*, bem como dos anúncios de seus 10 volumes, que foram saindo à luz, a partir de 1º de outubro, à medida que a obra também saía primeiramente no rodapé do jornal. O sucesso no *bas de page* acompanhou o sucesso no formato do livro: o primeiro volume foi esgotado no início de novembro, o que levou à sua reimpressão, publicada precisamente, segundo anúncio no próprio jornal, às 10 horas do dia 20 do mesmo mês. Individualmente, os volumes eram vendidos a 1\$000 réis, ou todos juntos pelo preço de 8\$000 réis, conforme anúncio publicado em 3 de dezembro de 1845⁶³³. A publicação dos volumes da obra traduzida foi rapidamente completada, tendo alcançado os acervos dos gabinetes de leitura e das bibliotecas do Rio de Janeiro e das províncias brasileiras, conforme levantamento feito por Schapochnik⁶³⁴, o que evidencia seu sucesso no país inteiro.

Durante sua publicação, o sucesso da obra suscitou a oportunidade de os livreiros venderem a edição em francês, composta por 500 gravuras, pelo preço de 15\$000 réis, comercializada pela Livraria Belga-Franceza, e a edição em espanhol, também com gravuras, que estava à disposição dos subscritores em um estabelecimento na rua da Alfândega, n. 87. Tal romance de Eugène Sue ainda continuava a fazer sucesso, o que se justifica pelo anúncio de venda de uma edição, pela tipografia do *Jornal do Commercio*, veiculado em 1846, e por outro anúncio da quarta edição, divulgado em 1847. Uma adaptação para o teatro, encenada em maio e junho de 1850, com a direção de João Caetano dos Santos, é um indício da popularidade dessa obra, conforme considera Hebe Cristina de Souza⁶³⁵.

No jornal de Villeneuve, no final de algumas partes do romance-folhetim *Os Mistérios de Paris*, foi publicada a seguinte indicação: “Tradução de L.”. Apesar de tentar apresentar o tradutor com as iniciais, que pudessem indicar aos leitores um pseudônimo, sabemos que Justiniano José da Rocha foi o tradutor de tal obra.

⁶³² SCHAPOCHNIK, Nelson. Edição, recepção e mobilidade do romance *Les mystères de Paris* no Brasil oitocentista. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 26, n. 44, p. 591-617, jul./dez. 2010. p. 596.

⁶³³ SILVA, Hebe Cristina da. Op. cit., 2009. v. 1, p. 15-22.

⁶³⁴ SCHAPOCHNIK, Nelson. Op. cit., 2010. p. 610-612.

⁶³⁵ Idem, *ibidem*.

Figura 40: Primeira coluna da primeira parte de *Os Mysterios de Paris*, de Eugène Sue, traduzido por Justiniano José da Rocha⁶³⁶.

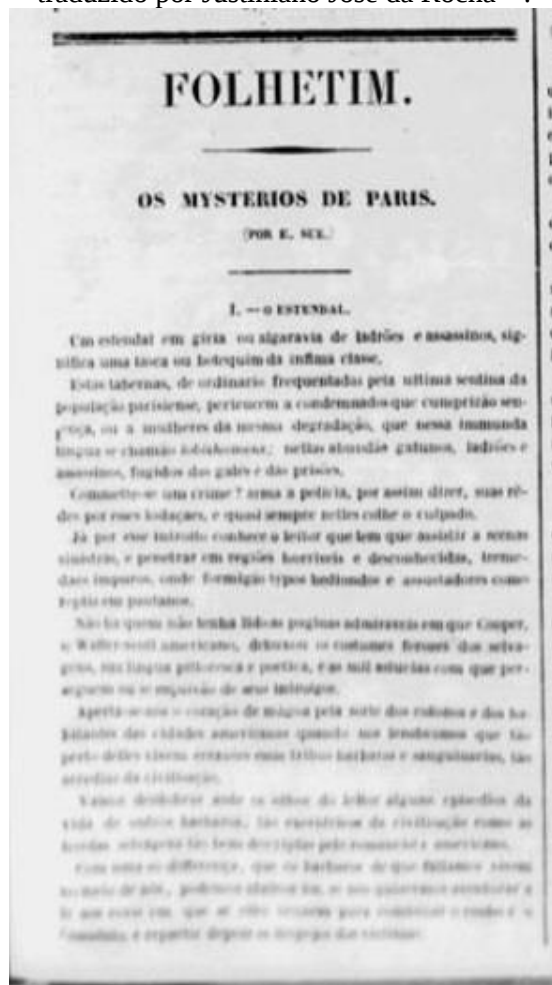
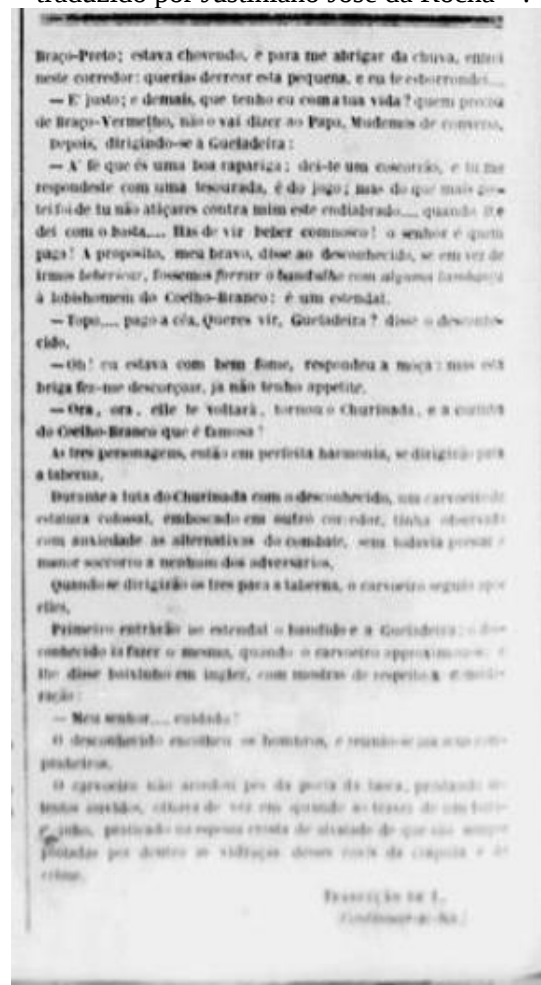


Figura 41: Última coluna da primeira parte de *Os Mysterios de Paris*, de Eugène Sue, traduzido por Justiniano José da Rocha⁶³⁷.



A respeito do tradutor e da tradução que foi publicada no *Jornal do Commercio*, convém lembrar do testemunho dado pelo também tradutor Salvador de Mendonça (1841-1913), um dos tradutores da editora de B. L. Garnier, para o qual traduziu 20 romances, entre os anos de 1872 e 1876, segundo pesquisa de Valéria Cristina Bezerra⁶³⁸. O admirador de Justiniano assim escreveu a seu respeito, em suas memórias publicadas em 1913:

A sua colaboração no “Jornal do Commercio”, iniciada em 1839, só terminou com a sua morte em 1862. Traduzia ainda para essa folha *Os Miseráveis* de Victor Hugo quando a morte o colheu. A tradução de sua lavra vai até o episódio da entrega dos castiçais de prata do Bispo Miriel a João Valjean. Daí por diante a tradução foi feita por Fernandes dos Reis, autor do livreto da

⁶³⁶ Fonte: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 231, 1 set. 1844, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/6713. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁶³⁷ Fonte *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 231, 1 set. 1844, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/6714. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁶³⁸ BEZERRA, Valéria Cristina. Op. cit., 2018. p. 87-92.

primeira ópera de Carlos Gomes *A noite do Castelo*. Com exceção de sua novela *O pária*, de mérito somenos, toda a sua obra literária propriamente dita limitou-se a traduções do francês. Mas que exuberância de produção!⁶³⁹.

O tradutor louva a produção de traduções de Justiniano, lembrando-se de detalhes preciosos da tradução de *Os Miseráveis*, que foi interrompida em razão de sua morte. Mais do que isso, testemunha um feito bastante surpreendente, lembrado nos estudos já produzidos a respeito da prática tradutória do romance-folhetim no Brasil do século XIX, a respeito do qual, sem menosprezar a capacidade de Justiniano, devemos conservar certa desconfiança:

Se o não tivesse eu visto a trabalhar, dificilmente acreditaria que dentro de um só mês pudesse encaixar a tradução de três volumes dos *Mistérios de Paris* ou de dois e meio do *Conde de Monte Cristo*. Mas vendo-o na sua comprida varanda a ditar sucessivamente a dois escreventes, colocados nos extremos do compartimento, ora do capítulo da mão esquerda, ora do capítulo da mão direita, com o só intervalo do passeio de uma à outra mesa, compreendi a vantagem do sistema, que já pus também em prática e recomendo aos que tiverem de ditar traduções com pressa⁶⁴⁰.

Salvador de Mendonça afirma que as traduções de três volumes de *Os Mistérios de Paris* e dois e meio de *O Conde de Monte Christo* foram produzidas simultaneamente por Rocha em apenas um mês, o que teria sido um feito extraordinário, se verdadeiro. Talvez haja um pouco de exagero nessa afirmação, tendo em vista que, no *Jornal do Commercio*, a publicação da tradução da primeira obra se encerrou em 20 de janeiro, e a segunda tradução só se iniciou em 15 de junho, havendo tempo para que Justiniano não precisasse traduzir às pressas, como teria feito, embora haja outras questões a se considerar, tais como a revisão da tradução, se chegou a ser feita, e, até mesmo, uma possível alternância estratégica com outros folhetins no jornal, antes de sair a próxima tradução de *O Conde de Monte-Christo*.

É preciso ressaltar que Salvador de Mendonça foi também tradutor de romances-folhetins, além de ter sido autor de “[...] uma produção bastante variada, que contempla artigos de teor político e cultural, poemas, peças de teatro, estudos históricos e biográficos, ensaios e um romance, intitulado *Marabá*”, segundo a pesquisadora Valéria Cristina Bezerra⁶⁴¹. Foi um incentivador da produção literária nacional, tendo defendido José de Alencar e sua produção

⁶³⁹ *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 109-198, dez. 1960, p. 117. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/393541/5395>. Acesso em: 12 jun. 2022. Artigo retirado de *O Imparcial*, 2 mar. 1913.

⁶⁴⁰ Idem, *ibidem*.

⁶⁴¹ BEZERRA, Valéria Cristina. *Entre o nacional e o estrangeiro: José de Alencar e a constituição da literatura brasileira em cenário internacional*. 2016. 238 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016. p. 54.

literária em seu jornal *A República*, no qual deu espaço a obras nacionais ou estrangeiras⁶⁴². Publicou, nessa folha, a tradução *O Batedor dos Matos ou Os faiscadores* e *O Mateiro ou os Bandeirantes*, entre janeiro e fevereiro de 1874. Em *O Globo*, publicou as seguintes traduções: em setembro de 1871, *Mademoiselle Cleopatra*: História parisiense, de Arsène Houssaye (1815-1896); em setembro de 1874, *A Pinta e Melro Branco*, de Alfred de Musset; em novembro, *Viscondessa Alice*, de Albéric Second (1817-1887); entre abril e maio de 1875, *O segredo de Javotte*, de Musset; em maio do mesmo ano, *Pedro e Camilla*, do mesmo escritor; e, entre maio e junho, *Mimi Pinson*, também de Musset. Essas e outras traduções, de livros de Victor Hugo, Théophile Gautier e Jules Verne, entre outros, foram editadas em livro por B. L. Garnier nos anos 1870⁶⁴³.

Apesar de não ter o seu nome creditado nos jornais, Salvador de Mendonça foi enfatizado como tradutor nos livros que traduziu, por vezes tendo recebido destaque maior até do que o próprio autor das obras. Essa visibilidade de seu nome também pode ser notada nos textos elogiosos publicados nos jornais cariocas, nos quais é mencionado como mais conhecido até do que os próprios escritores franceses cujas obras havia traduzido⁶⁴⁴.

Retomando o testemunho sobre Justiniano José da Rocha, notamos que Salvador de Mendonça relatou a habilidade de seu admirado tradutor, segundo o parâmetro da produtividade, o qual ele havia passado a considerar em sua prática tradutória, recomendando a outros tradutores que também o fizessem, para ganhar tempo, caso precisassem. De fato, ele próprio, para que fosse possível produzir suas traduções com celeridade, visto que encontrava nelas uma forma de sustento, mantinha um rígido controle escrito de suas produções traduzidas, em tabelas nas quais calculava o tempo gasto e o que poderia obter de ganho com elas⁶⁴⁵.

Para o admirador de Justiniano, sua rapidez era derivada de sua obstinação pela escrita, em todo e qualquer lugar, independentemente das perturbações a seu redor, das quais poderia se desvencilhar por completo enquanto trabalhava:

A sua facilidade de composição era quase miraculosa. Escrevia em todo e qualquer lugar a toda e qualquer hora do dia ou da noite, em casa, na Câmara dos Deputados, no teatro, sobre as costas de uma cadeira, sobre a perna, em um peitoril de janela, no silêncio do gabinete, na sua varanda, no meio do chilrear dos pássaros e das correrias e barulho das crianças. Dizia Otaviano que quando Justiniano acordava de manhã a primeira coisa que fazia era onde

⁶⁴² Idem, *ibidem*. p. 57-58.

⁶⁴³ Idem, *ibidem*. p. 65-66.

⁶⁴⁴ Idem, *ibidem*. p. 68.

⁶⁴⁵ Idem, *ibidem*. p. 62.

havia deixado a pena na véspera e não garantia que não escrevesse enquanto dormia⁶⁴⁶.

A pressa, se existiu, foi desnecessária, visto que houve uma interrupção momentânea de *O Conde de Monte-Christo*, que teve seu último número, em 1845, publicado em 12 de agosto, em razão do atraso da chegada do texto em francês ao Brasil. O jornal justificou a suspensão aos leitores na edição de 14 de agosto, dando-lhes o folhetim *Alameda das Viúvas*, que saiu entre 13 de agosto e 24 de setembro. A partir de 28 desse mês, a tradução do romance de Eugène Sue continuou até 28 de dezembro, quando uma nova interrupção aconteceu. *A Rainha Margarida*, um folhetim de Alexandre Dumas, ocupou o rodapé de 29 de dezembro de 1845 a 16 de março de 1846. *O Conde de Monte-Christo* finalmente retornou em 19 de março, para ser finalizado em 27 de abril.

Lúcia Granja estudou as interrupções desse romance no *Jornal do Commercio*. Ela relembra que os leitores franceses também precisaram esperar os muitos compromissos assumidos por Dumas na escrita de outros textos para ver a continuação da história e a obra completa publicada. A respeito da interrupção no jornal carioca, a pesquisadora considera, inclusive, que Villeneuve, seu proprietário, possa ter feito um acordo com B. L. Garnier, para que a tradução não fosse completamente publicada sem que os volumes faltantes chegassem à livraria desse livreiro francês⁶⁴⁷. Se considerar a afoiteza do tradutor Justiniano, a julgar pelo depoimento de seu admirador, essa é uma hipótese interessante a ser investigada.

Justiniano José da Rocha encerraria sua carreira de tradutor, por motivo de força maior, com a tradução de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Ela foi publicada no rodapé do *Jornal do Commercio* entre 10 de março e 16 de outubro de 1862. Contudo, como bem lembra a pesquisadora Ofir Bergemann de Aguiar, em sua tese de doutorado acerca dessa tradução, a obra apareceu na França apenas no formato de livro, com seus 10 volumes, publicados entre abril e junho de 1862, contrariando o desejo do escritor francês⁶⁴⁸, que havia escrito tal romance como um folhetim⁶⁴⁹.

No Rio de Janeiro da época, a obra *Os Miseráveis* fez sucesso. Por exemplo, resultou na publicação de *Os miseráveis verdadeiros*, de 1864, na revista *Cosmo Literário*. Trata-se uma “mediocre novela”, como constatou Aguiar, que parece não ter sido concluída⁶⁵⁰. No século

⁶⁴⁶ *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 109-198, dez. 1960, p. 117. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/393541/5395>. Acesso em: 12 jun. 2022. Artigo retirado de *O Imparcial*, 2 mar. 1913.

⁶⁴⁷ GRANJA, Lúcia. Op. cit., 2011. p. 153-157.

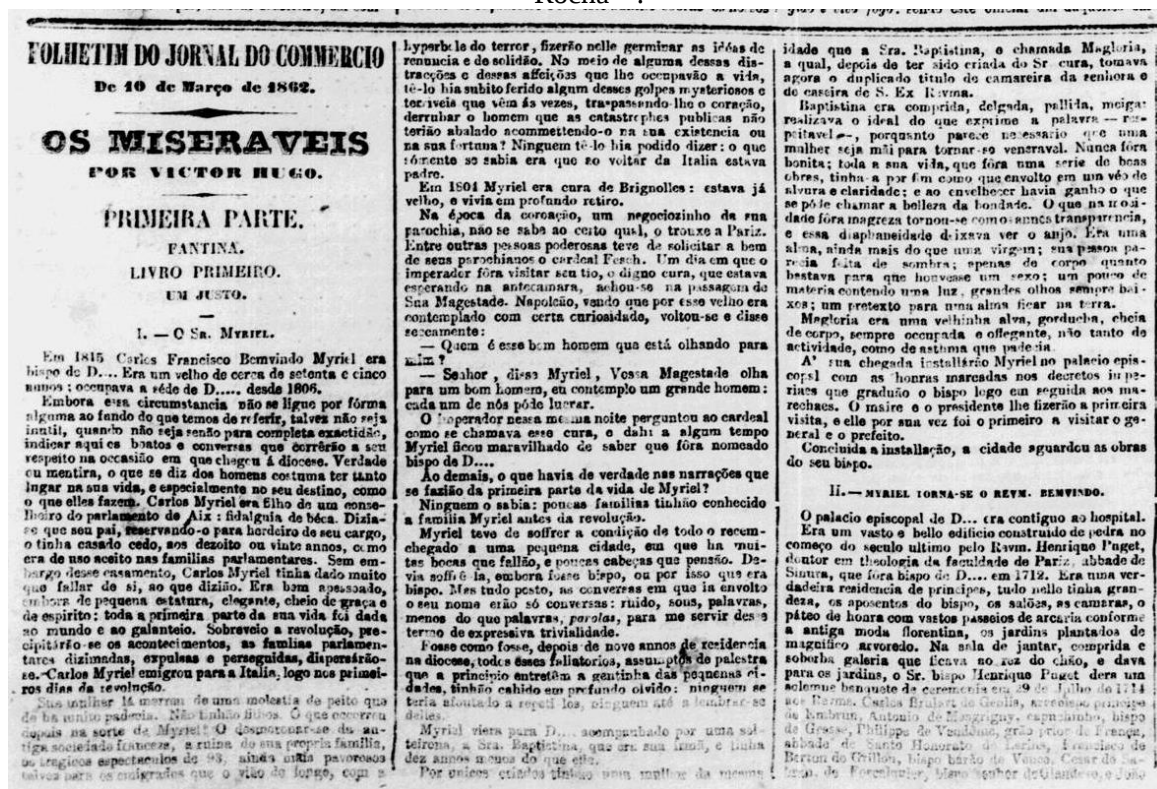
⁶⁴⁸ AGUIAR, Ofir Bergemann de. Op. cit., 1996. p. 91.

⁶⁴⁹ Idem, ibidem. p. 104.

⁶⁵⁰ Idem, ibidem. p. 116.

XX, foi continuamente adaptada para o cinema e para a televisão em várias produções, que continuaram no século XXI. Foi também objeto de adaptação para os espetáculos pelo mundo, a exemplo do *Les Misérables*, que estreou em 1980, com música de Claude-Michel Schönberg, e letras de Alain Boublil e Jean-Marc Natel, para o francês, e de Herbert Kretzmer, para o inglês.

Figura 42: Primeiras três colunas de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, traduzido por Justiniano José da Rocha⁶⁵¹.



No decurso da publicação da tradução da obra de Victor Hugo, como já mencionamos, Justiniano acabou falecendo, o que se deu em 10 de julho de 1862. Tendo Fernandes dos Reis já trabalhado como tradutor do *Correio da Tarde*, ele foi chamado a continuar a tradução de *Os Miseráveis*, e depois assumiria a tradução de alguns folhetins no *Jornal do Commercio*, entre 1861 e 1868.

Antonio José Fernandes dos Reis nasceu em 25 de março de 1830, no Rio de Janeiro. Foi professor do curso preparatório da Academia Militar. Fez parte da redação do jornal carioca *Correio da Tarde* — um jornal que iniciou suas atividades em 1855, tendo encerrado sua publicação em 1862⁶⁵² —, para a qual traduziu a maior parte dos romances-folhetins publicados

⁶⁵¹ Fonte: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 68, 10 mar. 1862, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/3402. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁶⁵² FONSECA, Gondim da. Op. cit., 1941. p. 324.

entre 1856 e 1861⁶⁵³. Entre eles, estão *Jornal da Senhora Giovanni*, de Alexandre Dumas, publicado entre 8 de abril e 19 de junho de 1856; *O homem de ferro*, de Paul Féval, que saiu à luz entre 24 de novembro de 1856 e 28 de janeiro de 1857; e *As proezas de Rocambole*, de Ponson du Terrail, publicado entre 17 de janeiro e 13 de agosto de 1861⁶⁵⁴.

É autor da ópera *A noite do castello*, de 1861; e do romance *Luiza e Roza*, incompleto no *Correio Mercantil*. Entre as obras não-literárias, traduziu *O poder da vontade*, de Samuel Smiles (1812-1904), feito a partir da tradução francesa de Talandière; *Physiologia do matrimonio*, de A. Debay (1802-1890), de 1873; *Historia da guerra do Paraguay*, de Nathanael Théodore Fix (1828-1913?), do mesmo ano; foi tradutor também de artigos políticos para o *Jornal do Commercio*, e redator da *Revista Fluminense*⁶⁵⁵. Suas traduções conhecidas, publicadas na folha de Villeneuve, são: *A rainha das tranqueiras*, que saiu à luz entre dezembro de 1864 e abril de 1865; *A ressurreição de Rocambole*, entre dezembro de 1866 e maio de 1867; *As últimas proezas de Rocambole*, entre maio e setembro de 1867; *A desapareição de Rocambole*, entre setembro e novembro de 1867; *O regresso de Rocambole*, entre dezembro de 1867 e fevereiro de 1868; *Misérias de Londres*, entre fevereiro e novembro de 1868; e *A mulher imortal*, entre novembro e dezembro de 1868, todas obras de Ponson du Terrail⁶⁵⁶.

A respeito dessa sequência de narrativas de *Rocambole*, que também fizeram grande sucesso na França, o jornalista Matías Molina afirma, sem citar a fonte de onde tirou tal informação, que o tradutor João Carlos de Souza Ferreira, redator-chefe do jornal, teria escrito alguns capítulos das *Proezas de Rocambole*, em razão do atraso do envio da obra da França, nos quais matou alguns personagens, que precisou ressuscitar quando o recebimento foi normalizado. Contudo, o grosso dos leitores não teria percebido tais alterações, porque a obra era repleta de situações inverossímeis⁶⁵⁷. Outras fontes indicam que foi Antonio José Fernandes dos Reis, e não Souza Ferreira, o tradutor dessas narrativas de Ponson du Terrail⁶⁵⁸.

João Carlos de Souza Ferreira, nascido no Rio de Janeiro, em 15 de junho de 1831, cursou o primeiro ano da Academia de Direito de São Paulo, tendo deixado os estudos para ser funcionário público no Tesouro Nacional, e depois na Secretaria da Fazenda. Demitiu-se para trabalhar na imprensa, inicialmente para o *Diario do Rio de Janeiro*, no qual publicou o “Livro dos domingos: folhetins semanaes”, em 1855. Posteriormente, trabalhou para o *Correio*

⁶⁵³ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 215-216.

⁶⁵⁴ AGUIAR, Ofir Bergemann de. Op. cit., 1996. p. 85.

⁶⁵⁵ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 215-216.

⁶⁵⁶ AGUIAR, Ofir Bergemann de. Op. cit., 1996. p. 85.

⁶⁵⁷ MOLINA, Matías Martínez. Op. cit., 2015. v. 1, p. 248.

⁶⁵⁸ AGUIAR, Ofir Bergemann de. Op. cit., 1996. p. 85.

Mercantil e para o *Jornal do Commercio*⁶⁵⁹. Reconhecido por seu trabalho na folha de Villeneuve, especialmente em razão das revistas anuais desse jornal, foi aceito como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1889⁶⁶⁰.

Esse caso de tradução, que merece ser investigado a fundo, aponta para uma necessidade dos jornais em não desagradar seus leitores, ávidos pelos folhetins estrangeiros, com uma interrupção, além da própria estratégia do jornal, que não poderia perder uma história tão atrativa, mesmo que, para isso, fosse preciso ser continuada pelos tradutores ou redatores e, se for o caso, remendada posteriormente.

Houve um caso, inclusive, muito famoso, que explora ainda mais o sucesso dos folhetins: trata-se de *A mão do finado*, romance publicado no *Diario do Rio de Janeiro*, em 1853, divulgado como se fosse a continuação de *O Conde de Monte-Christo*, de Alexandre Dumas, que havia sido publicada no *Jornal do Commercio*. Na verdade, essa obra, que foi atribuída posteriormente ao português Alfredo Possolo Hogan (1830-1865), não pertencia ao quadro de romances de Dumas. Esse escritor francês, ao saber o que estava acontecendo, enviou uma carta ao jornal de Villeneuve, dizendo que não reconhecia essa obra e pedindo que fosse desmentido como seu autor, o que não foi atendido. Paulo Motta Oliveira interpreta esse caso como uma forma de facilitação da venda do livro, tendo em vista o vínculo estabelecido com uma obra de sucesso, de um escritor muito conhecido⁶⁶¹.

Voltando ao caso de *Os Miseráveis*, por fim, gostaríamos de trazer as considerações de Ofir de Aguiar a respeito da tradução. É preciso ter em conta, primeiramente, que houve uma mudança de suporte – do livro para o jornal –, o que teria tornado a tradução mais próxima à cultura receptora. O fato de o *Jornal do Commercio* ter firmado um contrato com o editor de Victor Hugo para a publicação dessa obra no Brasil é um caso excepcional, mas que depois também seria para o romance *Os trabalhadores do mar*, traduzido por Machado de Assis e publicado no *Diario do Rio de Janeiro*, em 1866. Considerando os capítulos, o texto foi traduzido integralmente, com exceção do prefácio, que não foi publicado. No que concerne às diferenças entre o “original” e sua tradução, houve algumas modificações de pontuação, de paragrafação, algumas mudanças sintáticas; as gírias, presentes em um capítulo, não foram

⁶⁵⁹ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1895. v. 3, p. 391-392.

⁶⁶⁰ *Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo LII, parte II, 1889, p. 544. 22ª Sessão Ordinária em 6 de dezembro de 1889, Ordem do dia. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=JPY6DO9XSVAC>. Aceso em: 15 maio 2022.

⁶⁶¹ OLIVEIRA, Paulo Motta. *Um sucesso quase mundial: a mão do finado ou as metamorfoses de um conde. Veredas*: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 13, p. 7-23, 1 jun. 2010. p. 10.

traduzidas; o registro do texto de chegada é elevado, ou seja, mesmo nas falas das personagens, as marcas de oralidade quase não existem⁶⁶².

2.6 Os tradutores de romances-folhetins do *Correio Mercantil*

O *Correio Mercantil*, importante jornal do Rio de Janeiro, foi publicado entre 2 de janeiro de 1848 e 15 de novembro de 1868. Fundado por Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto (1800-1885), a direção do jornal ficou a cargo de Francisco Octaviano de Almeida Rosa, genro de Muniz Barreto, que se formou em Direito e havia trabalhado anteriormente como jornalista em *Sentinela da Monarquia*, *Gazeta Oficial do Império do Brasil* e *Jornal do Commercio*. Além de Manuel Antonio de Almeida, autor de *Memórias de um sargento de milícias*, que foi publicado nas colunas do *Correio Mercantil*, Francisco Octaviano atraiu para o jornal nomes como José de Alencar, que nele publicou suas crônicas nas edições dominicais, nas quais relatava os acontecimentos da semana; tais textos depois fariam parte da obra *Ao Correr da Pena*, de 1874⁶⁶³. Francisco Octaviano, que foi poeta, traduziu versos de Lord Byron, William Shakespeare (1564-1616), Victor Hugo, Alexandre Dumas, entre outros, e recebeu elogios por suas traduções, nas quais exprimia sua liberdade como tradutor⁶⁶⁴.

No rodapé do *Correio Mercantil*, foram publicadas muitas traduções de romances-folhetins, escritos por escritores franceses de sucesso, tais como Eugène Sue, Frédéric Soulié, George Sand, Dumas, Paul Féval, Xavier de Montépin, Ponson du Terrail, entre outros. O “Folhetim” desse jornal também recebeu obras de escritores brasileiros, como *Os dois amores*, de Joaquim Manuel de Macedo, *A providência, recordações dos tempos coloniais*, de Teixeira e Sousa, além do romance de Manuel Antonio de Almeida, já mencionado. Assim sendo, gostaríamos de destacar os casos das traduções realizadas pelos tradutores Jacinto Augusto de Sant’Anna e Vasconcellos, João Cardoso de Menezes e Souza, Augusto Emilio Zaluar e Manuel Antonio de Almeida, as quais sabemos terem sido feitas por esses tradutores.

O político, diplomata, jornalista, poeta, escritor e tradutor Jacinto Augusto de Sant’Anna e Vasconcellos Moniz de Bettencourt nasceu em Funchal, na Madeira, Portugal, em 1824, e emigrou para o Brasil ainda jovem. Retornou ao seu país por volta de 1850⁶⁶⁵, possivelmente

⁶⁶² AGUIAR, Ofir Bergemann de. Op. cit., 1996. p. 222-228.

⁶⁶³ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., 1999. p. 192-193.

⁶⁶⁴ SALGADO, Marcus Rogério. Três tradutores de poesia no Brasil do século XIX. *Elyra: Revista da Rede Internacional LyraCompoetics*, v. 1, n. 9, p. 217-242, jun. 2017. p. 233-238.

⁶⁶⁵ FERREIRA, Alberto. *Bom senso e bom gosto: Questão Coimbrã: textos integrais da polémica. Recolha, notas, índices e bibliografia de Maria José Marinho*. Lisboa: Portugalia, 1866. (Coleção Portugalia; v. IV). p. 361-362.

com o objetivo de frequentar, na Universidade de Coimbra, o curso de Matemática, o qual provavelmente abandonou em 1851, em razão das conturbações políticas. Foi Secretário dos Governos Civis de Faial e Aveiro, e também deputado em algumas legislaturas⁶⁶⁶. Destacou-se no círculo político e literário de Portugal, mantendo amizades com literatos importantes. Foi também primeiro oficial do Ministério da Fazenda português. Em julho de 1875, tornou-se 2º Visconde das Nogueiras, título que recebeu de seu pai, Jacinto de Sant'Ana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt (1801-1888). Sua mãe, Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt (1805-1888), Viscondessa das Nogueiras, foi poeta e tradutora⁶⁶⁷, atividades que ele também realizou. Foi moço fidalgo da Casa Real e comendador da Ordem de Christo. Aventurou-se na diplomacia em 1872, nomeado como cônsul do Perú⁶⁶⁸. Em 1875, retornou a Portugal e, em 1876, passou para a classe diplomática, tendo sido nomeado ministro plenipotenciário de Portugal nos Estados Unidos da América, em Washington, aonde foi em 1877⁶⁶⁹, e onde faleceu, em 1887⁶⁷⁰.

No Brasil, ainda jovem, atuou como tradutor, tendo vertido *Os Talismas*: novella traduzida do francez, publicada em livro, no Rio de Janeiro, em 1848⁶⁷¹. Para o folhetim do *Correio Mercantil*, traduziu as narrativas *Louis de Glenvenez*, de Eugène de Lachaux, publicado entre 15 e 28 de novembro de 1848, e *Stello ou os diabos azues*, de Alfred de Vigny (1797-1863), publicado entre 5 de dezembro de 1848 e 8 de fevereiro de 1849. *Louis de Glenvenez* é a tradução de uma narrativa homônima, publicada nas colunas de *L'Illustration*, de Paris, de 25 de janeiro e 8 de fevereiro de 1843; *Stello ou os diabos azues*, por sua vez, é a tradução de *Stello ou les diables bleus*, publicado em livro em 1832, em Paris. Em ambas as traduções, seu nome foi creditado como tradutor, mas talvez tenha traduzido as narrativas publicadas antes ou depois dessas duas.

Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=VlcNAQAIAAJ>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁶⁶⁶ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., 1859. v. 3, p. 237.

⁶⁶⁷ ANDRADE, Adriano da Guerra. *Dicionário de pseudônimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. p. 310.

⁶⁶⁸ *Diário Illustrado*, Lisboa, n. 5333, 13 fev. 1888, p. 1. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, Portugal. Disponível em: https://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1888-02-13/j-1244-g_1888-02-13_item2/j-1244-g_1888-02-13_PDF/j-1244-g_1888-02-13_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1888-02-13_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁶⁶⁹ Idem, ibidem.

⁶⁷⁰ FERREIRA, Alberto. Op. cit., 1866. p. 362.

⁶⁷¹ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., 1859. v. 3, p. 237.

Figura 43: Primeiras três colunas de *Stello ou os diabos azues*, de Alfred de Vigny, traduzido por Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos⁶⁷².

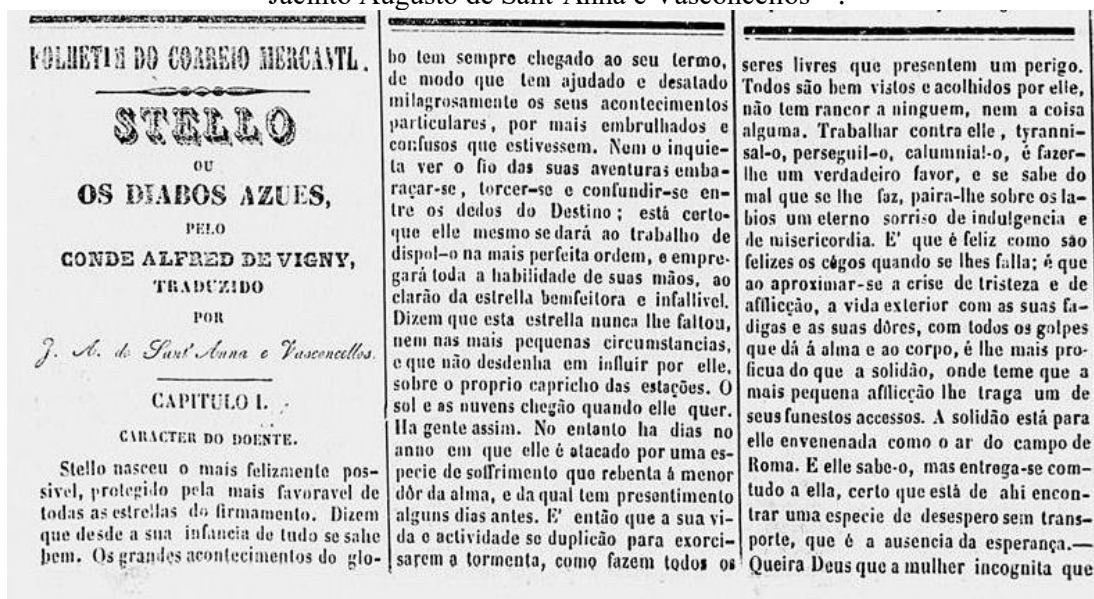
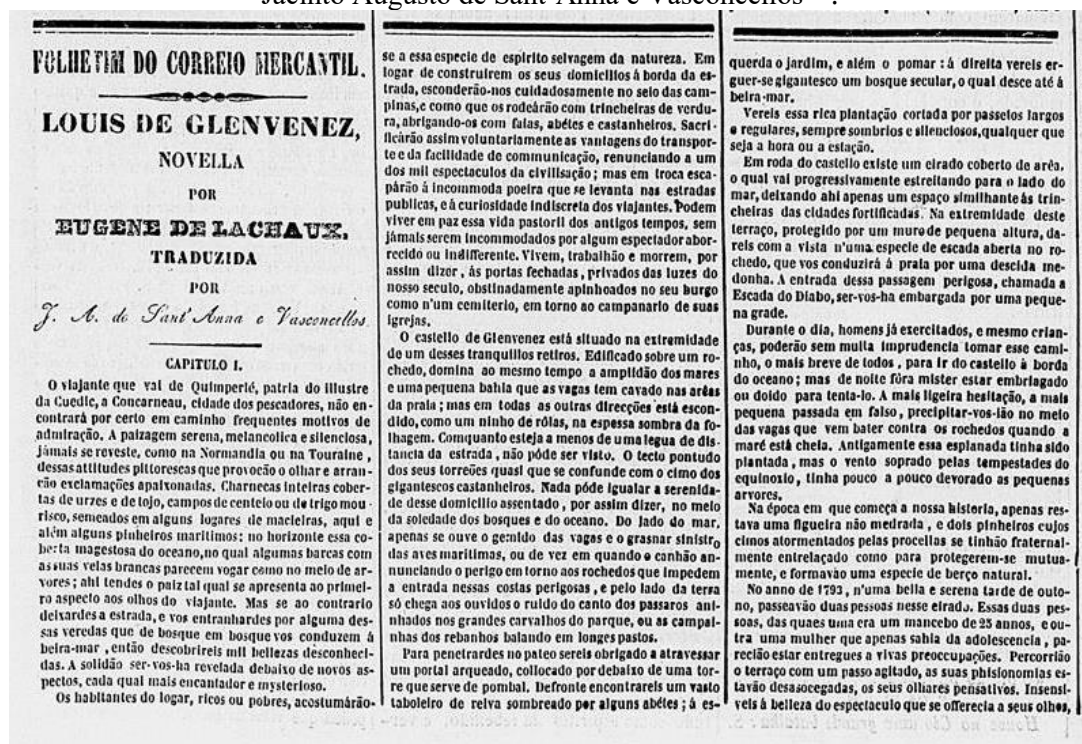


Figura 44: Primeiras três colunas de *Louis de Glenvenez*, de Eugène de Lachaux, traduzido por Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos⁶⁷³.



⁶⁷² Fonte: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 331, 4 dez. 1848, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1358>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁶⁷³ Fonte: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 312, 15 nov. 1848, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/1282>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Da autoria de Sant'Anna e Vasconcellos, aparentemente, foram publicadas, no *Correio Mercantil*, no espaço do folhetim, as narrativas “Legenda da véspera dos finados” e “Legenda do dia de finados”, no rodapé de três páginas da edição de 2 de novembro de 1848⁶⁷⁴; o romance – espécie de poema cantado – *D. Dulce*, em 17 de dezembro do mesmo ano⁶⁷⁵; e o poema “Mucio Scoevola” – uma referência ao herói romano Caio Múcio Cévola –, em 21 de agosto de 1849⁶⁷⁶.

Em Portugal, Sant'Anna e Vasconcellos foi colaborador do periódico *A Semana de Lisboa*: suplemento do *Jornal do Commercio*, publicado entre 1893 e 1895, entre outras folhas públicas. Foi um dos fundadores do jornal *O Portuguez*, de conteúdo político. Como poeta, publicou *Patria e Amor*, em 1850, em Lisboa, obra poética que foi bem recebida na imprensa⁶⁷⁷. Além disso, na *Lísia Poética* – obra organizada pelo editor português José Ferreira Monteiro, residente no Brasil, em que reuniu a produção poética de seus conterrâneos – em seu 2º volume, publicado em 1848, no Rio de Janeiro, foram publicadas sete de suas produções⁶⁷⁸.

O tradutor, poeta, jornalista, professor, advogado e político brasileiro João Cardoso de Menezes e Souza nasceu em Santos, em 25 de abril de 1827, e faleceu no Rio de Janeiro, em 2 de fevereiro de 1915. Com 16 anos, entrou para a Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo. Foi professor de História e Geografia na cidade de Taubaté, no interior do estado de São Paulo. Exerceu também a advocacia, até 1857, no Rio de Janeiro; assumiu cargos no governo na Corte e em algumas províncias, além de ter sido deputado entre 1873 e 1876, representando Goiás. Amigo de José de Alencar, foi um dos primeiros leitores de *Iracema*, tendo se recusado a participar da polêmica sobre *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, quando foi solicitado por D. Pedro II, de quem havia se aproximado, a escrever contra seu amigo, que fazia, sob o pseudônimo “Ig.”, severas críticas ao autor desse poema

⁶⁷⁴ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 299, 2 nov. 1848, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1230>. Acesso em: 17 jun. 2022; *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 299, 2 nov. 1848, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1231>. Acesso em: 17 jun. 2022; *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 299, 2 nov. 1848, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1232>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁶⁷⁵ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 342, 17 dez. 1848, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1402>. Acesso em: 17 jun. 2022; *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 342, 17 dez. 1848, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1403>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁶⁷⁶ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 228, 21 ago. 1849, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/2368>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁶⁷⁷ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., 1859. v. 3, p. 237.

⁶⁷⁸ MONTEIRO, José Ferreira (org.). *Lísia poetica ou collecção de poesias modernas de auctores portuguezes*. Rio de Janeiro, 1848. v. 2, Índice, p. IV. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=WRsBAAAAMAAJ>. Acesso em: 17 jun. 2022.

épico. O Imperador lhe concedeu, em 1883, o título de Barão de Paranapiacaba. Foi dignitário da Ordem da Rosa e presidente do Conservatório Dramático Brasileiro⁶⁷⁹.

Sua produção escrita própria, que iniciou quando era estudante, resultou em várias obras publicadas, a exemplo da primeira delas, a coleção de poesias *Harpa gemedora*, de 1849, além de textos sobre o Cristianismo, relatórios de administração pública, artigos e poemas diversos em jornais e revistas, nos quais também saíram à luz algumas de suas traduções desses gêneros literários⁶⁸⁰. Entre elas, poemas traduzidos de Lamartine, tais como a obra poética *Jocelyn*, cuja tradução foi publicada em 1875, além de outras poemas desse poeta francês, traduzidos e impressos no *Tribuna Catholica*⁶⁸¹.

No âmbito da literatura clássica, traduziu *A marmita (Aulularia)*, de Tito Mácio Plauto (cerca de 230 a.C.-180 a.C.), publicada em 1888, bem como *Alceste*, de Eurípedes, em 1908, e *Antígona*, de Sófocles (497 a.C.-406 a. C.), em 1909. Traduziu também *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, incentivado por D. Pedro II, como mencionamos no primeiro capítulo deste trabalho⁶⁸². Ricardo Neves dos Santos explica que foram publicadas duas versões poéticas dessa obra em 1907: uma com rimas e variações na forma métrica e outra em que os decassílabos soltos predominam, sem uso das rimas⁶⁸³.

De acordo com Ana Cristina Bezerril Cardoso, João Cardoso de Menezes e Souza é considerado o primeiro tradutor de todas as fábulas do francês Jean de La Fontaine (1621-1695) no Brasil. Os volumes das fábulas, que ele traduziu em verso, foram publicados entre 1883 e 1887 – o primeiro volume teve uma segunda edição em 1886⁶⁸⁴. Foi muito criticado por Sílvio Romero, que desacreditou seu lugar de literato prestigiado e considerou seu estilo ultrapassado, além de ter julgado sua tradução por não ter mantido a “poesia” do original e pelo grande número de notas⁶⁸⁵. Nessa época, sua proximidade com o Imperador era grande, naturalmente, visto que ambos tinham o hábito de ler, quase todas as tardes, às 17h, no Paço de São Cristóvão, sua tradução das fábulas, ainda em manuscritos – ou seja, essa obra não havia sido publicada. Na biblioteca do Paço, a sós, ambos liam a tradução e acompanhavam o original em francês, até que outros afazeres do monarca interrompessem a leitura⁶⁸⁶.

⁶⁷⁹ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1895. v. 3, p. 385.

⁶⁸⁰ Idem, ibidem. v. 3, p. 385-387.

⁶⁸¹ ABRANTES, Camilo. *Barão de Paranapiacaba: vida e obra*. Santos: A Tribuna de Santos, 1978. p. 199-200.

⁶⁸² SANTOS, Ricardo Neves dos. Op. cit., 2020. p. 15.

⁶⁸³ Idem, ibidem. p. 15-17.

⁶⁸⁴ CARDOSO, Ana Cristina Bezerril. *La Fontaine no Brasil: história, descrição e análise paratextual de suas traduções*. 2015. 116 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. p. 91.

⁶⁸⁵ Idem, ibidem. p. 87-90.

⁶⁸⁶ ABRANTES, Camilo. Op. cit., 1978. p. 128.

João Cardoso de Menezes e Souza traduziu o romance *A Derradeira Aldini*, de George Sand, publicado no *Correio Mercantil* entre 25 de novembro de 1853 e 11 de janeiro de 1854. O romance original, *La dernière Aldini*, foi publicado entre dezembro de 1837 e janeiro de 1838, na *Revue des deux Mondes*. A obra foi impressa em livro em 1838, em Bruxelas, pela Société Typographique Belge⁶⁸⁷. Foi, posteriormente, inserida em volumes das obras completas dessa autora, por editoras belgas e francesas, por exemplo, pela Garnier Frères, de Paris, em 1847, em suas *Œuvres de George Sand*, que teriam sido revistas pela própria escritora⁶⁸⁸. Assim sendo, as muitas edições dos livros dessa escritora francesa evidenciam o sucesso de sua produção literária no século XIX.

Figura 45: Primeiras três colunas de *A Derradeira Aldini*, de George Sand, traduzido por Cardoso de Menezes⁶⁸⁹.



⁶⁸⁷ SAND, George. *La dernière Aldini*. Bruxelles: A. Wahlen, 1838. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1510269b>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁶⁸⁸ SAND, George. *La dernière Aldini*. p. 1-213. In: SAND, George. *Œuvres de George Sand: nouvelle édition revue par l'auteur et accompagnée de morceaux inédits*. Paris: Garnier Frères, 1847. v. 8. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6524076b>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁶⁸⁹ Fonte: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 326, 25 nov. 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/8288>. Acesso em: 17 jun. 2022.

O nome do tradutor foi creditado em algumas de suas partes do romance-folhetim, o que não era muito comum no *Correio Mercantil*, bem como em outros jornais, como explicamos. Ele era figura conhecida dessa folha do Rio de Janeiro, no qual trabalhou durante muito tempo como colaborador, segundo informação de Sacramento Blake⁶⁹⁰. Assim sendo, talvez tenha traduzido romances-folhetins publicados antes e depois dessa obra de George Sand, conciliando o trabalho de tradutor com a profissão de advogado.

Na mesma época em que *A Derradeira Aldini* foi publicada, saiu à luz, na rubrica “Pacotilha”, nas colunas do *Correio Mercantil*, o romance *Memórias de um sargento de milícias*, entre 27 de junho de 1852 e 31 de julho 1853⁶⁹¹. Apesar de essa obra ter saído anonimamente, sabe-se que seu autor é Manuel Antonio de Almeida, que era colaborador desse jornal. O anonimato foi mantido na publicação em livro, realizada entre 1854 e 1855, ainda que se tenha impresso a designação “um brasileiro”⁶⁹².

Dessa forma, se compararmos essas duas publicações, podemos perceber diferenças de tratamento entre elas. Apesar de terem sido escritas ou traduzidas – a depender de cada caso – por colaboradores do jornal, elas foram publicadas em lugares distintos: a obra *A Derradeira Aldini* foi inserida no rodapé do *Correio Mercantil*, na rubrica “Folhetim” – espaço que já havia recebido, nesse jornal, obras de Balzac, Frédéric Soulié e Eugène Sue, e depois viria a receber romances de Alexandre Dumas e Xavier de Montépin, por exemplo –, possivelmente em razão de ser um romance de George Sand, uma escritora francesa reconhecida, enquanto *Memórias de um sargento de milícias*, de um autor anônimo, saiu nas colunas da “Pacotilha”. Ademais, enquanto Cardoso de Menezes foi creditado como tradutor, o nome de Manuel Antonio de Almeida não apareceu como autor de sua obra, seja no jornal, seja no livro.

Possivelmente o futuro Barão de Paranapiacaba já era uma figura conhecida nos círculos literários, já que foi mencionado como tradutor. Corrobora com isso o fato de ter sido, de alguma forma, bem visto pelo Imperador do Brasil, a exemplo do que aconteceu poucos anos depois, conforme já mencionamos, quando foi chamado, pelo próprio D. Pedro II, como um “general triunfante”⁶⁹³, segundo julgou o monarca, para defender o poeta Gonçalves de Magalhães dos ataques de José de Alencar na polêmica sobre *A Confederação dos Tamoios*.

⁶⁹⁰ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1895. v. 3, p. 385

⁶⁹¹ SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. *Memórias de um sargento de milícias no Correio Mercantil. Floema, Vitória da Conquista*, ano VI, n. 9, p. 217-247, jan./jun. 2011. p. 217-220.

⁶⁹² Idem, ibidem. p. 230.

⁶⁹³ ABRANTES, Camilo. Op. cit., 1978. p. 86.

Cardoso de Menezes recusou-se a participar da discussão, pois era amigo do redator-chefe do *Diario do Rio de Janeiro*⁶⁹⁴.

Anos depois, entre 1854 e 1855, foi publicado um romance-folhetim que chamou nossa atenção. Trata-se da tradução da famosa obra *Os Mohicanos de Paris*, de Alexandre Dumas, feita por Augusto Emilio Zaluar. Embora seu tradutor, como de costume, não tenha seu nome creditado no jornal, há registros bibliográficos que indicam ser sua essa tradução, a exemplo do *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Sacramento Blake, em seu primeiro volume.

O jornalista, tradutor, escritor e poeta Augusto Emilio Zaluar foi filho do major José Dias de Oliveira Zaluar. Nasceu em Lisboa, em 14 de fevereiro de 1826, e faleceu em 3 de abril de 1882, no Rio de Janeiro. Em Portugal, trabalhou no jornal *A Época* e em outras folhas de imprensa, ofício que continuou em solo brasileiro. Chegou ao Brasil em 3 de janeiro de 1850 e se naturalizou em 1856⁶⁹⁵. Depois de naturalizado, foi nomeado amanuense da Secretaria da Justiça; saiu do emprego e viajou pelas províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo. Retornou à Corte e serviu como examinador da instrução pública, tendo criado uma escola normal em 1881, e se tornado lente de Pedagogia⁶⁹⁶.

Como poeta, publicou, em Lisboa, *Poesias*, em 1846, e *A Cruz do valle*, em 1848; no Brasil, publicou *Dores e flores*, em 1851, *Uruguayana*, em 1865; e, em Paris, *Revelações*, em 1862. Escreveu as narrativas *O Doutor Benignus*, de 1875, e *Segredos da noite*, ambos romances, bem como *Contos da roça*, de 1868. Foi autor ainda de obras didáticas, como *Lições das cousas inanimadas e animadas*, de 1876, *Extractos clássicos de sete autores escolhidos*, do mesmo ano, *Primeiro livro da infância* e *Primeiro livro da adolescencia*, de 1880, e *Noções elementares de geografia*, também do mesmo ano, entre outras obras. Além disso, na imprensa, escreveu para o *Diario do Rio de Janeiro* e para o *Correio Mercantil*, tendo também redigido para pequenas folhas, tais como *O Parahyba*, de Petrópolis, *A Civilização*, de Santos, *O Municipio*, de Vassouras, no estado do Rio de Janeiro, e *O Vulgarizador*, publicado na Corte⁶⁹⁷.

Como tradutor, Zaluar verteu a obra *Os Sabios ilustres*: Cristóvão Colombo, biografia de autoria do francês de Louis Figuier (1819-1894), publicada em 1869; *O bicho da seda e a amoreira*, em 1875, obra de V. L. Baril, o Conde de la Hure; e *Compendio de um curso completo de filosofia elementar*, de 1877, tradução feita a partir da 5ª edição da obra em francês de autoria de Augustin Pellissier (1819-1894)⁶⁹⁸. Além disso, traduziu peças teatrais, tais como *Le Demi-*

⁶⁹⁴ Idem, ibidem. p. 85-86.

⁶⁹⁵ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., 1867. v. 8, primeiro suplemento, A-B, p. 336.

⁶⁹⁶ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 351.

⁶⁹⁷ Idem, ibidem. v. 1, p. 351-353.

⁶⁹⁸ Idem, ibidem. v. 1, p. 351-353.

Monde, Dumas, filho, *A Redempção*, de Octave Feuillet, *As garatujas*, comédia de Victorien Sardou, e *Theresa, ou Anjo ou Demonio*, uma comédia⁶⁹⁹. Embora tenha traduzido essas obras e algumas outras, sobre as quais há poucas informações, gostaríamos de destacar o caso de sua tradução *Os Mohicanos de Paris*, um romance-folhetim de Alexandre Dumas.

Zaluar veria o início de sua tradução ser publicada em 25 de novembro de 1854, no *Correio Mercantil*, contudo sem crédito a seu nome. Segundo informações recolhidas por Alexandre Paixão, o romance em francês, *Les Mohicans de Paris*, havia surgido no *Le Mousquetaire* – jornal que o próprio escritor manteve entre 1853 e 1857 – em 25 de maio de 1854 – apenas seis meses separam o início de publicação do texto fonte e do texto de chegada⁷⁰⁰. O próprio jornal francês estampava, como uma nota do folhetim, o seguinte aviso: “La reproduction et la traduction sont interdites”⁷⁰¹, instrução que foi ignorada pelo jornal brasileiro.

Figura 46: Primeiras três colunas de *Os Mohicanos de Paris*, de Alexandre Dumas, traduzido por Augusto Emilio Zaluar⁷⁰².



⁶⁹⁹ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., 1867. v. 8, primeiro suplemento, A-B, p. 338.

⁷⁰⁰ PAIXÃO, Alexandre Henrique. Op. cit., 2012. p. 39.

⁷⁰¹ *Le Mousquetaire*, Paris, n. 184, 25 maio 1854, p. 1. Acervo do projeto Édition des journaux d'Alexandre Dumas, École normale supérieure de Lyon, Lyon, França. Disponível em: https://alexandredumas.org/Documents/Dumas/Le_Mousquetaire/Le_Mousquetaire_1854-05-25_num_184.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷⁰² Fonte: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 324, 25 nov. 1854, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/9717>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Na primeira coluna da primeira folha do *Correio Mercantil*, em que saiu também esse folhetim, foi inserida a tradução de um texto de apresentação, retirado do jornal francês *La Presse*, em sua edição de 16 de setembro, conforme indica o próprio texto. O artigo, além de anunciar a obra, informa aos leitores o que poderão encontrar no romance.

CORREIO MERCANTIL

Rio, 25 de novembro.

Os Mohicanos de Paris.

Com este título publica atualmente em Paris Alexandre Dumas um novo livro, que no seu oitavo volume já foi saudado pela imprensa francesa com entusiasmo.

É a tradução desse livro que começamos hoje a publicar.

O nome do autor dispensa-nos de qualquer elogio. Cerca de mil volumes e trinta anos de triunfos o fizeram conhecido de todos.

A *Presse* no seu número de 16 de setembro diz a respeito dos *Mohicanos*:

« Mas o que são os *Mohicanos de Paris*? Que parte da grande cidade habita essa população de que até hoje os geógrafos não fazem menção? Por que razão deu o autor de tantos romances célebres um nome tão singular ao seu novo livro?

« Para responder a todas estas perguntas juntas cumpre conhecer do romance mais do que está publicado. *Os Mohicanos de Paris* são todos esses deserdados da fortuna, da glória, e da felicidade, que seguindo as inspirações da própria ambição, buscam conquistar independência, reputação ou alegria. Em toda a parte é numerosa essa família, mas talvez em Paris mais do que em qualquer outro lugar.

« Mora ela em todos os quarteirões da imensa capital: desde um extremo da cidade ao outro encontrá-la-eis sempre viva e agitada, sempre em luta para conquistar o que ela inveja e a que tem direito, pois que também existe sobre a terra. A todos os seres humanos, pelo fato do seu nascimento, foi permitido aspirar constantemente ao bem estar, à glória, se o talento vos impele, e algumas vezes à felicidade.

« Era verdadeira partilha de Alexandre Dumas a ter de escrever um livro sobre tão elevado plano. Descrever as lutas que sustentam os deserdados deste mundo; mostrá-los arcando com a miséria, a ignorância, a cupidez, o amor, o vício elegante e vergonhoso; arrancar as máscaras sob que se ocultam as reputações usurpadas, fazendo-nos ver o tocar as molas que dirigem muitas vezes os negócios humanos, eis o que sonhava a imaginação do romancista, eis porque, precisando de uma personagem que servisse de centro ao seu drama, e, lembrando-se do Meias-de-couro de Cooper, Alexandre Dumas deu à sua obra o nome de *Mohicanos de Paris*⁷⁰³.

⁷⁰³ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 324, 25 nov. 1854, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/9717>. Acesso em: 17 jun. 2022.

O texto, que apresenta também a personagem principal da obra – Salvator, cujo nome verdadeiro é Conrad de Valgeneuse, um príncipe deserdado que se disfarça de herói do povo – e sua importância no enredo, antes ressalta que se pode encontrar no romance pessoas comuns, que existiam aos montes na cidade de Paris, desfavorecidas pelo dinheiro, as quais lutavam contra a própria sorte, os vícios, a miséria etc. O artigo ainda menciona que Dumas deu o título de *Os Mohicanos de Paris* à obra ao se lembrar de Meias-de-couro, personagem do romance *The Last of the Mohicans*, do escritor norte-americano James Fenimore Cooper (1789-1851). Trata-se de Nathaniel Bumppo, um homem branco que cresceu entre os índios e fez parte dos cinco romances da série “Leatherstocking Tales”, evidência do sucesso que obteve entre os leitores norte-americanos. No romance que retrata a decadência dos índios Mohicans, do qual sobraram apenas o pai Chingachgook e o filho Uncas, o caçador de peles Nathaniel Bumppo, personagem principal, é um homem simples que se une aos dois últimos membros dessa etnia para ajudá-los a não perecer sob a dominação dos ingleses e franceses, que disputavam localidades do norte dos Estados Unidos. Segundo György Lukács, esse personagem, “um caçador analfabeto, simplório e honesto [...], como um homem simples do povo, como um inglês de inclinações puritanas, sente-se profundamente atraído pela grandeza simples da humanidade dos índios e estabelece uma ligação indissolúvel com os últimos delawares”⁷⁰⁴.

O romance em francês, que já estava sendo publicado em volumes desde 1854, por editoras francesas e belgas – era também objeto de contrafação –, conforme relata Alexandro Paixão, o que evidencia o sucesso dessa obra de Dumas, “um romancista de grande popularidade”, que já havia sido provada com *Os Três Mosqueteiros*, publicado em folhetim entre março e julho de 1844, e *O Conde de Monte Cristo*, entre 1844 e 1846⁷⁰⁵. No Brasil, prosseguia-se de forma parecida. Em formato de livro, o primeiro e o segundo volumes desse romance de Alexandre Dumas traduzido por Zaluar foram colocados à disposição dos novos assinantes do *Correio Mercantil* em dezembro de 1854, de maneira gratuita, conforme indica o jornal. O terceiro volume, que seria publicado até o fim do ano, também poderia ser adquirido sem custos adicionais⁷⁰⁶. Em janeiro do ano seguinte, já se anunciava o primeiro e o segundo volume da “primeira tradução portuguesa”, de *Os Mohicanos de Paris*, pelo preço de 400 réis, de cada um deles⁷⁰⁷. O *Correio Mercantil* foi seguindo com a publicação dos volumes seguintes

⁷⁰⁴ LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 86.

⁷⁰⁵ PAIXÃO, Alexandro Henrique. Op. cit., 2012. p. 38.

⁷⁰⁶ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 353, 25 dez. 1854, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/9835>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷⁰⁷ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 4, 4 jan. 1855, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/9866>. Acesso em: 17 jun. 2022.

nos meses de 1855, tendo chegado a 15 volumes em outubro⁷⁰⁸. Em fevereiro de 1856, um anúncio de uma loja no largo da Imperatriz, n. 179, informava a 19 volumes desse romance pelo preço de 400 réis cada⁷⁰⁹. Essas informações mostram que rapidamente o jornal publicou o início da obra em formato de livro e foi seguindo com a publicação dos volumes durante os meses; tais volumes, como se pode notar, poderiam ser adquiridos a um preço relativamente baixo.

O romance-folhetim de Dumas foi interrompido na edição de número 58 do *Correio Mercantil*, publicada em 28 de fevereiro de 1856. Nesse exemplar do jornal, foram impressos o capítulo VIII – “Um compatriota” e o capítulo IX – “Em que se dá uma festa a Pitcaern, e isto no momento em que ele menos espera”, do vigésimo segundo volume⁷¹⁰. Tais capítulos haviam sido publicados, em francês, em *Le Mousquetaire*, em 25 e 29 de agosto de 1855, nas edições 237⁷¹¹ e 241⁷¹². O capítulo seguinte, “La belle-Thérèse”, saiu em 30 de agosto, mas sua tradução no *Correio Mercantil*, “A Bella Thereza”, capítulo X do mesmo volume, só foi publicada no jornal carioca em 4 de maio, na edição 126⁷¹³.

Por conta da interrupção do *Le Mousquetaire*, que havia publicado esse capítulo X no fim de agosto de 1855, o jornal brasileiro, que se arriscou na tradução de uma obra incompleta, precisou aguardar até que fosse retomada a publicação, no jornal francês, dos últimos capítulos do volume XXII, além dos capítulos dos dois volumes seguintes, XXIII e XXIV, todos eles publicados no intervalo entre 12 de fevereiro e 26 de março de 1856. Foi preciso esperar que os exemplares do jornal chegassem para continuar a tradução, cuja publicação no *Correio Mercantil* foi retomada em maio, tendo passado por junho, até ser finalmente interrompida, pela última vez, em 22 de julho de 1856, na edição 201, no capítulo IX do vigésimo quarto volume⁷¹⁴. A tradução em português não seria retomada no jornal depois dessa última

⁷⁰⁸ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 292, 22 out. 1855, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11042>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷⁰⁹ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 40, 10 fev. 1856, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11482>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷¹⁰ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 58, 28 fev. 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11552>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷¹¹ *Le Mousquetaire*, Paris, n. 237, 25 ago. 1855, p. 1-2. Acervo do projeto Édition des journaux d’Alexandre Dumas, École normale supérieure de Lyon, Lyon, França. Disponível em: https://alexandredumas.org/Documents/Dumas/Le_Mousquetaire/Le_Mousquetaire_1855-08-25_num_237.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷¹² *Le Mousquetaire*, Paris, n. 241, 29 ago. 1855, p. 1-2. Acervo do projeto Édition des journaux d’Alexandre Dumas, École normale supérieure de Lyon, Lyon, França. Disponível em: https://alexandredumas.org/Documents/Dumas/Le_Mousquetaire/Le_Mousquetaire_1855-08-29_num_241.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷¹³ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 126, 4 maio 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11826>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷¹⁴ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 201, 22 jul. 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/12128>. Acesso em: 17 jun. 2022.

interrupção, mas a obra em francês continuou a ser publicada em 1857, no *Le Monte-Cristo*, um outro jornal de Dumas, visto que *Le Mousquetaire* havia se encerrado no início de fevereiro do mesmo ano, não podendo mais receber os capítulos do romance. Ele seria completamente encerrado apenas em abril de 1859⁷¹⁵.

A tradução para o português, feita por Zaluar, parece próxima do original, conforme pudemos rapidamente constatar. Embora nada tenha escrito a respeito da “fidelidade” dessa tradução brasileira, Sacramento Blake registrou um caso interessante da tradução portuguesa, cujo tradutor, que não conseguimos identificar, “[...] fez com poucas linhas um remate por sua conta e risco, e quando saiu a continuação em Paris, sem mais explicação a seus leitores, continuou a tradução como se tal remate não houvesse feito”⁷¹⁶. É quase certo que seja a obra que foi publicada em Lisboa entre 1860 e 1863, em 30 volumes, segundo indica o *Catalogo Suplementar dos livros do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro*, de 1868, que no registro desse romance também deixou uma curiosa nota: “O absurdo remate do tomo XIV, incapaz de se conciliar com o seguimento do romance no tomo imediato, é fruto da imaginação do editor ou tradutor português”⁷¹⁷. Para merecer essas interessantes observações, o “absurdo remate” foi, de alguma forma, conhecido entre os leitores e, principalmente, entre bibliotecários e funcionários que elaboraram esse catálogo do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro. O também dicionarista Innocencio Francisco da Silva, autor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, é o que fornece informações mais contundentes e detalhadas a esse respeito.

« Os tradutores de Lisboa, tendo ao que parece, perdido a esperança de que o autor o acabasse, arranjaram-lhe por sua conta e risco um remate, que é curioso de ver: e com meia dúzia de linhas fizeram o que ao romancista custou outros tantos volumes quantos os que primeiro publicara. Com efeito, a tradução impressa na Typ. Lisbonense de Aguiar Vianna até 1860, consta de cinco partes, ou quatorze tomos, compreendendo a matéria contida nos dois primeiros volumes da edição francesa em 4.^o supracitada. Na tradução o capítulo final da quinta parte, que o autor do romance escreve *A la dernière maison de la barrière de Fontainebleau*, intitula-se: *Conclusão*. A frase de pág. 158 « *O abade partiu* » corresponde ainda literalmente ao original « *L'abbé partit* ». Daí em diante (pag. 158 e 159) tudo é obra do agudíssimo engenho do tradutor! À pág. 160 vem o índice, e por baixo a declaração: *Fim do tomo XIV e dos Mohicanos de Paris*.

« Mas como nesse mesmo ano de 1860 aparecesse inesperadamente em França a continuação do romance, o tradutor no ano seguinte, sem entrar em mais explicações com os seus fregueses, principiou logo a publicar a sexta parte,

⁷¹⁵ PAIXÃO, Alexandro Henrique. Op. cit., 2012. p. 39.

⁷¹⁶ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1883. v. 1, p. 352.

⁷¹⁷ *Catalogo Suplementar dos livros do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1868. p. 243. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/7774/1/45000038551_Output.o.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.

que ficou sendo portanto *a continuação do fim dos Mohicanos de Paris!!* »
(Nota comunicada pelo sr. M. da S. Mello Guimarães.)⁷¹⁸.

O tradutor português, portanto, havia se aventurado como escritor do romance de Dumas, por sua própria conta, e acabou caindo numa emboscada, típica dos romances-folhetins, tendo que depois continuar a tradução. Por certo, o editor que publicou essa tradução não imaginava que o folhetinista francês haveria de terminar, algum dia, uma obra interrompida há alguns anos.

Talvez a tradução de *Os Mohicanos de Paris* para o *Correio Mercantil* tenha influenciado Zaluar a também traduzir uma peça de Alexandre Dumas, filho, considerando a boa aceitação das obras suas e de seu pai, bem como a popularidade de ambos naquela época. Uma nota de 11 de fevereiro de 1856, publicada no mesmo jornal, descreveu, com elogios, a prática de leitura de uma tradução que Zaluar fez da peça *Le Demi-Monde*.

– O Sr. A. E. Zaluar fez ontem no Gymnasio, em presença de diversas pessoas, a leitura de uma sua tradução da comédia de Alexandre Dumas, *Le Demi-Monde*, *O Mundo-Equivoco*, que, segundo somos informados, subirá à cena no dia 14 de março naquele teatro. A facilidade da tradução realça o mérito da obra, uma das mais perfeitas que tem saído da pena daquele hábil escritor. O Sr. Zaluar abriu um belo precedente: o hábito seguindo na Europa de lerem os autores e tradutores os seus trabalhos dramáticos antes que estes subam à cena tardava em ser adotado por nós. Ouvindo seus amigos e as mais pessoas interessadas, artistas, literatos, empresários, o escritor ouve antecipadamente o juízo do público, e pode com afoutesa apresentar-se, ou refundir sua obra no caso de se lhe notarem defeitos, para aparecer então com mais segurança⁷¹⁹.

Não bastando ter traduzido *Le Demi-Monde*, o tradutor leu sua tradução para o público seletivo que o acompanhou no Theatro Gymnasio. Essa prática de leitura poderia ser útil para, consideradas as sugestões dos célebres ouvintes especializados, realizar melhorias na tradução. Não sabemos, ao certo, se esse foi o caso de Zaluar, mas a peça traduzida, em vias de ser encenada, ficou registrada como uma boa tradução, feita com facilidade pelo tradutor.

Seu feito repercutiu nos dias que se seguiram. No mesmo jornal, em 1º de março, foi publicado um artigo retirado da *Tribuna*, sem crédito ao autor do texto, no qual se louva a tradução de Zaluar e a “inovação” de sua leitura.

« O modesto mas brilhante e profícuo festejo literário que o Sr. Zaluar nos proporcionou há pouco tempo com a leitura de sua tradução da comédia

⁷¹⁸ SILVA, Innocencio Francisco da. Op. cit., 1867. v. 8, primeiro suplemento, A-B, p. 338.

⁷¹⁹ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 41, 11 fev. 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11484>. Acesso em: 17 jun. 2022.

francesa *Le Demi-Monde* é um desses fatos, que, apesar de sua simplicidade e recato, nos regozijou intimamente, menos por si mesmo, apesar de novo e belo, do que pelos resultados que promete.

« A iniciativa desse pensamento eminentemente civilizador e artístico significa-nos um passo mais para a vanguarda de nossa literatura, infelizmente tão desprezada e mesquinha.

[...]

« Em resumo, aplaudimos de todo o coração a ideia dessa inovação, e regozijamo-nos que ela seja devida ao Sr. Zaluar. É mais uma recomendação que nos faz de seu talento e de seu fervor pela causa das letras.

« O trabalho de uma tradução, por mais superior que seja, nunca recebe a recompensa que os esforços de tão ímproba tarefa demandam. Mas não importa; não é por isso que desanimaremos ou deixaremos de aconselhá-las.

[...] ⁷²⁰

Em seu “festejo literário”, Zaluar, com inteligência, colocou-se em evidência pela leitura da peça traduzida e, ao mesmo tempo, deu atenção aos seus ouvintes, que se sentiram prestigiados, a julgar pelos muitos elogios ao seu trabalho de tradutor. Uma vez tendo escutado a tradução, eles poderiam, muito bem, ficar desejosos de assistir à encenação. Tendo em conta o parecer do próprio presidente do Conservatório Dramático Brasileiro naquela época, Diogo Soares da Silva de Bivar, obteve êxito em sua tarefa.

[...] Ensaia-se, para subir à cena no dia 23 do corrente, em solenidade do aniversário natalício de S. M. a Imperatriz, a magnífica comédia em cinco atos, de Alexandre Dumas Filho, denominada – O DEMI-MONDE. – Esta excelente composição, traduzida livremente pelo Sr. Augusto E. Zaluar, mereceu do ilustríssimo presidente do Conservatório Dramático Brasileiro, o Exm. Sr. Conselheiro Bivar, o seguinte louvor: « Este excelente drama a que o distinto tradutor apelidou – O MUNDO EQUIVOCO – é obra prima; é uma destas produções que caracterizam o vasto engenho do autor, e o seu profundo conhecimento e traquejo das sociedades e intrigas de Paris. Não é próprio deste lugar indicar todas as belezas que neste drama me maravilharam: e o ilustre tradutor, o Sr. Zaluar, o vestiu nobremente à portuguesa: castidade na linguagem, propriedade nos termos e anexins, correção no estilo, sempre fluído e natural, como se requer na comédia, fazem sobressair ainda mais o transcendente merecimento do original. Pode portanto ser levado à cena em qualquer teatro desta corte, e em qualquer tempo do ano, menos nos dias defesos. Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1856. – Dr. Bivar, presidente. » ⁷²¹

Bastando ver os muitos elogios que recebeu do presidente, que ressaltou, entre outras coisas, a fluência e a naturalidade da tradução, que teriam destacado o “original”, Zaluar já deveria ser um tradutor conhecido. Afinal, seria imprudente ter escolhido alguém a respeito do

⁷²⁰ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 61, 1 mar. 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11564>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷²¹ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 68, 9 mar. 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11595>. Acesso em: 17 jun. 2022.

qual não se soubesse que poderia traduzir uma peça, de acordo com o julgamento que se fazia na época, a fim de ser encenada no aniversário da imperatriz D. Tereza Cristina. Os anúncios nos jornais também deixavam bem claro que a peça havia recebido os louvores de Bivar, uma espécie de selo especial de aprovação, dado pelo presidente do Conservatório.

Figura 47: Anúncio da encenação da comédia *O Mundo Equivoco*, de Alexandre Dumas, traduzida por Augusto Emilio Zaluar⁷²².

THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO

Domingo 23 de Março de 1856.

Espectaculo em solemnidade ao aniversario natalicio de S. M. a Imperatriz.

Primeira representação da comedia

O MUNDO EQUIVOCO,

tradução livre do Sr. A. E. Zaluar da excelente comedia em cinco actos, de Alexandre Dumas Filho, intitulada

LE DEMI-MONDE

DISTRIBUIÇÃO.

De Nanjac.	Sr. Amoedo.
Oliveiro de Jalin	Sr. P. Joaquim.
O marquez de Thomerins	Sr. Vianna.
Hyppolito Richond	Sr. Monclar.
1º criado	Sr. Silva.
2º dito	Sr. Miguel.
3º dito	Sr. Freitas.
A baroneza d'Ange	Sra. Gabriella.
A Sra. de Santis	Sra. Velluti.
Marcelina.	Sra. Adelaide.
A viscondessa de Varnieres.	Sra. Clotilde.
Uma criada	Sra. Ricardini.

A scena do 3º acto é nova e pintada pelo Sr. João Ignacio da Silva Freitas.

Esta composição mereceu do Exm. Sr. Dr. conselheiro presidente do Conservatorio Dramatico o maior louvor possivel, julgando-a obra-prima no seu genero; igualmente foi merecedor de elogios o seu traductor.

Os bilhetes achão-se á venda no logar do costume.

Principiará ás 8 horas.

Em suma, a estratégia de Zaluar, que consistiu em realizar a leitura da peça traduzida, poderia muito bem atrair muito mais a atenção dos seus pares, do que se procedesse como se fazia antes, sem consultá-los. Ademais, traduzir uma peça que seria encenada como

⁷²² Fonte: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 81, 22 mar. 1859, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11647>. Acesso em: 17 jun. 2022.

comemoração solene ao aniversário da esposa do Imperador seria uma responsabilidade que somente um tradutor conhecido poderia receber. Os textos dos jornais poderiam muito bem, para além dos anúncios, atrair a atenção dos leitores, para assistirem à encenação a de uma peça de cujo tradutor tanto se comentava.

Voltando ao ano de 1857 para apresentar um último caso de tradução de Zaluar, gostaríamos de mencionar o periódico *O Parahyba*, de Petrópolis, que circulou entre 2 de dezembro de 1857 e 27 de novembro de 1859. Essa pequena folha, que publicava dois números semanários, teve Augusto Emilio Zaluar como seu redator-chefe, além de contar com a colaboração de Manuel Antonio de Almeida – cuja tradução para o *Correio Mercantil* iremos mencionar adiante –, Quintino Bocaiúva e o jovem Machado de Assis⁷²³.

Essa não foi a única experiência de Zaluar na criação de uma folha de imprensa. Ele também fundou *O Espelho*, no Rio de Janeiro, juntamente com Eleutério de Sousa⁷²⁴. Com edições publicadas entre 4 de setembro de 1859 e 8 de janeiro de 1860, contou com literatos próximos como colaboradores, entre eles o jovem Machado de Assis, que publicou críticas teatrais sob o pseudônimo “M-as”, a exemplo do texto “O folhetinista”, no qual discorreu sobre a dificuldade do escritor de folhetim brasileiro em valorizar a “cor local”, ao que conclui: “[...] Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil”⁷²⁵, tendo em vista a reprodução de um modelo francês pelos autores nacionais.

O Parahyba, conforme explica a pesquisadora Ronice Kelmis de Oliveira da Silva, era composto pelas rubricas de notícias, de folhetim, de poesia, de variedades, entre outras. Na rubrica de poesia, por exemplo, tinham espaço as produções poéticas de Zaluar, Machado de Assis, Gonçalves Braga e Quintino Bocaiúva. No espaço das variedades, textos diversos eram inseridos, por vezes traduções de poemas e de narrativas⁷²⁶. A rubrica “Folhetim”, por sua vez, recebia textos literários inéditos e algumas traduções, a exemplo das séries longas “A noiva do herege”, publicada entre 21 de janeiro de 1858 e 2 de junho de 1859, que foi alternada com outros textos⁷²⁷.

Outra série longa é “O Brasil pitoresco”, composta por textos traduzidos pelo grupo formado em *O Parahyba*: Francisco Ramos da Paz, Machado de Assis, Manuel Antonio de

⁷²³ SILVA, Ronice Kelmis de Oliveira da. “As flores animadas” em *O Parahyba*: características do suporte e suas significações no folhetim brasileiro do século XIX. 2012. 259 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012. p. 23.

⁷²⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., 1999. p. 193.

⁷²⁵ *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 9, 30 out. 1859, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/102>. Acesso em: 15 jun. 2022.

⁷²⁶ SILVA, Ronice Kelmis de Oliveira da. Op. cit., 2012. p. 24.

⁷²⁷ Idem, ibidem. p. 32.

Almeida, Reinaldo Franco Montoro e Remígio de Sena Pereira, que traduziram o texto escrito pelo francês Charles Ribeyrolles (1812-1860). Em formato de livro bilíngue (francês/português), a obra foi publicada em 1859, com imagens do também francês Jean-Victor Frond (1821-1881), fotógrafo e pintor. As traduções, que não apareceram assinadas pelos tradutores no jornal, foram publicadas, de forma intercalada com outros textos, entre 27 de março e 20 de outubro de 1859, trazendo somente o texto traduzido para o português. Segundo constatou Ronice da Silva, a sequência das partes da obra foi alterada, tendo início com o capítulo “Petrópolis”, que seria o último do segundo volume, o que não condiz com a concepção da publicação em livro, pensada para acompanhar o roteiro dos viajantes franceses, que iniciavam seu trajeto no Brasil pelo mar⁷²⁸. Ubiratan Machado comenta que esse foi um caso de “tradução catastrófica”, com muitos “erros grosseiros”, feita com “desleixo”⁷²⁹.

Interessa-nos aqui a série “As flores animadas”, composta por narrativas que saíram à luz entre 24 de janeiro de 1858 e 7 de abril de 1859. Trata-se das traduções de *Les fleurs animées*, publicada em 1845 pela Garnier frères, em Paris, em dos volumes. As ilustrações foram feitas pelo caricaturista francês Jean Ignace Isidore Gerard (1803-1847), que usava o pseudônimo de Grandville, e os textos eram de autoria dos escritores franceses Alphonse Karr (1808-1890), que assinou a introdução, Louis-François Raban (1795-1870), sob o pseudônimo de comte Fœlix, e Taxile Delord (1815-1877). Conforme explica Ronice da Silva, a obra nos apresenta “[...] flores que, após terem abandonado o jardim da Fada das Flores, são personificadas com características e recursos femininos e passam a vivenciar na Terra, diverso enredos com as mais variadas situações”⁷³⁰.

A tradução de “As flores animadas” para *O Parahyba* deixou o projeto gráfico de lado, pois não reproduziu as imagens presentes no livro⁷³¹. Apesar disso, foi uma forma de contato dos leitores brasileiros com o texto, por meio desse jornal de Petrópolis, tendo em vista que a obra francesa possivelmente não circulou muito entre os leitores, já que não foi registrada nos catálogos da Livraria Garnier e do Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, por exemplo⁷³².

As narrativas traduzidas apareceram assinadas primeiramente por Augusto Emilio Zaluar, em seguida por Remígio de Sena Pereira e, enfim, por Guilherme Candido Bellegarde – sobre o qual já escrevemos –; em algumas delas o tradutor não foi identificado. Zaluar traduziu

⁷²⁸ Idem, *ibidem*. p. 32-34.

⁷²⁹ MACHADO, Ubiratan. Op. cit., 2001. p. 56-57.

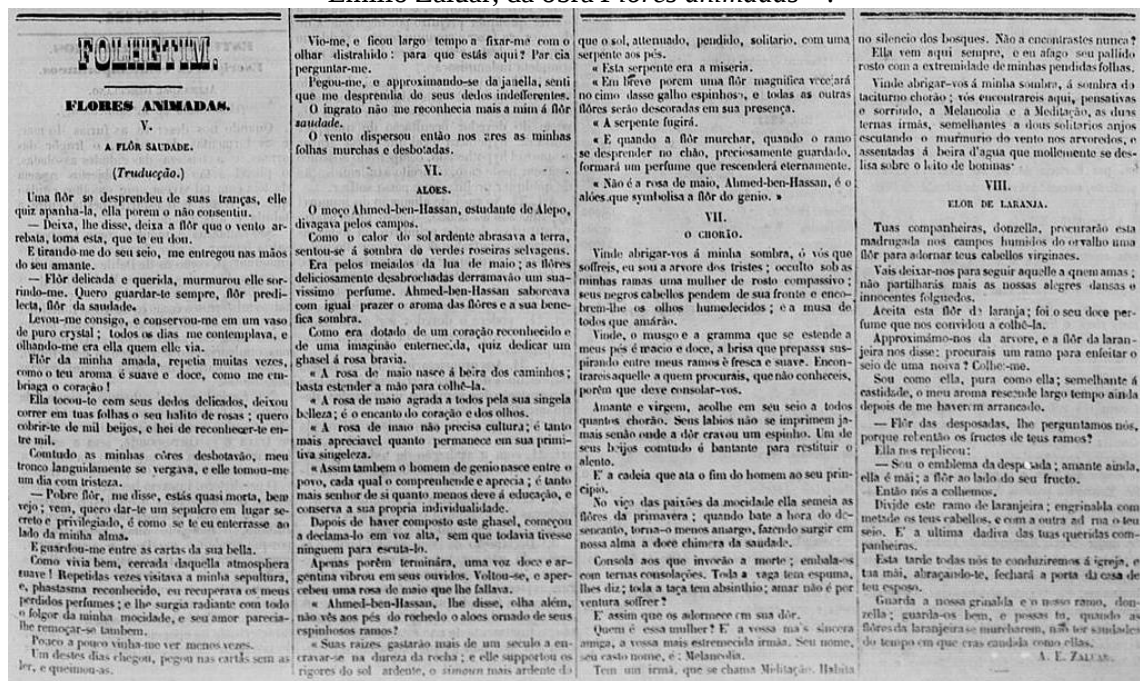
⁷³⁰ SILVA, Ronice Kelmis de Oliveira da. Op. cit., 2012. p. 35.

⁷³¹ Idem, *ibidem*. p. 38.

⁷³² Idem, *ibidem*. p. 39.

as “As Rosas”, “A Papoula”, “As flores do baile”, “A flor preferida” e “Flor do Esquecimento”⁷³³, publicado no folhetim de 7 de março; e “A flor da saudade”, “Aloés”, “O Chorão” e “Flor de Laranja”, de 21 de março⁷³⁴.

Figura 48: “A flor da saudade”, “Aloés”, “O Chorão” e “Flor de Laranja”, traduzidas por Augusto Emilio Zaluar, da obra *Flores animadas*⁷³⁵.



Segundo constatação de Ronice da Silva, o tradutor preservou grande parte do sentido do texto fonte, mas houve algumas intervenções. Em “As flores do baile”, por exemplo, fez alterações sutis, que consistiram na substituição de algumas palavras e na supressão de um adjetivo; em “A flor preferida”, a flor “jasmim” é substituída pela flor “saudade”; em “A flor da saudade”, inseriu alguns versos, para dar uma carga de sentimentalismo maior. Tais alterações não resultam de uma má leitura da obra, mas de uma adequação ao seu novo contexto cultural de circulação, conforme concluiu a pesquisadora⁷³⁶.

Assim sendo, em *O Parahyba*, jornal em que atuou como redator chefe por alguns anos, Zaluar desenvolveu sua prática tradutória, tirando proveito do espaço do rodapé de sua pequena folha. Além disso, as poucas modificações que realizou nos textos traduzidos podem ser entendidas como uma forma de adequá-los ao suporte de circulação do jornal e a seus leitores,

⁷³³ Idem, ibidem. p. 43.

⁷³⁴ Idem, ibidem. p. 63.

⁷³⁵ Fonte: *O Parahyba*, Petrópolis, n. 32, 21 mar. 1858, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/809047/121>. Acesso em: 18 jul. 2022.

⁷³⁶ SILVA, Ronice Kelmis de Oliveira da. Op. cit., 2012. p. 54-55.

tendo em vista que a obra em francês havia sido concebida no formato de livro, cujas gravuras não apareceram nesse jornal de Petrópolis.

Por fim, outro caso a se destacar no *Correio Mercantil* é o trabalho como tradutor exercido por Manuel Antonio de Almeida, na tradução de um romance-folhetim. Ele, antes de ser colaborador do *Correio Mercantil*, trabalhou para o *Tribuna Catholica*, para o qual traduziu alguns textos, entre eles *Gondicar ou o amor cristão*: episódio dos tempos das Cruzadas, publicado em folhetim entre 1º de fevereiro de 1852 e 1º de janeiro de 1853⁷³⁷, enquanto saia também as *Memórias* nesse outro grande jornal. Nesse folhetim, ele foi creditado apenas como “ex-aluno do Colégio de São Pedro de Alcântara”⁷³⁸. Assim sendo, nessa época, era acadêmico de Medicina – curso que concluiria em 1855 –, e precisava trabalhar para pagar por seus estudos, especialmente depois da morte de sua mãe, quando precisou se aventurar no jornalismo⁷³⁹. Trata-se da tradução para o português de *Gondicar*: épisode du temps des Croisades, de Louis Friedel, que também trabalhou como tradutor, tendo se dedicado a verter muitas obras do padre alemão Christoph von Schmid para o francês.

No *Correio Mercantil*, apesar não ver seu nome como autor de *Memórias de um sargento de milícias* no jornal, curiosamente o veria como tradutor de *O rei dos mendigos, romance histórico*, de Paul Féval, publicado no *Correio Mercantil* entre a edição 18, de 18 de janeiro, e a edição 234, de 23 de agosto de 1860. Embora não tenha sido creditado como responsável pela tradução no próprio folhetim, alguns anúncios de subscrição da obra, publicados a partir dos últimos números da história no jornal, trazem seu nome: “Tradução do Dr. Manoel A. de Almeida”. O romance, em quatro partes, estava sendo vendido a 1\$000 cada⁷⁴⁰. O primeiro “folheto”, assim definido pelo jornal, foi publicado em dezembro do mesmo ano, e a partir do início de 1861 já estava sendo vendido na tipografia do *Correio Mercantil*. Os demais números da obra foram publicados até meados daquele ano⁷⁴¹.

⁷³⁷ LIMA, Israel Souza. *Bibliografia dos patronos*: Maciel Monteiro e Manuel Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2012. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 15). p. 185; 329.

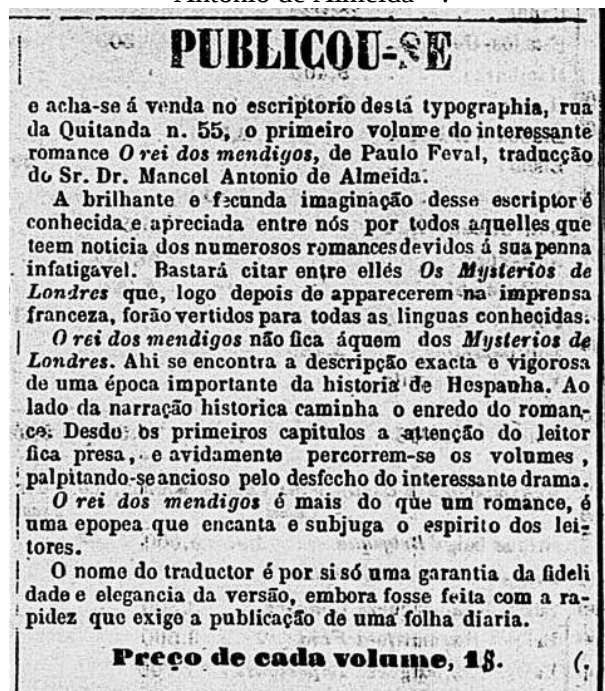
⁷³⁸ REBELO, Marques. *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. Apresentação de Carlos Heitor Cony. 3a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. (Sabor literário). p. 53.

⁷³⁹ Idem, *ibidem*. p. 53-56.

⁷⁴⁰ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 222, 11 ago. 1860, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17949>. Acesso em: 18 jun. 2022.

⁷⁴¹ *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 243, 17 set. 1861, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/19508>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Figura 49: Anúncio do primeiro volume de *O rei dos mendigos*, de Paul Féval, traduzido por Manoel Antonio de Almeida⁷⁴².



Transcrição:

PUBLICOU-SE

e acha-se à venda no escriptorio desta typographia, rua da Quitanda n. 55, o primeiro volume do interessante romance *O rei dos mendigos*, de Paul Féval, tradução do Sr. Dr. Manoel Antonio de Almeida.

A brilhante e fecunda imaginação desse escritor é conhecida e apreciada entre nós por todos aqueles que têm notícia dos numerosos romances devidos à sua pena infatigável. Bastará citar entre elles *Os Mystérios de Londres* que, logo depois de apparecerem na imprensa franceza, foram vertidos para todas as linguas conhecidas.

O rei dos mendigos não fica aquém dos *Mystérios de Londres*. Aí se encontra a descripção exata e vigorosa de uma época importante da História da Espanha. Ao lado da narração histórica caminha o enredo do romance. Desde os primeiros capítulos a atenção do leitor fica presa, e avidamente percorrem-se os volumes, palpitando-se ansioso pelo desfecho do interessante drama. *O rei dos mendigos* é mais do que um romance, é uma epopeia que encanta e subjugua o espirito dos leitores.

O nome do tradutor é por si só uma garantia de fidelidade e elegância da versão, embora fosse feita com a rapidez que exige a publicação de uma folha diária.

Preço de cada volume, 1\$.

Trata-se da tradução de *Le Roi des gueux*, publicado no *Le Siècle* entre 9 de julho e 24 de outubro de 1859. *O rei dos mendigos*, sua contraparte em português, foi anunciado pelo *Correio Mercantil*, em formato de livro, como um romance do mesmo patamar de *Os Mystérios de Londres*, também de Féval. Foram ressaltados o enredo do romance, que atrairia a atenção do leitor, e a “narração histórica”, tendo em vista que a narrativa se passa na Espanha do século XVIII. Por fim, mencionar o nome do tradutor seria uma “garantia de fidelidade e elegância da versão, embora fosse feita com a rapidez que exige a publicação de uma folha diária”. Tal informação, que não é pouco evidenciada nos anúncios de folhetins e de livros traduzidos, valoriza o tradutor, cujo trabalho teria sido fiel, na medida em que lhe foi exigida a velocidade

⁷⁴² Fonte: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 7, 7 jan. 1861, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/18523>. Acesso em: 18 jun. 2022.

na tradução, na qual se subentende a sua habilidade: ser rápido e, ao mesmo tempo, respeitar os parâmetros de fidelidade.

2.7 Outros tradutores de romances-folhetins

Nesta última parte do Capítulo 2, abordaremos os tradutores: Machado de Assis, que traduziu *Os trabalhadores do mar* para o *Diário do Rio de Janeiro*, bem como *Oliveiro Twist*, para o *Jornal da Tarde*; José Alves Visconti Coaracy, tradutor de folhetins, de peças teatrais e de romances impressos em livro pela editora Garnier; e José Joaquim Vieira Souto, um importante tradutor de teatro que também traduziu folhetins. Assim sendo, começaremos com o nosso maior escritor do século XIX.

O trabalho de Machado de Assis como tradutor tem sido mapeado e analisado por pesquisadores brasileiros e estrangeiros; por exemplo, Jean-Michel Massa, em seu livro *Machado de Assis tradutor*⁷⁴³, e Eliane Fernanda Cunha Ferreira, em seu *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*⁷⁴⁴, entre outros. Além disso, a tradução de sua obra pelo mundo tem sido também estudada, como no caso dos resultados de pesquisa publicados na coletânea *Machado de Assis: tradutor e traduzido*, de 2012, organizada por Andréia Guerini, Luana Ferreira de Freitas e Walter Carlos Costa⁷⁴⁵. Assim sendo, o autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas* é, por certo, o tradutor brasileiro do século XIX mais analisado em sua produção tradutória.

Machado de Assis começou traduzindo ainda jovem. Jean-Michel Massa considera que sua primeira tradução apareceu em 1857. Trata-se de *A ópera das janelas*, a respeito da qual se tem apenas a menção em um parecer do Conservatório Dramático Brasileiro. Posteriormente, no mesmo ano, em *A Marmota*, que já analisamos, veria publicada a tradução de um texto de Lamartine sobre os escritores daquele período. Em 1859, em *O Parahyba*, foi publicada sua tradução de um poema do mesmo escritor, e, na folha de Paula Brito, o conto “Bagatela”, cujo “original” parece ainda não ter sido localizado⁷⁴⁶. Trabalhou de forma colaborativa com outros tradutores para a obra *O Brasil Pitoresco*, editada, ainda em 1859, em livro bilíngue

⁷⁴³ MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Tradução de Oséias Silas Ferraz. Revisão da tradução de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Crisálida, 2008. p. 19.

⁷⁴⁴ FERREIRA, Eliane Fernanda Cunha. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. São Paulo: Anablume; Rio de Janeiro: ABL, 2004.

⁷⁴⁵ GUERINI, Andréia; FREITAS, Luana Ferreira de; COSTA, Walter Carlos (ors.). *Machado de Assis: tradutor e traduzido*. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012.

⁷⁴⁶ MASSA, Jean-Michel. Op. cit., 2008. p. 19.

(francês/português), cujo texto traduzido também saiu no rodapé de *O Parahyba*, embora não tenham sido creditados como tradutores na obra⁷⁴⁷.

Em 1860, a tradução da peça *Chasse au Lion*, de Gustave Vattier e Émile Najac, que recebeu o título *Hoje avental, amanhã luva*, foi publicada em *A Marmota*. Em 1861, os leitores do mesmo periódico puderam ler o texto “Queda que as mulheres têm para os tolos”, tradução de “De l’amour des femmes pour les sots”, do belga Victor Hénau (1822-1896).

Entre os anos de 1865 e 1868, foram publicadas suas traduções de textos mais vultosos, tais como o romance *Os trabalhadores do mar*, que aqui abordaremos, além de *Suplício de uma mulher*, de Émile de Girardin e Alexandre Dumas, filho; *Barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais; *O anjo da meia noite*, de Théodore Barrière (1823-1877) e Édouard Plouvier (1821-1876); e *A família Benoiton*, de Victorien Sardou (1831-1908). Traduziu também poemas de Lamartine, Chateaubriand, Alexandre Dumas, filho, Edgar Allan Poe, Schiller, Shakespeare, entre outros, que foram publicados também em seus livros de poesia⁷⁴⁸.

Após apresentado esse breve panorama das traduções de Machado de Assis, destacaremos a tradução de *Les travailleurs de la mer*, romance de Victor Hugo. Essa obra foi publicada na França em 1866, em formato de livro pela editora Lacroix, e, na Bélgica, pela editora Verboeckhoven et Cie; em ambos os países, estava disponível aos leitores a partir de 12 de março; além disso, saiu também no jornal *Le Soleil*, de Paris, a partir de abril de 1866⁷⁴⁹. No rodapé do *Diário do Rio de Janeiro*, a tradução foi publicada entre 15 de março e 29 de julho de 1866, o que mostra uma simultaneidade surpreendente no seu lançamento nos dois lados do Atlântico. Uma nota inserida no início do segundo tomo do livro – impresso no mesmo ano pela Typographia Perseverança, do Rio de Janeiro, em 3 volumes, lançados em abril, julho e agosto, respectivamente –, esclarece que a tradução havia sido publicada no Brasil antes mesmo do primeiro volume francês.

O Diário do Rio de Janeiro obteve do editor Lacroix (de Paris e Bruxelas), por meio de um contrato celebrado entre esse editor e o correspondente do *Diário do Rio*, em Paris, o direito de publicar a tradução portuguesa deste romance, nas suas colunas, começando mesmo antes que o 1º volume aparecesse em Paris. O romance começou a ter a publicidade no *Diário do Rio* no dia 16 de março de 1866⁷⁵⁰.

⁷⁴⁷ Idem, *ibidem*. p. 23.

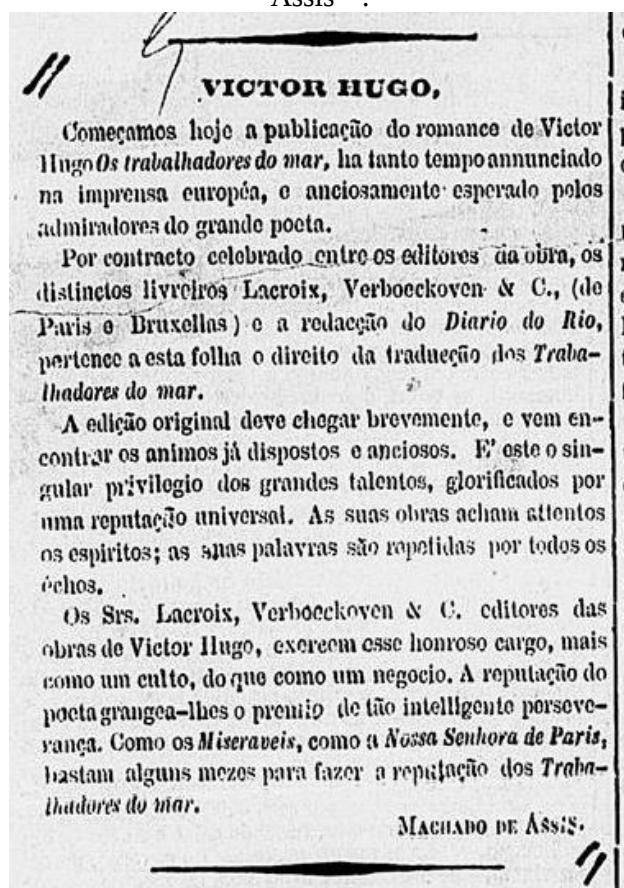
⁷⁴⁸ FERREIRA, Eliane Fernanda Cunha. Op. cit., 2004. Anexo, p. 202-207.

⁷⁴⁹ BARRETO, Junia. Traições editoriais: *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo a Machado de Assis. Traduzires, v. 1, n. 1, p. 84-94, maio 2012. p. 86.

⁷⁵⁰ HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. Tradução de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1866. v. 2, p. 1. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP,

Decerto, o contrato entre as editoras e o jornal permitiu que esse sincronismo de publicação fosse viabilizado. A existência dessa relação contratual foi noticiada aos leitores pelo próprio tradutor, num anúncio publicado na mesma edição do *Diario do Rio de Janeiro* em que o romance teve início. É por meio desse anúncio que sabemos ter sido Machado de Assis seu tradutor, tendo em vista que seu nome não foi creditado no folhetim e nem no livro.

Figura 50: Nota de publicação de *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo, traduzido por Machado de Assis⁷⁵¹.



Transcrição:

VICTOR HUGO,

Começamos hoje a publicação do romance de Victor Hugo *Os trabalhadores do mar*, há tanto tempo anunciado na imprensa europeia, e ansiosamente esperado pelos admiradores do grande poeta.

Por contrato celebrado entre os editores da obra, os distintos livreiros Lacroix, Verboeckoven & C., (de Paris e Bruxelas) e a redacção do *Diario do Rio*, pertencente a esta folha o direito da tradução dos *Trabalhadores do mar*.

A edição original deve chegar brevemente, e vem encontrar os ânimos já dispostos e ansiosos. É este o singular privilégio dos grandes talentos, glorificados por uma reputação universal. As suas obras acham atentos os espíritos; as suas palavras são repetidas por todos os ecos.

Os Srs. Lacroix, Verboeckoven & C. editores das obras de Victor Hugo, exercem esse honroso cargo, mais como um culto, do que como um negócio. A reputação do poeta granjeia-lhe o prêmio de tão inteligente perseverança. Como os *Miseraveis*, como a *Nossa Senhora de Paris*, bastam alguns meses para fazer a reputação dos *Trabalhadores do mar*.

MACHADO DE ASSIS.

Esse tipo de tratativa parece ter sido algo pouco comum ou, se existiu em outras situações, foi pouco divulgada naquela época, em razão dos dados escassos – ou mesmo ainda não encontrados – a esse respeito. Assim sendo, mencionar que haveria um acordo oficial entre

Brasil. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4257/1/008071_COMPLETO.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷⁵¹ Fonte: *Diario do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 64, 15 mar. 1866, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/20341. Acesso em: 17 jun. 2022.

as editoras e o jornal brasileiro pode ter funcionado como uma forma de distinção dessa tradução frente às demais folhas públicas, que inseriam traduções de outras obras em suas páginas, sem as mesmas condições do *Diario do Rio de Janeiro* – ou seja, sem tais contratos entre as editoras e esses jornais, possivelmente.

Para os leitores, a publicação simultânea poderia ser interessante, visto que não precisariam esperar que a obra fosse remetida da França para o Brasil para ser, enfim, traduzida e publicada alguns meses depois, a depender do interesse pelo romance por parte dos diretores dos jornais. Isso nos faz pensar nos mecanismos da indústria editorial e da indústria audiovisual na atualidade, as quais planejam o lançamento mundial de um livro, de uma série, de um filme etc., agindo na produção e na distribuição, para que não haja diferença temporal no lançamento em diversas localidades, especialmente nas plataformas de *streaming*. Dessa forma, no caso da esfera audiovisual, um *blockbuster* pode aparecer para os espectadores de vários países quase ao mesmo tempo, devido ao planejamento antecipado das produtoras e distribuidoras, que gerenciam, por exemplo, os muitos serviços que permitem esses lançamentos – entre eles, a dublagem, a legendagem, a audiodescrição, nos quais a tradução tem um papel fundamental. Assim sendo, essas práticas, que atualmente parecem normais, poderiam ser inovadoras no século XIX, e uma forma de distinção das traduções em sua divulgação.

Figura 51: Primeiras três colunas de *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo, traduzido por Machado de Assis⁷⁵².



Nessa tradução de *Les Travailleurs de la mer* para a língua portuguesa, Jean-Michel Massa notou poucos erros e cortes, que não prejudicam o sentido da obra, segundo analisou. Por exemplo, o tradutor precisou encontrar formas de traduzir o dialeto dos habitantes da ilha de Guernesey – que Victor Hugo conhecia bem, pois viveu lá, exilado, por 20 anos –, localizada no Canal da Mancha, tendo que fazer algumas simplificações; também teve que lidar com os termos técnicos da área náutica em um capítulo da obra, para os quais apresentou, como solução tradutória, os correspondentes em francês. Assim sendo, Massa considera que Machado de Assis ofereceu uma tradução “fiel e vigorosa”, na qual se dedicou bastante, pois se mostrou lisonjeado com a oportunidade de traduzir um romance de Victor Hugo⁷⁵³.

Em 1870, quatro anos depois de *Os trabalhadores do mar*, o autor de *Dom Casmurro* veria publicada *Oliveiro Twist* no rodapé do *Jornal da Tarde*, do Rio de Janeiro, cuja primeira parte saiu em 23 de abril. Trata-se da tradução de *Oliver Twist*, vertida para o francês por Alfred Gérardin (1825-1881) e publicada em 1867, em Paris; a obra “original” em inglês, intitulada

⁷⁵² Fonte: *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 64, 15 mar. 1866, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/20340. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷⁵³ MASSA, Jean-Michel. Op. cit., 2008. p. 63-65.

Oliver Twist, or, The Parish Boy's Progress, escrita por Charles Dickens (1812-1870) e assinada com o pseudônimo “Boz”, saiu à luz, de forma serializada, na revista inglesa *Bentley's Miscellany*, entre fevereiro de 1837 e março de 1839, e no formato de livro, de três volumes, em 1838⁷⁵⁴.

Apesar de seu nome não aparecer no jornal, é sabido que Machado de Assis foi o tradutor desse romance, tendo em vista a existência de uma carta, destinada aos diretores do *Jornal da Tarde*, na qual informa que interromperia o trabalho de tradução⁷⁵⁵. O motivo da interrupção não foi revelado, mas Massa especula que seja financeiro⁷⁵⁶. Assim sendo, seu trabalho como tradutor terminou a partir do capítulo XVIII, tendo em vista as mudanças que aconteceram na tradução depois dessa parte⁷⁵⁷.

Machado de Assis, de acordo com Massa, fez algumas alterações em sua tradução, na qual suprimiu palavras, frases e parágrafos. A violência das situações descritas na obra, por exemplo, foi banida em certas passagens, e, em outras nas quais apareceu, o tradutor, por meio de condensações textuais, suavizou-a. As descrições que Dickens faz da narrativa também são aproveitadas na tradução, talvez por não serem interessantes aos leitores brasileiros, o que tornou a história um pouco mais narrativa⁷⁵⁸. Também é preciso notar que o prenome do personagem principal, o menino órfão Oliver, foi traduzido para “Oliveiro”, bem como o próprio prenome do autor, Charles, ficou como “Carlos” no cabeçalho da publicação, tendo-se preservado somente os sobrenomes de ambos. Esse é mais um exemplo da prática comum de se traduzir nomes de personagens para o português, mas que também alcançou o escritor da obra, algo atípico, já que mesmo os nomes mais complicados dos literatos estrangeiros, de línguas europeias distantes, eram mantidos, com uma ou outra mudança ortográfica, se necessário.

⁷⁵⁴ GRUBB, Gerald Giles. On the serial publication of *Oliver Twist*. *Modern Language Notes*, v. 56, n. 4, p. 290-294, abr. 1941. p. 290-291.

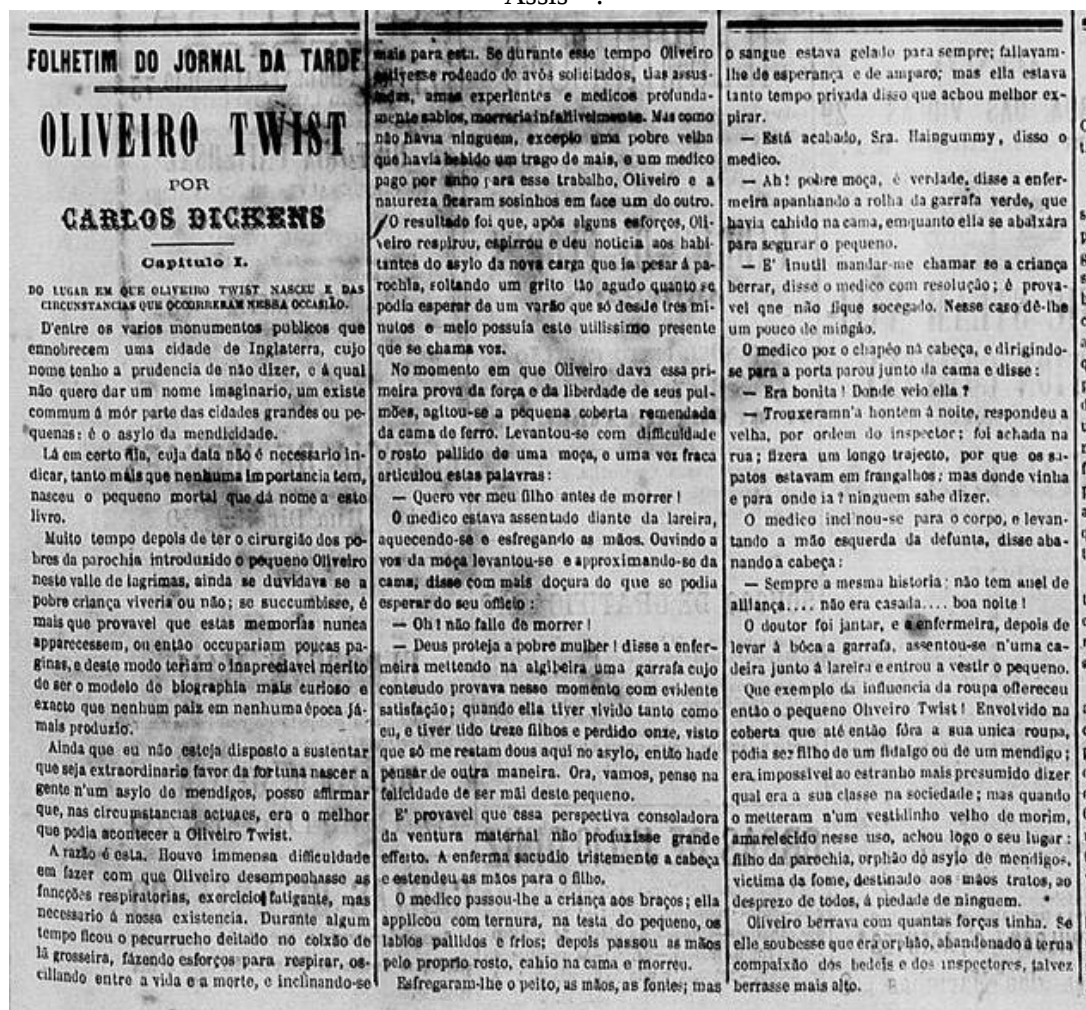
⁷⁵⁵ GALANTE DE SOUSA, José. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955. p. 452.

⁷⁵⁶ MASSA, Jean-Michel. Op. cit., 2008. p. 67.

⁷⁵⁷ Idem, *ibidem*. p. 67.

⁷⁵⁸ Idem, *ibidem*. p. 67-68.

Figura 52: Primeiras três colunas de *Oliveiro Twist*, de Charles Dickens, traduzido por Machado de Assis⁷⁵⁹.



Retomando as modificações textuais, consideramos que o procedimento de corte, constatado em partes do romance, talvez possa ser pensado em função do espaço destinado à obra no rodapé do *Jornal da Tarde*. Afinal, trata-se de uma narrativa primeiramente publicada de forma seriada, em um jornal inglês, que, depois, passou para o formato do livro em sua tradução para o francês e, por último, retornou, traduzida para o português, em um jornal carioca, mas dessa vez numa outra configuração e para outros leitores. Acreditamos que esses aspectos materiais, no que concerne às transposições pelas quais o texto passou e as diferenças temporais entre as publicações, possam ser, de alguma forma, considerados em análises futuras da tradução.

Machado de Assis, dessa maneira, atuou como tradutor em duas narrativas publicadas no espaço do rodapé de dois jornais brasileiros, de acordo com as fontes que dispomos. Não foi

⁷⁵⁹ Fonte: *Jornal da Tarde*, Rio de Janeiro, n. 150, 23 abr. 1870, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/246875/349>. Acesso em: 14 jul. 2022.

um tradutor de romance-folhetim, considerando o sentido estrito desse termo. Em suma, podemos considerar que ele não teve uma produção intensa na tradução para o rodapé dos jornais, bem como na tradução de romances para serem publicados em livro, como tiveram outros tradutores analisados neste trabalho. Esse não seria o caso, por exemplo, do tradutor Visconti Coaracy, que abordaremos a seguir.

José Alves Visconti Coaracy nasceu em 21 de novembro de 1837, em Niterói, e faleceu em 13 de dezembro de 1892, no Rio de Janeiro⁷⁶⁰. Poucos meses antes, havia falecido sua esposa, a também tradutora Corina Vivaldi Coaracy. Ela, nascida nos Estados Unidos, traduziu obras do francês, do italiano e do inglês, e trabalhou na imprensa como diretora, cronista e correspondente internacional⁷⁶¹. Visconti Coaracy se aposentou na Secretaria de Guerra, foi membro do Conservatório Dramático Brasileiro e cavaleiro da Ordem de Cristo. Iniciou suas atividades na imprensa no *Correio Mercantil*, em 1855, no qual permaneceu até 1869. Foi redator de várias folhas e colaborador de outras muitas, entre elas o *Jornal do Commercio* e o *Jornal da Tarde*. Dessa maneira, teve a imprensa como um de seus trabalhos, que consistiam, também, na tradução de ficção⁷⁶².

Como escritor, publicou: o romance *Jovita ou a voluntaria da morte*: romance histórico, em 1867; o romance *O amor que mata*, em 1873; e a narrativa curta *A mascara de gesso*: conto fantástico. Também produziu duas obras de auxílio aos estudos para os exames preparatórios, quais sejam: *Selecta dos clássicos da língua portuguesa*, uma compilação de excertos de autores consagrados da língua portuguesa, e *Beautés de la langue française*, de 1887, com extratos de textos de autores franceses⁷⁶³.

Em 1873, em parceria com Luiz José Pereira da Silva (1837-1908) e com sua esposa Corina Coaracy⁷⁶⁴, ele adaptou o romance *O Guarani*, de José de Alencar, para o teatro, com música de Carlos Gomes (1836-1896). Logo que os anúncios da peça foram publicados na imprensa, em abril de 1874, o romancista se queixou do roubo de sua propriedade literária. Depois de um debate nos jornais, nos quais Alencar foi motivo de chacota em caricaturas, um acordo foi feito entre ele e a companhia Fênix Dramática, e outro precisou ser firmado alguns meses depois, para dar fim à questão. A partir desse caso, José de Alencar propôs, em 1875, um

⁷⁶⁰ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1898. v. 4, p. 280.

⁷⁶¹ BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. Op. cit., 1989. p. 193-194.

⁷⁶² SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1898. v. 4, p. 280.

⁷⁶³ Idem, ibidem. p. 280-281.

⁷⁶⁴ Idem, ibidem. p. 283.

projeto de lei para defender o trabalho intelectual, mas não viu a resolução dessa discussão – havia um debate sobre a propriedade literária naquela época –, pois faleceu dois anos depois⁷⁶⁵.

Visconti Coaracy foi tradutor das seguintes peças, que foram apenas representadas: *A filha única*, *A cabeça da Medusa*, *A atriz mademoiselle Lavallière* e *A desforra*, todas traduzidas da língua italiana, além de *Os tres amantes* e *O vampiro*, da língua francesa. É autor de outras peças, quais sejam: *Os tartufos de cá*, um drama em quatro atos; *Mulher, marido e amante*, idem; e *Theatro por dentro*, uma comédia em dois atos⁷⁶⁶.

Ainda na década de 1870, Visconti Coaracy atuou como tradutor de romances-folhetins. Para o *Jornal da Tarde*, por exemplo, traduziu *Camelião*, de Paul Sanière (1827-1894), romance que se inicia em 24 de agosto de 1870, na edição 253, e se encerra em 10 de novembro de 1870, na edição 318. Além disso, traduziu, para esse mesmo jornal, *O homem da faca*, obra que saiu à luz entre 13 de julho, na edição 161, e 23 de dezembro de 1871, na edição 299 – tradução para o português de *Le capitaine Caderousse*, de Pierre Ferragut e Ernest Rollet. Nesse jornal, no entanto, não era creditado como tradutor dos folhetins⁷⁶⁷.

Com o propósito de imprimir suas traduções, Visconti Coaracy fundou, em 1883, no Rio de Janeiro, o periódico *O Folhetim*: publicação diária de romances, no qual dividia a direção com Santos Cardoso. Essa pequena folha, de duas colunas, teve seus números publicados apenas nesse ano. Vendido a 40 réis, um preço bastante acessível, o primeiro número saiu em 1º de abril, com o início da tradução *A desforra de um defunto*, feita a partir da obra *Les mansardes de Paris*, do escritor francês Pierre Zaccone (1817-1895).

Essa primeira narrativa traduzida passou a dividir, a partir de 26 de abril, na edição de número 23, as páginas com *A bastarda*, que rapidamente tomou conta de toda a folha, com a finalização da primeira narrativa. Trata-se da tradução de *L'Idiot*, de Xavier de Montépin, publicada em 1856, da qual foi omitido o prólogo em *O Folhetim*. A segunda história teve fim em 22 de junho, na edição de número 70, dando lugar completo, nos exemplares seguintes, a *O tesouro dos assassinos*, que vinha dividindo espaço com a história anterior desde o número 51, de 31 de maio. Trata-se de uma tradução de *Les drames de Cayenne*, de Élie Berthet.

⁷⁶⁵ GODOI, Rodrigo Camargo de. Op. cit., 2017.

⁷⁶⁶ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1898. v. 4, p. 283.

⁷⁶⁷ Idem, ibidem. p. 282.

Figura 53: *A desforra de um defunto*, de Pierre Zaccone, traduzido por Visconti Coaracy⁷⁶⁸.

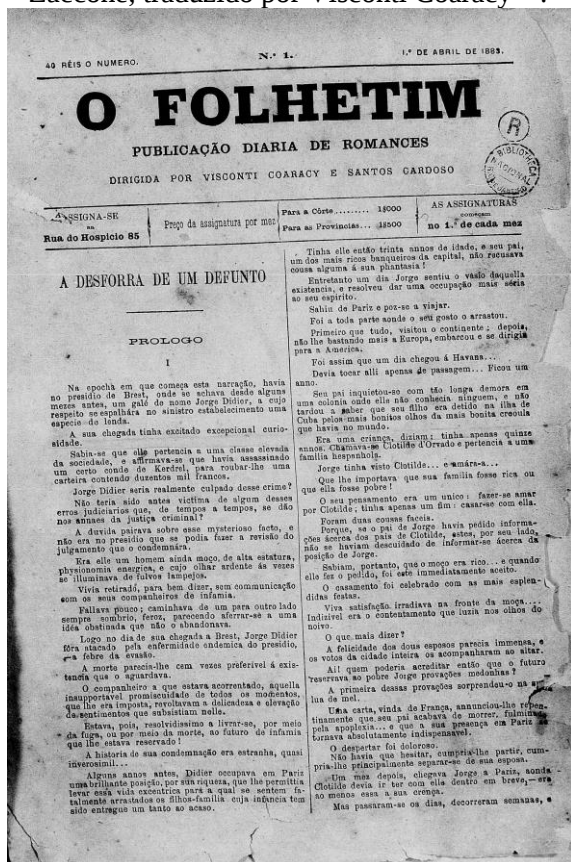
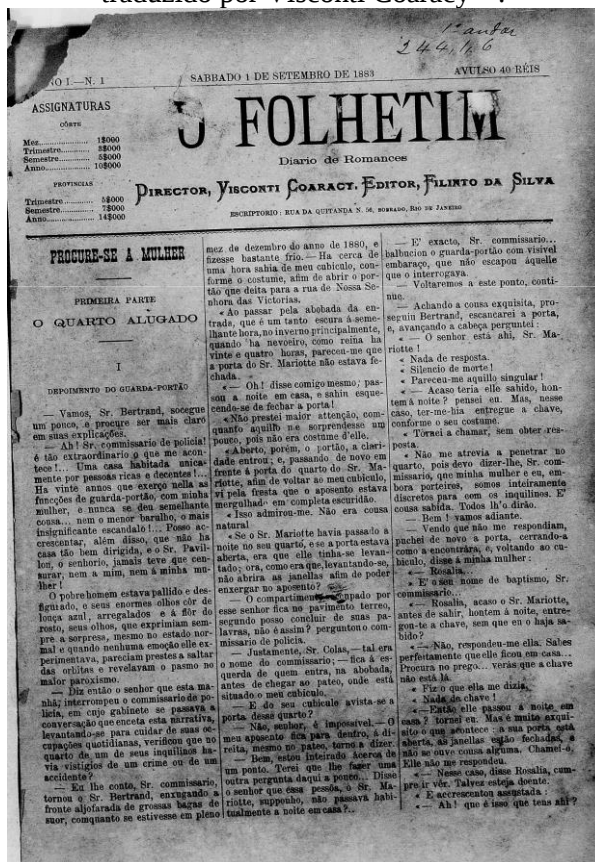


Figura 54: *Procure-se a mulher*, de A. Mathey, traduzido por Visconti Coaracy⁷⁶⁹.



Essa forma de publicação, que divide as quatro páginas entre duas histórias, havia aborrecido alguns leitores dos jornais nos primeiros meses. Os editores do pequeno jornal, então, publicaram uma explicação para tal fato, explicando que era uma prática comum a outras folhas francesas e inglesas.

EXPEDIENTE

Temos recebido uma ou outra reclamação por havermos encetado a publicação de um romance antes de concluído outro, o que, no entender dos reclamantes, dificulta a encadernação.

Os jornais franceses e ingleses deste gênero, cujo sistema seguimos, não publicam um romance antes de concluir outro, publicam três e quatro ao mesmo tempo. (Vejam-se *Le Conteur*, *La Semaine*, *Bons Romans*, *Journal pour Tous*, *Family Herald*, *London Journal*, *Family Reader*, e tantos outros.) A encadernação de tais jornais não se faz a cada romance que se publica, e sim por trimestres ou semestres, como a de outros quaisquer jornais, onde

⁷⁶⁸ Fonte: *O Folhetim*, Rio de Janeiro, n. 1, 1 abr. 1883, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/340022/1>. Acesso em: 18 jun. 2022.

⁷⁶⁹ Fonte: *O Folhetim*, Rio de Janeiro, n. 1, 21 set. 1883, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/340022/399>. Acesso em: 18 jun. 2022.

também os romances que publicam ficam partidos, e divididos às vezes em mais de um volume.
[...]

OS EDITORES⁷⁷⁰.

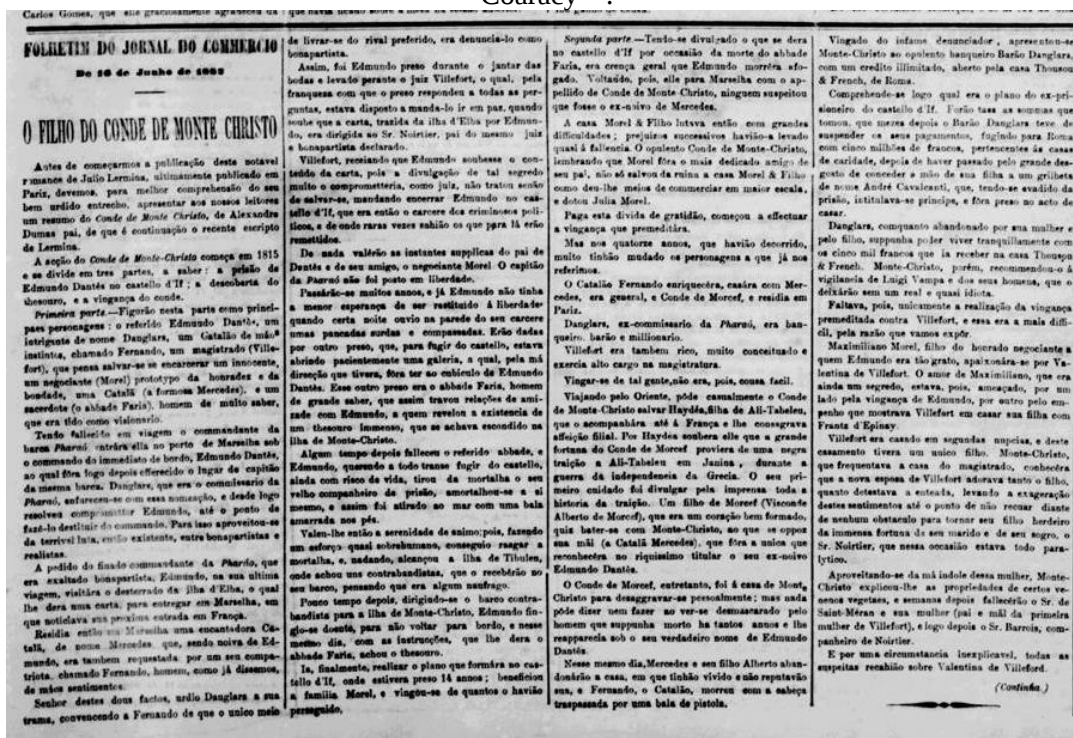
O tesouro dos assassinos encerrou a primeira fase de *O Folhetim*, em 6 de julho, na edição de número 81. A pequena folha reapareceu em 1º de setembro com a narrativa *Procure-se a mulher*. Trata-se da tradução para o português de *Cherchez la femme*, de Arthur Matthey – pseudônimo do escritor francês Arthur Arnould (1833-1895) –, obra publicada em 1883, na França. Visconti Coaracy se tornou o único diretor, e passou a existir o cargo de editor, que foi ocupado por Filinto da Silva.

A pequena folha, que recebia assinaturas na rua do Hospício, n. 85, passou a ter a rua da Quitanda, n. 56, como novo endereço. O preço do exemplar se manteve o mesmo, mas depois foi atualizado para 60 réis. *Procure-se a mulher* se encerrou em 16 de outubro, na edição de número 40. Teve fim, assim, *O Folhetim*.

Visconti Coaracy também traduziu romances-folhetins para o *Jornal do Commercio*, a exemplo de *O filho do Conde de Monte Christo*, de Jules Lermina (1839-1915), uma continuação da obra de Alexandre Dumas. A tradução, iniciada em 16 de junho de 1882, não foi apresentada com o nome do tradutor. Esse foi também o caso do romance *Mamã Rocambole*, de Pierre Zaccone, publicado em 1881, e certamente dos outros antes dele.

⁷⁷⁰ *O Folhetim*, Rio de Janeiro, n. 28, 2 maio 1883, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/340022/112>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Figura 55: *O filho do Conde de Monte Christo*, de Jules Lermina, traduzido por José Alves Visconti Coaracy⁷⁷¹.



A partir de 1885, José Alves Visconti Coaracy veria publicadas suas traduções de alguns romances do francês George Ohnet, um escritor que estava fazendo muito sucesso na França, na década de 1880. As obras de Ohnet chegaram ao Brasil sem demora, e foram traduzidas para serem publicadas em livros e folhetins nos jornais; eram também anunciadas em periódicos de todo o país, que também divulgavam os anúncios de adaptações teatrais de suas obras em várias localidades brasileiras⁷⁷². *O Margal*, de 1885, *A Condessa Sara*, de 1886, *Lise Fleuron*, de 1887, e *A alma de Pedro*, de 1890, foram os romances traduzidos por Visconti Coaracy e editados na casa de Baptiste-Louis Garnier. Foi, portanto, tradutor dessa importante editora brasileira.

Além dessas obras de Ohnet, Visconti Coaracy também viu publicado, pela Garnier, o romance *Urania*, tradução de *Uranie*, de 1889, obra do francês Camille Flammarion (1842-1925), astrônomo e pesquisador de fenômenos paranormais. Um anúncio impresso no *Jornal do Commercio*, em 6 de março de 1890, apresenta o assunto da obra – mistura entre espiritualismo e astronomia –, bem como destaca seu reputado tradutor, que por sua tradução

⁷⁷¹ Fonte: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 166, 16 jun. 1882, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/5801. Acesso em: 18 jun. 2022.

⁷⁷² SANTOS, Rose Rocha dos. *A obra de Georges Ohnet em folhetins brasileiros*. 2021. 31 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. p. 10-11.

“[...] presta mais um relevante serviço àqueles que, ou por ignorarem a língua francesa, ou por não quererem comprar a dispendiosíssima edição de Paris, procurarão de preferência publicação brasileira”⁷⁷³.

Visconti Coaracy também traduziu, para a editora Garnier, a obra *A Sonata de Kreutzer*, publicada em 1890. O “original”, *La Sonate à Kreutzer*, é a tradução francesa – que teve duas edições publicadas ao mesmo tempo – de *Kreitzerova Sonata*, de autoria do escritor russo Liev Tolstói (1828-1910). Tal romance, publicado em 1889, aborda o casamento e as relações entre homem e mulher, de uma forma pessimista. Esse é um caso de tradução indireta assumido pelo tradutor. O resultado foi considerado satisfatório pelas críticas que recebeu, a exemplo do pequeno texto que se publicou no *Diario de Noticias*, em 30 de dezembro de 1890.

O sr. Visconti Coaracy, muito prático nesse gênero de trabalho, apresenta-nos uma tradução excelente. É digno de elogios o seu empenho em tornar conhecida entre nós a literatura russa, tão em voga, hoje, na Europa. E é para desejar que o seu exemplo concorra para melhor conhecimento dos livros de Gogol, o Balzac dessa literatura tão rica e iniciadora do naturalismo na Rússia, de Tolstói, Dostoevsky, Galitzme Goutchanof etc., continuadores do autor de *Tarass Boulba*⁷⁷⁴.

Dessa maneira, era reconhecido como um tradutor “muito prático nesse gênero de trabalho”, certamente em razão das traduções que já havia realizado para a editora de Garnier. O fato de ter traduzido uma obra da literatura russa, mesmo que de forma indireta, é também considerado digna de elogios, visto que Tolstói também seria um grande escritor, “o Balzac dessa literatura tão rica e iniciadora do naturalismo na Rússia”.

Em suma, com todas essas informações mencionadas, compreendemos que José Alves Visconti Coaracy se dedicou mais à tradução de romances para os jornais do Rio de Janeiro e para a editora de B. L. Garnier, com poucas traduções de peças teatrais. O contrário pode ser observado no caso de José Joaquim Vieira Souto, que se destacou como um tradutor de teatro muito produtivo.

Vieira Souto nasceu em 21 de junho de 1828, na cidade do Rio de Janeiro, e faleceu em 31 de agosto de 1891. Foi funcionário público da Thesouraria da Província do Rio de Janeiro, onde chegou ao cargo de diretor de fazenda, do qual se aposentou em 1877. Foi professor do curso preparatório da Escola Militar entre 1864 e 1867, e foi deputado provincial entre 1860 e

⁷⁷³ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 65, 6 mar. 1890, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_08/429. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷⁷⁴ *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, n. 2010, 30 dez. 1890, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/369365/8394>. Acesso em: 17 jun. 2022.

1863. Foi membro do Conservatório Dramático Nacional⁷⁷⁵. Foi casado com Joaquina Maria Rosa (1834-1895), filha do ator e encenador João Caetano, e foi irmão de Luiz Honório Vieira Souto (1819-1890), também tradutor⁷⁷⁶.

Suas traduções de romances-folhetins são: *A condessa de Vintimille*, publicado na *Gazeta Nitheroyense*; *Os amores de um louco*, no *Commercio*, de Niterói; *A noite dos vingadores*, que saiu no suplemento do *Diario do Rio de Janeiro*; *A família de Jouffroy*, que saiu no rodapé dessa mesma folha; além de *O Conde de Laverina* e *A ultima marquezia*, também para o *Diario*⁷⁷⁷. Nesse jornal carioca, Vieira Souto não foi creditado como tradutor dessas publicações, como de costume se fazia com outros folhetins.

Figura 56: Primeiras três colunas de *A Família Jouffroy*, de Eugène Sue, traduzido por José Joaquim Vieira Souto⁷⁷⁸.



Apesar das poucas traduções de romances-folhetins, José Joaquim Vieira Souto foi um tradutor muito requisitado pelos teatros do Rio de Janeiro. Segundo a listagem de Sacramento Blake, ele traduziu trinta peças para o Theatro Gymnasio Dramatico; para o Theatro de S.

⁷⁷⁵ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1898. v. 4, p. 502.

⁷⁷⁶ RONDINELLI, Bruna Grasiela da Silva. *Lágrimas e mitos: traduções e apropriações do melodrama francês no Brasil (1830-1910)*. 2017. 339 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2017. p. 113.

⁷⁷⁷ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1898. v. 4, p. 502.

⁷⁷⁸ Fonte: *Diario do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 306, 9 nov. 1854, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/40594. Acesso em: 17 jun. 2022.

Januario, apenas duas; e para o Theatro de S. Pedro de Alcantara e para o Theatro de Santa Thereza, 16 peças. No entanto, os números podem ter sido maiores, pois não é difícil encontrar peças anunciadas nos jornais cariocas que não foram listadas no *Diccionario Bibliographico Brasileiro*⁷⁷⁹.

Figura 57: Anúncio da encenação do drama *As mulheres de marmore*, de Théodore Barrière, traduzido por José Joaquim Vieira Souto⁷⁸⁰.

THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO.
 SEXTA-FEIRA 26 DE OUTUBRO DE 1855
 Primeira representação do drama espectaculoso em 5 actos, adornado de musica, traduzido pelo Sr. José Joaquim Vieira Souto, intitulado:

AS MULHERES DE MARMORE.

DISTRIBUIÇÃO.

Phidias o Raphael.	Sr. Amodo.
Diogenes o Desgenais.	Sr. P. Joaquim.
Gorgias o De Fresnes.	Sr. Vianna.
Alcibiades e Juliano.	Sr. Couto.
Um Atheniense o Francisco.	Sr. P. Montani
Mauton.	S. Martins.
Strubon e John.	Sr. Orsat.
Um creado de botequim.	Sr. Miguel.
Aspasia e Marco.	Sra. Gabriella.
Thea e Maria.	Sra. Adelaide.
A Sra. Didier.	Sra. Noronha.
Lois o Josepha.	Sra. Velluti.
Phynoa o Julieta.	Sra. Virginia.
Fedora.	Sra. Ricardini.

O scenario é novo e pintado pelo Sr. Mario Bragaldi, e o vestuario é tambem novo e feito pelo mestre do guarda roupa, o Sr. Motta.

DENOMINAÇÃO DOS ACTOS.

- 1.º A officina do esculptor grego Phidias.
- 2.º Madrid em 1853.
- 3.º A officina do esculptor Raphael.
- 4.º Casa de Marco.
- 5.º A officina do esculptor Raphael.

Os senhores que encomendão bilhetes para esta recita queirão vir busca-los até o dia quarta feira 24 do corrente.

O resto dos bilhetes vende-se no escriptorio do theatro.

Principiará ás 8 horas.

Figura 58: Anúncio da encenação dos dramas *Os parisienses* e *As mulheres de marmore*, de Théodore Barrière, traduzidos por José Joaquim Vieira Souto⁷⁸¹.

THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO.
 Domingo 2 do dezembro do 1855.
 GRANDE GALA.
 FELIZ ANNIVERSARIO DO GLORIOSO NATALICIO DE S. M. IMPERIAL O SR.

D. PEDRO II.

1ª representação do grande drama em 3 actos, seguimento das *Mulheres de Marmore*, o do mesmo autor, traduzido pelo Sr. Souto, intitulado:

OS PARISIENSES.

DISTRIBUIÇÃO.

Desgenais, 40 annos.	Sr. P. Joaquim.
O Sr. Martins, milionario, primo de Rafael, 50 annos	Sr. Orsat.
O Sr. de Préval, banqueiro, aspirante ao patrio, 45 annos.	Sr. Vianna.
O conde Ravul de Pintre, 29 annos	Sr. Couto.
Julio, filho do Sr. de Préval, 19 annos	Sr. Amodo.
Maximo de Tremblé, secretario de Sr. de Préval, 23 annos.	Sr. Monclar.
Paulo Gondin, litterato, 28 annos	Sr. Martins.
Um criado do Sr. de Préval.	Sr. Freitas.
Um criado do Sr. de Ravul.	Sr. Medeiros.
Alberico de Grandchamp, 30 annos	Sr. P. Montani
Maria, pupilla de Desgenais	Sra. Virginia.
Clotilde, mulher do Sr. de Préval, 31 annos.	Sra. Gabriella.
Anna, sua filha, 16 annos.	Sra. Adelaide.

Todo o scenario é novo e pintado pelo Sr. Bragaldi.

Os bilhetes vendem-se no logar do costume.

Principiará ás 8 horas e 1/4.

⁷⁷⁹ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Op. cit., 1898. v. 4, p. 503-504.

⁷⁸⁰ Fonte: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 296, 26 out. 1855, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11059>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷⁸¹ Fonte: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 332, 2 dez. 1855, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11205>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Tais anúncios mostram que Vieira Souto foi, de fato, um tradutor muito produtivo. Além disso, tinha reconhecimento por suas traduções, que eram reapresentadas em ocasiões especiais, a exemplo da encenação do drama, em quatro atos, intitulado *Bertram, o marinheiro*, de Joseph Bouchardy (1810-1870), apresentado no Theatro São Januário, em 3 de maio de 1853, como solenidade da abertura da Assembleia Geral Legislativa⁷⁸².

Outro exemplo: *As mulheres de mármore*, do dramaturgo francês Théodore Barrière (1821-1877), peça que foi encenada no Theatro Gymnasio Dramatico em 2 de dezembro de 1855, em comemoração ao aniversário do Imperador D. Pedro II, acompanhada de *Os parisienses*, também traduzida por Souto. *As mulheres de mármore* é a tradução de *Les Filles de marbre*, um drama em cinco atos, que foi encenado no théâtre du Vaudeville, em Paris, em 17 de maio de 1853; por sua vez, *Os parisienses* é a tradução de *Les parisiens*, um drama em três atos, encenado em Paris, no mesmo teatro, em 28 de dezembro de 1854.

A respeito da produção tradutória de Vieira Souto para o teatro, convém destacar a pesquisa realizada por Bruna Feola Monteiro, que estudou a tradutora e atriz Maria Velluti, uma importante atriz, bailarina e dramaturga.

José Joaquim Vieira Souto atuava no Ginásio Dramático como ator e, ao lado de Velluti, se tornou um dos tradutores principais da companhia. A partir de 1857, suas versões se destacaram, subindo ao palco mais vezes do que as traduções de Maria Velluti. Ao contrário da tradutora, ele verteu para o português peças da escola realista que alcançaram grande sucesso e obtiveram muita repercussão na França e no Brasil, a exemplo de *As mulheres de mármore* e *A dama das camélias*, fato que lhe garantiu maior renome na época⁷⁸³.

Segundo informações de Bruna Rondinelli, o romance *A Dama das Camélias* – inspirado na relação amorosa do próprio autor, Alexandre Dumas, filho, com a cortesã Marie Duplessis – foi inicialmente publicado em tradução incompleta para o português em *O Jornal das Senhoras*, do Rio de Janeiro, entre julho e agosto de 1853⁷⁸⁴. Três anos depois, em fevereiro de 1856, houve a estreia da montagem da peça traduzida por Vieira Souto no palco do Theatro

⁷⁸² *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, n. 122, 3 maio 1856, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11813>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁷⁸³ MONTEIRO, Bruna Feola. Tradutora e atriz: Maria Velluti além dos palcos. p. 1-6. In: COLÓQUIO DO POLO DE PESQUISAS LUSO-BRASILEIRAS, 8., 2016, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2016. p. 3.

⁷⁸⁴ RONDINELLI, Bruna Grasiela da Silva. *A Dama das Camélias* desembarca no Rio de Janeiro: encenações e recepção crítica (1856-1860). *Miscelânea*, Assis, v. 14, p. 101-121, jul./dez. 2013. p. 103-106.

Gymnasio Dramatico⁷⁸⁵. A peça foi bem recebida na imprensa carioca, em cujos textos críticos foi avaliada de acordo com a moral, a verossimilhança e o estilo⁷⁸⁶.

Assim sendo, fica ressaltada a importância da figura de José Joaquim Vieira Souto, em razão de ter sido o tradutor oficial de um importante teatro do Rio de Janeiro. Portanto, encontrou seu espaço como tradutor de peças teatrais, apesar de também ter trabalhado na imprensa e de ter traduzido alguns romances-folhetins.

⁷⁸⁵ Idem, *ibidem*. p. 108.

⁷⁸⁶ Idem, *ibidem*. p. 111-122.

CAPÍTULO 3: TRAJETÓRIAS COMPARADAS DE DOIS TRADUTORES BRASILEIROS: CAETANO LOPES DE MOURA E JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA

Caetano Lopes de Moura e Justiniano José da Rocha são nomes importantes da tradução literária para o português no Brasil do século XIX. Moura é (re)conhecido como tradutor de romances de Walter Scott e James Fenimore Cooper, enquanto Rocha é citado como um profícuo tradutor de romances-folhetins franceses. O primeiro partiu da Bahia, sua terra natal, para a Europa ainda jovem, a fim de estudar e, mais tarde, trabalhar como médico, escritor e tradutor na França, obtendo reconhecimento de seus pares no Brasil por seus trabalhos e por suas boas relações sociais. O segundo foi um jornalista, professor e político importante e reconhecido no debate público, mas que não logrou do mesmo grau de reconhecimento de Moura no fim da vida.

A fim de compreender melhor essas importantes personalidades, abordaremos, nesta parte do trabalho, mais detalhes sobre as vidas de Moura e Rocha, bem como de suas práticas tradutórias. Para tal, recorreremos a alguns conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu – dentre os quais “capital simbólico”, “capital cultural” e “trajetória” –, que ajudam a compreender as dinâmicas das relações sociais e as posições ocupadas por ambos no “campo” – conceito também estabelecido por Bourdieu para designar um espaço de práticas específicas, com regras de funcionamento próprias.

Essas duas personalidades da tradução do Brasil no Oitocentos foram escolhidas especialmente para compor um capítulo deste trabalho, em razão de serem nomes mencionados em trabalhos sobre História da Tradução em nosso país, e porque foram objetos de biografias produzidas no século XX. Dessa forma, ambos obtiveram reconhecimento, até mesmo depois de muitas décadas, tanto por suas atividades profissionais diversas, quanto por suas traduções, num momento em que a prática tradutória era uma atividade profissionalmente incipiente. Não obstante o limitado grau de desenvolvimento profissional do tradutor no Oitocentos brasileiro, a tradução nunca deixou de ter papel essencial no contexto das aproximações entre culturas e línguas diferentes. Sabe-se que a tradução de obras estrangeiras era indispensável para que as editoras e os jornais brasileiros se expandissem e se desenvolvessem, a fim de alcançar os leitores brasileiros. Sendo assim, vejamos, a seguir, uma breve explanação sobre os conceitos de Bourdieu, para depois abordar a vida e as práticas de tradução de Moura e Rocha.

3.1 Pierre Bourdieu: os conceitos de “capital” e “trajetória”

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), cuja obra impactou diversas disciplinas das Humanidades – como a educação, os estudos literários e os estudos da tradução –, é um dos intelectuais franceses mais importantes do século XX, ao lado de outros nomes conhecidos como Foucault e Derrida. Dentro das Ciências Sociais, Bourdieu estabeleceu suas teorias e seus conceitos, que podem ser empregados em outras áreas do conhecimento, com o objetivo de entender, com maior profundidade, as forças e os agentes que atuam no mundo. Dentre eles, destacam-se os conceitos de *habitus*, campo e capital, defendidos por Bourdieu como elementos igualmente importantes e integrantes de uma metodologia que visa compreender o mundo social⁷⁸⁷.

Em *10 lições sobre Bourdieu*, José Marciano Monteiro apresenta as definições sobre esses três conceitos⁷⁸⁸. De acordo com Monteiro, campo seria um “microcosmo estruturado, espaço de força e de lutas”⁷⁸⁹, cada qual com certo grau de autonomização e com suas regras próprias. Exemplos de campos estudados pelo sociólogo francês são: campo econômico, campo político, campo literário e campo religioso, cada qual com suas regras. Dentro dos campos, os agentes atuam de acordo com um *habitus*, compreendido por Bourdieu como um “[...] princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas”⁷⁹⁰, ou seja, aquilo que é adquirido e incorporado pelos sujeitos durante as etapas de socialização primária (familiar) e secundária (escolar, por exemplo). Dentro de cada campo, os agentes disputam recursos, compreendidos como “capital”, que podem ser de diversos tipos: cultural, econômico, político, simbólico etc., cada qual com sua especificidade, dependendo do campo em que o capital está em disputa.

Em cada campo específico, os agentes disputam os capitais que são valorizados dentro do campo como forma de distinção e de alcançar as posições. Nesse sentido, segundo Frédéric Lebaron, o capital funciona ao mesmo tempo como um “patrimônio” e um mecanismo de “segurança” para seus detentores⁷⁹¹. De acordo com Rob Moore, a noção de “capital”, para

⁷⁸⁷ THOMSON, Patrícia. Parte II – Teoria do campo – Para além da subjetividade e da objetividade. p. 65-114. In: GRENFELL, Michael. (org.). *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 65-114.

⁷⁸⁸ MONTEIRO, José Marciano. *10 lições sobre Bourdieu*. 9a. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

⁷⁸⁹ Idem, *ibidem*. p. 44.

⁷⁹⁰ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 21-22.

⁷⁹¹ LEBARON, Frédéric. Capital. p. 101-103. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (org.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 101-103.

Bourdieu, tem um sentido mais ampliado do que o uso restrito ao mundo econômico, ao qual geralmente se associa o termo. O pesquisador explica que o propósito do sociólogo francês, ao empregar esse conceito em suas análises sociológicas, foi “[...] estender o sentido do termo ‘capital’ ao empregá-lo num sistema mais amplo de trocas onde bens de tipos diferentes são transformados e trocados dentro de redes ou circuitos complexos dentro de campos diferentes, e entre eles”⁷⁹². No rol desses “bens de tipos diferentes” está o “capital econômico”, cuja importância é evidente, mas há também outros tipos de capital que são mais ou menos relevantes, a depender do campo.

Para Bourdieu, dois tipos de capitais estruturam a sociedade contemporânea: o capital cultural, aquele relacionado com a instrução intelectual provida pela família e pela escola, e o capital econômico, aquele que envolve tanto os bens patrimoniais quanto os recebimentos financeiros. Ambos são objeto de disputa pelas seguintes classes: (1) classe dominante – que mantém o maior fluxo de capital econômico e cultural –, (2) pequena burguesia e (3) classes populares. O capital cultural pode se converter em capital econômico, na medida em que legitima os gostos e os comportamentos dos agentes, e os fazem aptos a ocuparem posições mais favoráveis para obtenção de recursos econômicos (emprego em postos mais altos nos setores público e privado, por exemplo), ao mesmo tempo em que distancia os detentores de menos capital cultural pela disputa de capital econômico⁷⁹³.

Bourdieu detalha o capital cultural em três subtipos: capital cultural incorporado, capital cultural objetivado e capital cultural institucionalizado. O sociólogo afirma que o capital cultural incorporado é aquele internalizado no corpo dos agentes, “[...] é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um *habitus*”⁷⁹⁴. Essa forma de capital cultural é passada pela família e a escola, e está relacionada ao gosto e às habilidades, como: “facilidade que alguém adquire para falar em público, posturas corporais, preferências estéticas, competências intelectuais etc.”⁷⁹⁵. O capital objetivado diz respeito à posse de objetos que carregam em si um valor cultural, como pinturas, esculturas etc., dependente do capital econômico disponível. Por fim, o capital cultural institucionalizado é aquele advindo de um diploma escolar, que funciona como uma “certidão de competência

⁷⁹² MOORE, Rob. Capital. p. 136-154. In: GRENFELL, Michael (org.). *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

⁷⁹³ MONTEIRO, José Marciano. Op. cit., 2018.

⁷⁹⁴ BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. Tradução de Magali de Castro. Revisão técnica de Maria Alice Nogueira. p. 71-79. In: CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (org.). *Escritos de educação*. 9a. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. (Ciências sociais da educação). p. 74-75

⁷⁹⁵ MONTEIRO, José Marciano. Op. cit., 2018. p. 75.

cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura”, segundo Bourdieu⁷⁹⁶.

No campo das relações simbólicas, Bourdieu caracteriza o capital social, o capital político e o capital simbólico. O capital social está baseado nas relações sociais no seio familiar, e podem ser estabelecidas entre famílias via casamentos. O capital simbólico, por sua vez, estaria relacionado ao reconhecimento que se obtém das práticas que diferenciam os agentes dentro de um campo. Esse capital “se torna capital essencial na medida em que os agentes reconhecem no mundo social um conhecimento prático a partir de títulos, nomes e rituais de consagração que permitem reconhecê-los”⁷⁹⁷. O capital político, por fim, seria uma forma de capital simbólico obtido pelo reconhecimento enquanto agente que representa grupos sociais que o elegeram no sistema político.

Além dos conceitos de capital e seus tipos, especialmente o capital cultural e o capital simbólico, igualmente importante para nosso estudo é a noção de “trajetória”. Dentro do campo literário, Bourdieu define trajetória como sendo “[...] a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário”⁷⁹⁸. O sociólogo francês esclarece que somente na estrutura do campo se pode compreender o sentido dessas posições consecutivas. A esse respeito, ele argumenta que:

É no interior de um estado determinado do campo, definido por um certo estado do espaço de possíveis, em função da posição mais ou menos singular que ele [escritor] ocupa, e que ele avalia diferencialmente conforme as disposições que deve à sua origem social, que o escritor se orienta em direção a tais ou quais possibilidades oferecidas, e isso, com frequência, de maneira inconsciente [...] ⁷⁹⁹.

Sendo assim, compreendemos que a trajetória das posições sucessivas de um agente dentro do campo deve ser entendida no contexto de sua estrutura e segundo suas regras de funcionamento. Esse conceito de trajetória, estabelecido por Bourdieu para os escritores no campo literário francês, será estendido aos percursos de reconhecimento empenhados pelos tradutores Moura e Rocha em suas atividades profissionais, das quais fez parte também a tradução. Portanto, apresentaremos, de maneira breve, informações extraídas de suas biografias, bem como de outras fontes que se fizeram pertinentes, para analisá-las à luz dos conceitos de Bourdieu aqui discutidos.

⁷⁹⁶ BOURDIEU, Pierre. Op. cit., 2017. p. 78.

⁷⁹⁷ MONTEIRO, José Marciano. Op. cit., 2018. p. 79.

⁷⁹⁸ BOURDIEU, Pierre. Op. cit., 1996. p. 71.

⁷⁹⁹ Idem, ibidem. p. 72.

3.2 Trajetórias de dois tradutores brasileiros do século XIX

Caetano Lopes de Moura e Justiniano José da Rocha são importantes personalidades da cultura brasileira do século XIX, visto serem objeto de produção biográfica, o que nos permite afirmar que ambos os tradutores detêm certo grau de capital simbólico, a julgar pelo reconhecimento e pela dedicação de dois biógrafos em trazer à luz informações sobre suas vidas. *Um brasileiro soldado de Napoleão* é a biografia de Moura publicada em 1979 – duzentos anos depois do nascimento e quase cento e vinte anos depois da morte do tradutor –, escrita pelo professor e pesquisador Cláudio Veiga, que recorreu principalmente à autobiografia desse tradutor, além de explorar materiais recolhidos em arquivos brasileiros e franceses para compor a obra. *Justiniano José da Rocha* é a biografia desse tradutor publicada em 1964 – pouco mais de cem anos depois da morte de Rocha –, escrita pelo jornalista Elmano Cardim, que reuniu informações sobre um companheiro de profissão importante e as publicou em livro.

Embora seus biógrafos atestassem ou a falta de suficiente reconhecimento dos brasileiros a essas importantes figuras no século XX ou a necessidade de esforços para recuperar informações a respeito de tais personalidades, mesmo passadas muitas gerações, as biografias são, para Justiniano e Caetano, indícios da posse de certo capital simbólico, cuja fonte advém do reconhecimento obtido ainda em vida, por seus contemporâneos, ou pouco tempo depois, até o final do século XIX. Cardim cita algumas palavras de enaltecimento sobre Justiniano José da Rocha, como: “um dos talentos mais brilhantes que adornaram as letras e o jornalismo da nossa terra”⁸⁰⁰ e “o primeiro dos jornalistas de seu tempo”⁸⁰¹, segundo o Barão do Rio Branco. Palavras elogiosas também foram dirigidas à memória de Caetano Lopes de Moura, como as ditas pelo escritor Joaquim Manuel de Macedo: “Triste, mas admirável e longa vida deste notável brasileiro, de quem a Bahia pode ufanar-se de ter sido o berço”; e mesmo as palavras do crítico literário Sílvio Romero, para quem o tradutor baiano fora “um dos mais notáveis prosadores que o Brasil tem possuído”⁸⁰².

Ambos os tradutores eram descendentes de negros, informação destacada por seus biógrafos. Logo nas primeiras páginas da biografia de Rocha, Cardim coloca Justiniano como um dos “[...] mestiços que se notabilizaram na vida brasileira, ao lado de outros vultos ilustres

⁸⁰⁰ CARDIM, Elmano. Op. cit., 1964. p. 5.

⁸⁰¹ Idem, ibidem. p. 6.

⁸⁰² VEIGA, Cláudio. *Um brasileiro soldado de Napoleão*. São Paulo: Ática; Brasília: INL, 1979. (Ensaio; 63). p. 9.

em cujas veias corria forte dose de sangue negro [...]”⁸⁰³, que se destacaram na sociedade brasileira do século XIX, entre eles também Francisco de Sales Torres Homem (1812-1876), Francisco Otaviano, Francisco Jê Acaiaba de Montezuma (1794-1870), André Rebouças (1838-1898), e o próprio Caetano Lopes de Moura.

3.3 Caetano Lopes de Moura: médico, escritor e tradutor

De família modesta, Moura nasceu em 7 de agosto de 1780, em Salvador, Bahia, filho de pai carpinteiro, que sempre incentivou o filho a estudar. Moura frequentou as Aulas Régias de latim, grego, retórica, filosofia e matemática, oportunidade reservada a poucos de sua condição social, além de francês, que estudou informalmente, em virtude da aproximação com um colega cuja família tinha posses. Imaginava o jovem Moura, depois de encerrados os estudos no Brasil, continuá-los na França⁸⁰⁴. Sendo assim, ele buscou acumular, desde cedo, capital cultural, via instrução escolar, que o permitisse dar início a sua trajetória, na tentativa de conquistar uma posição social mais favorável, em comparação àquela desfrutada por seu pai, por exemplo.

Contudo, conforme seu biógrafo Cláudio Veiga, Moura passou primeiro por Portugal. Sem condições financeiras para custear uma viagem, já que as aulas que dava não lhe rendiam dinheiro suficiente, Moura recorreu a seu aluno e amigo Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco, cujo pai, dono de uma embarcação, poderia custear a viagem até a Europa. Em sua autobiografia, Moura justificou a viagem para Portugal, junto de Pedro, mencionando o desejo de estudar. Feita a viagem e uma vez no Velho Mundo, nunca mais retornaria ao Brasil⁸⁰⁵.

Ao chegar em Portugal, em 1803, já com mais de vinte anos, Moura sobrevivia dando aulas de latim. O amigo faleceu, deixando-o sozinho. Sempre à procura de amizades que pudessem auxiliá-lo em seus objetivos, conseguiu uma “mesada” de um mecenas, o que tornou possível sua viagem para a França. Com a ajuda garantida, estudava medicina em Rouen, na Normandia. Tornou-se um dos melhores alunos do curso, obtendo diversos prêmios por suas habilidades. Por meio dos estudos, adquiriu, portanto, capital cultural institucionalizado, que se converte em capital simbólico, em razão dos prêmios conquistados.

Depois de formado, Moura partiu para Paris em 1807, mas abruptamente ficou sem o auxílio que o mantinha na França, em decorrência do falecimento de seu mecenas. Observando

⁸⁰³ CARDIM, Elmano. Op. cit., 1964. p. 9-10.

⁸⁰⁴ VEIGA, Cláudio. Op. cit., 1979. p. 18-28.

⁸⁰⁵ Idem, *ibidem*. p. 22.

com admiração as empreitadas de Napoleão Bonaparte e frente à falta de trabalho, entrou para a Legião Portuguesa como cirurgião militar, e com isso conseguiu reconhecimento de seus companheiros portugueses na França. Sendo assim, ao mesmo tempo em que encontrou um meio de subsistência, também adquiriu capital simbólico ao prestar seus serviços à Legião. Segundo Veiga, foi como cirurgião que entrou em contato com a atividade que lhe daria fama posteriormente. Para os médicos portugueses da Legião que desconheciam francês, traduziu uma obra sobre as lesões provocadas por armas de fogo, cujo texto de partida foi possivelmente *Manuel du chirurgien d'armée, ou Instruction de chirurgie militaire sur le traitement des plaies, & spécialement de celles d'armes à feu [...]*, de Pierre-François Percy (1754-1825)⁸⁰⁶. Destacou-se tanto por seu trabalho como médico, atendendo os soldados feridos nas batalhas, que cumpriu extraoficialmente a função de cirurgião-mor⁸⁰⁷.

Veiga explica que, em 1814, o baiano foi licenciado da Legião Portuguesa. Após isso, trabalhou em Grenoble e em Paris como médico, passando duas vezes por Portugal, até retornar, mais uma vez, à França em 1833, em tentativas de garantir a subsistência que julgava mais adequada para ele e sua família. Sua esposa havia falecido antes do regresso, e dois de seus filhos morreram depois do retorno. Com somente um filho e sem perspectivas de aventurar-se novamente na medicina, Moura buscou trabalho no mercado editorial, pois seus conhecimentos em línguas e tradução poderiam ajudá-lo de alguma forma.

Com quase seis décadas de vida, iniciou a carreira profissional como tradutor e escritor para a editora do francês Jean-Pierre Aillaud (1787-1852), especializada em edições portuguesas, num momento em que Paris era um importante centro de produção de livros em português, segundo Diana Cooper-Richet⁸⁰⁸. Aillaud se destacou como o livreiro da capital francesa que mais investiu na edição de livros nesse idioma, tendo publicado 52 títulos na primeira parte do século XIX, especialmente na década de 1840; nas décadas de 1860 e de 1870, sua editora se especializou ainda mais em obras nessa língua⁸⁰⁹. Seus livros eram destinados tanto aos leitores portugueses residentes na França quanto àqueles que moravam em Portugal e no Brasil. Na editora de Aillaud, Moura trabalhou, inicialmente, em traduções de obras que fizeram certo sucesso na França, como: *Os natchez*, de 1837, romance de François-René de Chateaubriand; *Os puritanos da Escóssia*, de 1837, romance de Walter Scott; e *O derradeiro*

⁸⁰⁶ PERCY, Pierre-François. *Manuel du chirurgien d'armée, ou Instruction de chirurgie militaire sur le traitement des plaies, & spécialement de celles d'armes à feu...* Paris: Méquignon l'aîné, 1792. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k97823026>. Acesso em: 12 jan. 2021.

⁸⁰⁷ Idem, *ibidem*. p. 42-60.

⁸⁰⁸ COOPER-RICHET, Diana. Op. cit., 2009. p. 540-541.

⁸⁰⁹ Idem, *ibidem*. p. 543.

mohicano, de 1838, romance de Fenimore Cooper. Posteriormente, dedicar-se-ia também a trabalhos autorais, como: *A mythologia da mocidade ou historia dos deoses...*, de 1840, e *História de Napoleão Bonaparte...*, de 1846.

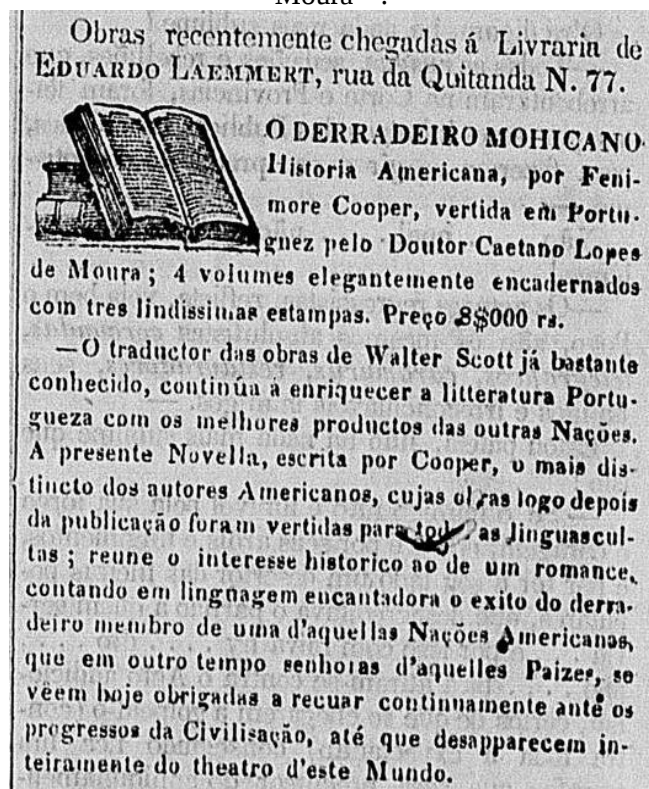
Em relação a sua prática tradutória, Veiga chega a desconfiar que, junto dos textos “originais”, Moura recorria à tradução francesa das obras escritas em outras línguas, como nos casos do inglês e do alemão, as quais possivelmente não dominasse por completo para traduzir a partir delas. Dois terços de seus livros foram traduções – vinte e duas ao todo –, publicadas entre 1837 e 1845, grande parte delas concentrada nos cinco primeiros anos, período em que, certamente, Moura teve muito trabalho e talvez precisasse mesmo recorrer às traduções para o francês quando o “original” fosse de outra língua, embora as edições impressas não deixassem essa informação clara, como no caso de *O piloto*, de 1838, em que se indica apenas que a obra foi “[...] vertida em português pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, natural da Bahia, tradutor das obras de Sir Walter Scott, etc.”⁸¹⁰. Marcos Flamínio Peres considera que Moura, em sua tradução de *Waverley*, de Walter Scott, publicada em 1844, utilizou tanto o texto em inglês quanto a tradução para o francês como textos de partida da tradução para o português. O tradutor baiano teria recorrido à tradução feita pelo francês Auguste-Jean Baptiste Defauconpret, o que pode ser facilmente observado nos títulos dos capítulos e certas expressões do texto em português, mais próximas ao francês do que ao inglês⁸¹¹.

Independente das práticas tradutórias empregadas, Moura obteve reconhecimento por suas traduções no Brasil. Fato raro em anúncios de venda de livros traduzidos para o português publicados nos jornais brasileiros, seu nome era quase sempre mencionado quando suas traduções estavam à venda, e algumas vezes publicava-se exaltações ao seu trabalho. A menção a seu nome é um sinal da fama que suas traduções conquistaram junto aos livreiros e aos leitores, como num exemplo de anúncio da Livraria de Eduardo Laemmert, publicado no jornal *O Sete d’Abril*, em 3 de outubro de 1838, em cuja edição se noticia a venda de *O derradeiro Mohicano* e se diz que Moura, destacado como um “Doutor”, seria um nome “bastante conhecido” – talvez seja esta a razão pela qual é mencionado no anúncio – e que, por ter realizado a tradução de mais essa obra, engrandeceria a Literatura Portuguesa:

⁸¹⁰ COOPER, James Fenimore. *O piloto: novella maritima*. Tradução de Caetano Lopes de Moura. Paris: Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud, 1838. n/p. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

⁸¹¹ PERES, Marcos Flamínio. Walter Scott’s *Waverley* distorted translation by the Brazilian Romanticism: the case of Caetano Lopes de Moura. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 19, p. 120-129, 2017.

Figura 59: Anúncio de *O derradeiro Mohicano*, de Fenimore Cooper, traduzido por Caetano Lopes de Moura⁸¹².



Transcrição:

Obras recentemente chegadas à Livraria de Eduardo Laemmert, rua da Quitanda n. 77. O DERRADEIRO MOHICANO: história americana, por Fenimore Cooper, vertida em português pelo doutor Caetano Lopes de Moura; 4 volumes elegantemente encadernados com três lindíssimas estampas. Preço 8\$000 rs.

— O tradutor das obras de Walter Scott já bastante conhecido, continua a enriquecer a literatura portuguesa com os melhores produtos das outras nações. A presente novela, escrita por Cooper, o mais distinto dos autores Americanos, cujas obras logo depois da publicação foram vertidas para todas as línguas cultas; reúne o interesse histórico ao de um romance, contando em linguagem encantadora o êxito do derradeiro membro de uma daquelas Nações Americanas, que em outro tempo senhoras daquelles Países, se veem hoje obrigadas a recuar continuamente ante os progressos da civilização, até que desaparecem inteiramente do teatro deste mundo.

Apesar da valorização do produto que se colocava à venda – algo que se poderia esperar de um anúncio –, o destaque dado ao nome do tradutor – “já bastante conhecido” – e a seu trabalho – “continua a enriquecer a literatura portuguesa com os melhores produtos das outras nações” – indicam sua popularidade frente aos leitores do jornal⁸¹³. Outro exemplo da boa reputação de Moura como tradutor pode ser visto numa pequena crítica publicada no jornal *O Commercio*, da Bahia, em 1844 – conforme constatado por seu biógrafo –, na qual sua tradução do romance histórico *Waverly*, de Walter Scott, foi louvada.

A prodigiosa celebridade do inimitável Walter Scott nos dispensa de dizer alguma coisa sobre o mérito de suas obras e, em particular, o desta, que é, sem dúvida alguma, uma de suas mais admiráveis produções; mas não podemos deixar de falar da tradução dela, pois é de uma elegância, fidelidade e pureza de linguagem tais que merecerá não só o aplauso geral dos amigos da boa literatura, mas deverá servir de modelo para os que d’ora em diante se applicarem a traduzir na língua portuguesa obras de bom cunho. Não basta

⁸¹² Fonte: *O Sete d’Abril*, Rio de Janeiro, n. 616, 3 out. 1838, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/709476/2619>. Acesso em: 19 fev. 2020.

⁸¹³ MARQUES, Lucas de Castro. *Circulação e recepção dos romances de James Fenimore Cooper no Rio de Janeiro e em São Paulo (século XIX)*. 2018. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018. p. 32; 144-145.

traduzir as palavras de uma língua por outra equivalentes, como fazem a maior parte dos tradutores; para que uma tradução seja bem feita, é necessário que o espírito e as belezas do original sejam substituídas nela por outras não menos elegantes, mas acomodadas ao gênio da língua em que se traduz. O Sr. Dr. Moura, nesta elegantíssima tradução, assim como nos anteriores, desenvolveu o gosto mais delicado e um conhecimento tão profundo da língua portuguesa que nos fazem esperar com avidez outras traduções que sabemos ele prepara⁸¹⁴.

Moura, pela sua “elegância, fidelidade e pureza de linguagem” na tradução, teria que ser considerado, de acordo com o julgamento do redator desconhecido dessa crítica, um paradigma de tradutor para a língua portuguesa, no qual outros tradutores deveriam se espelhar. Tais tradutores, que apenas traduziam palavra por palavra, teriam que passar a traduzir o “espírito” do original na língua em que se traduz, de acordo com seu “gênio”. Para isso, seria importante “um conhecimento [...] profundo da língua portuguesa”, observado no trabalho desse tradutor. Notamos, assim, que esse julgamento se baseia na ideia de tradução voltada para a língua de chegada, o que nos faz lembrar das duas maneiras de traduzir, conforme explica o tradutor e teórico alemão Friedrich Schleiermacher (1768-1834), em “Sobre os diferentes métodos de tradução”: “[o]u bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro”⁸¹⁵. Assim sendo, julgou-se válido aproximar o escritor do leitor, como teria feito Moura. Esses dois exemplos mencionados, nos quais podemos constatar a boa aceitação de suas obras traduzidas, ilustram claramente o capital simbólico adquirido por Moura a partir de suas traduções.

Depois de publicadas muitas obras, Moura foi indicado e admitido, em 1846, como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma importante instituição fundada no Império, em 1838, com o objetivo de construir a narrativa histórica do país, preservar documentos, difundir publicações e incentivar o ensino da História do Brasil⁸¹⁶. Sua admissão teria ocorrido, principalmente, em razão da tradução do *Diccionario geographico, histórico e descriptivo do Imperio do Brazil*, publicado em 1844, pela editora Aillaud, de autoria do francês Milliet de Saint-Adolphe. Tal obra colocou o tradutor em evidência – além do

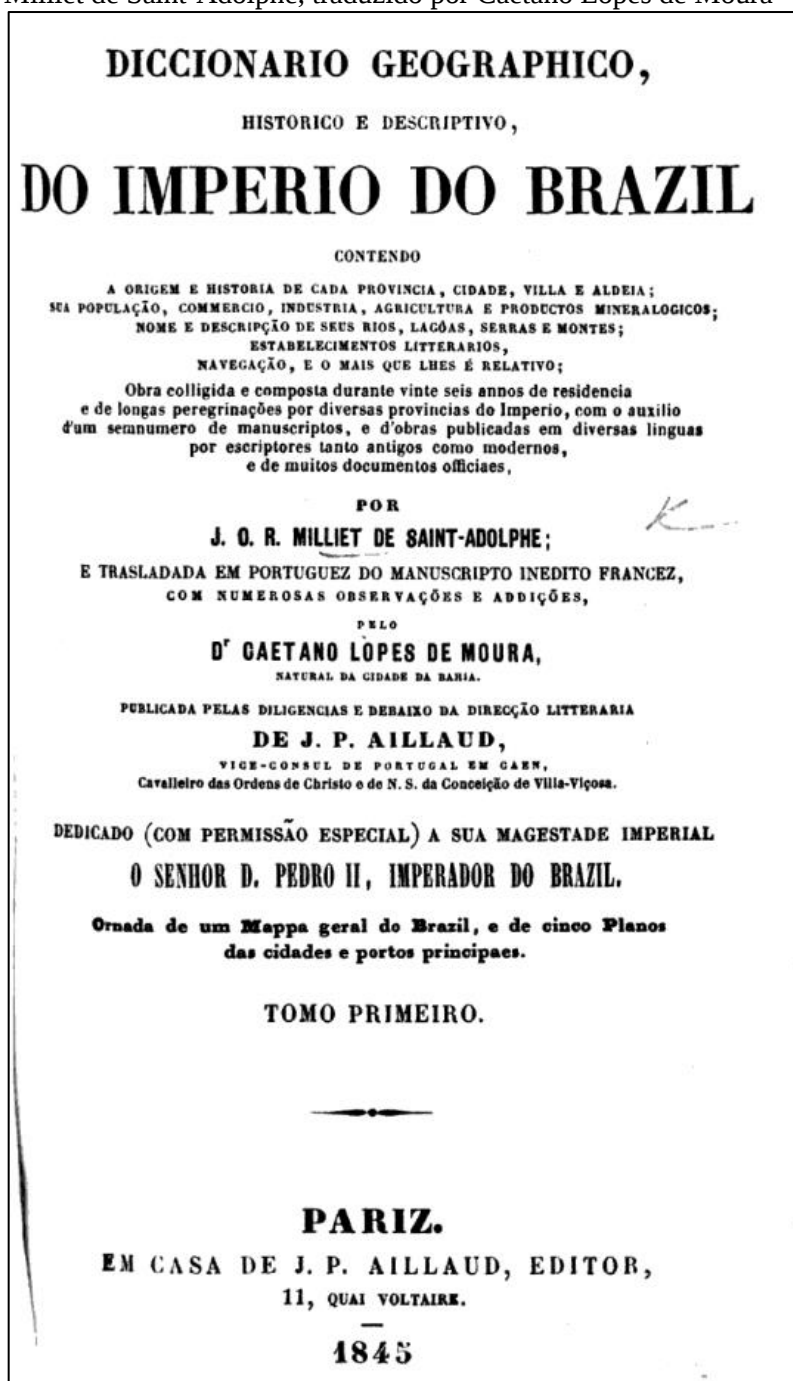
⁸¹⁴ *O Commercio*, Salvador, 27 mar. 1844. Citado em: VEIGA, Cláudio. Sobrevivência de um escritor – Caetano Lopes de Moura. *Universitas*, Salvador, n. 19 especial, p. 29-43, 1978. p. 38.

⁸¹⁵ SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens; Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. Tradução de Celso R. Braidão. p. 37-101. In: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*: Volume 1: Alemão-Português. 2a. ed. revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. (Antologia bilingue). p. 57.

⁸¹⁶ GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

próprio escritor francês, que também se tornou sócio correspondente –, tendo em vista seu conteúdo, caro aos interesses do Instituto⁸¹⁷.

Figura 60: Frontispício do *Diccionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brazil*, de Milliet de Saint-Adolphe, traduzido por Caetano Lopes de Moura⁸¹⁸.



⁸¹⁷ VEIGA, Cláudio. Op. cit., 1979. p. 142-143.

⁸¹⁸ Fonte: SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. *Diccionario geográfico histórico e descriptivo do Imperio do Brazil*. Tradução e acréscimos de Caetano Lopes de Moura. Paris: J. P. Aillaud, 1845. v. 1, frontispício. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=NrHBqC2OtqcC>. Acesso em: 10 fev. 2022.

Nessa tradução, Moura inseriu o “Prólogo do tradutor”, texto no qual ressaltou a importância da obra e a possibilidade de traduzi-la e complementá-la com informações que julgou necessárias.

Encarregados pelo editor o senhor J. P. Aillaud da redação e transladação em português do manuscrito original inédito do autor, esmeramo-nos no desempenho deste dever, na certeza de que fazíamos ao nosso país um assinalado serviço, e contribuímos com quanto podemos para levar a maior perfeição uma obra a todos os respeitos única no seu gênero, revendo-a e enriquecendo-a com numerosas adições para a tornar digna da nação para que é especialmente destinada, e do monarca ilustrado que a governa, e debaixo de cujos auspícios tem de sair à luz⁸¹⁹.

Para além da própria tradução, Moura fez “numerosas observações e adições”, segundo indica o frontispício da obra. O tradutor assume, então, o papel de coautor do *Diccionario*, o que, de certa forma, destacaria seu nome ainda mais, tendo em vista que já era conhecido como tradutor de romances de importantes escritores daquela época, traduções pelas quais recebia muitos elogios, conforme mencionamos nos exemplos acima.

Apesar de desfrutar de capital simbólico frente aos letrados brasileiros, Moura tinha vida difícil financeira em Paris. Sabendo dessa situação, D. Pedro II entrou em cena e lhe concedeu, como membro honorário do Instituto, uma pensão em troca de serviços a serem prestados em terras europeias, como pesquisas históricas em bibliotecas e arquivos. Moura se correspondia com o Imperador, a quem agradecia a pensão recebida, e por vezes lhe fazia solicitações, como a obtenção do grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa, que lhe foi conferido em 1852, além de uma pensão a sua segunda mulher, em caso de viuvez. Além dessa qualificação, foi-lhe concedido o título de Médico Honorário da Imperial Câmara, em 1855, e a promoção a Oficial da Ordem da Rosa, em 1857. Após falecer em 1860, com idade de oitenta anos, foi enterrado no cemitério do Père Lachaise, onde D. Pedro II mandou que erguessem uma sepultura, que possivelmente existe até hoje⁸²⁰.

Com os títulos adquiridos e a partir do reconhecimento do Imperador, Moura chega, portanto, ainda em vida, ao grande reconhecimento de seus compatriotas, graças ao fato de ser um brasileiro, mesmo fora do país desde jovem, com relevantes serviços prestados para a

⁸¹⁹ MOURA, Caetano Lopes de. Prólogo do tradutor. p. VII-XIII. In: SAINT-ADOLPHE, J. C. R Milliet de. Op. cit., 1845. v. 1, p. XI-XII.

⁸²⁰ VEIGA, Cláudio. Op. cit., 1979. p. 261.

cultura em língua portuguesa. O capital cultural, acumulado com os estudos e a prática tradutória, o conduziu ao reconhecimento, ou seja, converteu-se em capital simbólico, que o permitiu viver, enfim, uma vida mais próxima da tranquilidade material na velhice.

3.4 Justiniano José da Rocha: professor, jornalista, político, escritor e tradutor

Justiniano José da Rocha nasceu em 28 de novembro de 1811, provavelmente no Rio de Janeiro. Elmano Cardim⁸²¹, seu biógrafo, não menciona as condições financeiras da família de Rocha, embora especule que seu pai tivesse certas posses – ou mesmo, talvez, certas amizades, assim como no caso de Moura, tivessem-no ajudado financeiramente –, pois o jovem partiu, aos doze anos de idade, para a França, a fim de estudar no famoso colégio Lycée Henri-IV, onde se destacou “tanto por sua conduta regular, como por sua aplicação e aproveitamento”⁸²², segundo Melo Moraes. O jovem retornou ao Brasil, ingressando, em 1829, no recém-criado curso de Direito em São Paulo, por onde passariam ilustres personalidades da cultura brasileira, como José de Alencar e Joaquim Nabuco. Sendo assim, foram-lhe oferecidas, logo no início da vida, as condições, por meio dos estudos em instituições de elite dentro na França e no Brasil, para acumular capital cultural institucionalizado, que posteriormente se converteria em capital cultural incorporado, demonstrado no exercício da profissão de jornalista, professor e tradutor, posteriormente.

Essa entrada na esfera profissional e no debate político não demorou a acontecer. Depois do breve exercício da advocacia, Rocha iniciou sua carreira jornalística, e rapidamente, aos vinte e quatro anos, fundou o primeiro jornal *O Chronista*, em 1836. Vê-se, portanto, que, diferentemente de Moura, Rocha já construía, desde a juventude, sua trajetória profissional numa atividade de prestígio dentro do jornalismo, palco de debates de questões históricas brasileiras importantes, como a discussão sobre a maioridade de D. Pedro II – na qual Rocha tinha posição contrária – e a escravidão – que ele combateu fervorosamente durante toda sua carreira, conforme afirma Cardim⁸²³.

⁸²¹ CARDIM, Elmano. Op. cit., 1964. p. 5-12.

⁸²² MELLO MORAES, Alexandre Jose de. *Nova pratica elementar da Homeopathia*. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, 1856. s/p. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=TshAowYuyEAC>. Acesso em: 12 fev. 2020.

⁸²³ Idem, ibidem. p. 15.

Figura 61: Retrato de Justiniano José da Rocha⁸²⁴.



O início de tal atividade jornalística coincidiria também com o começo de suas experiências tradutórias, pois foi para *O Chronista*, pequena folha semanal que durou apenas três anos, que Justiniano publicou sua primeira tradução, dentre outros textos que provavelmente passaram por suas mãos. Nos volumes 6, 8 e 9 do ano de 1836, saíram à luz trechos iniciais de sua adaptação de *La peau de chagrin*, de 1831, novela de Honoré de Balzac. Conforme explica Norma Wimmer⁸²⁵, a narrativa, que faz parte dos Estudos Filosóficos de *La Comédie Humaine*, é composta por elementos fantásticos: uma pele mágica, que realizava os desejos do possuidor, mas lhe encurtava a vida. Em suma, a história coloca em evidência o embate entre a vida e o desejo. A esse texto, produzido a partir dessa obra balzaquiana, Rocha deu o nome de *A luva misteriosa*. Em sua tradução/adaptação, fez uma grande condensação do texto de partida, e mesmo algumas modificações de enredo. Para seus leitores, ele justifica as alterações feitas:

Querendo vulgarizar mais as belezas da moderna literatura, há muito tempo resolvemos inserir nas colunas do *Chronista* alguns pedaços, traduzidos das melhores obras de que vão multiplicando, mas, lembrando-nos que traduções sempre desmerecem dos originais, achamos melhor resumir em mais breves

⁸²⁴ Fonte: CARDIM, Elmano. Op. cit., 1964. p. 145. “Retrato de Justiniano José da Rocha, da galeria de grandes figuras do Império, de Luís Aleixo Boulanger”.

⁸²⁵ WIMMER, Norma. Op. cit., 2011.

quadros, onde reuníssemos o que há de mais notável e elegante nas principais obras dos Hugo, Balzac, Sue, Lacroix etc.

Esse conto fantástico de que hoje publicamos parte foi filho daquela resolução.

– Imitamos parte da novela terrível de Balzac – *La peau de chagrin*. Possa *A luva misteriosa* agradar aos leitores brasileiros como *La peau de chagrin* agradou aos franceses⁸²⁶.

Uma vez que “traduções sempre desmerecem dos originais”, Justiniano considerou a possibilidade de “imitação”, ao gosto do tradutor e do público para quem o texto se direcionava. “Imitar” a obra de um autor consagrado como Balzac, valendo-se do capital simbólico desse renomado escritor francês, foi para ele uma maneira de torná-la mais popular, apesar de inevitavelmente ter privado o público de uma das principais características da obra balzaquiana, as longas e minuciosas descrições.

Outro relato mais detalhado de sua prática tradutória pode ser encontrado na primeira nota de rodapé de *A paixão dos diamantes*, de 1839, publicado no *Jornal do Commercio*, narrativa que foi editada em livro, no mesmo ano, com uma alteração de título – *Os assassinios misteriosos, ou A paixão dos diamantes*. A história se passa em 1860, em Paris, e narra os mistérios de um assassino que rouba e mata em razão da obsessão por metais e pedras preciosas. Na nota de rodapé da primeira parte desse romance-folhetim, Rocha se questiona se a obra que se publicava estava sendo “traduzida”, “imitada”, ou era a obra “original”, visto que ele não saberia classificar o procedimento que havia adotado para realizar sua versão.

Será traduzida, será imitada, será original a novela que vos ofereço, leitor benévolo? Nem eu mesmo que a fiz vo-lo posso dizer. Uma obra existe em dois volumes, e em francês, que se ocupa com os mesmos fatos; eu a li, segui seus desenvolvimentos, tendo o cuidado de reduzi-lo aos limites de apêndices, cerceando umas, ampliando outras circunstâncias, traduzindo os lugares em que me parecia dever traduzir, substituindo com reflexões minhas o que me parecia dever ser substituído; uma coisa só tive em vista, agradar-vos; Deus queira que tenha conseguido⁸²⁷.

Importa mais, de acordo com o tradutor, agradar os leitores brasileiros, mesmo que não saibam, como já mencionamos, que essa era uma adaptação da narrativa *Olivier Brusson*, do escritor francês Henri de Latouche, uma também adaptação feita a partir da obra *Das Fräulein von Scuderi*, do escritor francês E. T. A. Hoffmann, conforme constatou Karin Volobuef, depois da especulação de historiadores, a respeito de essa história ser ou não uma tradução⁸²⁸.

⁸²⁶ *O Chronista*, Rio de Janeiro, n. 6, 20 jun. 1836, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702811/28>. Acesso em: 10 fev. 2020.

⁸²⁷ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 70, 27 mar. 1839, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/11107. Acesso em: 5 fev. 2020.

⁸²⁸ VOLOBUEF, Karin. Op. cit., 2017. p. 159-161.

Empregando ou não suas experimentações na fronteira entre criação, tradução e adaptação, Justiniano construiria sua trajetória como tradutor de romances-folhetins para importantes veículos, como o *Jornal do Commercio*, para quem traduziu desde *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, publicado entre 1845 e 1846, até *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, publicado em 1862, cujo trabalho só não completaria por motivo de seu falecimento. Ao mesmo tempo em que exercia a atividade jornalística, dedicando-se à notícia e ao debate público em grandes jornais para os quais colaborava e em pequenos jornais que fundava, aplicava-se também à tradução de ficção serializada do romance-folhetim, emprestando para si o capital simbólico de escritores franceses de sucesso no século XIX e de um gênero popular como o romance-folhetim entre os leitores brasileiros.

De acordo com Brito Broca, por não haver, de início, escritores suficientes para produção diária de folhetins, foi preciso recorrer a alguns homens de letras, como Justiniano, para suprir a recém-criada necessidade de ficção seriada dos jornais, por meio da tradução de textos franceses, principalmente. Segundo Broca, em um momento em que a proteção aos direitos de autores estrangeiros no Brasil era inexistente, Rocha não encontrou dificuldades em enveredar-se na atividade tradutória⁸²⁹.

Em sua vida pública, Rocha também encontraria espaço para a carreira política, sempre aliado aos interesses conservadores, mas com certa independência e algumas contradições, atuando nas discussões públicas e nos três mandatos como deputado entre os anos de 1842-1843, 1850-1852 e 1853-1859, embora, segundo Cardim, não tenha alcançado a mesma notoriedade que tinha como jornalista⁸³⁰. De acordo com seu biógrafo, foi também um professor dedicado das disciplinas de Geografia, História Antiga e Romana no Colégio Pedro II, tendo traduzido, inclusive, compêndios dessas disciplinas para seus alunos, na falta de material em português naquela época⁸³¹.

Esse foi o caso, por exemplo, do *Compendio de Historia Antiga*, traduzido do *Précis de l'Histoire Ancienne* e do *Précis de l'Histoire des Empereurs Romains et de l'Eglise pendant les quatre premiers siècles*, dos franceses Charles Cayx (1793-1858) e Auguste Poirson (1795-1871); e do *Compendio de Historia Romana*, tradução do *Précis de l'Histoire Romaine*, dos também franceses Charles Du Rozoir (1790-1844) e Édouard Dumont (1790-1875). Ambos os compêndios foram publicados, em 1840, pela tipografia de Villeneuve, proprietário do *Jornal do Commercio*, para quem Justiniano já havia trabalhado como colaborador nessa publicação

⁸²⁹ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

⁸³⁰ CARDIM, Elmano. Op. cit., 1964. p. 71.

⁸³¹ Idem, ibidem. p. 51-57.

diária e como tradutor de romances-folhetins. No final de 1838, para o uso dos alunos do Colégio Pedro II, Justiniano foi incumbido da tarefa de realizar as traduções dessas duas obras, o que aconteceu no decorrer de 1839, em colaboração com outros tradutores, para ser publicado no ano seguinte. Assim sendo, esses dois compêndios foram traduzidos de forma rápida, tendo em vista as mais de 1100 páginas somadas. Pela tradução, recebeu 600\$000 mil réis, dos quais possivelmente repassou uma parte aos demais tradutores, e mais 2:260\$500, valor da impressão e da encadernação dos 4 mil exemplares – 2 mil de cada obra. O pesquisador Luiz Ernesto Barnabé, que estudou esses compêndios, explica que, mesmo com esses valores altos, traduzir e imprimir tais obras foi, provavelmente, uma “aventura de alto risco”, tendo em vista a falta de liquidez financeira de Justiniano, que tinha uma vida modesta, bem como o grande número de exemplares frente ao baixo número anual de alunos, o que aponta para um aproveitamento do material nos anos seguintes, por parte dos estudantes vindouros. Talvez estivesse investindo na exploração, como acredita Barnabé, da atividade de produção, tradução e edição de materiais escolares, para o qual, no futuro, poderia ficar conhecido como uma espécie de autoridade⁸³². Desse modo, os investimentos iniciais na produção desses materiais didáticos, mesmo que não trouxessem lucro, poderiam trazer capital simbólico, que depois poderia ser convertido em capital econômico.

As tentativas de Justiniano de ser um escritor/tradutor desses materiais parecem ter, de alguma forma, obtido resultado. Por exemplo, podemos mencionar sua tradução *Collecção de Fabulas imitadas de Esopo e La Fontaine*, impressa no Rio de Janeiro pela Typographia Episcopal de Agostinho de Freitas Guimarães, em 1852, obra dedicada ao Imperador D. Pedro II, para que fosse adotada nas escolas⁸³³. Esse conjunto de 120 fábulas, as quais assumiu claramente ter adaptado para “[...] dar-lhes mais simplicidade, mais movimento na narração, mais justeza na moralidade [...]”⁸³⁴, reunidas em sua publicação, foi posteriormente adotado nas escolas, com sucesso, tendo em vista as sabidas oito edições que recebeu até os primeiros anos de 1907, segundo constata a pesquisadora Ana Cristina Bezerril Cardoso⁸³⁵. Assim sendo, torna-se mais um exemplo das experimentações criativas de Justiniano, na escrita/tradução, para atender aos fins pretendidos por ele.

⁸³² BARNABÉ, Luiz Ernesto. *A História Antiga em compêndios franceses e brasileiros no Imperial Colégio de Pedro II ou o caso Justiniano José da Rocha: História, disciplina escolar e impresso (1820-1865)*. 2019. 222 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2019. p. 119-130.

⁸³³ ROCHA, Justiniano José da. *Collecção de fabulas imitadas de Esopo e de La Fontaine*. Rio de Janeiro: Typ. Episcopal de Agostinho de Freitas Guimarães & C.^a, 1852. [Dedicatória], n. p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

⁸³⁴ Idem, ibidem. Prefácio, n. p.

⁸³⁵ CARDOSO, Ana Cristina Bezerril. Op. cit., 2015. p. 83-85.

Rocha, portanto, estabelecia sua trajetória no jornalismo, atividade da qual obteve reconhecimento, junto de sua trajetória na docência e na produção de material didático, com as quais estabelecia uma relação próxima com a tradução/adaptação – de livros para a instrução nas escolas ou de romances-folhetins para os leitores das folhas públicas e dos livros. No caso da ficção para o jornal e da atividade jornalística, instituía um vínculo entre as duas ocupações profissionais, que tinham como suporte comum o jornal, fazendo com que tanto suas ideias políticas quanto suas traduções chegassem a muitos leitores, certamente.

Embora fosse conhecido no Império, Cardim explica que Justiniano morreu com poucos recursos e sem a mesma assistência financeira que D. Pedro II havia concedido a Caetano Lopes de Moura poucos anos antes, apesar de tê-la solicitado dias antes de sua morte. Nesse sentido, Rocha não desfrutou do mesmo capital simbólico de Moura frente ao Imperador do Brasil, que parecia não ter estima pelo jornalista, especula Cardim⁸³⁶. Prova disso é a falta de notícias da localização de seus restos mortais – há tempos retirados de uma sepultura provisória num cemitério do Rio de Janeiro⁸³⁷ –, frente ao mausoléu de Moura – que possivelmente existe ainda hoje –, construído a mando de D. Pedro II no cemitério do Père Lachaise, em Paris, onde estão enterradas grandes personalidades francesas⁸³⁸. Apesar disso, sua morte repercutiu com grande pesar no meio jornalístico, em que gozava de certo capital simbólico, a julgar pelas palavras elogiosas que foram dirigidas à sua memória.

3.5 Considerações sobre as trajetórias de Moura e Rocha

Ambas as trajetórias de Caetano Lopes de Moura e Justiniano José da Rocha se iniciam com os estudos, seja no caso de Moura, que frequentou as Aulas Régias pouco acessíveis em Salvador, seja no caso de Rocha, que foi levado, com doze anos, para o famoso Lycée Henri-IV em Paris. Contudo, as histórias de suas famílias não são suficientemente claras para compreendermos como puderam obter instrução, no Brasil ou na Europa, visto que o acesso era dificultoso para os menos abastados. É importante considerar que, de alguma forma, tais experiências escolares foram decisivas para que continuassem a frequentar os estudos em nível superior – Moura, em uma prestigiada escola de medicina em Rouen, na França, e Rocha, na faculdade de Direito em São Paulo. Por meio da instrução formal, ambos os tradutores adquiriram capital cultural institucionalizado, que depois se converteu em capital cultural

⁸³⁶ CARDIM, Elmano. Op. cit., 1964. p. 89.

⁸³⁷ Idem, *ibidem*. p. 90.

⁸³⁸ VEIGA, Cláudio. Op. cit., 1979. p. 10.

incorporado, como o conhecimento das línguas e das culturas francesas e portuguesas, principalmente, que depois lhes abriria as portas para a prática tradutória e para outras atividades de suas vidas profissionais.

Contudo, a partir de formados, tomariam trajetórias diferentes na vida. Enquanto Moura tentava se estabelecer como médico na França, profissão que encontrou algum reconhecimento apenas quando serviu na Legião Portuguesa de Napoleão Bonaparte, Rocha, no Brasil, defendia suas opiniões, desde o início da carreira, nos jornais que fundava ou nos quais colaborava, veículos que tinham grande importância no debate político por excelência naquela época. Se por um lado Rocha publicaria nos jornais suas traduções de romances-folhetins desde o início da carreira e seguiria com essa atividade até antes de sua morte, Moura iniciaria efetivamente sua vida profissional como tradutor apenas nas últimas duas décadas de vida, depois de algumas frustrações na área da medicina, mas que o colocou em contato com a tradução, como vimos.

Em razão das diferenças nas trajetórias profissionais, ambos desfrutaram de capital simbólico de forma desigual e em momentos distintos de suas vidas. Rocha, apesar de ter sido sempre atuante na imprensa como jornalista e tradutor, tendo inclusive se dedicado à carreira política como deputado em três ocasiões, passou dificuldades econômicas no fim da vida, não desfrutando da mesma ajuda financeira dada pelo Imperador a Moura; o reconhecimento foi-lhe dado apenas em palavras por motivo de sua morte, quando foi lembrado pelos seus pares e pelos veículos da imprensa como um jornalista excepcional. Moura receberia mais reconhecimento – ou seja, acumularia capital simbólico no fim da vida, em consequência da sua carreira como autor e tradutor – mediante congratulações de instituições brasileiras de destaque, que o concederam títulos e honrarias, e por meio da ajuda financeira de D. Pedro II, além da oportunidade de se corresponder diretamente com ele. Certamente, a perspicácia de Moura em cultivar laços de amizade desde o início de sua trajetória o ajudou a obter reconhecimento.

Consideramos que os conceitos elaborados por Bourdieu para compreender o mundo social, os campos de atuação dos indivíduos, as forças e os recursos em disputa, tais como os aqui empregados – “capital” e “trajetória” –, ajudaram-nos a compreender melhor as circunstâncias e os caminhos percorridos por dois tradutores brasileiros do século XIX, Caetano Lopes de Moura e Justiniano José da Rocha. Cada qual com suas singularidades, ambos foram figuras importantes e reconhecidas por seu trabalho. São dois nomes que merecem ser lembrados por suas trajetórias de vida.

CONCLUSÃO

O romance-folhetim, gênero que surgiu nos jornais franceses, chegou ao Brasil e aqui encontrou espaço no rodapé dos jornais. Num momento em que a produção literária nacional se iniciava, a tradução de romances-folhetins foi necessária para que os leitores brasileiros que não soubessem línguas estrangeiras – francês, principalmente – tivessem acesso às novidades literárias vindas da França, via tradução. Nesse contexto, há casos de tradutores de romances-folhetins que não somente traduziam obras francesas, em sua grande maioria, mas também, de acordo com seu julgamento, faziam alterações no texto de chegada, a fim de que as narrativas pudessem agradar aos leitores e fossem, ao mesmo tempo, recreativas e instrutivas.

A maior parte dos tradutores de romances-folhetins abordados nesta tese trabalhavam como colaboradores dos próprios jornais. Escreviam as notícias, as crônicas, as narrativas ficcionais, as críticas literárias e artísticas, bem como textos de outras rubricas, e traduziam para o português os textos desses gêneros, produzidos em línguas estrangeiras. Dessa forma, compreendemos que a prática de tradução de toda essa produção textual para o jornal, e no caso específico do gênero folhetinesco, era considerada uma das atividades que deveriam ser realizadas pelos colaboradores. Tais tradutores também tinham outras carreiras – na política, no jornalismo, na medicina, no direito, na esfera militar etc. –, acumulando mais de uma atividade profissional, como se observa com recorrência nas biografias das grandes personalidades brasileiras da época. Como profissionais da imprensa, alguns, por iniciativa própria, criaram pequenos periódicos nos quais publicavam suas traduções, e mesmo as de outros, a fim de explorar a popularidade da narrativa seriada, oferecendo uma alternativa aos grandes jornais do Rio de Janeiro.

Para dar início ao nosso trabalho, que consiste em reunir informações e descrever, a partir de uma perspectiva histórica, a atuação dos tradutores de romances-folhetins, nosso principal objeto de análise, apresentamos, no início desta tese, um contexto histórico no qual mostramos os vínculos estabelecidos entre a cultura brasileira e a cultura francesa, a partir da presença da ficção em livrarias, bibliotecas, gabinetes de leitura e jornais, que usamos como exemplo, tendo em vista a esfera da cultura e da literatura, mas sem esquecer que as relações entre os dois países, claramente, não se restringiam a ela. Após isso, a importância da tradução na História do Brasil, até o século XIX, foi discutida, tendo em vista esse momento do Oitocentos, especificamente, no qual a prática tradutória da literatura, além da tradução de textos de outras áreas do conhecimento, iniciou-se, de fato, no país, no que concerne ao

surgimento de um mercado editorial, das bibliotecas e dos gabinetes de leitura, de forma conjunta, bem como da imprensa periódica, por meio da qual a ficção seriada traduzida foi difundida, sem esquecer da relação intrínseca entre o jornal e o livro como suportes, e da atuação de outros agentes como igualmente importantes – entre eles, editores e diretores de jornais.

A partir disso, então, apresentamos os tradutores de romances-folhetins e a prática de tradução desses agentes de mediação cultural entre França e Brasil, em estudos de casos que podem ajudar a contar suas histórias de forma mais sistematizada. A primeira delas diz respeito ao *Jornal do Commercio*, no início da publicação de ficção seriada na imprensa do Rio de Janeiro. Nessa importante folha pública carioca, trabalharam, como colaboradores e também como tradutores, Francisco de Paula Brito, Justiniano José da Rocha e Julio Cezar Muzzi. Focalizamos a prática tradutória dos dois primeiros que, em algumas de suas traduções, atuaram também como coautores das narrativas ficcionais, tendo como objetivo adequá-las ao gosto dos leitores. A respeito de Muzzi, recuperamos informações biográficas que podem ajudar a entender o papel da tradução em sua prática profissional, mesmo antes da atividade na imprensa. Em seguida, mostramos o caso de *A Marmota*, periódico literário, de propriedade de Paula Brito – ele mesmo, um tradutor, entre outras tantas funções que exerceu –, escolhido por ser um espaço que deu lugar à tradução de ficção destinada à juventude e às mulheres e, mais do que isso, por dar o crédito aos seus tradutores na própria publicação, como nos casos dos desconhecidos Ananias Ibirapitanga de Araújo, Braulio Jaime Moniz Cordeiro e Raimundo Antônio da Câmara Bittencourt.

Dar o devido crédito aos tradutores, assim como fez, na maior parte das vezes, *A Marmota*, não foi uma prática comum aos jornais cariocas. Se a ausência do nome dos tradutores nas publicações pode ser entendida como uma demonstração de sua invisibilidade, há casos de obras traduzidas cujo sucesso junto ao público trouxe à luz os nomes dos tradutores ou das tradutoras de romances-folhetins, como aconteceu com João Aristides Serpa e com Guilhermina Santos, cujas traduções, também editadas em livro, foram elogiadas na imprensa.

A tradução de romances-folhetins poderia ser uma atividade cansativa. Segundo o memorialista Medeiros e Albuquerque, parece ter sido essa a razão que levou Emílio Rouède, a quem José do Patrocínio havia solicitado a tradução de uma obra ficcional para seu jornal *Cidade do Rio*, a atribuir a tarefa para Coelho Neto, dando-lhe uma parte do que recebia. Da mesma forma, Coelho Neto passou o trabalho para Guimarães Passos, e esse, por sua vez, para Olavo Bilac. Esse episódio de tradução “parasitária”, infelizmente, em razão dos poucos dados mencionados – a falta de crédito na tradução, por exemplo –, não foi possível de ser rastreado.

Há de se considerar, sendo assim, o anonimato dos tradutores no *Cidade do Rio*, do qual se esqueceu apenas Guimarães Passos, em somente um folhetim traduzido, entre esses nomes lembrados por Medeiros e Albuquerque. Esse jornal mostraria, no espaço do rodapé, o nome de mais dois tradutores: Manuel Pinheiro Chagas, reconhecido literato português, que teve uma tradução lançada em livro em 1864, em Portugal, reaproveitada no jornal de José do Patrocínio; e o jovem Baptista Coelho, que foi secretário do *Cidade do Rio*.

Não devemos nos esquecer dos tradutores dos romances-folhetins de sucesso publicados no *Jornal do Commercio*. Justiniano José da Rocha, que participou do início desse processo, continuou traduzindo folhetins para Villeneuve, tendo vertido *O Conde de Monte Christo*, de Alexandre Dumas, *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, e *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, tradução que, em razão da morte de Justiniano, foi continuada por Antonio José Fernandes dos Reis. Esse último tradutor teria participado como coautor das *Proezas de Rocambole*, de Ponson du Terrail, romance que precisou continuar quando houve uma interrupção momentânea no envio do jornal francês com a narrativa original ao Brasil, a fim de não desagradar os leitores. Quando o recebimento se normalizou, ele teve que ressuscitar os personagens que havia “matado” em sua intervenção.

Os tradutores do *Correio Mercantil*, Augusto Emilio Zaluar, Jacinto Augusto de Sant’Anna e Vasconcellos, João Cardoso de Menezes e Souza e Manuel Antonio de Almeida, colaboradores desse jornal, traduziram obras de George Sand, Alexandre Dumas e Paul Féval, importantes escritores franceses de romances-folhetins, além de obras de outros escritores atualmente pouco conhecidos. Por fim, mas não menos importante, temos os casos de Machado de Assis, que traduziu *Os trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo, para o *Diario do Rio de Janeiro*, e *Oliveiro Twist*, de Charles Dickens, para o *Jornal da Tarde*; José Alves Visconti Coaracy, que traduziu para o *Jornal do Commercio* e para o *Jornal da Tarde*, teve, antes disso, criado sua própria folha *O Folhetim*, que durou apenas um ano, na qual publicou algumas traduções, além de ter sido um tradutor da editora de B. L. Garnier; e José Joaquim Vieira Souto, que traduziu folhetins para o *Diario do Rio de Janeiro* e foi um importante tradutor de peças teatrais.

Dentre todos esses tradutores de romances-folhetins estudados nesta tese, escolhemos Justiniano José da Rocha, sobre o qual há uma produção biográfica existente, para comparar sua trajetória de vida com Caetano Lopes de Moura, baiano radicado na França, que teria sido o primeiro tradutor profissional brasileiro. Assim sendo, utilizamos os conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu, tais como capital cultural e capital simbólico, para mostrar como ambos se desenvolveram como tradutores. Compreendemos que Moura, pelo menos no fim de

sua vida, foi detentor de um capital simbólico elevado, se comparado a Rocha, em função da boa acolhida de suas traduções e do reconhecimento do próprio Imperador D. Pedro II.

Esta tese, dessa maneira, apresenta uma leitura, que articula informações retiradas de fontes primárias e secundárias, a respeito do trabalho dos tradutores de romances-folhetins nos jornais cariocas do século XIX. Sem, contudo, pretender mostrar uma interpretação definitiva, este trabalho recupera os tradutores das páginas dos periódicos oitocentistas para o esfera dos estudos acadêmicos atuais, a fim de que possam ser, a partir de agora, melhor compreendidos em sua prática tradutória, também, especialmente, em outros trabalhos que venham a surgir.

Os importantes trabalhos de História da Tradução relatam, com toda a razão, a dificuldade de se encontrar tais tradutores, visto que a maioria dos romances-folhetins não registram o nome dos responsáveis por sua tradução, apesar da grande importância que tiveram na produção tradutória, para alimentar o rodapé dos jornais, marcando o desenvolvimento da atividade de tradução no Brasil. Contudo, não se deve criticar esse anonimato recorrente dos tradutores sem considerar o contexto do século XIX. O folhetim, embora tenha sido consumido por muitos leitores, de modo que fez parte de seu hábito diário de leitura, nas fatias da ficção dos jornais, e no formato do livro, do qual não se desvinculou, poderia não ser bem visto por parte dos literatos. Alguns acreditavam que os folhetinistas nacionais estariam excessivamente ligados ao modelo francês, sem considerar a “cor local”. Essa crítica, contudo, deve ser entendida muito mais como uma constatação da falta de originalidade dos escritores brasileiros, ao tentar emular esse gênero literário, e muito menos como uma queixa à presença da ficção seriada francesa traduzida nos jornais, cujos escritores eram, muitas vezes, louvados por seus talentos literários pelos próprios escritores e críticos brasileiros, de acordo com os parâmetros de julgamento da época.

Assim sendo, a prática de tradução literária estaria muito menos relacionada a uma profissão reconhecida e consolidada – os tradutores públicos e os intérpretes, por estarem vinculados às estruturas burocráticas e institucionais, desfrutavam de um *status* muito mais privilegiado no que se refere à profissionalização, ao que parece – e muito mais vinculada à produção escrita de literatura, tendo em vista o hábito que os escritores brasileiros, de menor ou maior importância na História Literária, tinham ao traduzir as obras de seus autores preferidos como uma forma de exercitar seus estilos e temas. Não se deve descartar, no entanto, as evidências do trabalho dos tradutores literários no século XIX brasileiro, reunidas e interpretadas nesta tese, que focaliza sua prática de tradução de romances-folhetins publicados nos jornais cariocas, e mesmo na tradução de peças teatrais, na tradução de poemas, e até mesmo na tradução de obras e textos científicos, filosóficos, religiosos etc. Afinal, se suas traduções de

folhetins eram publicadas nos jornais, não haveria motivo para considerar a prática de tradução literária como uma atividade secundária para esses tradutores. O tradutor literário poderia não ser uma profissão consolidada na esfera pública, assim como as demais, e, até mesmo, o tradutor público e o intérprete naquela época, mas era, sem dúvidas, muito importante para as revistas e para os jornais, por meio dos quais os leitores consumiam as modernidades literárias, da mesma maneira que atualmente os tradutores são imprescindíveis à indústria editorial e audiovisual, por exemplo.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Camilo. *Barão de Paranapiacaba: vida e obra*. Santos: A Tribuna de Santos, 1978.

ABREU, Márcia Azevedo de. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2003. (Coleção Histórias de Leitura).

ABREU, Márcia Azevedo de. A Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX. *Livro*, São Paulo, v. 1, p. 115-130, 2011.

ABREU, Márcia Azevedo de. Libraires et éditeurs français à Rio de Janeiro: les cas de Paul Martin et Pierre Constant Dalbin. p. 17-29. In: MOLLIER, Jean-Yves; COOPER-RICHET, Diana. (org.). *Le Commerce Transatlantique de Librairie, un des Fondements de la Mondialisation Culturelle (France, Portugal, Brésil, XVIII - XX siècle)*. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2012.

ABREU, Márcia Azevedo de. Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 15-39, 2013.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Perfil do Acadêmico Joaquim Serra*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joaquim-serra>. Acesso em: 10 jun. 2022.

AGUIAR, Ofir Bergemann de. *Uma reescritura brasileira de Os Miseráveis*. 1996. 242 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 1996.

ALBERTON, Mirele. “*Das providências, que se tem dado a respeito da saúde pública*”: enfermidades e ações de combate à varíola na Porto Alegre no início do século XIX (1800-1835). 2019. 202 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2019.

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4647/1/001761_COMPLETO.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos. *Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX*. 2016. 191 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ALVES FILHO, Paulo Edson. *Tradução e sincretismo nas obras de José de Anchieta*. 2007. 205 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

AMARAL, Gloria Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: Annablume, 1996. (Parcours).

AMORIM, Mariana de Oliveira. *Folhetins Teatrais e Conservatório Dramático Brasileiro: o espetáculo francês nos palcos da corte (1843-1864)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ANDRADE, Adriano da Guerra. *Dicionário de pseudônimos e iniciais de escritores portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999.

ANDRIES, Lise; GRANJA, Lúcia. Introdução: o folhetinista e o colibri. Escritas do jornal e da literatura, França-Brasil, século XIX. p. 11-21. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França: século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

AZEVEDO, Silvia Maria. A trajetória de Machado de Assis: do *Jornal das Famílias* aos contos e histórias em livros. In: CONGRESSO DA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA NO BRASIL, 2., 2003, Campinas, SP. *Anais...* Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

BALZAC, Honoré de. *La peau de chagrin*: roman philosophique. Paris: Charles Gosselin; Urbain Canel, 1831. v. 1. Consultado em Google Books. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/La_peau_de_chagrin/yLY5AAAAcAAJ. Acesso em: 20 set. 2021.

BALZAC, Honoré de. *La peau de chagrin*: roman philosophique. Paris: Charles Gosselin; Urbain Canel, 1831. v. 2. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1rY5AAAAcAAJ>. Acesso em: 20 set. 2021.

BALZAC, Honoré de. A pele de onagro. Tradução de Gomes da Silveira. In: BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. São Paulo: Globo, 1992.

BARBOSA, Onédia Célia de Carvalho. Imprensa acadêmica paulista: descoberta de Byron. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 2, p. 183-191, 20 dez. 1973.

BARMAN, Roderick J. Justiniano José da Rocha e a época da conciliação. Como se escreveu «Ação; Reação; Transação». *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 301, p. 3-32, out./dez. 1973.

BARNABÉ, Luiz Ernesto. *A História Antiga em compêndios franceses e brasileiros no Imperial Colégio de Pedro II ou o caso Justiniano José da Rocha: História, disciplina escolar e impresso (1820-1865)*. 2019. 222 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2019.

BARRETO, Junia. Traições editoriais: *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo a Machado de Assis. Traduzires, v. 1, n. 1, p. 84-94, maio 2012.

BATALHA, Maria Cristina. O lugar do folhetim traduzido no sistema literário brasileiro. *Graphos*, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 43-50, jan./jul. 2016.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Revisão de Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Orlando Luiz de Araújo. 2a. ed. Tubarão: Copiar; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem?* Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

BEZERRA, Valéria Cristina. *Entre o nacional e o estrangeiro: José de Alencar e a constituição da literatura brasileira em cenário internacional*. 2016. 238 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.

BEZERRA, Valéria Cristina. Tradução e literatura nacional: um estudo do empreendimento editorial de B. L. Garnier (1870-1880). p. 85-99. In: SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de; MEDEIROS, Constantino Luz de (org.). *A História da Literatura como problema: reflexões sobre a crise permanente nos estudos diacrônicos de literatura*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2018.

BEZERRA, Valéria Cristina; GIMENEZ, Priscila Renata. Aspectos da repercussão de Alexandre Dumas no Brasil: o romance-folhetim e a ficção nacional. *REVELL*, Campo Grande/MS, v. 1, n. 21, p. 231-255, jan./abr. 2019.

BEZERRA, Valéria Cristina. “Le Tour du Monde” das obras de Jules Verne: uma análise da atuação internacional dos editores Pierre-Jules Hetzel e Baptiste-Louis Garnier. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 52-76, jan./abr. 2022.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. Tradução de Magali de Castro. Revisão técnica de Maria Alice Nogueira. p. 71-79. In: CATANI, Afrânio; NOGUEIRA, Maria Alice (org.). *Escritos de educação*. 9a. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. (Ciências sociais da educação).

BRASIL. *Código Criminal do Império do Brasil* [...]. Nova edição. Recife: Typographia Universal, 1858. Acervo da Biblioteca do Senado Federal, Senado Federal, Brasília, DF, Brasil. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/221763/000750858.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Economia. Receita Federal. Mesas do Consulado. Disponível em: <http://www.receita.fazenda.gov.br/historico/srf/historia/catalogo/LetraM/consulado.htm>. Acesso em: 26 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília: 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 10 maio 2022.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979. (Coleção estética: Série obras reunidas de Brito Broca; v. 1).

BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. p. 13-46. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (org.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BYRON, George Gordon. *Mazeppa: A Poem*. London: John Murray, 1819. Consultado em Internet Archive. Disponível em: <https://ia800703.us.archive.org/33/items/mazeppaapoem02byrogoog/mazeppaapoem02byrogoog.pdf>. Acesso em: 12 maio 2021.

BYRON, George Gordon. *Mazeppa: novella*. Traducido al castellano de Manuel Gomez de la Cortina. Paris: Librería Americana, 1828. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Z94tZqL2N3QC>. Acesso em: 12 maio 2021.

CAMMARANO, Salvador. *Os Horacios e os Curiacios: tragedia lyrica em 3 actos*. Tradução de Henrique Velloso de Oliveira. Rio de Janeiro: Typographia Dous de Dezembro, 1856. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Música e Arquivo Sonoro, Coleção D. Thereza Christina Maria, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

CAMPOS, Haroldo de. O Prometeu dos barões. In: ALMEIDA, Guilherme de; VIEIRA, Trajano. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997. (Signos; v. 22).

CANDIDO, Antonio. Os primeiros Baudelairianos. p. 23-38. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. p. 26-34. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. 3a. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 15a. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014 [1959].

CANO, Jefferson. Justiniano José da Rocha, cronista do desengano. p. 23-65. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CANO, Jefferson. Nas trilhas da crônica: literatura e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX. p. 73-106. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França: século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

CARDIM, Elmano. *Justiniano José da Rocha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

CARDOSO, Ana Cristina Bezerril. *La Fontaine no Brasil: história, descrição e análise paratextual de suas traduções*. 2015. 166 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) –

Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CARVALHO, Ricardo Souza de. Os fragmentos do ensaio de Joaquim Nabuco. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 37, n. 2, p. 809-825, 2018.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CAVALHEIRO, Edgard; SILVA BRITO, Mário da (org.). *O conto romântico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. (Panorama do conto brasileiro; n. 2).

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no Ocidente. p. 19-31. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura).

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, Literatura e História: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHAVES, Vania Pinheiro. Nas origens do romance brasileiro: As primeiras narrativas de J. M. Pereira da Silva. *Navegações*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 147-153, jul./dez. 2018.

CHESTERMAN, Andrew. O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor. Tradução de Patrícia Rodrigues Costa e Rodrigo D'Avila Braga Silva. *Belas Infiéis*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 33-42, 2014.

CHODZKO, Olympe. Hélène Ostrorog: nouvelle polonaise du XIX^e siècle. In: CHODŹKO, Léonard. *La Pologne, historique, littéraire, monumentale et illustrée*. 6a. ed. Paris: Bureau Central, 1846-1847. p. 257-280. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.fr/books?id=l3DNAAAAMAAJ>. Acesso em: 3 mar. 2021.

COBELO, Silvia. A tradução tardia do *Quixote* em Portugal. *TradTerm*, São Paulo, v. 16, p. 193-216, 2010.

COBELO, Silvia. Os tradutores de *Quixote* publicados no Brasil. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 1-36, jul. 2020.

COCO, Pina Maria Arnoldi. *O triunfo do bastardo: uma leitura dos folhetins cariocas do século XIX*. 1990. 2 v. 378 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

COELHO, José Maria Vaz Pinto. Da propriedade literária no Brasil. Parte III. *Revista Brasileira*, v. 8, p. 474-498, 1881.

COOPER, James Fenimore. *O piloto: novella marítima*. Tradução de Caetano Lopes de Moura. Paris: Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud, 1838. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

COOPER-RICHET, Diana. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX? *Vária História*, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p. 539-555, jul./dez. 2009.

CORDEIRO, Braulio Jayme Muniz. *Relatório apresentado ao Instituto Pedagógico da Província do Rio de Janeiro [...] em Assembléa Geral de 21 de dezembro de 1878*. Rio de Janeiro: Typ. Academica, 1878. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Gerais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

CORDEIRO, Braulio Jayme Muniz. *O medico dos pobres ou a homœopathia ao alcance de todos*. 4a. ed. revista, melhorada e muito aumentada. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1889. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Gerais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

COSTA, Isadora Carvalho. *Por uma poética no Jornal do Commercio: as rubricas “Folhetim” e “Variedades”*. Relatório de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq. São José do Rio Preto: [s.n.], 2014.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001.

DAVID, Jules A. *Emilia: novella de J. A. David*. Tradução de Paula Brito. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1840. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

DAVID, Jules A. *O procurador do rei*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1842. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

DE LUCA, Tania Regina; SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Maria Amália Vaz de Carvalho nas páginas de *O Paiz* (1884-1889): levantamento dos textos e notas iniciais de pesquisa. *Herança – Revista de História, Patrimônio e Cultura*, Funchal, v. 5, n. 1, p. 1-26, 2022.

DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2011.

DELISLE, Jean. Os intérpretes franceses no Brasil no século XVI. Tradução de Dennys Silva-Reis e Marcos Bagno. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 1-11, 2018.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o Jornalista: Ensaios*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o Jornalista: Crônicas: Volume 1*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o Jornalista: Crônicas: Volume 2*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

DINI, Nádia Cristina. Castigo e obediência: Bilac autor e tradutor. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 63-77, set./dez. 2017.

DONEGÁ, Ana Laura. *Publicar ficção em meados do século XIX*: um estudo das revistas femininas editadas pelos irmãos Laemmert. 2013. 330 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

DONEGÁ, Ana Laura. *Viajante, polígrafo e erudito: Ferdinand Denis (1798-1890) no espaço literário franco-brasileiro*. 2020. v. 1, 293 f.; v. 2, 189 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2020.

DOMINGUES, João. A Tradução em França na época clássica. p. 9-20. In: DOMINGUES, João (org.). *As “belas infieis”*. Introdução, tradução e notas de João Domingues. Mangualde: Edições Pedagogo; Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012.

DUMAS (filho), Alexandre. *A questão de dinheiro*: comédia em cinco actos, em prosa. Tradução de Justiniano José da Rocha. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1858. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

DUMASY-QUEFFÉLEC, Lise. Le feuilleton. p. 925-936. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Allain (org.). *La Civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011.

DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. p. 67-87. In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010.

ESOPO. *Fabulas de Esopo*, Traduzidas da Lingua Grega Com Applicações Moraes a Cada Fabula [...] Tradução de Manoel Mendes da Vidigueira. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1791. Consultado em Internet Archive. Disponível em: <https://ia800304.us.archive.org/24/items/fabulastraduzid00aesogoog/fabulastraduzid00aesogoog.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ESPAGNE, Michel. A noção de transferência cultural. Tradução de Dirceu Magri. *Jangada*, Viçosa, n. 9, p. 136-147, jan./jun. 2017.

FARIA, João Roberto. O Teatro Francês no Brasil do Século XIX. p. 99-122. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). *Cinco Séculos de Presença Francesa no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. Os brasileiros no Instituto Histórico de Paris. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 266, p. 68-148, jan./mar. 1965.

FERREIRA, Alberto. *Bom senso e bom gosto: Questão Coimbrã: textos integrais da polémica. Recolha, notas, índices e bibliografia de Maria José Marinho*. Lisboa: Portugalia, 1866. (Coleção Portugalia; v. IV). p. 361-362. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ViCNAQAIAAJ>. Acesso em: 17 jun. 2022.

FERREIRA, Eliane Fernanda Cunha. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. São Paulo: Anablume; Rio de Janeiro: ABL, 2004.

FERREIRA, Érico Mota; PUFAL, Diego de Leão. A família Muzzi – da Itália, Portugal, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. In: *Antigualhas, histórias e genealogia*. Disponível em: <http://pufal.blogspot.com/2013/11/a-familia-muzzi.html>. Acesso em: 17 jan. 2021.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Bibliotecas de médicos e advogados do Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar. p. 313-333. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura).

FONSECA, Gondim da. *Biografia do jornalismo carioca: 1808-1908*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941.

GALANTE DE SOUSA, José. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

GANDRA, Jane Adriane. *Pinheiro Chagas, um escritor olvidado*. 2012. 206 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literatura em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GIMENEZ, Priscila Renata. *Folhetins teatrais e transferências culturais franco-brasileiras no século XIX: questões de uma edição da Semana Lírica de Martins Pena*. v. 1, 276 p.; v. 2, 601 p. 2014. Tese (Doutorado em Letras; Doutorado em Literatura Francesa) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto; Universidade Paul Valéry – Montpellier III, Montpellier, 2014.

GIMENEZ, Priscila Renata. As *Variétés* e a literatura nos jornais franceses do Rio de Janeiro nos anos de 1830. p. 52-86. In: DE LUCA, Tania Regina; GUIMARÃES, Valéria (org.). *Imprensa estrangeira publicada no Brasil: primeiras incursões*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017.

GIMENEZ, Priscila Renata. A presença da tradução no jornal *O Sexo Feminino*. p. 32-33. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO PPG-LETRAS, 5., 2018, São José do Rio Preto, SP. *Caderno de Resumos...* São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2018.

GODOI, Rodrigo Camargo de. *Entre comédias e contos: a formação do ficcionista Machado de Assis (1856-1866)*. 2010. 416 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. 2014. 316 f. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

GODOI, Rodrigo Camargo de. José de Alencar e os embates em torno da propriedade literária no Rio de Janeiro (1856-1875). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 573-596, set./dez. 2017.

GODOI, Rodrigo Camargo de. “Cá está a criadinha!”: uma análise da imitação Hoje avental, amanhã luva de Machado de Assis (1860). *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 54-70, abr. 2018.

GONÇALVES, Renata Braz. *Livros e leitura na cidade de Pelotas-RS no final do século XIX: um estudo através dos jornais pelotenses (1875-1900)*. 2010. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e obra de Paula Brito: iniciador do movimento editorial no Rio de Janeiro (1809-1861)*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.

GRANJA, Lúcia. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. *Floema*, Caderno de Teoria e História Literária, Vitória da Conquista, n. 9, p. 147-158, 2011.

GRANJA, Lúcia. França e Brasil: transferências da crônica e do folhetim-variedades. p. 115-133. In: GUIMARÃES, Valéria (org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Edusp, 2012.

GRANJA, Lúcia. Rio-Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira *chez* Garnier. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 81-95, jul./dez. 2013.

GRANJA, Lúcia. *Chez* Garnier, Paris-Rio (de homens e de livros). p. 55-79. In: GRANJA, Lúcia; DE LUCA, Tania (org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

GRANJA, Lúcia. A circulação dos impressos no Brasil do século XIX (atores do mundo dos livros). *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 13, n. 1, p. 131-143, jan./jun. 2021.

GRANJA, Lúcia; PORTO, Jakeline Longo. Paula Brito, escritor esquecido. *Solettras*, Rio de Janeiro, n. 34, v. 2, p. 11-31, 2017.

GRUBB, Gerald Giles. On the serial publication of *Oliver Twist*. *Modern Language Notes*, v. 56, n. 4, p. 290-294, abr. 1941.

GUERINI, Andréia; FREITAS, Luana Ferreira de; COSTA, Walter Carlos (ors.). *Machado de Assis: tradutor e traduzido*. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3a. ed., 1a. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

HEINEBERG, Ilana. *La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)*. v. 1, 400 f; v. 2, 285 f. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Lusófonos – Literatura Brasileira) – Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. Tradução de Luciano Costa Neto. 11a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 19a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 9a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOONHOLTZ, Antonio Luiz von. *Memórias do Almirante Barão de Teffé: A batalha naval do Riachuelo*. Contada em carta íntima poucos dias depois desse feito pelo 1º tenente Antônio Luiz Von Hoonholtz. Junho de 1865. Rio de Janeiro; Paris: Livraria Garnier Irmãos, [1911?]. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/5077/1/008008_COMPLETO.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

HOONHOLTZ, Antonio Luiz von. *A corveta Diana: romance marítimo original brasileiro*. Manaus: Typographia do Commercio do Amazonas, 1873. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/5146/1/008007_COMPLETO.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

HUGO, Victor. *Os trabalhadores do mar*. Tradução de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Typ. Perseverança, 1866. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4257/1/008071_COMPLETO.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

KAINDL, Klaus; KOLB, Waltraud; SCHLAGER, Daniela (org.). *Literary Translator Studies*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2021. (Benjamins Translation Library; n. 156).

KOCIUBIŃSKA, Edyta. Entre histoire et roman: *L'Agonie* de Jean Lombard (1888). *Kwartalnik Neofilologiczny*, Varsóvia, n. 4, p. 455-463, 2012.

KROETZ, Itiana Daniela; GAI, Eunice T. Piazza. *O Jornal das Senhoras e a busca pela emancipação moral e intelectual da mulher brasileira. Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, v. 14, n. 1, p. 119-131, 2015.

LA REGINA, Silvia. Os sonetos de Gregório de Mattos. p. 139-155. In: ENCONTRO INTERNACIONAL GREGÓRIO DE MATTOS E GUERRA, 1996, Salvador. Atas... Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/CEB, 2000.

LAMARTINE, Alphonse de. *La chute d'un ange*. Paris: Charles Gosselin; W. Coquebert, 1838. v. 2. Consultado em Google Books. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=FmE_TanITJgC. Acesso em: 12 jun. 2021.

LARCHER, Louis-Julien. *La femme jugée par les grands écrivains des deux sexes...* Paris: Gustave Havard, 1861. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.fr/books?id=D8lBAQAAMAAJ>. Acesso em: 20 maio 2021.

LEBARON, Frédéric. Capital. p. 101-103. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (org.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge, 1992.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. (org.). *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

LIMA, Israel Souza. *Bibliografia dos patronos*: Maciel Monteiro e Manuel Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2012. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 15).

LIMA, Lilian Tigre. *Balzac no Brasil*: entre livreiros-editores e o romance de José de Alencar. 2018. 189 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

MACEDO, Cristian Cláudio Quinteiro; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. A tradução nos primeiros anos do Institut Historique de France (1834-1846). p. 181-191. In: SEMANA DE LETRAS, 27., 2016, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: UCS, 2016.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.

MAFRA, Adriano. Orientalismo e tradução: a questão dos nomes próprios na tradução do livro do Hitopadeśa. p. 95-116. In: SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Roseane de; ROMANELLI, Sergio (org.). *Dom Pedro II*: um tradutor imperial. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

MANÇANO, Regiane. *Livros à venda*: presença de romances em anúncios de jornais. 2020. 319 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

MANGINI, Jussara. *Livros infantis velhos e esquecidos*. Agência FAPESP, São Paulo, 3 out. 2017. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/livros-infantis-velhos-e-esquecidos/26312/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MARQUES, Lucas de Castro. *Circulação e recepção dos romances de James Fenimore Cooper no Rio de Janeiro e em São Paulo (século XIX)*. 2018. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis: 1839-1870: Ensaio de biografia intelectual*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Tradução de Oséias Silas Ferraz. Revisão da tradução de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de. *Da infância à mocidade (Memórias 1867-1893)*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de. *Da mocidade à velhice (Memórias 1893-1934)*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de. *Quando eu era vivo: memórias, 1867 a 1934*. Edição póstuma e definitiva. Rio de Janeiro: Record, 1981.

MEIRELLES, Ricardo. *Les Fleurs du mal* antes de *As flores do mal*: os primeiríssimos baudelairianos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 38, n. esp. Baudelaire 150 anos, p. 113-134, ago./dez. 2018.

MELLO MORAES, Alexandre Jose de. *Nova pratica elementar da Homeopathia*. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, 1856. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=TshAowYuyEAC>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MENDES, Maria Lúcia Dias. Romances-folhetins sem fronteiras: o caso de Alexandre Dumas. p. 233-253. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MICHAUD, Stéphane. Flora Tristan: Trente-Cinq Lettres. *International review of social history*, Cambridge, v. 24, n. 1, p. 80-125, 18 dez. 2008.

MOLINA, Matías Martínez. *A história dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História Cultural*. Tradução de Eliza Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOLLIER, Jean-Yves. *O Dinheiro e as Letras: História do Capitalismo Editorial*. Tradução de Katia Aily Franco de Camargo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MOLLIER, Jean-Yves. Uma livraria internacional no século XIX, a livraria Garnier Frères. p. 33-53. In: GRANJA, Lúcia; DE LUCA, Tania (org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

MOLLIER, Jean-Yves. As origens do romance-folhetim: do espaço textual ao recorte de uma obra de ficção. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 17-36, set./dez. 2018.

MONTEIRO, Bruna Feola. Tradutora e atriz: Maria Velluti além dos palcos. p. 1-6. In: COLÓQUIO DO POLO DE PESQUISAS LUSO-BRASILEIRAS, 8., 2016, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2016.

MONTEIRO, José Ferreira (org.). *Lisia poetica ou collecção de poesias modernas de auctores portuguezes*. Rio de Janeiro, 1848. v. 2. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=WRsBAAAAMAAJ>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MONTEIRO, José Marciano. *10 lições sobre Bourdieu*. 9a. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

MOORE, Rob. Capital. p. 136-154. In: GRENFELL, Michael (org.). *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2018.

MORAIS, Ana Paiva. Capítulo 3: A coleção de fábulas traduzidas por Manuel Mendes, da Vidigueira, 1603-1914. p. 1-30. In: MORAIS, Ana Paiva (org.) *A Fábula na Literatura Portuguesa: Catálogo e História Crítica*. Lisboa: FCSH/UNL, 2013.

MOURA, Caetano Lopes de. Prólogo do tradutor. p. VII-XIII. In: SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. *Diccionario geográfico histórico e descriptivo do Imperio do Brazil*. Tradução e acréscimos de Caetano Lopes de Moura. Paris: J. P. Aillaud, 1845. v. 1. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=NrHBqC2OtqcC>. Acesso em: 10 fev. 2022.

MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. A ficção francesa e a consolidação do romance no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 9., 2011, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

MUZART, Zahidé Lupinacci. O folhetim no Desterro em relação ao modelo francês. *Travessia*, Florianópolis, n. 16, 17, 18, p. 56-66, 1989.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Livreiros franceses no Rio de Janeiro 1799-1824. p. 1-14. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 10., 2002, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

NOGUEIRA, Clara Miguel Asperti. *Cronistas do Rio: o processo de modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (Kosmos, 1904-1908) e Lima Barreto (Careta, 1915-1922)*. 2012. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2012.

OLIVEIRA HARDEN, Alessandra Ramos de. Brasileiro tradutor e/ou traidor: Frei José Mariano da Conceição Veloso. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 23, p. 131-148, 2009.

OLIVEIRA HARDEN, Alessandra Ramos de. Os tradutores da Casa do Arco do Cego e a ciência iluminista: a conciliação pelas palavras. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 50, n. 2, p. 301-320, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Gracinéa I. A Corveta Diana. Romance marítimo. Original brasileiro. In: *Portugueses de Papel*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, s/d. Disponível em: <https://portuguesesdepapel.com/dicionario/191>. Acesso em: 12 ago. 2021.

OLIVEIRA, Paulo Motta. *Um sucesso quase mundial*: a mão do finado ou as metamorfoses de um conde. *Veredas*: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 13, p. 7-23, 1 jun. 2010.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Byron e os românticos brasileiros. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 15, n. 29, p. 143-159, 2º sem. 2011.

PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. Rio de Janeiro: Ática, 1990.

PAGANO, Adriana Silvina. Tradução e visibilidade: a teorização sobre o processo tradutório no Brasil do século XIX. p. 11-21. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 6., 1996, Fortaleza. *Anais...* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. 2012. 316 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PALHARES-BURKE, Maria Lúcia. *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. A França em nosso caminho cultural. p. 25-35. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França: século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

PENJON, Jacqueline. Da América para a Europa: a mediação do tradutor na circulação das obras. p. 31-64. In: PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

PERCY, Pierre-François. *Manuel du chirurgien d'armée, ou Instruction de chirurgie militaire sur le traitement des plaies, & spécialement de celles d'armes à feu...* Paris: Méquignon l'aîné, 1792. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k97823026>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PEREIRA, Cláudia Gomes. A poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868). *Navegações*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 17-26, jan./jun. 2010.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de Assis. Estudo Crítico e Biográfico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PERES, Marcos Flamínio. Walter Scott's Waverley distorted translation by the Brazilian Romanticism: the case of Caetano Lopes de Moura. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 19, p. 120-129, 2017.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Franceses no Maranhão: Histórias de Intérpretes. p. 37-53. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). *Cinco Séculos de Presença Francesa no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Galofilia e galofobia na cultura brasileira. p. 50-80. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PINHEIRO CHAGAS, Manuel. *A propriedade litteraria: carta a sua magestade o Imperador do Brazil*. Porto; Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879. Acervo do Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

POMARI, Gerson Luís. *Vício e verso: as histórias ilustradas de Wilhelm Busch no sistema literário brasileiro*. 2008. 249 p. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PONCIONI, Claudia. De viagens, relatos e livros: Ferdinand Denis entre a França e o Brasil (diários e correspondências). p. 65-92. In: PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

PYM, Anthony. *Method in Translation History*. New York: Routledge, 2014.

QUEIROZ, Juliana Maia de. Em busca de romances: um passeio por um catálogo da Livraria Garnier. p. 199-212. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. (Coleção Histórias de Leitura).

QUEIROZ, Juliana Maia de. *As múltiplas facetas de Joaquim Manuel de Macedo: um estudo de A carteira de meu tio, Memórias do sobrinho de meu tio e A luneta mágica*. 2011. 159 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011.

RAMICELLI, Maria Eulália. Revista Nacional e Estrangeira (1839-40): A Foreign or a Brazilian Magazine? p. 133-147. In: SILVA, Ana Claudia Suriani da; VASCONCELOS, Sandra Guardini (org.). *Books and Periodicals in Brazil 1768-1930: A Transatlantic Perspective*. Oxon; New York: Legenda, 2014.

RAMOS JR., José de Paula; DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio. Catálogo. Seleção de obras e trabalhos avulsos de Paula Brito. Jornais de Paula Brito. Jornais e revistas editados por Paula Brito. Obras editadas por Paula Brito. p. 183-260. In: RAMOS JR., José de Paula; DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio (org.). *Paula Brito:*

editor, poeta e artífice das letras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Com arte, 2010. (Memória Editorial; 7).

RAMOS JR., José de Paula. A poesia de Paula Brito. p. 37-58. In: RAMOS JR., José de Paula; DEAECTO, Marisa Midori; MARTINS FILHO, Plínio (org.). *Paula Brito*: editor, poeta e artífice das letras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Com arte, 2010. (Memória Editorial; 7).

REBELO, Marques. *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. Apresentação de Carlos Heitor Cony. 3a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. (Sabor literário).

REIS, Laura Junqueira de Mello. Próspero Diniz: redator e colaborador na imprensa oitocentista. p. 1-13. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. *Anais...* Recife: ANPUH, 2019.

REIS, Laura Junqueira de Mello. *As mulheres no periódico Marmota (1849-1864)*: Escritos, estratégias e noções de civilidade. 2020. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

RIO DE JANEIRO (Estado). Tribunal de Justiça. *Desembargadores da Justiça no Rio de Janeiro*: Colônia e Império. Rio de Janeiro: Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

ROCHA, Justiniano José da. *Os assassinios misteriosos, ou A paixão dos diamantes*: novella historica, por J. J. R. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1839. Tradução de *Olivier Brusson*, de Henri de Latouche, adaptado de *Das Fräulein von Scuderi*, de E. T. A. Hoffmann. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

ROCHA, Justiniano José da. *Collecção de fabulas imitadas de Esopo e de La Fontaine*. Rio de Janeiro: Typ. Episcopal de Agostinho de Freitas Guimarães & C.^a, 1852. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

RODRIGUES, João. Patrono da ATBT - Almirante Antonio Luiz von Hoonholtz - Barão de Teffé. In: *Associação da Turma Barão de Teffé*. Rio de Janeiro, 27 jun. 2021. Disponível em: <https://www.atbt.org.br/detalhe.asp?id=1>. Acesso em: 12 jun. 2021.

RONDINELLI, Bruna Grasiela da Silva. *A Dama das Camélias desembarca no Rio de Janeiro*: encenações e recepção crítica (1856-1860). *Miscelânea*, Assis, v. 14, p. 101-121, jul./dez. 2013.

RONDINELLI, Bruna Grasiela da Silva. *Lágrimas e mitos*: traduções e apropriações do melodrama francês no Brasil (1830-1910). 2017. 339 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2017.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional; Imprensa Nacional, 1883-1902. 7 v. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/22>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R Milliet de. *Diccionario geográfico histórico e descriptivo do Imperio do Brazil*. Tradução e acréscimos de Caetano Lopes de Moura. Paris: J. P. Aillaud, 1845. v. 1. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=NrHBqC2OtqcC>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SALES, Germana Maria Araújo. Cronologias – Ficção Brasileira. In: CAMINHOS do romance: Brasil – de Séculos XVIII e XIX. 2004. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005. Disponível em: <https://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/cronologias/brasileira.htm>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SALGADO, Marcus Rogério. Três tradutores de poesia no Brasil do século XIX. *Elyra: Revista da Rede Internacional LyraCompoetics*, v. 1, n. 9, p. 217-242, jun. 2017.

SAND, George. *La dernière Aldini*. Bruxelles: A. Wahlen, 1838. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1510269b>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SAND, George. *La dernière Aldini*. p. 1-213. In: SAND, George. *Œuvres de George Sand: nouvelle edition revue par l'auteur et accompagnée de morceaux inédits*. Paris: Garnier Frères, 1847. v. 8. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6524076b>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SANDRONI, Cícero. *180 anos do Jornal do Commercio – 1887-2007*: de D. Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva. Rio de Janeiro: Quorum Editora, 2007.

SANTANA JÚNIOR, Odair Dutra. *Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do Jornal do Commercio (1827-1865)*. 2017. 233 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2017.

SANTOS, Ricardo Neves dos. *Prometeu Acorrentado e as poéticas tradutórias de João Cardoso de Menezes e Dom Pedro II*. 2020. 304 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SANTOS, Rinaldo Cavalcante dos. *A Marmota na Corte: recreação e vereda literária no cenário cultural do século XIX (1849-1852)*. 2009. 388 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2009.

SANTOS, Rinaldo Cavalcante dos. Crônicas de Próspero Ribeiro Diniz no cenário romântico brasileiro. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 1, n. 1, p. 146-151, 2005.

SANTOS, Rose Rocha dos. *A obra de Georges Ohnet em folhetins brasileiros*. 2021. 31 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Das ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na Biblioteca Pública da Corte Imperial. p. 273-311. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura).

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na Corte Imperial*. 1999. 270 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Sobre a leitura e a presença de romances nas bibliotecas e gabinetes de leitura brasileiros. p. 155-170. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. (Coleção Histórias de Leitura).

SCHAPOCHNIK, Nelson. Edição, recepção e mobilidade do romance *Les mystères de Paris* no Brasil oitocentista. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 26, n. 44, p. 591-617, jul./dez. 2010.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens; Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. Tradução de Celso R. Braidão. p. 37-101. In: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução: Volume 1: Alemão-Português*. 2a. ed. revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. (Antologia bilíngue).

SERPA, João Aristides Soares. *Curso de Historia Universal: redigido segundo o novo programma para os exames de preparatorios: Pontos de Historia Antiga*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Livraria de Serafim José Alvez, [18--]. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Gerais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

SERPA, João Aristides Soares. *Da febre amarela sob o ponto de vista de sua genese e propagação: quaes as medidas sanitarias que se devem aconselhar para impedir ou attenuar seu desenvolvimento e propagação*. 1876. 68 p. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1876. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Gerais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

SERRA, Tania Rebelo Costa. *Antologia do romance folhetim: (1839 a 1870)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SILVA, Hebe Cristina da. *Prelúdio do romance brasileiro: Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais*. 2009. 208 f. Volume 1. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

SILVA, Hebe Cristina da. A recepção de Teixeira e Sousa – o escritor renomado e o autor secundário. *Revista de Estudos Literários da UEMS*, Campo Grande, v. 2, n. 7, p. 104-118, dez. 2013.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923. 23 v. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin,

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/2265>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVA, Ronice Kelmis de Oliveira da. “As flores animadas” em O Parahyba: características do suporte e suas significações no folhetim brasileiro do século XIX. 2012. 259 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012.

SILVA-REIS, Dennys. O intérprete negro na história da tradução oral: da tradição africana ao colonialismo português no Brasil. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 1-42, 2018.

SILVA-REIS, Dennys. Por uma História da Tradução Técnico-Científica no Brasil do século XVI ao XIX. p. 15-34. In: ALVES, Daniel Antonio de Sousa; BRANCO, Sinara de Oliveira (org.). *Discussões Contemporâneas sobre os Estudos da Tradução: reflexões e desenvolvimentos a partir do IV Encontro Nacional de Cultura e Tradução*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. (Estudos da Tradução; n. 7).

SILVA-REIS, Dennys; BAGNO, Marcos. Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 81-108, set./dez. 2016.

SILVA-REIS, Dennys; FONSECA, Luciana Carvalho. Mulheres tradutoras do século XIX no Brasil: do romance à narrativa historiográfica. *Revista Em Favor de Igualdade Racial*, Rio Branco, v. 4, n. 2, p. 176-200, maio/ago. 2021.

SIQUEIRA, Rogério Monteiro. Edição e tradução de livros didáticos para a Academia Real Militar do Rio de Janeiro e sua circulação no mundo luso-brasileiro (1808-1833). p. 111-140. In: GRANJA, Lúcia; DE LUCA, Tania (org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

SIMÕES, Álvaro Santos. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 235-246. 2003/2004.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. *Memórias de um sargento de milícias no Correio Mercantil*. Floema, Vitória da Conquista, ano VI, n. 9, p. 217-247, jan./jun. 2011.

SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Roseane de; ROMANELLI, Sergio. Introdução – Dom Pedro II: um tradutor imperial. p. 11-37. In: SOARES, Noêmia Guimarães; SOUZA, Roseane de; ROMANELLI, Sergio (org.). *Dom Pedro II: um tradutor imperial*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4a. ed. atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Rosane de. *Edição genética da tradução das Mil e uma noites de D. Pedro II*. 2015. 743 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *As noites do Ginásio: teatro e tensões culturais na corte (1832-1868)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; CECULT, 2002.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. “Sahiram à luz”: livros em prosa de ficção publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro. p. 23-44. In: ABREU, Márcia Azevedo de (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La Littérature au quotidien*. Poétiques journalistiques au XIX^e siècle. Paris: Seuil, 2007.

THÉRENTY, Maria Ève. Métamorphoses littéraires. 1. La littérature-journal. p. 1509-1521. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Allain (org.). *La Civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011.

THÉRENTY, Marie-Ève. Escrever folhetins e continuar brasileiro é realmente difícil? O folhetim de crônica parisiense como matriz do jornalismo literário no século XIX. p. 57-72. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise (org.). *Literaturas e escritas da imprensa: Brasil/França: século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

THÉRENTY, Marie-Ève. Misteriomania: difusão e limites da globalização cultural no século XIX. *Escritos oito*: revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, ano 8, n. 8, p. 27-43, 2014.

THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. 1836: L'an 1 de l'ère médiatique: Analyse littéraire et historique de *La Presse* de Girardin. Paris: Nouveau Monde, 2001.

THOMSON, Patrícia. Parte II – Teoria do campo – Para além da subjetividade e da objetividade. p. 65-114. In: GRENFELL, Michael. (org.). *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Democratização de arquivos em bibliotecas digitais e hemerotecas: um caminho para Histórias ou Micro Histórias da Tradução no Brasil. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 40, n. 1, p. 208-224, jan./abr. 2020.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies – and beyond*. 2nd expanded ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2012.

TRUMER, Mary. *Resumo da Historia Natural dos principais quadrupedes, aves, peixes, serpentes, reptis e insectos*. Tradução de Julio Cezar Muzzi. Rio de Janeiro. Em casa de J. Villeneuve, 1837. 2 v. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Gerais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

VAILLANT, Alain. Identités nationales et mondialisation médiatique. p. 115-144. In: ANDRIES, Lise; SUÁREZ DE LA TORRE, Laura (org.). *Impressions du Mexique et de France*. Paris: Maison des sciences de l'homme; México: Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora, 2009.

VALLE, Raquel Pérez. *Literatura y periodismo en el siglo XIX: el Museo de las familias (1843-1870)*. 2015. 1103 f. Tesis (Doctorado) – Facultad de Filología, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, 2015.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas). In: MEMÓRIA DE LEITURA. Campinas, SP: UNICAMP, 2002. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Sandra/sandra.htm>. Acesso em: 11 abr. 2022.

VEIGA, Cláudio. *Um brasileiro soldado de Napoleão*. São Paulo: Ática; Brasília: INL, 1979. (Ensaio; 63).

VÉMAR, A. (Gustave Marx). *La grammaire de l'amour: à l'usage des gens du monde et du demi-monde*. 3a. ed. Paris: Taride, 1859. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9775730j.texteImage>. Acesso em: 20 maio 2021.

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*. Tradução de Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. Recepção de Odorico Mendes: (a)casos de crítica de tradução no séc. XIX. *Phaos*, Campinas, n. 10, p. 139-154, 2010.

VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. Um tradutor de latim sob D. Pedro II: perspectivas para a história da tradução da Literatura Greco-Romana em português. *Revista Letras*, Curitiba, n. 80, p. 71-87, jan./abr. 2010.

VIEIRA, Brunno Vinicius Gonçalves. *Entre dois impérios: traduções latino-portuguesas do séc. XIX*. 2017. 97 p. Tese (Livre-docência em Letras Clássicas) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2017.

VOLOBUEF, Karin. No rastro dos *Assassinos Misteriosos*, de Justiniano José da Rocha. In: CONGRESSO DA ABRALIC, 6., 2000, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1998. CD-Rom.

VOLOBUEF, Karin. E. T. A. Hoffmann e o Romantismo brasileiro. *Forum Deutsch – Revista Brasileira de Estudos Germanísticos*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 103-113, 2002.

VOLOBUEF, Karin. Trajetória inesperada de uma tradução – E.T.A.Hoffmann e Justiniano José da Rocha. p. 159-170. In: LAGES, Susana Kampff; KRETSCHMER, Johannes; SARTINGEN, Kathrin. (org.). *A tradução em movimento: figurações do traduzir entre culturas de língua portuguesa e culturas de língua alemã*. Frankfurt: Peter Lang, 2017.

WIMMER, Norma. *Lectures de Balzac au Brésil au XIX^e siècle*. 1982. 166 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

WIMMER, Norma. Folha, folhetim, folhetão: do jornalismo francês para a imprensa do Rio de Janeiro. p. 9-14. In: SILVA, Antonio Manoel dos Santos (org.). *Cronistas brasileiros do século XIX: folhetins, crônicas e afins*. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

WIMMER, Norma. *A luva misteriosa e La peau de chagrin*: dois textos fantásticos. p. 175-182. In: VOLOBUEF, Karin; HERRERA-ALVAREZ, Roxana Guadalupe; WIMMER, Norma (org.). *Dimensões do fantástico, mítico e maravilhoso*. Araraquara: FCL-Unesp Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (Série Estudos Literários; 10).

WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. *A tradução no Brasil*: ofício de incorporar o outro. 1995. 221 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

WYLER, Lia Carneiro da Cunha Alvarenga. *Línguas, poetas e bacharéis*: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

XIMENES, Sérgio Barcellos. Contribuição ao estudo das tradutoras brasileiras do século XIX. Disponível em: <https://onedrive.live.com/?authkey=%21AAS8p1%2DcWXorlo8&cid=F4AD57321938A43E&id=F4AD57321938A43E%21111850&parId=F4AD57321938A43E%212400&o=OneUp>. Acesso em: 10 jul. 2022.

XIMENES, Sérgio Barcellos. Contribuições ao “Dicionário de Machado de Assis”, obra de Ubiratan Machado (2021). Disponível em: <https://mega.nz/file/dJwTyYIY#CaF21orfmBYh6jQprCX96yreCiET6z3s7KphG6ltnmg>. Acesso em: 10 jul. 2022.

Acervos institucionais digitalizados

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>.

Biblioteca Nacional Digital, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/>.

Biblioteca Nacional Digital Brasil, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>.

Édition des journaux d’Alexandre Dumas, École normale supérieure de Lyon, Lyon, França. Disponível em: <https://alexandredumas.org/>.

Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>.

Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Acervos gerais digitalizados

Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/?hl=pt-BR&tab=pp>.

Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/>.

Bases de dados digitais

Banco de dados CiTrIm. Projeto Temático FAPESP “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX” (Processo nº 11/07342-9). 2011-2016. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Disponível em: <https://www4.iel.unicamp.br/projetos/circulacao/main.php>.

Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos. Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL), Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/?locale=pt_BR.

Le Rez-de-chaussée: répertoire en ligne du roman-feuilleton français au XIX^e siècle. Department of French Studies, Faculty of Arts, University of Waterloo, Waterloo, Canadá. Disponível em: <http://rezdechaussee.uwaterloo.ca/>.

Catálogos on-line

Catálogos – Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em: https://acervo.bn.gov.br/sophia_web.

Catalogue général – Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://catalogue.bnf.fr/index.do>.

Pesquisa – Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em: <http://rgplopac.bibliopolis.info/opac/default.aspx?ContentAreaControl=palavra.ascx>.

Pesquisa Integrada – Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/search/>.

Catálogos de livrarias e bibliotecas

Catalogo da Livraria de B. L. Garnier n. 2: Literatura: Novellas, Romances, Narrativas, Critica Litteraria, Poesias, Peças de Theatro, etc. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, [187-]. Material recolhido pelo Projeto Temático FAPESP “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX” (Processo nº 11/07342-9).

Catalogo Supplemtar dos livros do Gabinete Portuquez de Leitura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1868. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/7774/1/45000038551_Output.o.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.

Novissimo Catalogo de escolhidos livros em portuguez [...] Livraria Universal dos irmãos Eduardo & Henrique Laemmert [...]. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert, 1868. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=823635>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Periódicos e jornais brasileiros⁸³⁹

A Escola, Rio de Janeiro, n. 4016, 20 abr. 1878, p. 16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/351199/677>. Acesso em: 9 dez. 2020.

A Folha Nova, Rio de Janeiro, n. 289, 8 set. 1883, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/1146>. Acesso em: 10 jun. 2022.

A Folha Nova, Rio de Janeiro, n. 390, 18 dez. 1883, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/1550>. Acesso em: 10 jun. 2022.

A Folha Nova, Rio de Janeiro, n. 594, 10 jun. 1884, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/2364>. Acesso em: 10 jun. 2022.

A Folha Nova, Rio de Janeiro, n. 595, 11 jul. 1884, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/2365>. Acesso em: 10 jun. 2022.

A Folha Nova, Rio de Janeiro, n. 597, 13 jul. 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/2374>. Acesso em: 10 jun. 2022.

A Folha Nova, Rio de Janeiro, n. 673, 27 set. 1884, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/363723/2680>. Acesso em: 10 jun. 2022.

A Marmota, Rio de Janeiro, n. 920, 26 jan. 1858, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/1428>. Acesso em: 20 maio 2021.

A Marmota, Rio de Janeiro, n. 945, 23 abr. 1858, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706914/1532>. Acesso em: 20 maio 2021.

A Marmota, Rio de Janeiro, n. 946, 27 abr. 1858, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/1539>. Acesso em: 12 jun. 2021.

A Marmota, Rio de Janeiro, n. 983, 3 set. 1858, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/1687>. Acesso em: 20 maio 2021.

A Marmota, Rio de Janeiro, n. 1048, 19 abr. 1859, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/121>. Acesso em: 18 out. 2020.

A Marmota, Rio de Janeiro, n. 1049, 22 abr. 1859, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706922/126>. Acesso em: 18 out. 2020.

A Marmota, Rio de Janeiro, n. 1050, 26 abr. 1859, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/129>. Acesso em: 18 out. 2020.

A Marmota, Rio de Janeiro, n. 1122, 3 jan. 1860, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/419>. Acesso em: 20 maio 2021.

⁸³⁹ Para evitar repetição, optamos por não mencionar a Hemeroteca Digital Brasileira nas referências aos jornais e periódicos brasileiros que foram consultados em seu acervo, em formato digitalizado, salvo indicação contrária.

A Marmota, Rio de Janeiro, n. 1250, 26 mar. 1861, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/943>. Acesso em: 18 out. 2020.

A Regeneração, Desterro (Florianópolis), n. 164, 23 jul. 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/892068/5507>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 18, 1861, p. 440. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/17035>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 20, 1863, p. 479. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/20204>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 35, 1878, p. 34. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/44688>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, n. 48, 1891, p. 1476. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/313394/1904>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 110, 17 maio 1889, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/1871>. Acesso em: 4 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 115, 10 jul. 1890, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/2629>. Acesso em: 4 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 357, 3 nov. 1898, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/8826>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 357, 3 nov. 1898, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/8827>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 27, 1 fev. 1900, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/10350>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 179, 30 jul. 1900, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/10946>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 180, 31 jul. 1900, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/10951>. Acesso em: 4 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 25, 26 out. 1901, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/11858>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 1, 28 set. 1901, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/11768>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 83, 6 jan. 1902, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/12078>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 87, 10 jan. 1902, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/12094>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 87, 10 jan. 1902, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/12095>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 194, 20 maio 1902, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/085669/12518>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 194, 20 maio 1902, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/12519>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, n. 195, 21 maio 1902, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/085669/12523>. Acesso em: 5 jul. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 299, 2 nov. 1848, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1230>. Acesso em: 17 jun. 2022

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 299, 2 nov. 1848, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1231>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 299, 2 nov. 1848, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1232>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 312, 15 nov. 1848, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/1282>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 331, 4 dez. 1848, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1358>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 342, 17 dez. 1848, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1402>. Acesso em: 17 jun. 2022

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 342, 17 dez. 1848, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/1403>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 228, 21 ago. 1849, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/2368>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 61, 1 mar. 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11564>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 326, 25 nov. 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/8288>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 324, 25 nov. 1854, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/9717>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 353, 25 dez. 1854, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/9835>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 4, 4 jan. 1855, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/9866>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 292, 22 out. 1855, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11042>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 296, 26 out. 1855, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11059>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 332, 2 dez. 1855, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11205>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 40, 10 fev. 1856, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11482>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 41, 11 fev. 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11484>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 58, 28 fev. 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11552>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 68, 9 mar. 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11595>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 122, 3 maio 1856, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11813>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 126, 4 maio 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11826>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 179, 30 jun. 1856, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/12042>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 201, 22 jul. 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/12128>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 81, 22 mar. 1859, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/11647>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 279, 12 out. 1859, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16755>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 222, 11 ago. 1860, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17949>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 7, 7 jan. 1861, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/18523>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, n. 243, 17 set. 1861, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/19508>. Acesso em: 18 jun. 2022.

Correio Paulistano, São Paulo, n. 5883, 17 maio 1876, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_03/7160. Acesso em: 26 nov. 2020.

Correio Paulistano, São Paulo, n. 9262, 17 jul. 1887, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/090972_04/9147. Acesso em: 9 nov. 2020.

Correio Paulistano, São Paulo, n. 9303, 4 set. 1887, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_04/9312. Acesso em: 9 dez. 2020.

Correio Paulistano, São Paulo, n. 15800, 10 ago. 1907, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_06/11360. Acesso em: 9 nov. 2020.

Correio Paulistano, São Paulo, n. 16338, 2 fev. 1909, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/090972_06/14866. Acesso em: 9 nov. 2020.

Diario de Noticias, Rio de Janeiro, n. 514, 27 jun. 1872, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369357/1467>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Diario de Noticias, Rio de Janeiro, n. 2010, 30 dez. 1890, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/369365/8394>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Diario do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 3, 3 ago. 1836, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/18487. Acesso em: 10 jul. 2019.

Diario do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 306, 9 nov. 1854, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/40594. Acesso em: 17 jun. 2022.

Diario do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 64, 15 mar. 1866, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/20340. Acesso em: 17 jun. 2022.

Diario do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 64, 15 mar. 1866, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/20341. Acesso em: 17 jun. 2022.

Diario do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 11, 11 jan. 1870, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/25361. Acesso em: 10 maio 2022.

Diario do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 28, 30 jan. 1877, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/35532. Acesso em: 9 nov. 2020.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, n. 138, 19 maio 1876, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_01/1183. Acesso em: 26 nov. 2020.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, n. 185, 4 jul. 1916, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/38323. Acesso em: 18 jul. 2022.

Gazeta Suburbana, Rio de Janeiro, n. 18, 26 jul. 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/332585/62>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal da Tarde, Rio de Janeiro, n. 150, 23 abr. 1870, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/246875/349>. Acesso em: 14 jul. 2022.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, n. 80, 21 mar. 1905, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_02/16140. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 235, 23 out. 1837, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/9418. Acesso em: 15 abr. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 244, 31 out. 1838, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/10631. Acesso em: 20 set. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 3, 4 jan. 1839, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_02/10839. Acesso em: 20 set. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 70, 27 mar. 1839, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/11107. Acesso em: 10 jul. 2019.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 171, 31 jul. 1839, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_02/11525. Acesso em: 20 set. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 255, 24 out. 1839, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/11868. Acesso em: 10 jul. 2019

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 302, 13 dez. 1839, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/12056. Acesso em: 10 jul. 2019

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 35, 7 fev. 1840, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_03/137. Acesso em: 20 set. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 47, 19 fev. 1840, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/186. Acesso em: 20 set. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 231, 1 set. 1844, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/6713. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 231, 1 set. 1844, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/6714. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 214, 6 ago. 1850, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/972. Acesso em: 12 jun. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 286, 16 out. 1852, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_04/4393. Acesso em: 12 jun. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 205, 30 jul. 1858, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/15023>. Acesso em: 26 set. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 335, 4 dez. 1860, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_05/1395. Acesso em: 12 jun. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 237, 27 ago. 1861, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_05/2562. Acesso em: 12 jun. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 68, 10 mar. 1862, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/3402. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 92, 5 abr. 1862, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/3508. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 152, 3 jun. 1862, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/3774. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 148, 30 maio 1863, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_05/5321. Acesso em: 12 jun. 2021.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 151, 31 maio 1868, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/13811. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 35, 4 fev. 1872, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_06/4131. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 91, 2 abr. 1874, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_06/8355. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 215, 4 ago. 1881, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/3712. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 166, 16 jun. 1882, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/5801. Acesso em: 18 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 268, 25 set. 1884, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_07/11330. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 196, 13 jul. 1888, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/20725. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 65, 6 mar. 1890, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/364568_08/429. Acesso em: 17 jun. 2022.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, n. 349, 15 dez. 1892, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/9500. Acesso em: 10 jun. 2022.

Jornal do Recife, Recife, n. 81, 10 abr. 1883, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/20101>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 345, 4 mar. 1853, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1403>. Acesso em: 4 ago. 2021.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 360, 26 abr. 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1465>. Acesso em: 3 jun. 2021.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 360, 26 abr. 1853, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1466>. Acesso em: 2 jun. 2021.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 366, 20 maio 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706906/1493>. Acesso em: 12 jun. 2021

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 366, 20 maio 1853, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706906/1494>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 391, 8 jul. 1853, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706906/1549>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 440, 31 jan. 1854, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/33>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 449, 3 mar. 1854, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/70>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 451, 10 mar. 1854, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706914/79>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 664, 1 jan. 1856, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/927>. Acesso em: 10 maio 2021.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 831, 20 mar. 1857, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/1076>. Acesso em: 10 maio 2021.

Marmota Fluminense, Rio de Janeiro, n. 858, 23 jun. 1857, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/706914/1184>. Acesso em: 20 maio 2021.

O Auxiliador da Industria Nacional, Rio de Janeiro, n. 1, jan. 1870, p. 53. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/302295/17893>. Acesso em: 10 jun. 2022.

O Chronista, Rio de Janeiro, n. 6, 20 jun. 1836, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702811/28>. Acesso em: 10 jul. 2019.

O Chronista, Rio de Janeiro, n. 9, 9 jul. 1836, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702811/44>. Acesso em: 10 jul. 2019.

O Chronista, Rio de Janeiro, n. 3, 5 out. 1836, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702811/74>. Acesso em: 10 jul. 2022.

O Chronista, Rio de Janeiro, n. 3, 5 out. 1836, p. 2. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/702811/75>. Acesso em: 10 jul. 2022.

O Chronista, Rio de Janeiro, n. 3, 5 out. 1836, p. 4. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/702811/77>. Acesso em: 10 jul. 2019.

O Despertador, Desterro (Florianópolis), n. 1576, 2 abr. 1878, p. 1.
<http://memoria.bn.br/docreader/709581/6092>. Acesso em: 10 dez. 2020.

O Despertador, Rio de Janeiro, n. 568, 18 fev. 1840, p. 2.
<http://memoria.bn.br/DocReader/706701x/2356>. Acesso em: 20 set. 2021.

O Espelho, Rio de Janeiro, n. 9, 30 out. 1859, p. 2. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/700037/102>. Acesso em: 15 jun. 2022.

O Figaro, Rio de Janeiro, n. 15, 1876, p. 114. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/706710/105>. Acesso em: 8 dez. 2020.

O Fluminense, Niterói, n. 1100, 10 jun. 1885, p. 1. Disponível em:
http://memoria.bn.br/docreader/100439_02/3371. Acesso em: 10 jun. 2022.

O Folhetim, Rio de Janeiro, n. 1, 1 abr. 1883, p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/340022/1>. Acesso em: 18 jun. 2022.

O Folhetim, Rio de Janeiro, n. 28, 2 maio 1883, p. 4. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/340022/112>. Acesso em: 18 jun. 2022.

O Folhetim, Rio de Janeiro, n. 1, 21 set. 1883, p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/340022/399>. Acesso em: 18 jun. 2022.

O Globo, Rio de Janeiro, n. 241, 3 set. 1875, p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/369381/1535>. Acesso em: 9 dez. 2020.

O Globo, Rio de Janeiro, n. 243, 5 set. 1875, p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/369381/1543>. Acesso em: 26 nov. 2020.

O Globo, Rio de Janeiro, n. 353, 29 dez. 1876, p. 2. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/369381/3401>. Acesso em: 9 nov. 2020.

O Mercantil, Rio de Janeiro, n. 42, 31 maio 1876, p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/376493/566>. Acesso em: 25 nov. 2020.

O Moderador, Rio de Janeiro, n. 7, 27 fev. 1857, p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/748757/13>. Acesso em: 20 maio 2021.

O Moderador, Rio de Janeiro, n. 13, 20 mar. 1857, p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/748757/37>. Acesso em: 20 maio 2021.

O Paiz, São Luís, n. 111, 11 nov. 1884, p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/704369/7422>. Acesso em: 10 jun. 2022.

O Parahyba, Petrópolis, n. 32, 21 mar. 1858, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/809047/121>. Acesso em: 18 jul. 2022.

O Sete d'Abril, Rio de Janeiro, n. 616, 3 out. 1838, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/709476/2619>. Acesso em: 19 fev. 2020.

Revista do Livro, Rio de Janeiro, n. 20, p. 109-198, dez. 1960, p. 117. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/393541/5395>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Revista Illustrada, Rio de Janeiro, n. 393, 22 nov. 1884, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/332747b/2918>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Rio de Janeiro, tomo LII, parte II, 1889, p. 544. 22ª Sessão Ordinária em 6 de dezembro de 1889, Ordem do dia. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=JPY6DO9XSVAC>. Aceso em: 15 maio 2022.

Periódicos e jornais estrangeiros

Diario Illustrado, Lisboa, n. 5333, 13 fev. 1888. Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, Portugal. Disponível em: https://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1888-02-13/j-1244-g_1888-02-13_item2/j-1244-g_1888-02-13_PDF/j-1244-g_1888-02-13_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1888-02-13_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

Le Dimanche des enfants: journal des récréations. Paris: Madame Veuve Louis Janet, 1840. v. 10. Consultado em Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/dimanchedesenfant10pari/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 18 out. 2020.

Le Mousquetaire, Paris, n. 184, 25 maio 1854. Acervo do projeto Édition des journaux d'Alexandre Dumas, École normale supérieure de Lyon, Lyon, França. Disponível em: https://alexandredumas.org/Documents/Dumas/Le_Mousquetaire/Le_Mousquetaire_1854-05-25_num_184.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

Le Mousquetaire, Paris, n. 237, 25 ago. 1855. Acervo do projeto Édition des journaux d'Alexandre Dumas, École normale supérieure de Lyon, Lyon, França. Disponível em: https://alexandredumas.org/Documents/Dumas/Le_Mousquetaire/Le_Mousquetaire_1855-08-25_num_237.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

Le Mousquetaire, Paris, n. 241, 29 ago. 1855. Acervo do projeto Édition des journaux d'Alexandre Dumas, École normale supérieure de Lyon, Lyon, França. Disponível em: https://alexandredumas.org/Documents/Dumas/Le_Mousquetaire/Le_Mousquetaire_1855-08-29_num_241.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

Le Siècle, Paris, n. 5973, 24 abr. 1852. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7240293/f3.item#>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Musée des familles: Lectures du soir. Troisième volume, Quatrième Année, 1836. Paris: Musée des familles, 1836. Consultado em Google Books. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=wkVAAAAAcAAJ>. Acesso em: 20 set. 2021.

Revue des deux mondes: recueil de la politique, de l'administration et des mœurs, Paris, t. 19, p. 675-691, jan. 1839. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86870f/f676.item>. Acesso em: 10 abr. 2022.

Revue des feuilletons: journal littéraire illustré composé de romans, voyages, legendes, anecdotes, contes, nouvelles historiques, etc. Paris: Revue des feuilletons, 1845. p. 363-396. Acervo da Gallica, Bibliothèque nationale de France, Paris, França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5747857h/f413.item>. Acesso em: 3 mar. 2021.